



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA

**RHEINGANTZ:
UMA VILA OPERÁRIA EM RIO GRANDE – RS**

Vivian da Silva Paulitsch

CAMPINAS (SP)
Agosto, 2003

VIVIAN DA SILVA PAULITSCH

**RHEINGANTZ:
UMA VILA OPERÁRIA EM RIO GRANDE – RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Coli.

CAMPINAS (SP)
Agosto, 2003

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	1/UNICAMP
	923-7
V	1 EX
TOMBO BC/	5585L
PROC.	16-124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 12,00
DATA	18/9/03
Nº CPD	

CM001890E7-3

bib id 700899

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

P284r

Paulitsch, Vivian da Silva

Rheingantz : uma vila operária em Rio Grande - RS / Vivian da Silva Paulitsch. - Campinas, SP : [s.n.], 2003.

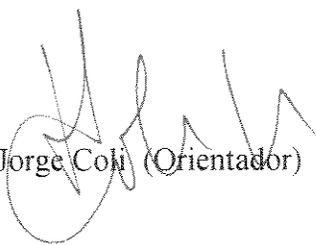
Orientador: Jorge Coli.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Arquitetura industrial. 2. Arqueologia industrial.
3. Cidades e vilas. 4. Modelos arquitetônicos. 5. Edifícios históricos. 6. Patrimônio histórico. 7. Habitações – Século XIX.
I. Coli, Jorge, 1947-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 15 / 08 / 2003.

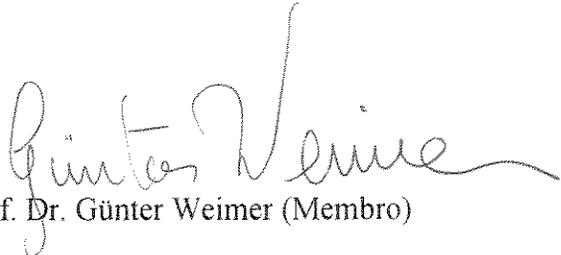
BANCA



Prof. Dr. Jorge Coli (Orientador)



Prof. Dr. Marcos Tognon (Membro)



Prof. Dr. Günter Weimer (Membro)

Prof. Dr. Pedro Paulo Funari (Suplente)

708028000

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, Luanda e Wilson, e aos meus irmãos
Felipe, Nicole e Eduardo.*

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vii
LISTA DE PLANTAS	xvi
LISTA DE MAPAS	xvii
AGRADECIMENTOS	ixx
RESUMO	xxi
ABSTRACT	xxiii
INTRODUÇÃO	25
1. HISTÓRICO DA INDÚSTRIA NO RIO GRANDE DO SUL	29
2. EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE DO RIO GRANDE (RS)	47
3. HISTÓRICO DA FÁBRICA RHEINGANTZ	61
3.1 Fontes primárias	61
3.2 Viabilidade	64
3.3 Auxílio aos funcionários	66
3.4 Ampliações	66
4. A INDIVIDUALIZAÇÃO DO ESPAÇO	75
4.1 Imagens dos partidos formais do complexo da vila operária	85
4.1.1 Casas para mestres	105
5. ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES COM RELAÇÃO A MODELOS INTERNACIONAIS	111

CONSIDERAÇÕES FINAIS	213
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	217
ANEXOS	223

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: “ <i>Tempora Mutantur</i> ”, Pedro Weingartner – Roma, 1916	32
FIGURA 2: “ <i>Pousada de Carreiros</i> ”, Pedro Weingartner, Roma, 1916	32
FIGURA 3: “ <i>Estudo de Interior</i> ”, Pedro Weingartner, s/d	37
FIGURA 4: “ <i>Chegou Tarde</i> ”, Pedro Weingartner, 1891	37
FIGURA 5: Rua Marechal Floriano Peixoto, década de 1920	52
FIGURA 6: Alfândega, Praça Xavier Ferreira, década de 1920	53
FIGURA 7: Echo do Sul – 1 de março de 1874	62
FIGURA 8: Foto retirada de uma propaganda da Companhia União Fabril do Guia Bemporat, da qual pode tratar-se da primeira fábrica localizada na Rua Almirante Barroso	63
FIGURA 9: Aerofotogramétrico da cidade do Rio Grande	65
FIGURA 10: Imagem das casas construídas para os operários	69
FIGURA 11: Vista geral da avenida, com as casas de mestres e operários	69
FIGURA 12: Imagem do quadro	72
FIGURA 13: Vista geral da fábrica	73
FIGURA 14: Sociedade Italiana Mutua Cooperazione	76
FIGURA 15: Sociedade União Operária, 1893	76

FIGURA 16: Associação Clube do Comércio	76
FIGURA 17: Banco da Província	77
FIGURA 18: Loja Maçônica União Constante	77
FIGURA 19: Loja Maçônica Acácia Rio-Grandense	78
FIGURA 20: Associação de Caridade Santa Casa do Rio Grande	78
FIGURA 21: Prefeitura Municipal do Rio Grande	79
FIGURA 22: Secretarias Municipais do Rio Grande	79
FIGURA 23: Vista da cidade na primeira década do século XX- Matriz (hoje Catedral de São Pedro) ao fundo	80
FIGURA 24: Catedral de São Pedro	80
FIGURA 25: Exemplo de tipologia de quadra e construções do início do século XX	81
FIGURA 26: Exemplo de tipologia de quadra e construções do início do século XX	81
FIGURA 27: Vista das docas do Mercado Público	82
FIGURA 28: Linha do IPHAE	82
FIGURA 29: Marechal Floriano Peixoto	83
FIGURA 30: Marechal Floriano Peixoto	83
FIGURA 31: Marechal Floriano Peixoto	83
FIGURA 32: Praça Xavier Ferreira, Rua Marechal Floriano Peixoto	84
FIGURA 33: Sobrado dos Azulejos	84
FIGURA 34: Docas do mercado e Biblioteca Rio-Grandense	84
FIGURA 35: Casas dos operários na avenida principal (ex-Rua Rheingantz, atual Av. Presidente Vargas)	86
FIGURA 36: Foto antiga da Vila Operária	86
FIGURA 37: Tipologia de casa de operário com recuo frontal	86

FIGURA 38: Detalhe de Casa em Fita dos Operários	87
FIGURA 39: Casas do corredor – implantação	88
FIGURA 40: Casas dos operários, rua paralela à principal	88
FIGURA 41: Tipologia destas casas	89
FIGURA 42: Ambulatório médico (1886)	89
FIGURA 43: Datação no frontão triangular da fachada	90
FIGURA 44: Mutualidade	90
FIGURA 45: Aerofotogramétrico – implantação dos chalés	91
FIGURA 46: Casas de 1900	92
FIGURA 47: Parte das casas demolidas	92
FIGURA 48: Casas para operários com recuo	93
FIGURA 49: Vista das primeiras casas construídas nesta nova área em 1904	93
FIGURA 50: Tipologia da casa operária destas novas construções	94
FIGURA 51: Chalés trazidos de Uruguaiana (RS)	95
FIGURA 52: Típico chalé trazido de Uruguaiana (RS)	95
FIGURA 53: Detalhe do quadro que possui a datação na fachada, e acima o ano em que foi pintado	97
FIGURA 54: Foto do quadro	98
FIGURA 55: Fachada do prédio do Escritório Central	98
FIGURA 56: Detalhe da janela na cobertura	98
FIGURA 57: Detalhe das esquadrias na fachada	99
FIGURA 58: Foto mostrando o Cemitério Municipal, que se encontra em frente ao Escritório Central	99
FIGURA 59: O Cassino ou Clube dos Mestres	101

FIGURA 60: Cassino dos Mestres	101
FIGURA 61: Detalhe da esquina - Cassino dos Mestres	101
FIGURA 62: Sociedade de Mutualidade	102
FIGURA 63: Grupo Escolar Comendador Rheingantz	102
FIGURA 64: Detalhe do óculo no ático	103
FIGURA 65: Grupo Escolar Com ^{dor} Rheingantz	103
FIGURA 66: Jardim de Infância	104
FIGURA 67: Vista da rua com casas para mestres (ao fundo) foto atual, com uma nova construção de uma academia	105
FIGURA 68: Casa n. 156	106
FIGURA 69: Casa n. 130	106
FIGURA 70: Vista da Av. Presidente Vargas (ex-Rheingantz)	107
FIGURA 71: Casa n. 102	107
FIGURA 72: Creche	107
FIGURA 73: Casas n. 60 – 70	108
FIGURA 74: Casas n. 60 – 70	108
FIGURA 75: Casa n. 46	109
FIGURA 76: Casas n. 4 – 6	109
FIGURA 77: Vistas das Casas de Operários	112
FIGURA 78: Vista da conformação da rua com as casas	112
FIGURA 79: Foto antiga da Vila Operária	115
FIGURA 80: Foto atual das casas de operários	116
FIGURA 81: Casas de operários	116

FIGURA 82: Conjunto de casas de 1900	118
FIGURA 83: Detalhe de uma casa	119
FIGURA 84: Casas n. 131 – 137	120
FIGURA 85: Casa n. 131	120
FIGURA 86: Hospital Ana Cintra, SP	123
FIGURA 87: Vila Maria Zélia	123
FIGURA 88: Vila Maria Zélia	123
FIGURA 89: Vila Matarazzo	124
FIGURA 90: Brasital S.A.	124
FIGURA 91: Ítalo Americana, SP	124
FIGURA 92: Eisenheim Estate e Dortmund – Sölderholz	125
FIGURA 93: Fotos antigas das casas n. 4 – 6	128
FIGURA 94: Casa n. 6 à esquerda	129
FIGURA 95: Detalhe da lucarna curva ou sobancelha	130
FIGURA 96: Janela da casa n. 6	130
FIGURA 97: Casa n. 4 (esquina)	131
FIGURA 98: Casa Conyn-On Renssealer	133
FIGURA 99: Van Loon House	133
FIGURA 100: Verplanick – Van Wyck House	134
FIGURA 101: Casa n. 46	136
FIGURA 102: Detalhe da empena	137
FIGURA 103: Amberley House	138
FIGURA 104: South Square, Gray’s Inn em Londres	139

FIGURA 105: Manuais da Alemanha	139
FIGURA 106: Habitação de subúrbio inglês	140
FIGURA 107: Grupo de casas	142
FIGURA 108: Grupo de casas do meio	142
FIGURA 109: Habitações econômicas e residências	144
FIGURA 110: Manual de construção – fig. 5 e 4	144
FIGURA 111: Trapeiras das casas 62 – 68	145
FIGURA 112: Margaretenhof – Estate	145
FIGURA 113: Soci��t�� d��s Cites Ouvri��re en Le Havre	146
FIGURA 114: Foto antiga da casa n. 102, e seu entorno	148
FIGURA 115: Foto atual da casa de mestre n. 102	149
FIGURA 116: Detalhe da casa n. 102	150
FIGURA 117: Hudson Valley – Casas holandesas	151
FIGURA 118: Hudson Valley – Casa Verplank	151
FIGURA 119: Casas para operários em Waziers – Douai, Inglaterra	152
FIGURA 120: Conjunto de casas	154
FIGURA 121: Detalhes	154
FIGURA 122: Detalhes da porta e gradil	154
FIGURA 123: Casas de Mulhouse, França	156
FIGURA 124: Casas de Mulhouse – implanta��o	157
FIGURA 125: Mulhouse Soci��t�� Industrielle	158
FIGURA 126: Habita��o��es em Lille, França	158
FIGURA 127: Habitations ouvri��re en Passy – Auteuil	159

FIGURA 128: Casa n. 130	162
FIGURA 129: Projeto do arquiteto Günsten Fried W. Lob Muller	164
FIGURA 130: Detalhe do muro da casa n. 128	165
FIGURA 131: Detalhe da casa	165
FIGURA 132: Foto antiga da casa n. 156	168
FIGURA 133: Foto atual da casa n. 156	168
FIGURA 134: Detalhe atual da casa	169
FIGURA 135: Detalhe da cobertura	169
FIGURA 136: Casas de operários de Karl Henrici, Alemanha	171
FIGURA 137: Vila de Port Sunlight, Inglaterra	172
FIGURA 138: Casa n. 176	174
FIGURA 139: Fachada da casa n. 176	174
FIGURA 140: Trelaçado da cobertura	175
FIGURA 141: Detalhe da cobertura	175
FIGURA 142: Deutscher Holzhausbau & Dickmann Berlin	177
FIGURA 143: Deutscher & Dickmann – Catálogo	177
FIGURA 144: Residência de Letchworth	178
FIGURA 145: Foto da escola em 1921	180
FIGURA 146: Detalhe do busto do Comendador	180
FIGURA 147: Estado atual da escola	181
FIGURA 148: Fachada atual da escola	181
FIGURA 149: Detalhe da coluna da fachada	182
FIGURA 150: Castelo Heidelberg	183

FIGURA 151: Frontão do manual de Pianca	183
FIGURA 152: Tesoura da cobertura	184
FIGURA 153: Tesoura da cobertura – detalhe	184
FIGURA 154: Cobertura – detalhe	185
FIGURA 155: Frontão da fachada	185
FIGURA 156: Recueil de Constructions	186
FIGURA 157: Grupo Escolar de Luis Leite, Amparo – SP	186
FIGURA 158: Fachada do Grupo Escolar	187
FIGURA 159: Planta do Grupo Escolar	187
FIGURA 160: Casa n. 188, frente ao cemitério	190
FIGURA 161: Casa n. 188, frente à Av. Presidente Vargas (ex-Rheingantz)	191
FIGURA 162: Foto antiga da Sociedade de Mutualidade	192
FIGURA 163: Foto antiga do interior da Sociedade de Mutualidade	192
FIGURA 164: Detalhe da empena	194
FIGURA 165: Construções feitas no Rio Grande do Sul	194
FIGURA 166: Vista da fachada atual frente à Av. Presidente Vargas (ex-Rheingantz)	195
FIGURA 167: Planta original, fachadas	196
FIGURA 168: Estudos residenciais feitos por Jader Passarinho	197
FIGURA 169: Estudos residenciais feitos por Jader Passarinho	197
FIGURA 170: Estudos residenciais feitos por Jader Passarinho	198
FIGURA 171: Moradias operárias alemãs	198
FIGURA 172: moradias de catálogos alemães.....	199
FIGURA 173: moradias de catálogos alemães.....	200

FIGURA 174: Vila Normanda, SP	200
FIGURA 175: Foto da construção	202
FIGURA 176: Prédio ao fundo e cemitério à direita	203
FIGURA 177: Escritório Central, atualmente.....	203
FIGURA 178: Vista geral	204
FIGURA 179: Janelas de lucarna	204
FIGURA 180: Modelo do manual	204
FIGURA 181: Detalhe do madeiramento	205
FIGURA 182: Detalhe da bossagem e pilastras	205
FIGURA 183: Coleshill, Berkshire	206
FIGURA 184: Palais de Justice	207
FIGURA 185: Palais de Justice, planta	207
FIGURA 186: Detalhe da mansarda	208
FIGURA 187: Detalhe do madeiramento da cobertura	208
FIGURA 188: Exemplo do Traité de Constructions Civiles	209
FIGURA 189: Madeiramento do telhado da cobertura	209
FIGURA 190: Hotel de Flers	210
FIGURA 191: Exemplo de janela de lucarna, do manual	211
FIGURA 192: Madeiramento da janela do escritório	211
FIGURA 193: Hotel de Vile et Musée	212
FIGURA 194: Palácio Mairie du XVI Arrondissement	212

LISTA DE PLANTAS

PLANTA 1: Implantação geral das casas da fábrica	85
PLANTA 2: Implantação das casas de operários	111
PLANTA 3: Implantação geral da Vila Operária	112
PLANTA 4: Planta das casas de n. 131 a 197	117

LISTA DE MAPAS

MAPA 1: Mapa do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil	47
MAPA 2: Forte Jesus-Maria-José	48
MAPA 3: Forte do Estreito	49
MAPA 4: Mapa de localização dos fortes	49
MAPA 5: Mapa sem data, Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003	50
MAPA 6: Planta naval de 1776	51
MAPA 7: Mapa de 1829, Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003	52
MAPA 8: Mapa de 1872, Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003	53
MAPA 9: Mapa de 1904 - Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003	54
MAPA 10: Mapa de 1904, Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003	54
MAPA 11: Mapa de 1926, Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003	56
MAPA 12: Mapa de 1926, Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003	56
MAPA 13: Mapa da cidade dos anos 80	58

NOTA:

Figuras, Mapas e Plantas antigas, pesquisados em:

- Centro Municipal de Cultura da Cidade do Rio Grande – RS, fornecidos por Profª. Marisa Gonçalves Beal.
- www.guaieca.blogspot.com.br (Blog Papareia)
- Biblioteca Rio-Grandense da Cidade do Rio Grande – RS

A partir de 2002, fotografias amadoras tomadas por:

- Fabrício Vergara Mota
- Maria Amélia Goretti Estima Marasciulo
- A autora

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a *Deus* e à minha família, pelo apoio e confiança a mim dedicados; agradeço aos meus pais *Vilson* e *Luanda* e aos meus irmãos *Felipe*, *Nicole* e *Eduardo*. Aos meus avós *Saul* e *Norma* (*in memoriam*), à *Vó Guinha*, e ao meu tio *Antônio Pereira* – companheiro incansável que, como mestre de construção, compartilhou e doou sua experiência nos levantamentos de campo.

Ao *Felipe*, pelo apoio, calma e companhia aos congressos; à *Nicole*, pelas críticas aos textos, amizade e parceria; ao *Eduardo*, pelo companheirismo, paciência e estímulo nesses últimos meses; à minha mãe *Luanda* que, no acompanhamento dos levantamentos nas moradias, conseguiu, com sua conversa investigativa, aumentar os dados históricos referentes aos interiores das casas; ao meu pai *Vilson*, pela minuciosa leitura-revisão desta obra – com sua opinião firme ajudando na reflexão do contexto histórico. *Pai*: obrigada pelo que sou.

Ao meu orientador *Prof. Dr. Jorge Coli*, que incentivou e estimulou o projeto, sempre acreditando e confiando no meu trabalho. Além disso, paciente, tranquilizava nos momentos de maior insegurança e nervosismo, dispensando-me momentos de resignado atendimento. Dedico particular respeito e admiração ao *Professor Jorge*.

Ao casal de amigos que me apoiou durante a minha estada em Campinas (SP), *Celina* e *Juarez Alves*.

Aos professores, colegas e amigos da pós-graduação que sempre torceram pela conclusão deste trabalho: *Prof. Dr. Marcos Tognon*, *Prof. Dr. Luciano Migliaccio*, *Prof. Dr. Pedro Paulo Funari*, *Prof. Dr. Luís Marques*, *Prof. Dr. Néelson Aguilar*, *Msc. Tamara Quirico*, *Fabricao Nunes*, *Sônia Siqueira* e *Miriam Seraphim*.

Como colaboradores, agradeço aos *Prof. Dr. Marcos Tognon, Prof. Dr. Günter Weimer, Prof. Dr. Pedro Funari, Msc. Júlio Guigou-Norro, Prof. Dr. Sylvio Jantzen.*

Aos professores *Msc. Ana Oliveira e Prof. Dr. Sylvio Jantzen* um especial agradecimento por terem me ensinado na graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), toda base teórica utilizada neste trabalho.

À APHAC (Associação Pró-Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Rio Grande), pelo estágio efetuado durante a graduação, que despertou o interesse pela preservação do patrimônio cultural e histórico.

À Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande-RS) – em nome de *Gilberto, Elda, Marcos e demais estagiários.*

Aos funcionários da Secretaria do Departamento de História do IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP), *Júnior e Lurdinha.*

Ao condômino da massa falida Cia. União Fabril (ex-Rheingantz), *Dr. Paulo Lawson*, que permitiu total liberdade na busca de material – medições, levantamento fotográfico, pesquisas nos arquivos da fábrica, subsídios que foram, sem dúvida, muito importantes para o desenvolvimento desta dissertação. À *Edu*, ex-funcionária e moradora da vila operária, pelos seus depoimentos e por ajudar no levantamento de medidas em sua casa.

Aos arquitetos e amigos *Fabrizio Mota e Fabiane B. da Silva*, por terem me acompanhado no levantamento de medidas e fotográfico do prédio do escritório central; à arquiteta *Wendie Castro* que fez o layout das fichas e pelo constante apoio; ao arquiteto *Bruno Ghirardello* muito presente com a atenção e ajuda em dúvidas de técnicas construtivas. *Feijão, Co e Bruninho* – queridos amigos do peito.

À *Meméia* (Maria Amélia Goretti Estima Marasciulo) pela revisão do texto, amizade, carinho, atenção e levantamento fotográfico. Valeu! Obrigadão.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro da bolsa concedida, que possibilitou esta pesquisa.

Quantas horas, quantos sacrifícios familiares, pessoais, quantas lágrimas às vezes, quanta ausência, quanto frio! Mas tudo isso foi sempre amenizado pelo carinho e atenção que todos vocês tiveram comigo – meu esforço pessoal foi impulsionado pelo ânimo coletivo que vocês me passaram e que, sem dúvida, sem isso eu não chegaria até aqui.

RESUMO

Na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, o comerciante Carlos Guilherme Rheingantz, em novembro de 1873, funda a Cia. União Fabril (ex-Rheingantz) - a primeira no Rio Grande do Sul. A empresa ao longo dos anos estabeleceu uma política habitacional, constituindo assim uma Vila Operária com casas enfileiradas, isoladas para mestres, técnicos, um Grupo Escolar, Jardim de Infância, Cassino dos Mestres, Ambulatório Médico e Armazém Cooperativo. As casas feitas para os operários desde 1884 são edifícios que estão presentes, ainda hoje, na composição da paisagem urbana. Sendo assim, fazem parte de uma cultura arquitetônica daquele tempo e pode-se claramente observar que os construtores, dos quais não temos informações atualmente, conheciam estes modelos internacionais – pois existe um ambicioso desenho dentro do contexto deste conjunto de habitações. Tais construções evocam exemplos europeus na busca de uma “modernização” dentro da cultura internacional que estava disponível, inclusive, em periódicos e manuais. A análise da produção arquitetônica desta Vila Operária, foi feita através de uma comparação de imagens de modelos internacionais e nacionais com a produção arquitetônica obtida. Busca-se conhecer a cultura visual dos construtores daquela época e o diálogo que eles estabeleceram com as obras de referência, até mesmo anteriores à sua época.. Para tanto, fez-se necessário um estudo das vilas operárias têxteis que foram contemporâneas em São Paulo na segunda metade do século XIX, devido à cultura do café. Tais semelhanças proporcionaram uma maior compreensão deste tema e contribuíram para o álbum de imagens e tipologias dessas construções; haja vista que, bairros mais antigos da cidade de São Paulo como Bom Retiro, Brás, Moóca, Belém, Belenzinho, Lapa e Ipiranga estão repletos de vilas construídas junto às fábricas. Através desta busca de comparações, pôde-se ampliar as obras em referência a que se transporta este estudo de caso.

Palavra-chave: Arquitetura industrial; Arqueologia industrial; Cidades e vilas; Modelos arquitetônicos; Edifícios históricos; Patrimônio histórico; Habitações – século XIX.

ABSTRACT

At Rio Grande city, Rio Grande do Sul State, the merchant Carlos Guilherme Rheingantz, in November 1873, founds the Cia. União Fabril (ex-Rheingantz) – the first at Rio Grande do Sul. The company, along the years, established an habitational politics, so constituting Working Class Housing with semi-detached cottages, detached cottages to masters, technicians, a School Group, Kindergarten, Master's Casino, Medical Clinic and Cooperative Grocery Store. The dwellings done for the workers since 1884 are buildings that are present, still today, in the composition of the urban landscape. So, they are part of an architectural culture from that time and can clearly observe that the builders, from the which we don't have informations nowadays, knew these international models – because an ambitious draw exists inside of the context of this cottages. Such constructions evoke European examples in search of a “modernization” inside an international culture that it was available, besides, in newspapers and manuals. The analysis of the architectural production of this Housing Industry was done through a comparison of international images and national models with the obtained architectural production. Get know the builders' visual culture of that time and the dialogue that they established with the reference works, even previous to his age. So, was necessary do a study of the mills that were contemporary in São Paulo in the second half of the century XIX, due to the coffee culture. Such likeness provided a larger understanding of this subject and contributed to the album of images and typologies of those constructions; has seen that, older neighborhoods of São Paulo city like Bom Retiro, Brás, Moóca, Belém, Belenzinho, Lapa and Ipiranga are replete of villas built close to the factories. Through this search of comparisons, it could be enlarged the works in reference which is transported in this study of case.

Word-keys: Industrial Architecture; Industrial Archaeology; Cities and villas; Architectural Models; Historical Buildings; Historical Patrimony; Houses – Century XIX.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Mestrado trata do estudo da Vila Operária Rheingantz na cidade do Rio Grande-RS, nomenclatura local quando se refere ao complexo até os dias atuais. O comerciante Carlos Guilherme Rheingantz, em novembro de 1873, funda a Fábrica Nacional de Tecidos e Panos de Rheingantz & Vater, a primeira do Rio Grande do Sul, que mais tarde denomina-se Companhia União Fabril. A fábrica inicia suas atividades em 1874 em pequena escala e com pouco capital e, em 1895, muda a denominação para Companhia União Fabril, empresa pioneira na produção de tecidos e panos de lã. As casas feitas para os operários desde 1884 são edifícios que estão presentes, ainda hoje, na composição da paisagem urbana.

A fábrica possuía uma produção de abrangência regional, nacional e de exportação para os Estados Unidos e Europa. O complexo de casas construído ao longo dos anos no período compreendido pelo fim do século XIX e começo do XX, a República Velha, está inserido numa cultura internacional daquela época.

Os construtores, os quais não sabemos quem eram, estabelecem uma dialética com uma cultura arquitetônica daquele momento que se reflete na conformação das residências. A propriedade é única em termos de conjunto edificado, pois outras vilas que existiram nos bairros mais antigos da cidade de São Paulo (SP) como Bom Retiro, Brás, Mooca, Belém, Belenzinho, Lapa e Ipiranga, que eram repletos de vilas construídas junto às fábricas não existem mais, pois foram demolidas.

Na primeira parte do trabalho pretender-se-á contextualizar historicamente o caso na conjuntura maior da industrialização do Rio Grande do Sul, uma vez que a Fábrica Rheingantz é a mais antiga fábrica de tecidos do Estado. O desenvolvimento industrial com a vinda dos

imigrantes, salientando-se que a Rheingantz também era de descendentes de alemães, e a posição ocupada pela mesma frente às indústrias no Estado, será abordada nesta parte do trabalho.

O segundo capítulo fundamenta-se na história urbana da cidade do Rio Grande-RS e sua expansão para áreas novas, tudo isso interligado a fatores sócio-político-econômicos e principalmente à industrialização. O processo de desenvolvimento urbano proporcionará uma maior compreensão da implantação da fábrica em estudo e da Vila Operária. Um panorama dos vários ramos de indústrias surgidos na cidade será apresentado para um entendimento desta expansão considerável para terrenos pantanosos e aterrados que alterarão o traçado urbano de Rio Grande. A ligação de indústria e periferia se dará por ordem econômica, por aspectos físicos e de implantação, provocando uma nova ocupação residencial na cidade.

O histórico e o desenvolvimento econômico da fábrica Rheingantz ao longo dos anos serão imprescindíveis para um maior entendimento geral do conjunto no capítulo três. A constatação através de fontes primárias, uso dos relatórios da fábrica, entrevistas com ex-funcionários e bibliografia histórica são instrumentos que irão comprovar a trajetória desde a fundação até o fechamento da Fábrica de Tecidos Rheingantz.

No quarto capítulo, há uma preparação para a análise posterior da dialética da importação de modelos e a sociedade local, sendo apresentado todo o conjunto de edificações pertencentes à fábrica. Antes, ver-se-á brevemente um panorama das construções da cidade do Rio Grande para poder-se entender que quando são feitas as casas da Vila Operária, já na execução, elas refletem diferenças dos partidos que estão sendo construídos no centro da cidade. As diferenças que serão vistas fundamentam-se em termos de implantação principalmente porque ainda mantém uma característica colonial existente na zona central, apesar do uso de ornamentos e composições de fachada.

A análise das construções relacionadas a modelos internacionais contemplará o capítulo cinco, onde algumas casas mais significantes do complexo serão consideradas primeiramente com o auxílio da ficha elaborada de casa que consta no volume dois desta dissertação, sendo utilizados os seguintes critérios: implantação, relação com entorno, volumetria, técnicas construtivas, programa espacial original, fachadas, organização espacial atual e acréscimos, instalações funcionais, revestimentos internos e externos, estruturas portantes e elementos decorativos. Após esta análise, faz-se comparações com partidos internacionais e nacionais buscando elementos em termos de constantes e variantes entre os edifícios.

O balanço bibliográfico a respeito de teses e dissertações em relação à Fábrica Rheingantz focaliza principalmente a parte histórica no contexto industrial da época, e parte social pela política patriarcal promovida pela fábrica. Em termos de estudos da arquitetura do conjunto, a dissertação de Júlio A. Guigou-Norro é um singular embasamento teórico para um estudo da Vila Operária na República Velha.

Verifica-se através do objetivo do trabalho de Guigou-Norro que o complexo Rheingantz pode ser considerado uma forma mais qualificada de habitação, quando confrontado a alternativas como cortiço e residência unifamiliar.

Para tanto, a comparação com modelos internacionais que será mostrada, ampliará os enfoques para uma valoração das construções e da mão-de-obra local, e retirará uma teoria simplista da comunidade de que cada casa era construída conforme o país de origem dos mestres vindos da Europa.

No caso particular da Rheingantz, esta história iconográfica local não é apenas um estudo de caso que se repete em muitas cidades e Vilas Operárias, nem tampouco mais um trabalho para obtenção de título acadêmico: com este estudo de arqueologia industrial, confirma-se que Rio Grande vive até os dias atuais, a herança arquitetônica deixada nos áureos tempos da industrialização da cidade.

1. HISTÓRICO DA INDÚSTRIA NO RIO GRANDE DO SUL

O presente texto visa apresentar um panorama referente ao período do surgimento e da evolução da indústria no Estado do Rio Grande do Sul, no qual localizava-se a fábrica Rheingantz, fábrica esta localizada no município do Rio Grande. Fundada em 1873, e que no ano de 1895 mudou a razão social para Companhia União Fabril para transformar-se em S/A, e em 1968 veio a ser vendida a Abdalla & Cia. com a falência decretada.

Este período compreende a transição do Império para a República, partindo da segunda metade do século XIX e ingressando no século XX até a década de 1970. A contextualização histórica ajudará na compreensão do desenvolvimento da trajetória da fábrica. Como a Rheingantz possuía uma política habitacional muito significativa com grande alcance social, a sua posição mereceu destaque em relação às demais empresas contemporâneas, auxiliando a compreensão de sua Vila Operária inserida na planta industrial.

A partir do século XIX, o Rio Grande do Sul se tornou o principal fornecedor de charque para o mercado brasileiro. O fundamental uso do charque era servir de alimentação para os escravos da lavoura agroexportadora. Os estabelecimentos escravistas e as atividades dos artesãos que existem neste período não podem ser considerados indústrias, estas somente surgem a partir da segunda metade do século XIX, relacionadas com a vinda dos imigrantes europeus ao Estado.

A imigração ocorrida aqui no Rio Grande do Sul, está num processo mais amplo de capitalismo mundial, como descreve Pesavento¹:

¹ Pesavento, S.J. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba (RS): Riocell, 1985. p. 26

A vinda de imigrantes estrangeiros para o Brasil no século XIX é um movimento que se insere no processo mais amplo de expansão do capitalismo a nível mundial. No plano europeu, foram países de imigração para o Brasil justamente aqueles que tardiamente se industrializaram, como a Alemanha e a Itália.

Os imigrantes estrangeiros entraram no país num momento de transição em âmbito nacional da economia, baseada na força de trabalho para a fundamentada na mão-de-obra livre. No Rio Grande do Sul os colonos foram localizados em terras virgens, o que implicou na abertura de estradas facilitando as comunicações. Os alemães foram os primeiros a chegar em 1824, e passaram a praticar uma agricultura de subsistência em pequenos lotes com mão-de-obra familiar.

A partir de 1870 a agricultura dos imigrantes gerou um excedente comercializável, passando a ser vendido ao mercado regional. A economia regional imigrante propiciou a existência da agricultura colonial e o artesanato doméstico, que proporcionaram ao comerciante uma acumulação de capital que foi primordial para o aparecimento da indústria.

A capital gaúcha, devido ao desenvolvimento da economia imigrante, tornou-se o maior centro comercial de destaque na passagem do século XIX para o XX. Algumas indústrias já nasceram prontas, ou seja, o comerciante aplicou seu capital na montagem de uma empresa que já surgiu como indústria. Esta utilizava maquinaria, capital inicial e trabalhadores assalariados.

Os exemplos deste tipo de caso são a Cervejaria Ritter, fundada em Porto Alegre em 1894; Fábrica de Capas montada em Caí por Anton Jacob Renner, em 1911; Fábrica da Banha fundada por Adolpho Carlos Oderich em 1908, em Canoas; e a Companhia Fiação e Tecidos Porto-Alegrense, fundada em Porto Alegre em 1891 por comerciantes.

A indústria em outros exemplos apareceu como resultado da evolução da pequena empresa de origem familiar para a grande fábrica, ou da unidade artesanal para a fabril-manufatureira. Tem-se o exemplo também de capital comercial acrescentado a empresas já constituídas, como é o caso do Lanifício de São Pedro². Pesavento³ inclui mais um fator nas origens do processo de industrialização do Estado, que seria um empreendedor com mais experiência e capital de sua terra de origem:

² Lanifício fundado em Galópolis em 1898, por um grupo de imigrantes italianos. Hércules Galló, tintureiro-químico, em 1906 ingressou na firma e em 1912 associaram-se os comerciantes de Porto Alegre, os irmãos Chaves Barcellos.

³ Pesavento, S.J. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba (RS): Riocell, 1985. p. 32.

Caberia colocar ainda, nas origens do processo de industrialização no Rio Grande do Sul, a presença de outro elemento: o chamado “burguês imigrante”, aquele que trouxe consigo, da sua terra de origem, capital e experiência profissional na gestão de alguma empresa. (...) É o caso de Joseph Becker, chegado da Europa em 1854 e estabelecido com fundição em Porto Alegre, em 1856; (...).

Deve-se também fazer menção ao capital bancário presente na formação de empresas, como é o caso do Banco da Província que, junto a alguns comerciantes da capital, foi incorporador da Companhia Fiação e Tecidos Porto-Alegrense fundada em 1891. Determinados condicionantes da sociedade gaúcha ajudaram no surgimento das indústrias, tais como o mercado de trabalho constituído de homens livres, o colono imigrante⁴ que se demandou à cidade em busca de trabalho nas indústrias nascentes nos núcleos coloniais ou em centros urbanos já conformados, e a conservação do processo de imigração-colonização que deu entrada a estrangeiros que também eram operários em seus países de origem.

Em 1890, a população se concentrava mais nas zonas coloniais (serra) e urbanas (litoral) e a campanha era a zona de menor população, apesar de ser onde se desenvolvia a principal atividade econômica do Estado – a pecuária. Love⁵ destaca o não-interesse do pecuarista em investir em outros setores da economia e a participação ativa dos comerciantes da zona colonial na formação de empresas industriais:

O pecuarista não mostrava interesse, portanto, em investir em outros setores da economia, disso decorrendo que o capital industrial se gerasse preferentemente no interior do setor mercantil. Destacando a importância da participação dos produtores e comerciantes vinculados à economia da zona colonial na formação de empresas industriais, Love afirma:... os teuto-brasileiros destacavam-se especialmente nas atividades industriais não relacionadas com ocupações pastoris. Do valor total da produção em 1915, as firmas industriais com sobrenomes alemães somavam quase o mesmo número daquelas de nomes portugueses; os italianos tinham uma importância de aproximadamente um quarto em relação aos outros dois. O charque e a erva-mate continuavam a ser dominados por luso-brasileiros, o vinho e a manteiga pelos italianos; em todos os setores restantes, os alemães tinham primazia. Os grupos de colonos também penetravam no comércio em larga escala. Em 1924, três dos seis diretores e 40% dos membros da Associação Comercial de Porto Alegre eram teuto-brasileiros. Ao mesmo tempo, havia 17 italianos entre os 327 membros...

⁴ O motivo do êxodo do colono imigrante foi um esgotamento e perda de produtividade da terra, que era de propriedade de um núcleo familiar subdividido por herança para um número muito grande de descendentes.

⁵ Love, J. *O regionalismo Gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 139.



FIGURA 1: "*Tempora Mutantur*", Pedro Weingartner – Roma, 1916

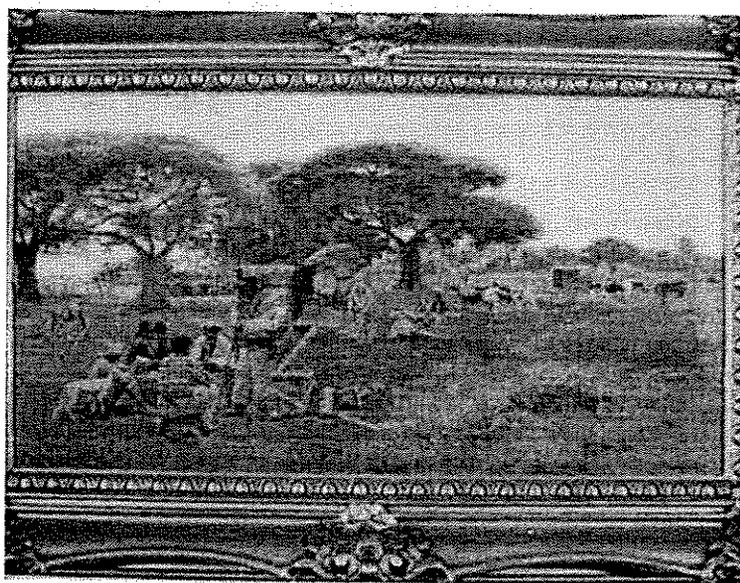


FIGURA 2: "*Pousada de Carreiros*", Pedro Weingartner, Roma, 1916

As agroindústrias⁶ eram as que melhor representavam o parque industrial do Rio Grande do Sul. A economia colonial imigrante foi a fornecedora de matéria-prima para este ramo da

⁶ Indústria de vinho, banha, cerveja, farinha, fumo e etc...

indústria. Todo este processo de imigrantes como donos de pequenas propriedades, e o desenvolvimento do comércio gerado por este processo, estabeleceu um mercado interno significativo no Estado.

A presença das charqueadas foi marcante ao lado das indústrias – a do charque foi a empresa manufatureira mais característica da Região Sul, mas era um setor em crise no final do século XIX, enquanto que as empresas vinculadas ao complexo de imigração-colonização estavam em ascensão. A falta de incentivo à tecnologia e aprimoramento de beneficiamento da carne foi o que desencadeou a decadência das charqueadas.

Em relação à mão-de-obra, as empresas muitas vezes tinham que mandar vir da Europa pessoal habilitado, como é o caso da Rheingantz. As empresas do eixo Rio Grande-Pelotas continham um mercado de trabalho menos abrangente que o da região colonial.

O Rio Grande do Sul e São Paulo foram contemporâneos no começo de seu desenvolvimento industrial, sendo que São Paulo voltado para a exportação do café e o Rio Grande do Sul voltado para o mercado interno. Nas últimas duas décadas do século XIX, ocorreu um surto industrial significativo concomitantemente com a troca do regime monárquico para o republicano. Em particular no RS, além da existência de um capital comercial, de um mercado consumidor e de um grupo de trabalhadores livres, acrescentou os efeitos de uma política econômica chamada Encilhamento⁷. Constata-se que na época do primeiro surto industrial, caracterizados pelo Encilhamento, houve um aumento na produção respectivo ao aumento no número de empresas.

Na exposição de 1901, as maiores empresas da época que expuseram foram Berta, Becker e Ullner (fundição), Companhia União Fabril, Companhia Fiação e Tecidos Porto-Alegrense, Companhia Ítalo-Brasileira, Steigleder (carpintaria), Rodolpho França (banha), Neugebauer (chocolates) e Christoffel e Ritter (cervejarias). Neste período se pode delinear o perfil das indústrias do Estado, a oriunda de produtos da agropecuária colonial ou da pecuária tradicional.

⁷ Encilhamento: Política econômico-financeira que se desenvolveu entre 1891 a 1894. Consistiu em ampliar o meio circulante, concedeu aos bancos o direito de emissão na proporção de três vezes o seu lastro-ouro, tendo estes bilhetes bancários de igual reconhecimento que as cédulas emitidas pelo Tesouro Nacional. O lastro das emissões bancárias foi dado por títulos da dívida federal, tendo-se criado a situação na qual o papel-moeda (títulos do tesouro) garantia o curso de papel-moeda (títulos bancários). Essa medida foi complementada por um sistema de fácil e amplo crédito para as novas iniciativas. Acarretou numa baixa de câmbio e aumento das taxas de importação.

A maioria destas empresas citadas acima adquiriu maquinário estrangeiro mesmo com o câmbio desfavorável. O uso da tecnologia foi um importante instrumento da industrialização, consistindo-se na importação de maquinário e também atribuído ao processo de colonização-imigração, como enfatiza Pesavento⁸:

Como se viu, foi ainda o complexo imigração-colonização o responsável tanto pela importação de máquinas necessárias à instalação de uma unidade fabril quanto pela produção interna das mesmas, além da fabricação de peças e realização de reparos. (...) Quanto à tecnologia importada e adquirida pelas maiores empresas destacou-se a grande firma comercial Bromberg, de Porto Alegre, responsável pela entrada e divulgação das mais recentes máquinas fabricadas na Europa.

O Estado solidificou uma posição de “celeiro do país”. Os ramos industriais da carne, do vinho, da banha, da cerveja, do couro, dos sabões, do fumo, das velas e têxtil prevaleceram durante a República Velha. As indústrias gaúchas surgiram em função do abastecimento regional e nacional, como foi o caso da Cia. União Fabril.

A Fábrica de Charutos Poock, também do Rio Grande, vendia seus artigos para o comércio interno brasileiro. No começo do período Republicano, o Rio Grande do Sul começou a exportar artigos manufaturados da sua indústria para o mercado interno. O governo estadual procurava manter uma economia diversificada, mas sem deixar de colocar no mercado interno os produtos rio-grandenses. A partir de 1899, o governo pôs em prática uma política de redução de impostos de exportação, substituindo-se gradualmente pelo imposto territorial como forma de arrecadação fiscal estadual.

A encampação da Viação Férrea e do Porto do Rio Grande também foram metas do governo estadual. A intenção era colocar com mais prontidão os produtos gaúchos no mercado e diminuir os altos custos dos fretes. A nova política de restrição ao crédito e saneamento da moeda brasileira encerrou o surto de industrialização do Encilhamento no Rio Grande do Sul, no começo do século XX.

Em 1907, o Rio Grande do Sul, conforme um levantamento promovido pelo Centro Industrial do Brasil, está em terceiro lugar em relação ao bom desempenho do setor no conjunto da indústria nacional. Em relação à indústria têxtil, há dois enfoques distintos: abordam a posição ocupada pela indústria têxtil no setor secundário da economia rio-grandense.

⁸ Pesavento, S.J. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba (RS): Riocell, 1985. p. 36

Um trata como sendo a primeira a se desenvolver em bases verdadeiramente industriais e o outro é o destaque entre as maiores indústrias do estado na época. No panorama das indústrias fundadas a partir do fim do império, a Rheingantz é a que possui maior destaque, como vemos em Roche⁹:

Em 1895, o Rio Grande do Sul contava com 30 sociedades anônimas, entre as quais 10 novas empresas industriais, fundadas precisamente a partir do fim do império, e quase todas por alemães. A mais importante era a União Fabril, sucessora da Rheingantz (capital 3500 contos; produção, 5000 contos), com 907 operários e 102 costureiras (manufatura de capotes para o exército). Depois vinha a Cia. de Fiação e Tecidos Porto-Alegrense, fundada em 1891, com capital de 2400 contos e a produção de 2100 contos, com 263 operários; a seguir, a Cia. Fabril Porto-alegrense, também criada em 1891, com um capital de 200 contos, produzindo por dia de 120 a 150 dúzias de camisas e meias (100 operários).

A formação do setor industrial na economia gaúcha encontra-se vinculada a um processo de integração do Brasil de tornar-se um país exportador de café e um importador de produtos manufaturados. A substituição da mão-de-obra escrava por assalariada deu-se pela participação mais efetiva na economia mundial, exigindo uma modernização de infra-estrutura, transportes e superestrutura político-administrativa.

A partir desta realidade o mercado interno brasileiro era concentrado no eixo Rio-São Paulo, centro político-econômico do país. A economia rio-grandense intensificou-se como primária – exportadora vinculada ao mercado interno brasileiro. O Rio Grande do Sul tinha uma participação comercial bem restrita ao mercado nacional e iniciou-se, nesta época, um período de prosperidade econômica (começo do século XX).

O mercado interno do Estado é vital para a industrialização do Rio Grande do Sul, e contribui para o surgimento de indústrias tradicionais, como vemos na citação de Reichel¹⁰:

No caso do Rio Grande do Sul, adquire especial importância o seu próprio mercado interno, dado à característica regional da sua indústria. É a partir de um desenvolvimento como área periférica da economia nacional que se pode compreender o alargamento de seu mercado interno e, conseqüentemente, o surgimento de indústrias tradicionais, dentre as quais as de fiação e tecelagem.

A imigração alemã e italiana teve um importante papel na composição deste mercado interno. Formaram-se áreas de produção agrícola com pequenas propriedades, compondo uma

⁹ Roche, J. *A colonização alemã e o Rio grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 506

¹⁰ Reichel, H.J. *A Indústria Têxtil do Rio Grande do Sul; 1910 a 1930*. Porto Alegre: IEL/ Mercado Aberto, 1978. p. 17

parcela de população com médio poder aquisitivo – o imigrante tinha um poder aquisitivo bem maior do que os radicados em outras regiões do país. No centro e no norte do Rio Grande do Sul prosperou um comércio baseado não só no mercado nacional com importações e exportações, mas sim com sistema de trocas que se faziam de região para região do Estado.

O desenvolvimento do comércio ocorrido no Estado deve muito à colonização alemã. A importância econômica e social de um número significativo de comerciantes alemães proporcionou as vinculações dos mesmos com o grande comércio de Porto Alegre. A capital gaúcha se constituía no principal mercado das colônias, como Roche¹¹ analisa nesta frase: “Se Porto Alegre deve o que é a seu comércio, é à colonização alemã que esse comércio deve o que é”.

A respeito desta atividade comercial, a loja vinculada à zona da colônia foi do mesmo modo respeitável para o processo de industrialização do Estado, na medida que delimitou capital. Roche¹² grifa a respeito destes estabelecimentos:

...nas colônias nunca houve mercados nem feiras: é a loja que faz parte integrante de sua paisagem. Por isso, o comerciante único agente das trocas, tornou-se muito poderoso no seu feudo. Quando ele próprio não se punha à testa de uma grande casa, era sobre ele que se apoiavam os exportadores ou os importadores da capital.

¹¹ Roche, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 434 nota 1

¹² Roche, J. Op. Cit. [11] p. 403

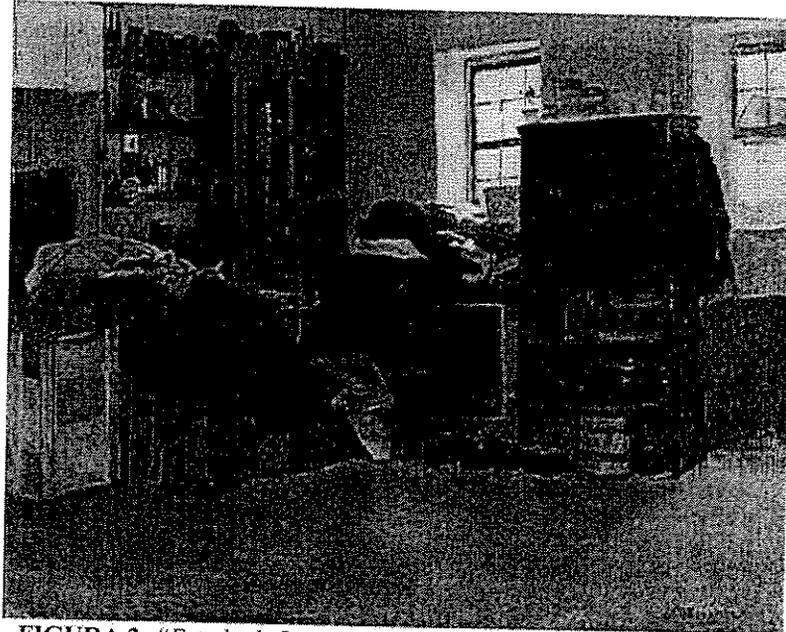


FIGURA 3: "*Estudo de Interior*", Pedro Weingartner, s/d

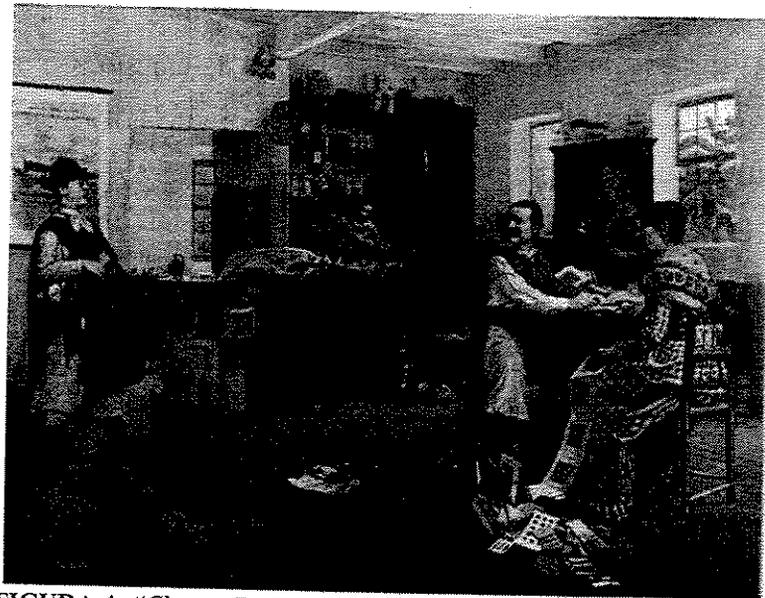


FIGURA 4: "*Chegou Tarde*", Pedro Weingartner, 1891.

Por volta de 1910, verificava-se que metade da lã produzida pelo Estado ficava para ser aproveitada pelas indústrias locais. Porém, a inferior qualidade e a baixa tecnologia empregada nas indústrias obrigavam a uma importação de lãs de qualidade superior nesta época.

As indústrias de fiação e tecelagem procuravam livrar-se da importação de matéria-prima adquirindo maquinários capazes de produzirem o fio penteado com a lã Estadual. A Cia. União Fabril (ex-Rheingantz), já em 1902, apresentava a fiação de fio penteado conforme o relatório da fábrica¹³ que cita textualmente:

Fiação de Fio Penteado (*worsted*). Dando execução à resolução mencionada no ultimo Relatório, a Directoria já tem em seu poder o orçamento e plantas de uma instalação de fiação penteada, com o emprego de lans deste Estado. Se conseguirmos com nossas lans produzir fio penteado, ficaremos completamente independentes da importação estrangeira. (...) Tratando-se de um ensaio ainda não tentado no Brazil, esta Directoria usará da prudência necessária nesta nova instalação.(...)

Neste período não foram criados incentivos à indústria têxtil com bases nacionais. Alguns momentos da crise exportadora proporcionaram taxas cambiais favoráveis para importação de tecnologia e renovação do maquinário. Na análise dos relatórios da Cia. União Fabril, entre 1900 e 1910, a produção esteve ligada à instabilidade do câmbio – apesar disto foram feitos investimentos em maquinários. No Rio Grande do Sul, as situações de desenvolvimento determinadas pelo encilhamento e mais tarde pela reforma aduaneira durante o governo de Campos Sales contribuíram para o surgimento de indústrias e para a expansão do setor têxtil. Assim, excetuando a Cia. União Fabril, todas as outras fábricas de tecidos do Estado se instalaram no período republicano.

A Cia. União Fabril (ex-Rheingantz) foi fundada em 1874 em Rio Grande; a Cia. Fiação e Tecidos Porto-Alegrense em 1891, na cidade de Porto Alegre; Santos Bocchi e Cia., Cia. de Tecelagem Ítalo-Brasileira em 1906, em Rio Grande; Cia. de Fiação e Tecidos Pelotense S/A em 1908, na cidade de Pelotas, e a Cia. de Tecidos de Lã em 1909, em Caxias do Sul.

No Estado foi na capital, Porto Alegre, onde se concentraram as funções de centro comercial e industrial, passando, assim, a concorrer com Rio Grande e Pelotas. O ramo têxtil era líder no setor industrial do Estado do Rio Grande do Sul.

A posição geográfica do Estado distanciava-o dos principais centros consumidores do país, a deficiência de seus portos e a insuficiente rede férrea federal contribuíam para o alto preço dos fretes pagos pelos produtos gaúchos. O charque, principal produto de exportação, tinha

¹³ Relatório da Directoria da Companhia União Fabril Succesora de Rheingantz & Cia. Anno Social 1/09/1902 a 31/08/1903 – p. 4 item - fiação de fio penteado (*worsted*)

concorrência platina e os produtos agrícolas estavam sujeitos à concorrência dos produtos próprios da região do mercado interno a que se destinavam.

A reforma tributária do Estado ocorrida no início do século XX foi um fator de desenvolvimento da indústria gaúcha – incentivou o comércio da produção e intensificou-se a acumulação de capital.

A Companhia União Fabril (ex-Rheingantz & Vater), fundada em 1874, foi a primeira indústria de tecidos de lã do Brasil. Localizou-se na cidade do Rio Grande, principal porto exportador do Estado naquela época. Em 1887 a fábrica já produzia tecidos de algodão. O lugar de destaque ocupado pela Cia. União Fabril, dentre as exportações feitas através do Porto do Rio Grande, tem relação com a política econômica do governo provisório que estendeu seus efeitos até 1895, aproximadamente. As duas primeiras décadas da República assinalam um modelo agro-exportador e a difícil integração do mercado nacional.

O destaque da indústria têxtil na primeira década do século XX, em relação ao processo de industrialização do Rio Grande do Sul, deu-se pelo fato da produção se destinar ao mercado interno do leste e norte do país, como notamos em Reichel¹⁴:

Concluindo, pode-se dizer que a produção têxtil do estado, até 1910, se realizava em bases industriais e se destacava do processo geral de industrialização no Rio Grande do Sul, na medida em que orientava grande parte da sua produção para os mercados do leste e norte do país. Entre os produtos exportados para fora do estado, se destacavam os tecidos de algodão, que, além de figurarem entre os principais produtos exportados, lideravam a lista dos manufaturados.

As empresas de maior vulto no Estado no período pré-guerra foram: no ramo metal-mecânico Wallig, em Porto Alegre, Mernack, em Cachoeira do Sul; na refinação da banha Oderich, em São Sebastião do Caí; na produção de farinha o Moinho Rio-grandense, na capital; no setor têxtil a Fábrica Rio Guayba, em Porto Alegre e a A.J.Renner, que em 1912 se transferiu para a capital.

A primeira guerra mundial alterou os cursos da industrialização e a política econômica-financeira federal. A suspensão da entrada de capitais estrangeiros dificultou a manutenção da política do café estabelecida desde 1906. A compra e estocagem do excedente de café com financiamento externo mantinham um determinado preço do produto no mercado internacional.

¹⁴ Reichel, H.J. *A Indústria Têxtil do Rio Grande do Sul ; 1910 a 1930*. Porto Alegre: IEL/ Mercado Aberto, 1978. p. 36

A grande emissão de papel moeda em 1915 e 1917 desvalorizou a moeda brasileira, acentuou as dificuldades de importar, aumentaram os preços dos gêneros alimentícios e as exportações ficaram mais caras. Foi, em suma, uma fase desinteressante para a importação e atraente para investir na produção do mercado interno.

Quanto às indústrias que importavam matéria-prima do exterior tiveram de buscar substituição nacional para continuar a produção; foi o caso da Fábrica de Charutos Poock, de Rio Grande, que importava fumo de Havana e buscou produto similar rio-grandense.

Apesar da visão de que o período da guerra foi favorável ao desenvolvimento das empresas, produtos como fumo, bebida e têxteis passavam a representar os grupos de maior incidência de imposto de consumo.

A elevação dos impostos e os problemas dos fretes elevavam os custos da produção industrial. As indústrias que abasteciam o mercado local eram as que menos se prejudicavam com o sistema deficitário dos transportes. No período pós-guerra o Estado conseguiu assumir o Porto do Rio Grande, em 1919, e a Viação Férrea, em 1920.

A inflação e o aumento dos preços dos gêneros de primeira necessidade fizeram decair as condições dos trabalhadores, incidindo em movimentos de greve. O período pós-guerra caracterizou-se pelo recuo de crédito e retorno à política deflacionária federal, a partir de 1924. A crise mundial afetou o Estado e as perspectivas reduziram-se ainda mais ao fim da Primeira Guerra, como vemos na afirmação de Weimer¹⁵:

As perspectivas deixaram de ser tão otimistas ao fim da I guerra. A crise econômica mundial levou a uma retração cada vez maior dos investimentos do estado. Quando as forças pecuaristas-latifundiárias fizeram a tentativa de retomar o poder na chamada “revolução de 1923”, a situação se agravou ainda mais. A consequência mais imediata foi a concentração do capital, na medida em que as empresas viram-se forçadas a encerrar suas atividades. A década de 20 na realidade gaúcha constituiu-se pela ampliação das firmas de maior porte preexistentes.

A década de 1920, no setor têxtil, foi marcada pela redução do número de suas fábricas. Em Porto Alegre de 10 passou para 3, demonstrando a falência das pequenas empresas ou a sua compra pelas fábricas maiores. As maiores fábricas realizavam sucessivos aumentos de capital e material. Em 1919, a Companhia União Fabril, de Rio Grande, comprou a Companhia Fiação e

¹⁵ Weimer, G. *A vida cultural e a Arquitetura na República Velha rio-grandense 1889-1945*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 123

Tecidos Progresso da Fronteira, de Uruguaiana. A própria compra da Fiação e Tecidos Progresso demonstra que as pequenas fábricas foram incorporadas pelas maiores e mais tradicionais.

Nessa época, as indústrias rio-grandenses eram mais mecanizadas. Mesmo assim, o parque industrial paulista era superior ao gaúcho. Havia todo esforço por parte da política estadual para o Estado manter sua posição e, paralelo a isto, o desenvolvimento cultural e arquitetônico foi impressionante, como afirma Weimer¹⁶:

(...) apesar das modificações, o Rio Grande do Sul praticamente manteve a sua posição. Se tivermos em mente que, à época, o “Brasil era um trem puxando 20 vagões carregados de dinheiro para pagar o café paulista”, percebe-se o estóico esforço realizado pelo extremo sul para desenvolver a sua indústria. (...) Paralelamente, o Estado foi cenário de um desenvolvimento cultural e arquitetônico como jamais se tivera notícias.

Os produtos da indústria paulista começaram a fazer-se presentes no mercado gaúcho. A revolução de 1930 pôs fim à República Velha e o Rio Grande do Sul, um dos participantes, isolou-se do resto do país. Essa postura, é claro, afetou a indústria. Durante a República Velha o Estado submeteu-se a uma grande transformação econômica.

Nos relatórios¹⁷ da Companhia União Fabril (ex-Rheingantz) podemos ver claramente o quanto esta crise afetou a indústria:

(...) não deixamos de sentir os efeitos da grande crise que assola a indústria têxtil, com a anomalia patente de obrigar a vender-se algodões grossos manufacturados quase que pelo preço desse producto em rama, tendo como consequência a paralysação da secção dos tecidos de algodão. Junte-se a essa medida de emergência, os impostos, fretes e outras despezas, sempre crescentes, e mais matérias-primas, sobretudo as lãs, que se conservaram por preços altíssimos e pouco compensadores para a collocação dos respectivos artigos fabricados, e termos como consequência que o ano relatado não corresponde a expectativa, dando por isso, um resultado menos compensador.(...) O capital social, devido á desvalorização da moeda e a outros factores, vem se revelando ser bastante exíguo.(...).

A matéria-prima ficou interrompida, pois os meios de transportes estavam em funções militares, finalizando a remessa de produção local para os mercados centrais do país. A crise de 1929 só fez acelerar um processo que agravava as condições de vida dos trabalhadores urbanos, prejudicando o interesse de economias que tinham o fornecimento do mercado interno como principal alvo.

¹⁶ Weimer, G. Op. Cit. [15] p. 124

¹⁷ Relatório da Companhia União Fabril sucessora de Rheingantz & Cia. Rio Grande: Typ. Trocadero, 1928. p. 1

A Revolução de 1930 marcou no país por duas décadas uma fase de transição. A grande depressão e as medidas governamentais do protecionismo do café acarretaram novamente em um período de dificuldades de importar. Favoreceu-se, assim, as indústrias têxtil, calçadista, fumo, bebidas e alimentícia que podiam operar com matéria-prima local. Até o momento a indústria se desenvolvera com surtos de aumentos de produção alternados com aumento de capacidade produtiva, que se favorecia com desvalorizações da moeda ou de políticas tarifárias protecionistas.

O período de 1930-1937 oscilou entre o liberalismo-democrático¹⁸ e o autoritário, chegando em 1937 na decretação do Estado Novo¹⁹ que se estendeu até 1945. Em 1939, com a eclosão da 2ª Guerra Mundial, o café experimentou uma alta e houve diversidade nas exportações, figurando assim produtos manufaturados, como os têxteis.

Em nível nacional, o governo definiu a indústria de base como meta prioritária devido ao empréstimo concedido pelos E.U.A. O Rio Grande do Sul manteve sua estrutura de produção inalterada com relação às décadas anteriores, reafirmando sua posição de celeiro do país.

No decorrer do período do pós-1930 acentuou-se a defasagem entre a indústria gaúcha e a do centro econômico do país. A indústria no Rio Grande do Sul nesta época está concentrada nos centros urbanos maiores, tendenciando a uma especialização dos ramos do município. É o caso da indústria de couros no Vale dos Sinos, da alimentação em Rio Grande-Pelotas, metalúrgicas e vinícolas em Caxias do Sul. Ao longo das décadas de 1930 e 1940, São Paulo passou a produzir quase todos os tipos de artigos rio-grandenses. O Rio Grande do Sul teve de enfrentar a concorrência paulista tanto no mercado interno brasileiro como no regional.

A solução encontrada para esta concorrência foi o Rio Grande do Sul tornar-se especialista na produção de vinho, produtos alimentícios²⁰, tecidos de lã e calçados com uma maior qualidade. As roupas de lã fabricadas pela Renner e Cia. União Fabril, cofres Berta, artigos da Metalúrgica Eberle, couros curtidos do vale do Rio dos Sinos, são exemplos de tais produtos de qualidade. As empresas do ramo têxtil no período pós-1930 tiveram sucessivos aumentos de capital, do número de operários e de instalações fabris, além, é claro, da redução progressiva do número de fábricas no Estado num processo de concentração empresarial. Houve um aumento

¹⁸ O liberalismo-democrático implica na abertura política e a proposta de conciliar o desenvolvimento econômico com a ampliação da participação social.

¹⁹ Forma de regime autoritário que contou com o apoio do Exército.

²⁰ Produtos como charque, biscoitos, conservas de frutas e etc...

das exportações gaúchas, de um modo geral no período da Segunda Guerra e um aumento da produção do seu parque industrial. A guerra mundial repercutiu em um aumento do custo de vida e da produção industrial; ao fim do conflito, reduzindo a demanda internacional, restaria colocar os produtos industriais no mercado brasileiro.

Em 1942, no Rio Grande do Sul, ocorreu a criação do SENAI²¹, ensino industrial, para suprir necessidades crescentes de mão-de-obra especializada. Funcionavam nos maiores centros fabris do Estado diversas escolas vinculadas ao SENAI. A diversidade da economia gaúcha predominava neste período. A agropecuária fornecia alimentos para o mercado regional e nacional e a matéria-prima para a indústria tradicional.

O ramo metal mecânico era responsável pela produção de máquinas e implementos para o setor primário. A nova etapa política que se instalou no país após 1945 deu-se através de um regime democrático. Na década de 1950 houve uma integração do RS com o Centro do País com a inauguração da BR-116. Nesse período o RS reduziu a agricultura e investiu na indústria, porém, o desenvolvimento econômico do Estado não foi exitoso.

As determinantes do desenvolvimento capitalista entre os anos de 1946 a 1964 foram primeiramente a Segunda Guerra Mundial, após a aproximação econômico-militar com os E.U.A e, finalmente, a redemocratização da política brasileira.

A grande expansão da indústria nesta fase foi acompanhada de uma inflação acelerada. Os agentes deste processo de expansão industrial no país foram o estado e o capital estrangeiro. Nesse novo padrão de industrialização a indústria pesada passou a comandar a expansão, alterando os padrões tecnológicos e fazendo desaparecer pequenas e médias empresas.

Neste período pré-1964 a integração econômica do país consolidou a hegemonia do parque industrial instalado na região centro-sul. No Rio Grande do Sul, evidenciaram-se as distinções qualitativas e quantitativas que apresentavam a economia gaúcha em relação ao eixo Rio-São Paulo.

Em 1950, a liderança da indústria gaúcha era de produtos alimentares, seguida pela indústria da madeira, couro, tecidos e fumo, com indústrias familiares e individuais, localizadas principalmente na zona colonial e na capital do Estado. Frente a toda uma situação de crise que passou a vivenciar a indústria na segunda metade da década de 1950, começou um movimento na

²¹ A sigla significa Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

sociedade questionando os fatores que estariam conduzindo a economia regional a essa situação, o setor primário gaúcho não acompanhava o desenvolvimento da agricultura nacional e o setor secundário ao desenvolvimento industrial do país quando este ingressara na sua última etapa.

Em 1955, acentuou-se a defasagem do parque industrial gaúcho com relação ao centro do país, devido à nova tendência do desenvolvimento industrial para produção de bens de capital e semiduráveis, ingressando o país num processo de substituição de importações.

Em 1960, a concentração da produção industrial apresentava poucos ramos como alimentos, químico, vestuário, calçados e metalurgia que somavam 50% do setor secundário gaúcho. Nesse ano foi criado o GAP (Gabinete de Administração e Planejamento) que tinha por objetivo traçar normas para uma política de desenvolvimento para o setor secundário e auxiliar a expansão das indústrias existentes. Nota-se que o Rio Grande do Sul permanecia ligado aos ramos tradicionais que beneficiavam matéria-prima do setor primário.

A indústria gaúcha participou fracamente do processo de instalação da indústria de base no país. Ao Rio Grande do Sul restou a produção de bens intermediários – autopeças – que eram vendidos para o parque industrial de São Paulo e Rio de Janeiro. Uma empresa que vinha se desenvolvendo no estado era a Refinaria de Petróleo Ipiranga, instalada em Rio Grande.

Em relação aos transportes, o parque industrial gaúcho tinha uma rede ferroviária, rodoviária e marítima precárias, não existindo uma ligação satisfatória entre o único porto marítimo, com as principais regiões produtoras.

A energia elétrica, fornecida pela CEEE (Companhia Estadual de Energia Elétrica), empresa fundada em 1947, era precária na sua oferta a qual limitou a expansão industrial de municípios como Novo Hamburgo, São Leopoldo e Caxias do Sul. O uso de geradores era muito alto e a solução deste problema era vital para o crescimento da indústria gaúcha.

A falta de crédito era um problema revelador da baixa capitalização das indústrias locais. No caso específico do Rio Grande, havia um maior número de empréstimos sobre os depósitos. A indústria gaúcha foi perdendo cada vez mais para a do eixo Rio-São Paulo devido à orientação política federal e restrições de implantar no Estado um setor de bens semiduráveis, como descreve Pesavento²² :

²² Pesavento, S.J. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba (RS): Riocell, 1985. p. 106

Além disso, a orientação política econômica federal foi de concentrar os investimentos no centro econômico do país, deixando o estado sulino à margem do programa de metas levado a efeito no governo de Juscelino Kubitschek. Ficou, desta forma, a indústria de ponta do país concentrada no eixo Rio-São Paulo, tendência reforçada pelas restrições impostas pelo governo federal à implantação no Rio Grande do Sul de um setor de produção de bens semiduráveis, referido anteriormente. Neste sentido, o Rio Grande do Sul passava a participar do Programa de Metas como proporcionador da acumulação de capital da nova etapa industrial em que ingressava o país.

A marginalização do Rio Grande do Sul e o desenvolvimento e crescimento inferior da indústria local em relação à paulista é o que se destaca nesta época. Os meios encontrados para vencer a crise da economia gaúcha variaram de acordo com a orientação político-partidária dos governos estaduais. A orientação da política governamental no Rio Grande oscilou entre a proposta do PSD²³ e do PTB²⁴, ambos conscientes da problemática industrial no Estado.

O governo Brizola posicionou-se contra a presença de capital estrangeiro. Encamparam empresas estrangeiras que ainda trabalhavam no setor de eletricidade de Porto Alegre e Canoas e a Telefônica Rio-Grandense. Havia uma consciência comum por parte dos governantes do Estado da crise da economia gaúcha. A partir dos anos 1960, o país já possuía um diversificado parque industrial e neste já havia significado capital estrangeiro.

O país se expandia, porém o poder aquisitivo da população incapacitava o consumo dos produtos devido à inflação que se instalara desde o governo de Kubitschek. Com toda esta tensão social proliferaram as greves e as agitações sociais. O golpe de 1964 foi fruto da ligação de setores representativos²⁵ da sociedade brasileira com o apoio externo dos Estados Unidos, implantando-se assim no país um período autoritário marcado pelo desenvolvimento aliado ao capital estrangeiro. Este golpe militar instalou-se em meio a uma crise que vinha desde 1962 e ocasionou a desaceleração da industrialização brasileira. A recessão ocasionada no período pós-1964 teve como medidas o congelamento salarial agravando o esgotamento do poder aquisitivo dos assalariados urbanos. Isto acarretou na retração da demanda urbana de bens não-duráveis, e a

²³ Partido Social Democrático - representado pelos governos de Walter Jobim (1947-51) e de Ildo Meneghetti (1955-59 e 1963-64) identificava o problema da industrialização como uma meta a atingir.

²⁴ Partido Trabalhista Brasileiro - representado pelo governo de Ernesto Dornelles (1951-55) e Leonel Brizola (1959-63) considerava imprescindível assegurar o primado da sociedade urbano-industrial sobre a agrária tradicional.

²⁵ Como: proprietários de terra, industriais, comerciantes, banqueiros, militares, etc...

um achatamento das indústrias tradicionais, como foi o caso da Companhia União Fabril (ex-Rheingantz & Cia.) que faliu em 1968.

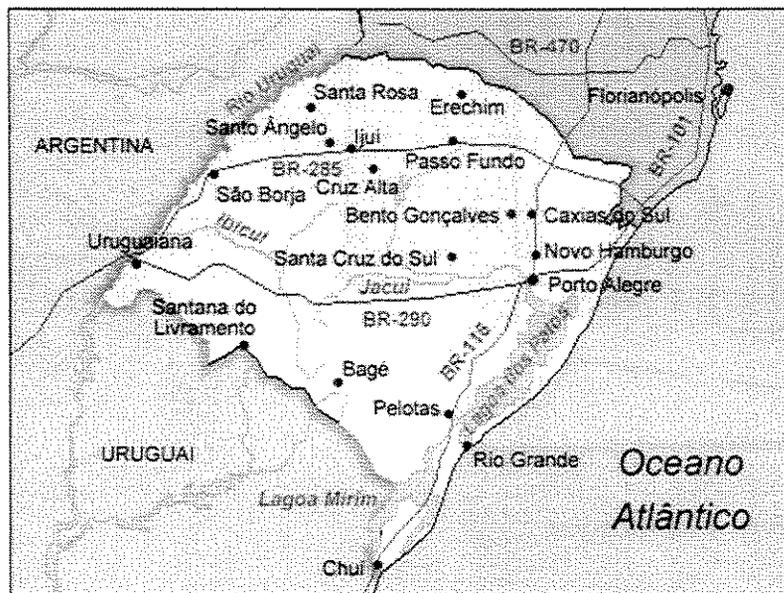
Neste mesmo ano retomou-se o crescimento da economia brasileira com recuperação de taxas mais altas para o crescimento industrial. O governo autoritário pós-1964 estimulou as exportações e garantiu a importação de insumos e bens de capital. Deste processo que se intensificou na década de 1970, o capital estrangeiro passou a marcar presença na formação de novos empreendimentos industriais e ser acionista de empresas já instaladas.

Em termos de Rio Grande do Sul, esse novo período pós-1964 tendeu a atrelar a economia gaúcha de uma forma mais intensa à economia brasileira. O Estado no começo da década de 1970 começou a implantar uma política de distritos industriais, tentando poupar recursos e concentrar as indústrias em determinadas áreas – uma política que estava interligada com o poder público federal, dependendo os projetos dos distritos industriais com uma conjugação de interesses locais e nacionais.

Até os dias de hoje, o grande desafio para a indústria gaúcha é uma maior consolidação do parque industrial, para diminuir a defasagem com o eixo Rio-SP. Para tanto, faz-se necessária a ampliação do mercado de trabalho, um planejamento específico para o setor e definir as metas da participação no conjunto da produção secundária do país. Estes fatores são o permanente desafio para o Estado.

2. EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE DO RIO GRANDE (RS)

A origem da povoação da cidade do Rio Grande²⁶ deu-se quando o Brigadeiro José da Silva Paes, em 1737, transpôs a Barra e desembarcou no extremo norte da península. Iniciou-se assim o povoamento da região com a formação do Presídio Jesus-Maria-José. A conformação do presídio fazia parte do processo de expansão lusitana em direção ao Prata devido ao interesse na manutenção da Colônia do Sacramento.



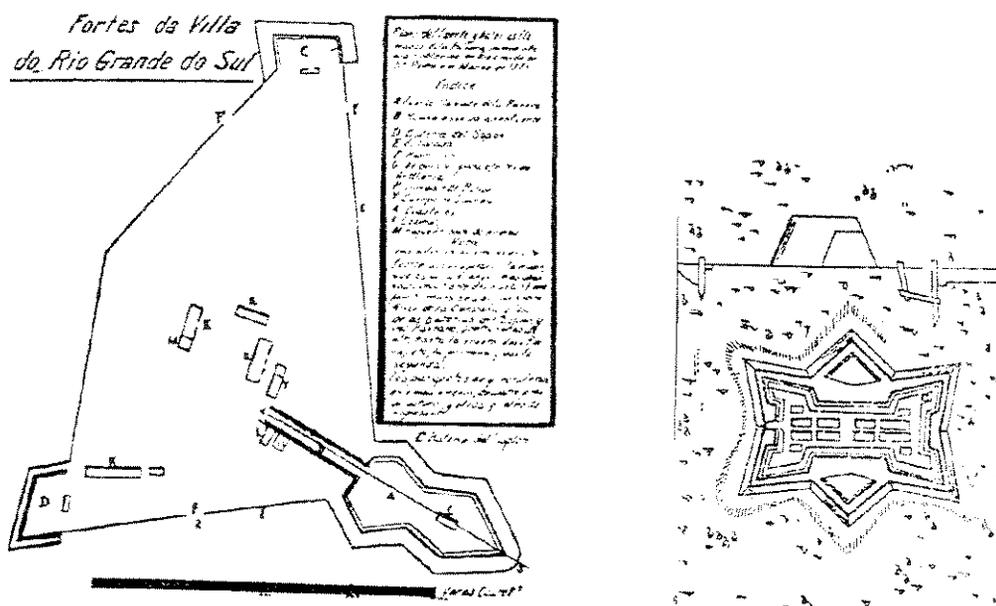
MAPA I: Mapa do Estado do Rio Grande do Sul - Brasil

²⁶ O município do Rio Grande está localizado na planície costeira atlântica do Rio Grande do Sul, junto ao ecossistema oceânico costeiro, lacustre e lagunar-estuariano, sendo esse formado pela Lagoa Mirim e zona estuariana da Lagoa dos Patos. O território do município compreende uma faixa de terras baixas, na restinga do Rio Grande a sudoeste da embocadura da Laguna dos Patos. Está situado ao sul do Trópico de Capricórnio, encontrando-se sujeito a condições climáticas temperadas brandas, com forte influência oceânica. Limita-se ao norte com o Município de Pelotas e Laguna dos Patos

Rio Grande surgiu para permitir uma melhor defesa da Colônia do Sacramento. A Vila foi o primeiro ponto de ocupação oficial portuguesa em território rio-grandense. Neste período o maior problema para o desenvolvimento era as dificuldades de acesso através da Barra.

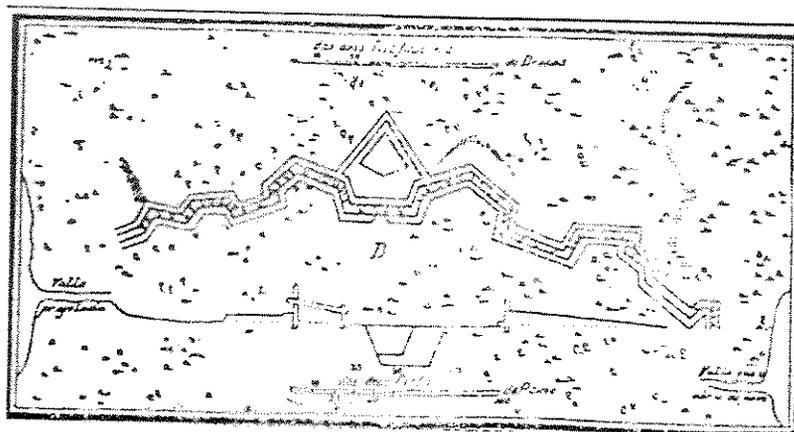
O Canal da Barra tinha muito pouca profundidade e isto atrapalhava a travessia de embarcações. Muitos estudos e medidas foram promovidos durante o Império e primórdios da República, mas o problema da desobstrução da Barra somente foi resolvido na segunda década do século XX. Houve a construção dos Molhes da Barra²⁷, uma grandiosa obra de engenharia de extrema importância econômica para o Estado.

O assentamento urbano da cidade no primeiro ano foi voltado ao sistema defensivo para a região. Além do Forte Jesus-Maria-José a cidade possuía um forte no Estreito, ou seja, na parte mais estreita da península. Esta fortificação se estendia da Lagoa dos Patos até o Saco da Mangueira e ficava a 3 km do Porto.



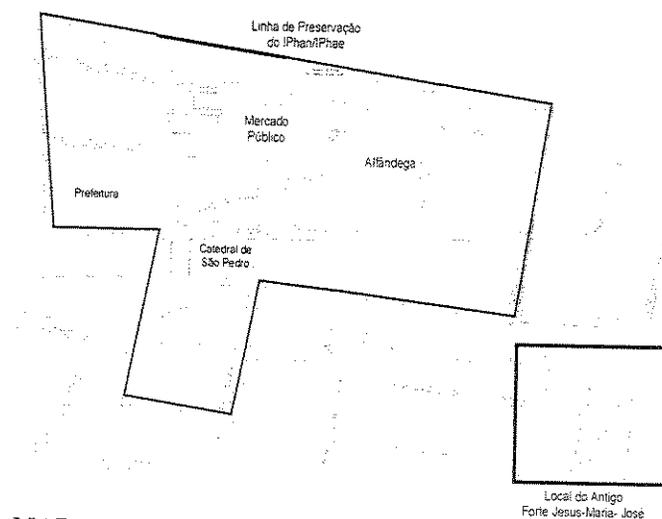
MAPA 2: Forte Jesus-Maria-José

²⁷ Molhes da Barra (quebra-mar) caracterizam-se uma estrutura marítima composta por barreiras de pedras que adentram no Oceano Atlântico, tendo como função manter constante a profundidade do canal de acesso ao porto da cidade do Rio Grande. Através deste canal embarcações de grande calado trafegam até o porto. Os molhes constituem-se por dois braços de pedras, a leste, no interior do Município de São José do Norte e o braço oeste no início da praia do Cassino.



MAPA 3: Forte do Estreito

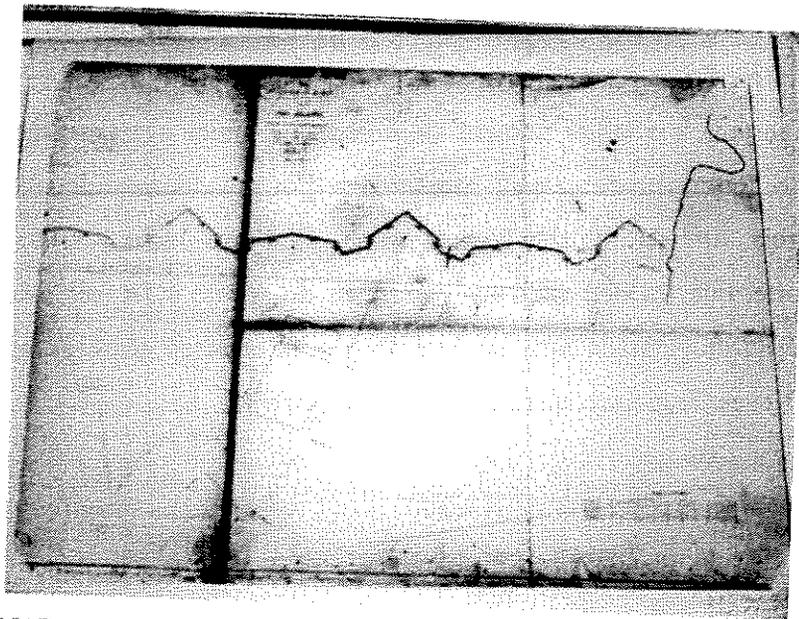
O Forte do Estreito foi concluído em 1738 e transferindo-se então a tropa e a administração da povoação. Entre 1738 e 1749, o Presídio de Rio Grande agrupou dois núcleos de população: o núcleo do Porto, civil e comercial e o do Estreito, militar. Neste a população localizava-se junto ao Forte onde situava-se a Comandância Militar. Ali se concentravam os edifícios mais importantes, o maior número de moradias e maior aglomeração populacional. A povoação do Porto era civil e comercial, constituía-se por poucas moradias de casas simples e uma pequena igreja, ambas implantadas em torno do Forte Jesus-Maria-José. A provável localização do Forte, que foi demolido em princípios do século XIX, situa-se no atual centro histórico na parte da atual praça Sete de Setembro e as quadras entre as ruas República do Líbano, Andrade Neves, Francisco Marques e General Bacellar.



MAPA 4: Localização dos fortes

A edificação de casas tanto na povoação do Porto como no Estreito enfrentavam dificuldades devido à obtenção de materiais adequados para a construção, bem como o assentamento das casas era dificultado pelos areais. A madeira utilizada nas construções era extraída da Ilha dos Marinheiros e as coberturas eram feitas com couro e posteriormente com palha. Por volta de 1747 a população se transfere para a Povoação do Porto devido ao avanço das areias.

Nesta época havia uma hierarquia social rígida onde o domínio era do alto comando militar, tendo ao seu lado os sacerdotes. Depois vinham os soldados, os civis, o povo e, na base, os escravos. O primeiro registro em forma de planta existente na Biblioteca Rio-grandense data de 1767, onde o assentamento urbano assume uma forma linear acompanhando a margem norte da península.



MAPA 5: Mapa sem data, Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003

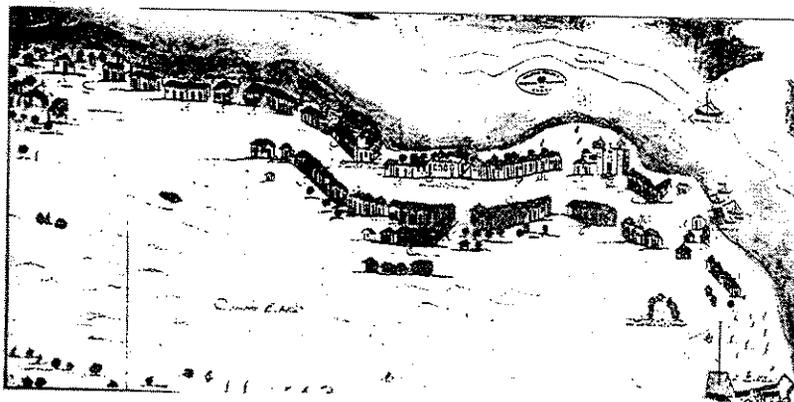
Rio Grande já havia sido elevado à condição de Vila, e o Tratado de Madri já estava assinado, quando um raio atingiu um paiol de pólvora explodindo próximo à igreja e destruindo-a. Gomes Freire de Andrade viera nesta época para delimitar as novas fronteiras da demarcação do Tratado de Madrid e promover melhorias na sede do governo do “Continente de São Pedro”. Frente a esses acontecimentos, Gomes Freire de Andrade e o padre Manoel Francisco da Silva

encaminharam a construção da igreja dedicada ao padroeiro. A data de início da construção da Catedral de São Pedro é de 25 de agosto de 1754, sendo concluída em 1755.

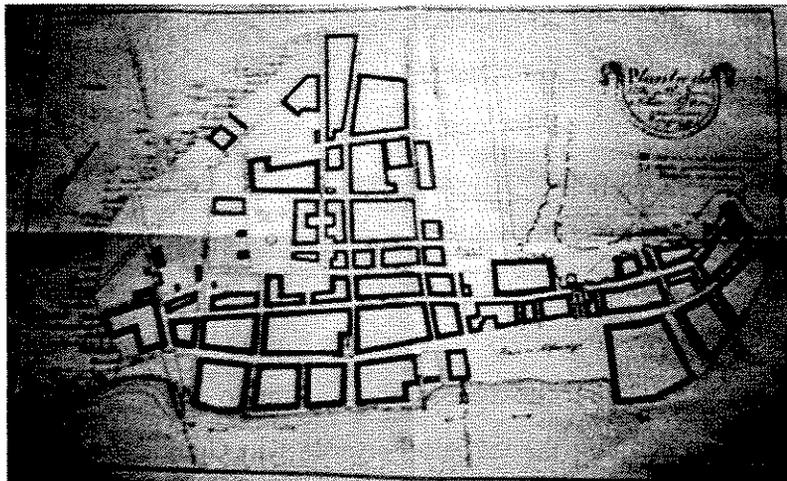
Entre 1763 e 1776 a Vila foi ocupada por espanhóis e o assentamento original foi modificado. Em abril de 1776, pela retomada da margem Sul do Canal e da Vila de São Pedro pelo Governo Português, graças à ação do Sargento-Mor Rafael Pinto Bandeira, os espanhóis deixaram a Vila. Até meados de 1780, a agricultura era a forma de subsistência, estando Rio Grande dependente de mercados externos. A partir desta época as atividades do Porto se intensificam com a perda da Colônia do Sacramento e ao início do ciclo do charque no Estado.

A produção do charque passava pelo Porto do Rio Grande, causando um crescimento urbano considerável. A drenagem do cais e a construção do Porto em 1823 permitiram a passagem de navios de maior porte, que até então somente atracavam no porto de São José do Norte.

No início do século XIX a Vila do Rio Grande possui uma característica mais comercial do que militar. Em 1829 foi elaborada a primeira planta que mostra o sítio urbano com maiores detalhes: o crescimento da cidade era prejudicado ao sul pelas dunas e ao leste pelos terrenos inundáveis.



MAPA 6: Planta Naval de 1776



MAPA 7: Mapa de 1829, (Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003)

A prosperidade trazida pelo desenvolvimento do comércio modifica a fisionomia da cidade. O conjunto arquitetônico formado por meados de 1830 é de sobrados e casas térreas. As fachadas possuem cunhais, aberturas de madeira com janelas de guilhotina, beiral com cimalha, cobertura de telhas de barro.



FIGURA 5: Rua Marechal Floriano Peixoto, década de 1920

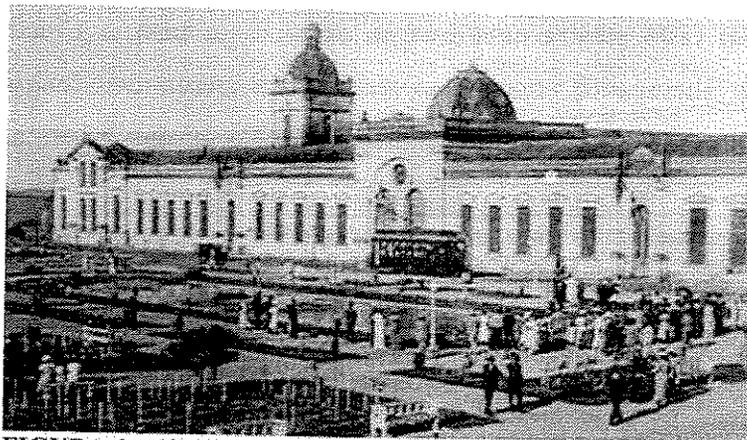
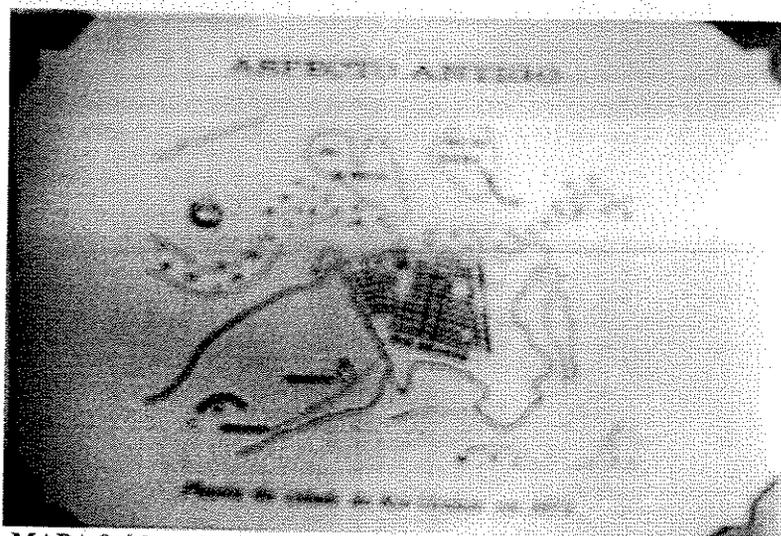


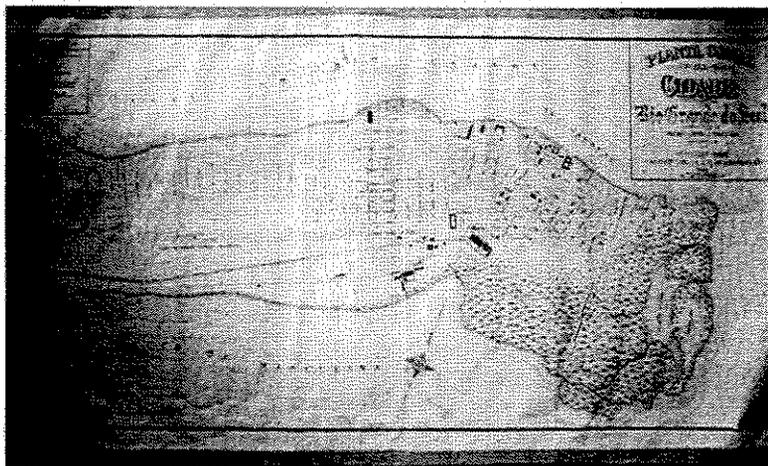
FIGURA 6: Alfândega, Praça Xavier Ferreira, década de 1920



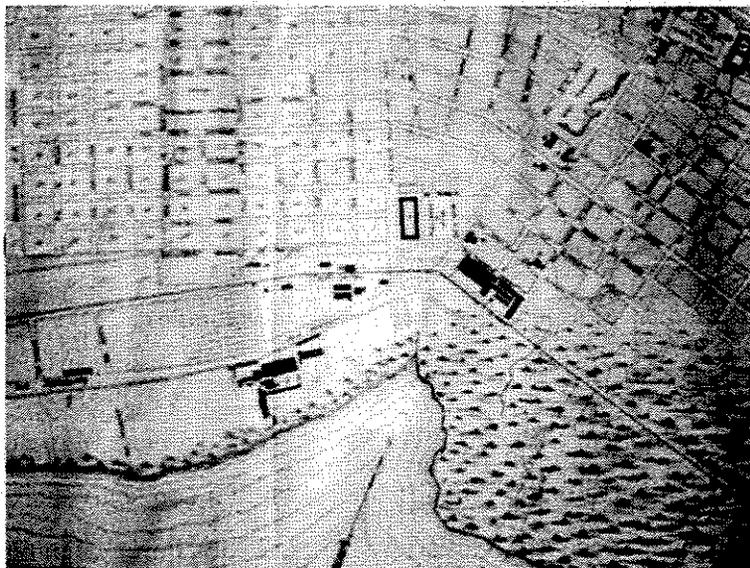
MAPA 8: Mapa de 1872, Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003

Em 1835, a Vila do Rio Grande de São Pedro, passou à denominação de Cidade do Rio Grande. Com a Revolução Farroupilha, Rio Grande retornou à condição de Capital da Província, devido à transferência da Sede do Governo Imperial de Porto Alegre, ameaçada pelos Farroupilhas, para o nosso Município. Em fins do século XIX iniciaram as obras de melhoramento da Barra com a construção do Porto Novo, resultando numa considerável área aterrada com o material recolhido com a dragagem do canal.

O mapa de 1904 mostra uma área de expansão urbana, a Cidade Nova, onde está localizada a Fábrica Rheingantz, podendo-se verificar um crescimento longitudinal ao longo da Lagoa dos Patos, a presença do Cemitério, da estrada dos Carreiros – principal acesso terrestre.



MAPA 9: Mapa de 1904 - Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003



MAPA 10: Mapa de 1904, Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003

Rio Grande é considerada uma das cidades mais industrializadas do Estado do Rio Grande do Sul. Desde as últimas décadas do século XIX em Rio Grande iniciam as atividades industriais. O momento histórico coincide com os investimentos feitos no Porto e na Barra. Em

1874 surge a primeira indústria com atividade fabril, com a fundação da Fábrica Rheingantz e Vater²⁸, a Fábrica de Charutos Pooock²⁹, A Companhia Fiação e Tecelagem Rio Grande³⁰.

O desenvolvimento da indústria gaúcha neste período está voltado para atender a expansão do mercado interno. Foi durante a República Velha que surgiram as indústrias na cidade do Rio Grande. Estas caracterizavam-se por apresentar grandes estabelecimentos, com investimentos de capital acima da média e pouca diversificação de ramos, sendo os que mais se destacavam no Município o da tecelagem, charutos, conservas alimentícias, somando em 1913 cerca de 18 indústrias.

Dentre as fábricas de produtos alimentícios do período da República Velha em Rio Grande, as que mais se destacam é S.A. Moinhos Rio-Grandenses³¹, a Fábricas de Biscoitos e Conservas Leal, Santos e Cia.³², Fábrica de Conservas de Cunha Amaral & Cia. Ltda.³³, Pontes Ayres & Cia.³⁴.

Em 1917, iniciam as instalações do Frigorífico Swift do Brasil S/A³⁵, com importante papel na vida econômica da cidade até fins de 1950. O frigorífico influenciou numa corrente migratória para a cidade contribuindo para o crescimento da antiga Vila dos Cedros³⁶, atual bairro

²⁸ Denominação que foi alterada em 1884 para Rheingantz & Cia. e em 1890 foi convertida em uma sociedade anônima com o título de Companhia União Fabril.

²⁹ Companhia de Charutos Pooock, primeira fábrica de charutos havaneses e nacionais no gênero fundada no país. Instalada na cidade do Rio Grande em 1891 pelo Comendador Gustavo Pooock. Sua localização era próxima à Fábrica Rheingantz e possuía uma vila operária nos fundos da fábrica. A maioria dos funcionários era constituída por mulheres.

³⁰ A Companhia Fiação e Tecelagem Rio Grande, fábrica especializada em tecidos de algodão, foi fundada em 1894 começando suas atividades em 13 de abril de 1896. Seu fundador foi Giovanni Hessemberger passando em seguida para a firma Santo Becchi & Cia., de Genova. Em 1921, a empresa foi transformada em Sociedade Anônima sob a denominação de Companhia de Tecelagem Ítalo-Brasileira, sendo seu incorporador o Sr. Paulo Ângelo Pernigotti. Os principais produtos eram: brins, cassinetas, atalhados, panos para colchões, tecidos fantasia e artefatos. A fábrica possuía uma área de 10.000m² e ocupava um quarteirão, uma Vila Operária ao seu redor e atualmente no local situa-se um supermercado e um conjunto habitacional de classe média.

³¹ Fundada em Rio Grande em 1894, pelo Sr. Albino Cunha, tinha por principal atividade a moagem de trigo onde chegou a uma capacidade de produção de 45 t/diárias para três tipos de farinhas.

³² Instalada em meados de 1889 na atual rua Coronel Sampaio, próximo da Rua Riachuelo, obtendo uma privilegiada localização próxima ao Porto. Os sócios iniciais do empreendimento foram: Francisco Marques Leal Pancada, Moisés Marcondes, José Antônio Juca Santos e Antônio Marques Leal Pancada. Fabricava produtos como conservas em geral, biscoitos, frutas cristalizadas, pregos e artigos de lataria. Vendia para todo o país e tinha uma filial em Pelotas. Quanto a equipamentos comunitários para seus operários, contava com uma assistência médica e creche.

³³ Fundada em 1876, produzia conservas de frutas, legumes, doces, peixes e camarões.

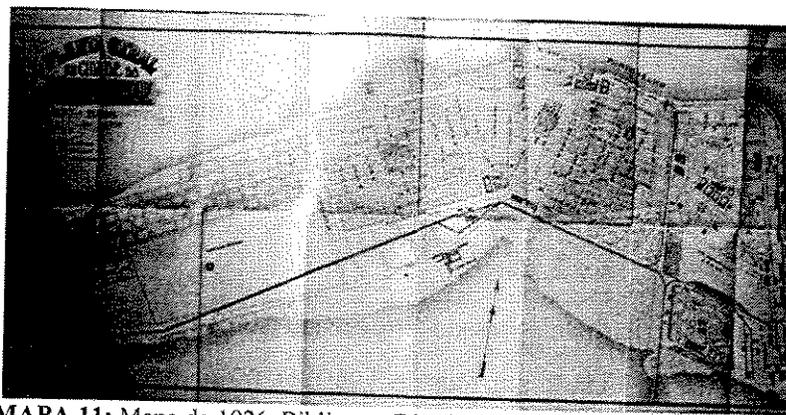
³⁴ Fundada em 1º de setembro de 1938 e sua principal atividade era a industrialização do pescado, frutas, legumes e crustáceos.

³⁵ A fábrica Swift movimentou a vida sócio-econômica da cidade e produzia enlatados de carnes e outros subprodutos de bovinos, suínos, aves e etc.

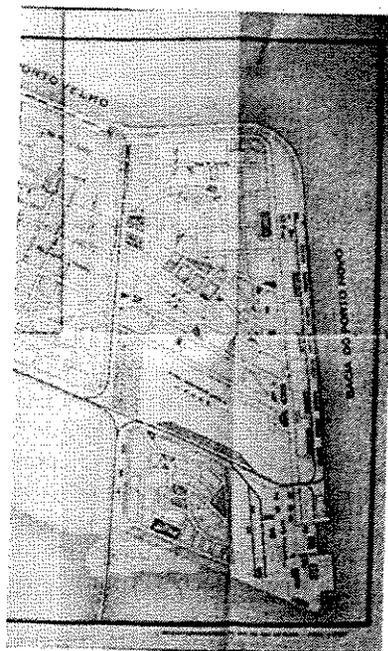
³⁶ A Vila dos Cedros situa-se a leste do mapa de 1926, e está próxima ao Porto Novo.

Getúlio Vargas. Apesar do porto marítimo, que favorecia as importações e exportações, Rio Grande teve de adaptar sua produção industrial ao mercado nacional.

No mapa de 1926, observamos uma intensa ocupação junto ao Porto Novo (a leste) e de alguns vazios junto às indústrias instaladas: há diferença de concentração de população bastante grande para o mapa de 1904.



MAPA 11: Mapa de 1926, Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003



MAPA 12: Mapa de 1926, Biblioteca Rio-Grandense, maio de 2003

A partir de 1920, a indústria rio-grandina começou a diversificar os ramos com o crescimento da indústria do pescado, conservas, bolachas, bebidas e outras, e em 1937 foi fundada a indústria de Petróleo Ipiranga S.A.³⁷. Em 1940, com a industrialização sendo a principal atividade econômica do município do Rio Grande, o número de trabalhadores era de cerca de 6200, um número bastante elevado e superior ao da agropecuária. Nos anos de 1950 e 1960 ocorreram fases de grande crescimento e outras de estagnação, que podem ter sido as responsáveis pelo fechamento de indústrias têxteis – como foi o caso da Rheingantz, Fábrica Nova e da Hering. O crescimento horizontal da cidade acompanha estas fases e se estagna depois do fechamento dessas fábricas.

A indústria de pescados³⁸ obteve uma fase enérgica, mas devido à falta de visão das condições ecológicas e do manejo incorreto dos recursos renováveis esta entrou em crise. A década de 1970 é um período próspero para o município com a construção do Distrito Industrial do Rio Grande: a área portuária transformou-se em terminal marítimo servindo como corredor de exportação para toda produção gaúcha. As obras foram iniciadas com a construção da infraestrutura viária e instalação do primeiro terminal graneleiro.

Os investimentos públicos e federais não se limitaram ao Distrito Industrial, mas também incentivaram uma reestruturação do super porto e de melhorias ao canal de acesso à Barra do Rio Grande.

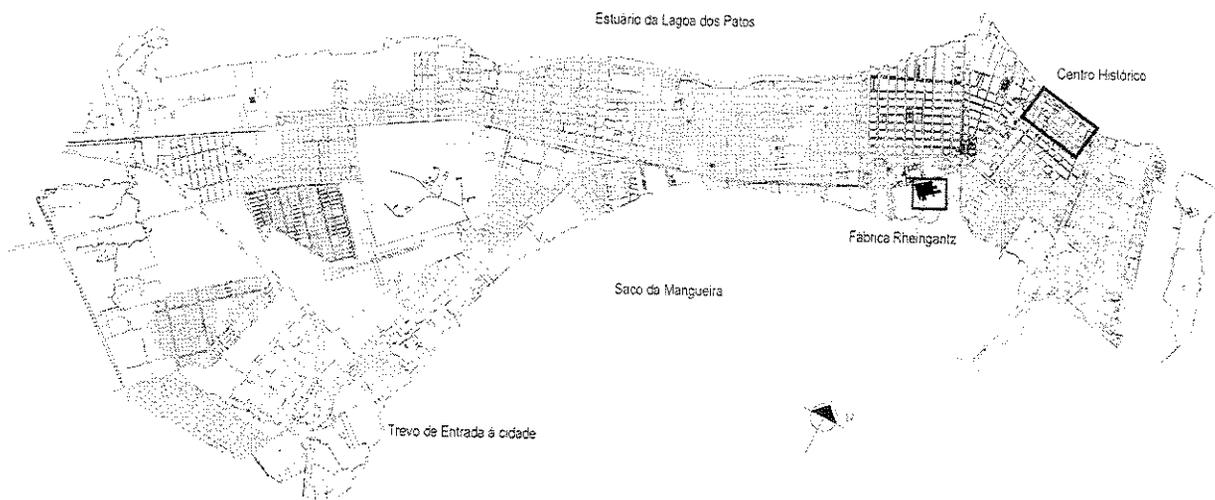
No Distrito Industrial foram sendo implantadas indústrias de fertilizantes, óleo vegetal, central de gaseificação e terminal de petróleo. Esta nova área foi eleita devido às facilidades de escoamento de matéria-prima, recebimento e produção de produtos industrializados.

Nos anos de 1970, ocorre a fundação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Na mesma época, junto à rodovia Rio Grande/Pelotas, é implantado um grande loteamento de alto padrão. Na década de 1980, tem-se planejamentos de mais loteamentos, com características

³⁷ Com sua fundação, a cidade passou a ter umas das mais importantes indústrias brasileiras. A refinaria produz gasolina, querosene, *trator diesel oil*, *spraying-oil*, água-raz, etc... As suas instalações chegam a 60.000m² e compõem-se de laboratórios, áreas de armazenagem, fábrica de latas, caixas e escritórios. A matéria-prima é importada do Equador.

³⁸ Uma das grandes indústrias do Município. As águas salgadas se juntam com as do canal do Rio Grande com grandes cardumes de peixes como tainha, corvina, bagre e a pescadinha de alto-mar. A pesca também é feita em alto-mar e o peixe fresco é salgado e manufaturado, sendo vendido a outros estados e também exportado.

populares. A densidade destes loteamentos acumula-se principalmente nas áreas próximas às rodovias Rio Grande/Pelotas e Rio Grande/Cassino³⁹.



MAPA 13: Mapa da Cidade dos anos 80

A partir de 1980, o limite urbano é ultrapassado e em janeiro de 1987 – com a aprovação do plano diretor de desenvolvimento integrado – a área urbana legal reconhece a área urbana até o Cassino, abrangendo o Distrito Industrial e Super Porto, ampliando-se assim consideravelmente a área de jurisdição urbana.

³⁹ O balneário foi projetado e fundado em fins do século XIX resultante de uma realidade econômica deste período. Rio Grande contava com uma elite industrial e comercial fortemente capitalizada. Outro aspecto importante foi a construção do trecho ferroviário da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a Estrada de Ferro Rio Grande-Bagé, inaugurada em 1884. Um grupo de industriais e comerciantes do Rio Grande, liderados neste momento pelo empresário Antonio Cândido Sequeira, mas seguido por homens de porte financeiro como o comerciante Antonio Manoel de Lemos Junior e o industrial Carlos Guilherme Rheingantz, projetaram o futuro balneário. O apoio do poder público deu-se através das concessões das marinhas e das desapropriações, medida garantidora do investimento, comprovado pela Lei Provincial 1551 de 17 de dezembro de 1885. O balneário do Cassino foi inaugurado oficialmente com a abertura definitiva do tráfego ferroviário em 20 de janeiro de 1890 e entregue ao público em 26 de janeiro deste mesmo ano. A administração do balneário foi marcada por várias sucessões desde a sua inauguração em 1890. Em 1892, a CIA. Carris e Estrada de Ferro à Costa do Mar sucedeu a Cia. Estrada de Ferro à Costa do Mar. Em 1895, a Cia. Rio-Grandense tornou-se proprietária do balneário, durante cinco anos. Em 1900, a Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway adquiriu o ramal ferroviário deixando o restante do patrimônio de posse da Cia. Rio-Grandense. Em 1909 as propriedades foram leiloadas e vendidas para o Coronel Augusto Leivas Otero, administrando o balneário até 1926, quando veio a falecer, ficando como herdeira universal Maria José Leivas Otero. Vários fatos e evidências nos mostram a influência européia no Cassino: a maioria das construções começou a partir de 1895 e caracterizava-se por chalés isolados num lote de quadra inteira.

A evolução urbana da cidade do Rio Grande está condicionada a fatores físicos e sócio-econômicos. Os fatores físicos são a configuração estreita de península e a cidade ser litorânea. Os sócio-econômicos estão divididos em momentos distintos. Conforme Maria Luisa Queiroz⁴⁰, o desenvolvimento de Rio Grande pode ser delineado em três períodos distintos:

O primeiro tem início com a fundação do presídio, em 1737, passa pela depressão do período de dominação espanhola (1763-1776), estendendo-se até a recuperação econômica e demográfica da década de 1780, e é marcado pelos fatos políticos e militares ligados ao processo de definição de fronteiras do Brasil no contexto geopolítico platino, que entravaram o crescimento da povoação. No segundo período, de 1790 a 1819, a histórica função militar recua para segundo plano, e a Vila do Rio Grande assume a posição de principal centro de comércio legal e ilegal do sul do país, dando início a um rápido processo de urbanização. No terceiro período de 1820 a 1849, a atuação direta da elite comercial coloca o Rio Grande entre as mais importantes cidades da América do Sul.

Além destes períodos citados anteriormente teríamos uma etapa de modernização industrial (anos 1920-1950), uma de estagnação (1950-1970) e do Super Porto e Distrito Industrial, depois da década de 1970. A expansão urbana da cidade do Rio Grande sempre se caracterizou por sua linearidade, onde o porto marca um ponto de encontro entre os dois sistemas de transporte (ferrovia-porto). As áreas fora do eixo porto-ferrovia-indústrias caracterizaram-se por áreas de pouca densidade urbana. O atual centro histórico⁴¹, compreendido pelos usos de comércio, serviços e serviços público-administrativos da cidade, localiza-se na parte norte da península, local onde se situa o Porto Velho e o antigo Forte Jesus-Maria-José, a partir do qual começou a se desenvolver a aglomeração e seu centro.

A nova expansão de ocupação residencial está sendo assentada em um único feixe viário de acesso que compreende a sudoeste a antiga estrada dos Carreiros⁴² e mais ao sul, ao longo da rodovia Rio Grande/Cassino⁴³ até o Trevo. Do trevo de acesso até o Balneário Cassino temos vários loteamentos interligados conformados por propriedades rurais, conjuntos de casas de classe média e baixa.

⁴⁰ Alves, F.N. ; Torres, L.H. (org.) *Temas de História do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: EDIFURG, 1994. p. 21

⁴¹ O Centro Histórico possuía um caráter comercial, portuário e residencial; atualmente possui um caráter comercial e institucional e de serviços. A área portuária do Porto Velho está desativada em detrimento ao Porto Novo, Super Porto e ao Tecon. O Centro possui 3 prédios tombados pelo IPHAN - Catedral de São Pedro, Capela de São Francisco e Alfândega, e 4 pelo IPHAE - Hotel Paris, Sobrado dos Azulejos, Prefeitura e antigo Quartel General.

⁴² Com residências de baixa renda e casas térreas simples.

⁴³ Assentamentos de conjuntos habitacionais de classe média baixa e um loteamento de alto padrão e mais um de baixa renda na saída para Pelotas.

A ocupação, apesar dos diversos períodos, manteve-se linear com o sistema regional de transportes atualmente moldando o espaço urbano da cidade; após a acelerada expansão urbana causada pelas indústrias, que garantiram à cidade um componente vital da infra-estrutura urbana, a cidade estagnou economicamente causando uma diminuição na expansão urbana.

3. HISTÓRICO DA FÁBRICA RHEINGANTZ

3.1 FONTES PRIMÁRIAS

Na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, o comerciante Carlos Guilherme Rheingantz fundou a primeira fábrica de tecidos do Estado. A fundação de fábricas por imigrantes de primeira ou segunda geração fora uma constante que permitiu a proliferação de empresas de diversos ramos. Nos dados de Pesavento (1985) em “A história da indústria sul-riograndense”⁴⁴ podemos notar isto claramente:

Veja-se o caso de Pelotas: em 1864, Friedrich Lang, possuindo experiência técnica no ramo, fundou uma empresa para fabricar velas e sabões; em 1880, Carlos Ritter, comerciante, estabeleceu-se com uma cervejaria. Em Rio Grande, o comerciante Carlos Guilherme Rheingantz fundou, em 1873, a primeira fábrica de tecidos do Rio Grande do Sul; em 1891, Gustavo Poock, filho de um fabricante de charutos da Alemanha, fundou uma fábrica deste tipo, e, no mesmo ano, o comerciante Albino Cunha formou a Moinhos Rio-Grandenses para fabricação de farinha de trigo.

Em relação à mão-de-obra, as empresas da região muitas vezes mandavam vir da Europa técnicos especializados que recebiam, além do trabalho, moradia e todos os recursos disponíveis para sua instalação. Diante destas condições de falta de pessoal especializado, as empresas do eixo Pelotas-Rio Grande dispunham de um mercado de trabalho menos amplo do que o da região do complexo colonial.

A arrancada industrial do Rio Grande do Sul foi contemporânea a de São Paulo, porém São Paulo partia de uma base de ponta na economia brasileira da época – o café, principal produto de exportação – enquanto o Rio Grande do Sul vincula-se ao fornecimento do mercado

⁴⁴ Pesavento, S.J. *História da indústria sul-riograndense*. Guaíba (RS). RIOCELL, 1985. p. 37

interno. Desta forma, o ponto de partida do mercado do Rio Grande do Sul era de uma acumulação relativamente menor que a de São Paulo, mesmo que na época o mercado interno estivesse em ascensão.

Em novembro de 1873 Carlos Guilherme Rheingantz funda com seu sogro, o Comendador Miguel Tito de Sá, e Hermann Vater, de nacionalidade alemã, a Fábrica Nacional de Tecidos e Panos de Rheingantz & Vater, a primeira do Rio Grande do Sul. A fábrica inicia suas atividades em 1874 em pequena escala e contava com um capital de 90 contos de réis. A localização inicial da fábrica era em frente à cadeia, no quarteirão formado pelas ruas Conde de Porto Alegre, Almirante Barroso, General Câmara e Coronel Sampaio⁴⁵.

FABRICA NACIONAL

DE

TECIDOS DE LÃ

Temos a honra de participar ao respeitavel commercio que
a nossa

FABRICA DE FIAÇÃO E TECELAGEM DE LÃ

Em breve começará a funcionar o edificio, ja se acha em construção e em breve
esperamos um machismo extenso e do systema mais aperfeicoado, como tambem
habeis operarios, de maneira que para o inverno proximo futuro ja poderamos
apresentar no mercado os nossos productos. Estes consistirão por enquanto em
baetas, cobertoras, flanelas e tecidos semelhantes;—mais tarde conforma adquirirem
mais experiencia os trabalhadores, que aqui temos de instruir, encetaremos a fabri-
cação de paones de differas es qualidades e de outros lãnicios, esperamos que a
nossa empresa que por ser a primeira d'esta ordem, teve e ainda terá de lutar con-
tra muitas difficuldades, principalmente por ter de reunir em si todos os processos
da manufactura de lãnicios—desde a lavagem da lã até a tinturaria do tecido
prompto—, encontrará a protecção do commercio em geral e especialmente dos Srs.
compradores de lãncios.

Rio Grande do Sul, 1.º de Janeiro de 1874.

Rheingantz & Vater.

FIGURA 7: Echo do Sul – 1 de março de 1874⁴⁶

⁴⁵ Guigou-Norro, J.A. *A Vila Operária na República Velha: o caso Rheingantz*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. p. 69 (Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura, Orientador: Günther Weimer).

⁴⁶ Xerox, Biblioteca Rio-Grandense

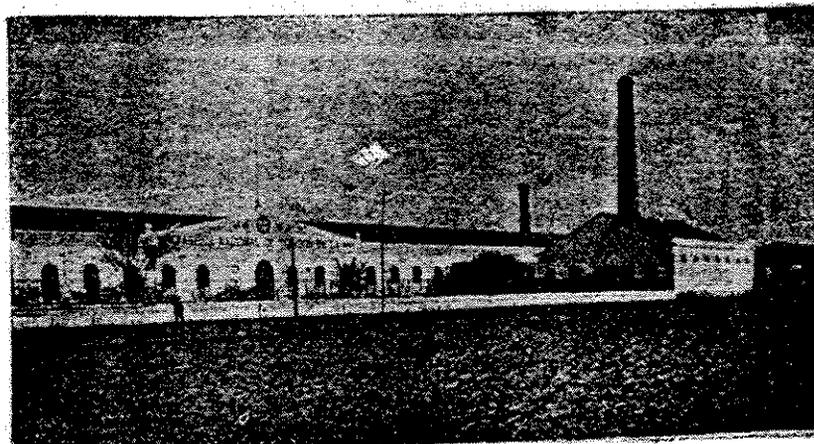


FIGURA 8: Foto retirada de uma propaganda da Companhia União Fabril do Guia Bemporat, da qual pode tratar-se da primeira fábrica localizada na Rua Almirante Barroso

Carlos Guilherme Rheingantz era natural de Pelotas (RS), filho de Jacob Rheingantz natural da Renânia (Alemanha) e de Maria Carolina Von Fella, nascida numa fragata dinamarquesa ao entrar na Barra do Rio Grande. Jacob Rheingantz é empregado da firma Ziegenbein, que se preparava para explorar o transporte marítimo entre Pelotas e Rio Grande.

Sendo assim, foi designado a vir para Pelotas como agente da firma nessa cidade e sonha com a idéia de colonizar a região, até então chamada "Serra de Tapes" – e consegue após vários anos de trabalho e de lutas. É o responsável pela fundação de São Lourenço, que é um importante e próspero município do Estado do Rio Grande do Sul.

Carlos Guilherme Rheingantz fora mandado estudar na Europa, como era costume com quase todos os filhos de grandes comerciantes e industriais, trazendo de lá experiência tecnológica e organizacional para seus negócios. Ao retornar para o Brasil, após percorrer vários países da Europa e terminar sua formação intelectual e cultural, dedica-se ao comércio em Pelotas. Em 1º de março de 1873, casa-se com Maria Francisca de Sá.

A sociedade com seu sogro Miguel Tito de Sá não obteve muita duração, e logo em seguida Carlos Guilherme Rheingantz assumiu o ativo e o passivo da fábrica, sendo que a mesma passou a denominar-se Fábrica Nacional de Tecidos de Lã de Rheingantz & Cia., nas mesmas instalações.

Em 31 de agosto de 1881, Carlos G. Rheingantz adquire em Pelotas a Fábrica de Chapéus Pelotense que sob nova administração desenvolve-se rapidamente. A 27 de outubro de

1883, recebe a Comenda da Ordem Rosa, por decreto Imperial devido ao seu trabalho pioneiro que promoveu o surgimento e a implantação da indústria da lã no Brasil.⁴⁷

No Catálogo da Exposição de 1901 de Porto Alegre, obtém-se a informação de que a fábrica sofreu ampliações em 1876, e posteriormente de 1882 até 1899 teria tido outros sucessivos aumentos de capital e material. E em 1891 foi transformada em sociedade anônima quando sua firma toma o nome de União Fabril e Pastoral contando com um capital de 3500 contos de réis. A razão social sofreu modificação novamente em 8 de julho de 1895 para Companhia União Fabril.

Uma série de fatores converge para a concretização desta iniciativa, dentre eles a posição geográfica do município e o porto marítimo além, é claro, da imigração – como podemos verificar no Boletim Gaúcho de Geografia, de Copstein (1975), em "O trabalho estrangeiro no município do Rio Grande"⁴⁸:

O êxito dos empreendimentos das colônias urbanas é resultante da situação geográfica da cidade do Rio Grande. Os alemães formaram uma das mais importantes colônias no Rio Grande. Atividades de Alemães residentes em Rio Grande - 1874: atividade de comerciante de exportação/importação. Número de estabelecimentos: 18. No campo fabril, Rio Grande, até 1870 contava apenas com estabelecimentos artesanais. Sua importância era principalmente comercial. Coube à iniciativa de origem alemã alterar a base econômica citadina pela criação de indústrias que podem ser classificadas como modernas. Em 1873, sediava a primeira fábrica brasileira de fiação e tecelagem de lã. Foram Guilherme Rheingantz e Herman Vater, alemão, os criadores do que posteriormente se chamou União Fabril. O empreendimento ampliou-se para incluir uma tecelagem de algodão, englobar uma fábrica de chapéus. Em 1887 - trabalhavam 300 operários; destes, 180 brasileiros, 45 portugueses, 30 italianos, 18 alemães, oito norte-americanos e 8 de diversas procedências.

3.2 VIABILIDADE

As obras de dragagem do Porto do Rio Grande foram concluídas em 1866, e com isso são aterrados os terrenos pantanosos do leste da cidade, criando assim uma nova área de expansão urbana denominada "Cidade Nova". Em 1878 foram demarcados os alinhamentos e o arruamento da antiga Estrada da Mangueira, ex-Avenida Rheingantz e atual Avenida Presidente Vargas.

⁴⁷ Companhia União Fabril. *América Magazine*. Ed. Especial. São Paulo: Varta, 1959. p 3

⁴⁸ Copstein, R. O trabalho estrangeiro no município do Rio Grande. Série Geografia – nº 4, 1975. Boletim Gaúcho de Geografia / Associação dos Geógrafos Brasileiros – Núcleo de Porto Alegre.

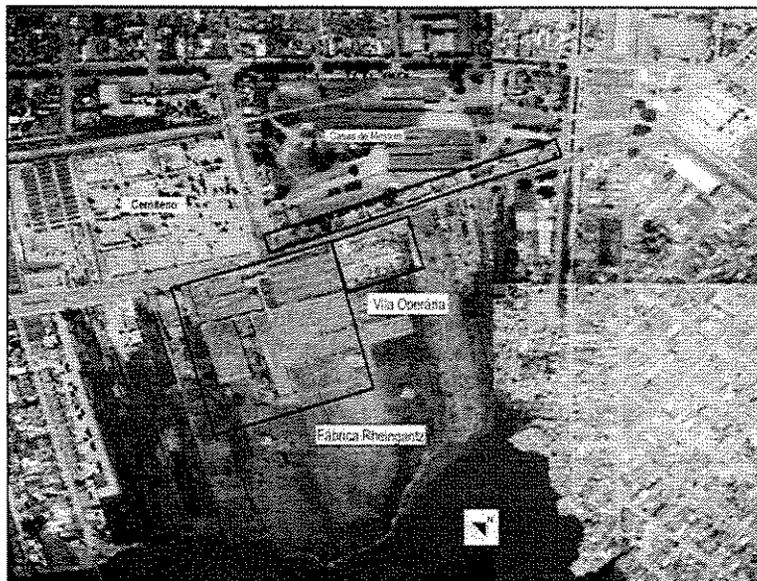


FIGURA 9: Aerofotogramétrico da cidade do Rio Grande.

No ano de 1883 foi designada uma comissão técnica para que fosse realizado um estudo de desobstrução da barra do Rio Grande, e conseqüente aumento do calado, construindo-se assim o Porto Novo. O conjunto de todas essas obras de infra-estrutura e saneamento contribuiu de certa forma para a implantação da nova fábrica de tecidos de lã. Em 1884 foi inaugurado o trecho ferroviário Rio Grande-Pelotas-Bagé, ligando as três cidades mais importantes da zona sul do Estado pelo meio de transporte mais eficiente e econômico da época.

A empresa era pioneira na produção de tecidos e panos de lã. Os empregados cumpriam um horário regular de dez horas e meia por dia e, conforme necessário, aumentavam a jornada de trabalho. A nota que saiu no Jornal Echo do Sul, de sete de março de 1885, explicita a importância deste pioneirismo na produção industrial como também o atendimento aos funcionários com assistência social, casas para trabalhadores, escola, biblioteca, assistência médica, cooperativa de consumo, banda de música e esportes estimulados pela direção da fábrica, como podemos observar nesta transcrição:

Fabrica de Tecidos. Antes porem de tratarmos do novo edificio, trataremos da fabrica situada nas proximidades da cadêa e há annos funcionando activa e regularmente. A fabrica nacional de tecidos de lã é actualmente propriedade da Sociedade Commanditaria Rheingantz e C., do capital de 600:000\$000, todo subscripto, e da qual é sócio gerente o laborioso rio-grandense o Sr. Commendador Carlos Guilherme Rheingantz. Queremos dizer que tendo sido a primeira que se estabeleceu no Império, a sua fundação significa a fundação da industria de lanificios no Brazil. Alem da sua importância como estabelecimento industrial, na especialidade a que se dedica, tem a de animar a de criação de ovelhas, industria que está destinada a um grande futuro, se, a exemplo do Rio da Prata, os nossos proprietários ruraes quizerem romper com a rotina e melhor curar dos seus interesses, juntando à criação do gado vaccum a de ovelhas. Na exposição Brasileira-Alemã em Porto Alegre recebeu oito medalhas. A fabrica actual que é a de que tratamos, occupa presentemente 150 pessoas, não incluindo as costureiras que trabalham fora e as orphãs do Asylo, a quem a fábrica encarrega de torcer as franjas dos chalés. Pode-se então calcular o seu pessoal em 200 operários, todos nacionaes, à exceção apenas de cinco contra-mestres. Trabalha-se diariamente 10 horas, e, quando é necessário, mais algumas, porém com correspondente aumento de salário.

3.3 AUXÍLIO AOS FUNCIONÁRIOS

O auxílio educacional dado aos filhos dos funcionários no começo era periódico, e com o passar do tempo foi adquirindo proporções cada vez maiores até a construção de uma escola com um calendário escolar regular, como podemos constatar nesta citação de Guigou-Norro (1994), o aumento do número de alunos de um ano para outro:

Nesta época, a empresa contava com uma atividade de ensino que era denominada de "aula" e funcionava aos domingos para dar instrução a 25 meninos que trabalhavam no estabelecimento, premiando aqueles que mais se destacassem e atingissem resultados satisfatórios. Já em 1884, o número destes alunos elevava-se a 31. Um ano depois este número era de 40 alunos divididos em duas turmas que revezavam as atividades de serviço da fábrica com as atividades escolares.

3.4 AMPLIAÇÕES

A iniciativa da construção de uma nova fábrica de Tecidos de Lã é compreendida pelo período dos anos de 1883 a 1885, na qual seria trasladada a fábrica de tecidos de lã, e o antigo prédio seria reciclado para a produção de tecidos de algodão. Os motivos pelos quais esta iniciativa fora concretizada são: mercado consumidor que justificava a expansão da empresa e a execução de obras e serviços de infra-estrutura urbana. De acordo com Copstein (1975), tanto a

Fábrica de Charutos Poock e a nova Fábrica de Tecidos de Lã da Rheingantz foram as responsáveis pela expansão da Cidade Nova, como notamos nesta citação:

(...) Independente da importância intrínseca, as grandes fábricas referidas tiveram papel saliente na vida urbana. Elas explicam a expansão da cidade em direção à chamada “Cidade Nova”. A fábrica de tecidos modelou inclusive a Rua Rheingantz que reproduz exemplo de influência germânica na arquitetura citadina. A indústria têxtil conjugou a situação geográfica com tarifas aduaneiras vantajosas.

Os Relatórios anuais da empresa são um instrumento importante para, assim, poder-se reconstruir a trajetória da fábrica e ao seu crescimento tanto de capital como patrimonial. No Relatório do ano social de 1884 (1/09/1883 a 31/08/1884)⁴⁹, a empresa já tinha a denominação de Sociedade Comanditária em Ações Rheingantz & Cia., e no mesmo vem uma descrição da compra na Inglaterra da cobertura e estrutura de ferro da nova fábrica, o motor, a transmissão e caldeira e os demais maquinismos necessários e o maquinário para a fábrica de tecidos de algodões.

Além disso, o referido Relatório comunica que as obras evoluíram normalmente e que estavam a cargo do mestre Antônio dos Santos Lisboa, servindo como fiscal o Sr. Augusto Landgraf (22/08/1840 - 20/12/1906) autor do projeto da portada da Alfândega do Rio Grande. A conveniência de edificar casas para operários nos arredores da fábrica vem citada textualmente neste mesmo Relatório, que diz:

Julgo de bom conselho, irmos refletindo sobre a construção de maior número de casas, desta vez – menores e mais simples – para acomodação de nossos operários de menor ordenado. Penso que deveríamos, oportunamente, empregar mais Rs. 10:000\$000 em semelhante obra, da qual só há vantagens a esperar, não só como fonte de receita, como também pela conveniência de habitarem os operários nas circunvizinhanças da fábrica. (Oliveira, 1995)

⁴⁹ Retirado da transcrição feita por Carlos Alberto de Oliveira na Dissertação de Mestrado da Unesp.

Já no Relatório do ano subsequente⁵⁰, 1885, obtemos uma descrição maior dos prédios que foram construídos e que ocupavam uma área sem galpões de 4.555 m² e eram divididos em: oficina principal com 3.400 m², edifício do motor e caldeiras com 315 m², edifício para lavagem de lã com 135 m² e a tinturaria, que já existia com 705 m².

Em fevereiro de 1885 ficou pronta a construção do novo edifício e a inauguração foi honrada pela presença de S.S.A.A. Imperiais, como foi descrito no jornal local *Echo do Sul*, datado de sete de março de 1885:

O crescente desenvolvimento que tomou este estabelecimento aconselhou os Srs. Rheingantz e C. a mudarem sua fábrica de tecidos de lã para o grande terreno onde se acha a tinturaria e onde foi construído o vasto edifício, cujas obras foram inauguradas no dia primeiro corrente com a assistência de Suas Altezas Imperiais. É a prova de fogo. A cobertura é de ferro e vidro, com grande numero de ventiladores, e as portas e janelas todas de ferro. Ocupa o principal edifício uma área de 3300 metros quadrados, não incluindo a grande casa do novo motor, inaugurada no dia primeiro do corrente e a que se deu o nome de Grão Pará. Este motor é de força de 150 cavalos. O edifício tem 35 janelas de frente, outras tantas de fundo e 8 de lado. Logo que estiver concluída a mudança do maquinismo da antiga fábrica e aumentando com os novos aparelhos encomendados, será montada no antigo edifício uma fábrica de fiação e tecelagem de algodão. Os maquinismos são dos conhecidos fabricantes Platt e Brothers, de Oldham. Em junho próximo devem as duas fabricas funcionarem com regularidade, empregando cerca de 400 operarios.

A Fábrica de Algodões Rio-Grandense iria funcionar no outro edifício já existente e que servia antes para a fábrica de lãs, neste foram feitas obras de restauração e as novas máquinas de fiação e tecelagem de algodão foram compradas da fábrica de Platt Brothers & C., Limited, de Oldham. E neste mesmo ano o Relatório da Sociedade Commanditaria Rheingantz & C. informa que se realizou a construção de habitações para operários conforme a resolução votada pela assembléia do ano anterior, bem como a colocação de fogões e passadiços para as cozinhas e outro aumentos nas casas dos mestres.

As casas dos operários passariam a render lucros para a empresa, que cobrava aluguéis a preços módicos. No dia 3 de janeiro de 1886, a Câmara resolve dar o nome de Rua Rheingantz à antiga Estrada da Mangueira, que depois da construção dos bondes ficou conhecida como “Linha do Parque”. E nascia assim a Avenida Rheingantz, tendo de um lado as casas destinadas aos funcionários de maior graduação, mais bem equipadas e isoladas no lote em sua grande maioria, e, de outro, as mais modestas, para operários de menor ordenado.

⁵⁰ Relatório da Sociedade Commanditaria em Acções Rheingantz & C. apresentado à Assembléa Geral. Rio Grande, Typ. da Livraria Evangélica, 1885.

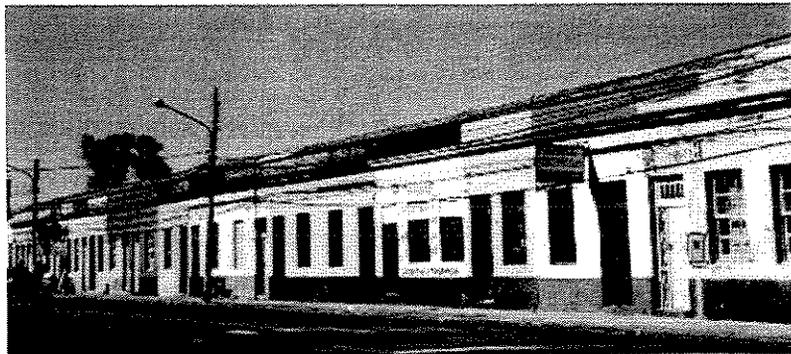


FIGURA 10: Imagem das casas construídas para os operários



FIGURA 11: Vista geral da avenida, com as casas de mestres e operários

A empresa deu continuidade ao longo dos anos e durante toda República Velha à sua política habitacional, constituindo assim uma Vila Operária com casas enfileiradas, casas isoladas para mestres, casas para técnicos, um Grupo Escolar, Jardim de Infância, Cassino dos Mestres, Ambulatório Médico e Armazém Cooperativo. Entretanto, no decorrer da década de 1920, em função das dificuldades da empresa, houve uma paralisação na construção e nos reparos das moradias.

Destaca-se também a fundação da sua terceira fábrica, em 1891, produtora de aniagens; e a compra de um terreno, em 1895, na cidade do Rio de Janeiro, para a instalação subsidiária da Fábrica de Tecidos de Algodão. Em 1904, o Comendador Rheingantz toma uma iniciativa

pioneira, instalando a primeira fiação penteada do país, o que possibilitou a fabricação de tecidos finos, casimiras, etc.

Podemos constatar isso no Relatório de 1891⁵¹, na qual a aula mantida pela empresa tem 83 alunos matriculados, 51 casas para operários e o armazém cooperativo da fábrica de lãs, prédios estes comprados ao London & Brazilian Bank juntos à fábrica de aniagens e grandes concertos em quatro casas na frente, seis quartos ao lado, quatro moradas ao fundo e um terreno de frente à Praça da Cadeia. O fornecimento de habitações alugadas para os operários perdurou até 1968, quando decretada a falência da empresa.

Um dos fatores que mais influenciou na decisão da escolha da implantação da nova fábrica na Linha Nova é o fato da proximidade da Estação Ferroviária Central de Rio Grande com a Companhia União Fabril. A facilidade com que o carvão seria entregue na fábrica, materiais de construção, matéria-prima e até o escoamento da produção da empresa favorecia esta opção não casual do novo lugar de implantação da empresa que era totalmente afastada do centro, e sendo necessária a construção de casas para os funcionários, pois o transporte era muito precário naquela época.

Através de uma entrevista com o Sr. Hilson Magalhães de Souza, ex-funcionário da C.U.F, percebemos a confirmação deste fator como decisão de projeto⁵²:

(...) E, quando entrei, em 1953, aqui, na fábrica, tudo que vinha pra fábrica vinha por trem. Não existia o caminhão, eles que entravam aqui, e carros pesados. Tudo era... a matéria-prima, tudo para construção, tudo o material, tudo vinha, tudo por trem. (...) os vagões permaneciam aqui, até que fosse descarregado aquela carga (...)

Após a construção das “Casas da Fábrica” a partir de 1884, as demais construções de semelhante tipologia foram edificadas entre 1903 e 1922, as quais foram intituladas “Vila Operária”. A localização deste novo conjunto de habitações dá-se pela Avenida Presidente Vargas (ex-Avenida Rheingantz), Rua América, Rua 1º de Maio e Rua Barlém (ex-Rua Brasil). A ampliação das moradias operárias deu-se na virada do século quando foram construídos os outros prédios, como o Cassino dos Mestres, O Grupo Escolar, o Jardim de Infância e seis casas para mestres e mais seis para operários.

⁵¹ Relatório da Sociedade Commanditaria em Acções Rheingantz & C. apresentado à Assembléa Geral. Rio Grande, Typ. da Livraria Evangélica, 1891

⁵² Guigou-Norro, J.A. Citação transcrita da entrevista gravada em Rio Grande/RS, 22/10/93, p. 81

Os investimentos nos arredores da fábrica em termos de habitação eram contínuos, como percebemos neste trecho⁵³:

Consta no Relatório de 1907, da Companhia União Fabril, a aquisição de 5 casas à rua 24 de Maio, fundos à rua Moron, as que foram destinadas para moradia de contramestres. Nos anos subseqüentes a compra de outras propriedades se sucede com uma particularidade, todas elas se localizam próximas aos estabelecimentos da empresa sobre a então rua Rheingantz: n°s 07, 09, 11, 13, 15, 17, 21 – em 1920; n° 51- em 1921; n°s 23, 27, 35, 37, 39 em 1927.

Além do pioneirismo existe mais uma curiosidade, que era o treinamento dos funcionários que participavam de uma espécie de corpo de bombeiros. A função de bombeiro era desempenhada pelos funcionários que moravam nas casas da fábrica (excetuando mestres e contramestres) que ao assinar o contrato de locação assinava também um termo de compromisso de dar assistência em caso de incêndio e participar dos treinamentos.

A busca por novas atualizações tecnológicas, principalmente na Europa, era uma constante na administração da empresa e do próprio Carlos Guilherme Rheingantz, como noticia um Relatório de 1897⁵⁴:

Continua ausente este nosso estimado colega Sr. Commendador Carlos G. Rheingantz, que sabemos estar em viagem (...). Este nosso collega, durante sua estada na Europa, foi incansável em procurar conhecer de melhoramentos introduzidos em fabricas como as nossas, e prestou a esta Empresa valiosos e gratuitos serviços de subida importância. (...)

O fundador Carlos Guilherme Rheingantz faleceu na Capital Federal em 1909, conforme foi noticiado no jornal da cidade “Echo do Sul”. Os funcionários e técnicos fizeram homenagens e noticiaram suas condolências no referido jornal.

No ano de 1923 a Companhia União Fabril completou 50 anos de sua fundação com uma festa íntima entre o pessoal da fábrica e com um quadro presenteado pelos funcionários, onde aparecia a antiga fábrica de 1873 e a de 1923, e no alto o retrato do Comendador Carlos Rheingantz, como se pode constatar na notícia do Jornal Echo do Sul de 31 de dezembro de 1923:

⁵³ Guigou-Norro, J.A. *A Vila Operária na República Velha: o caso Rheingantz*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. p. 77 (Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura, Orientador: Günther Weimer).

⁵⁴ Relatório da Sociedade Commanditaria em Acções Rheingantz & C. apresentado à Assembléa Geral. Rio Grande, Typ. da Livraria Evangélica, 1897.

Completa, hoje, 50 annos de sua fundação essa importante fabrica, que tanta honra faz a industria brasileira (...) Na vitrina da Photographia Giovaninni, tem estado exposto um rico quadro allusivo ao anniversario da União Fabril e que os operários daquelle estabelecimento offerecerão á Companhia, em signal de regosijo pela data de hoje. (...) Esse quadro tem sido muito admirado.

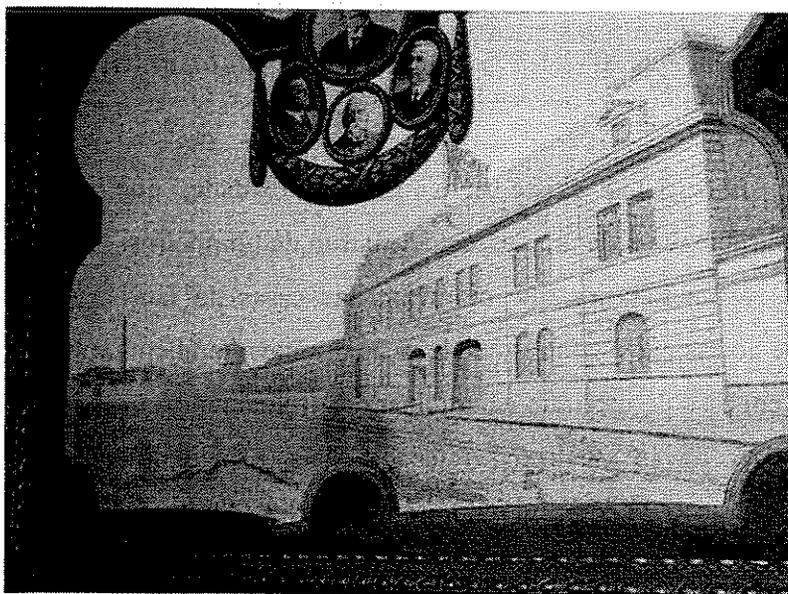


FIGURA 12: Imagem do quadro

A fábrica dispunha de atividades sociais e o Clube União Fabril, que possuía um refeitório que servia cerca de 600 refeições diárias. Além disto promovia uma revista, denominada América Magazine, na qual no exemplar de edição especial, em 1959, podemos ter um panorama da empresa naquela época além de uma descrição detalhada das instalações da indústria:

Os edificios e escritórios da Companhia União Fabril situam-se, desde a fundação, na Avenida Rheingantz número 201, na cidade do Rio Grande. As oficinas estão instaladas em pavilhões isolados, paralelas uns aos outros, bem arejados, sendo que os de construção mais recentes dispõem de cobertura “shed” com condições ótimas de iluminação natural. Além de ambiente condicionado, com calor e umidade controladas, por motivos técnicos impostos pela natureza do trabalho, as salas, onde o serviço não exige continuação movimentação dos operários, dispõem de sistema de calefação.

A propriedade da Companhia possui 155.000m² de superfície medindo 45.000m² a área coberta. O acesso à fábrica dá-se pelo portão central, situado em baixo e ao lado dos escritórios, por onde entra a matéria-prima em caminhões e saem os produtos acabados, depois de cuidadosamente elaborados por um conjunto de operários que, juntamente com os empregados administrativos, soma 1200 pessoas e que operam num parque de máquinas entre as quais se encontram as da mais moderna fabricação. O conjunto de fotografias que ilustra esta reportagem dá uma idéia da mais antiga indústria de lã do Brasil, hoje equipada com instalações técnicas das mais modernas.

A mão-de-obra da fábrica era constituída por 2/3 de mulheres e 1/3 de homens. As mulheres trabalhavam na produção e os homens na manutenção. A fábrica possuía uma produção de abrangência regional, nacional e de exportação, para os Estados Unidos e Europa. Ela fazia o fornecimento de capas e cobertores para o Exército Nacional, atingindo seu auge de produção na época da Primeira Guerra Mundial, com intenso fornecimento. Para isso, chegaram a trabalhar 2000 pessoas na fábrica. Nesta época a Fábrica já assumia a denominação Companhia União Fabril.⁵⁵

A falência da Companhia deu-se pela concorrência de confecções e magazines que importavam lãs e produtos do Uruguai com preços menores no mercado. Este fato foi por volta de 1968, quando a fábrica foi comprada pela firma João Abdala & Cia., de São Paulo. Em 1970 a fábrica foi comprada por um grupo de Pelotas, da família Loréa, adquirindo o nome de Companhia Inca Têxtil com 81% das ações – e 19% pertencem aos operários como forma de indenização pela falência e desemprego em massa. Entretanto, o Grupo Loréa tenta manter a produção e o funcionamento, mas com grandes dificuldades, devido à crise e à concorrência com o produto uruguaio. Da década de 1970 para cá a fábrica de lã esteve parada e hoje se encontra sem nenhuma produção, com poucos funcionários designados para manutenção.

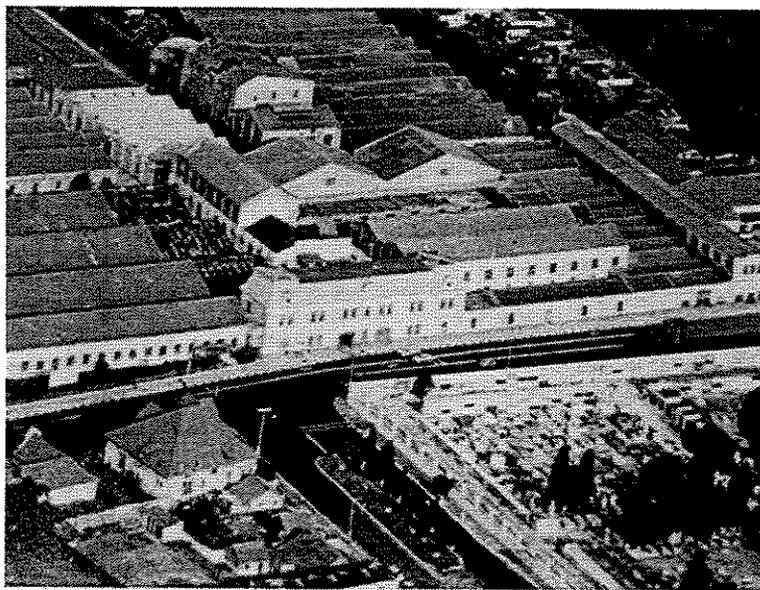


FIGURA 13: Vista geral da fábrica

⁵⁵ Informações retiradas do Seminário de Diplomação de Vanessa S. Baldoni para o Projeto Final de Graduação orientado pela Profa. Ana Lúcia Costa de Oliveira. Pelotas, 2000.

4. A INDIVIDUALIZAÇÃO DO ESPAÇO

A importação de modelos só pode se interagir no estudo da vila em si com as condições sócio-econômicas e políticas da época. Como vimos, na República a vida urbana da cidade adquire uma maior importância e um desenvolvimento substancial. A influência do porto na vida econômica da cidade do Rio Grande sempre foi marcante, bem como as facilidades para importação de materiais e inovações tecnológicas – como foi visto anteriormente que a cobertura de ferro da fábrica foi mandada vir da Inglaterra.

Os momentos de fartura com o comércio e com a indústria principalmente em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, correspondem às fases de prosperidade e euforia local.

Em termos de produção arquitetônica a configuração da cidade, principalmente na parte central, ou seja, área nobre da cidade, destacam-se edificações com uso de ático, todas construídas no alinhamento (mantendo ainda uma característica colonial de relação com o lote urbano), uso de frontões, compoteiras, edificações assobradadas com tendência à horizontalidade pelo uso de cornijas, pilastras, janelas de arco pleno e uma série de elementos decorativos nas fachadas.



FIGURA 14: Sociedade Italiana Mutua Cooperazione

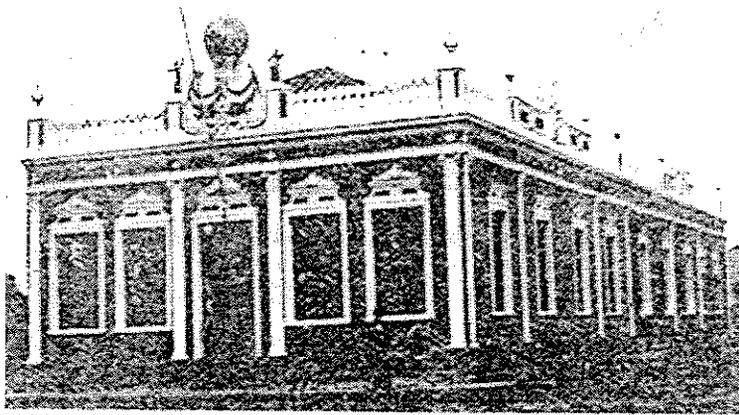


FIGURA 15: Sociedade União Operária, 1893

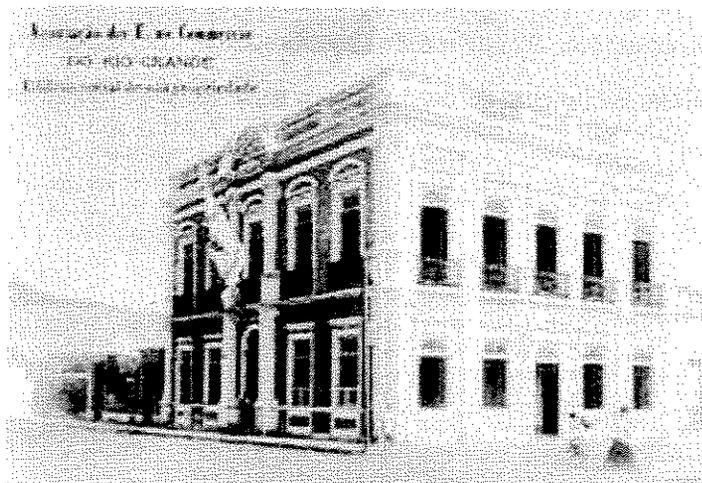


FIGURA 16: Associação Clube do Comércio



FIGURA 17: Banco da Província

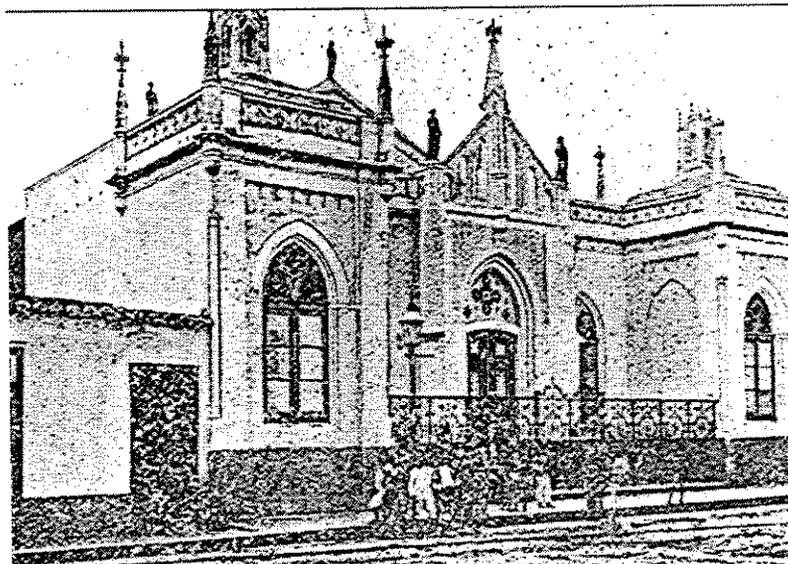


FIGURA 18: Loja Maçônica União Constante

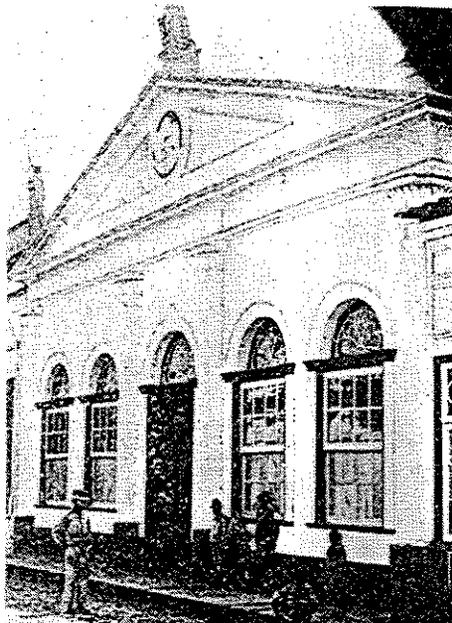


FIGURA 19: Loja Maçônica Acácia Rio-Grandense

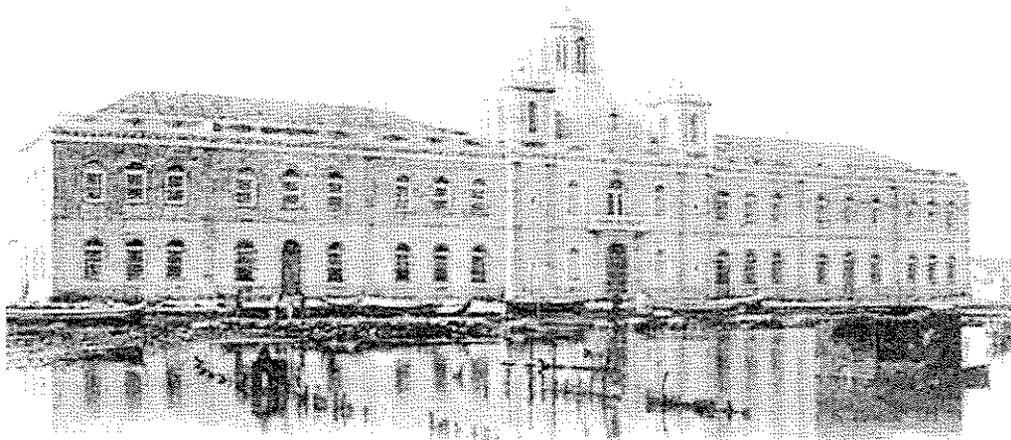


FIGURA 20: Associação Santa Casa de Caridade



FIGURA 21: Prefeitura Municipal do Rio Grande



FIGURA 22: Secretarias Municipais do Rio Grande

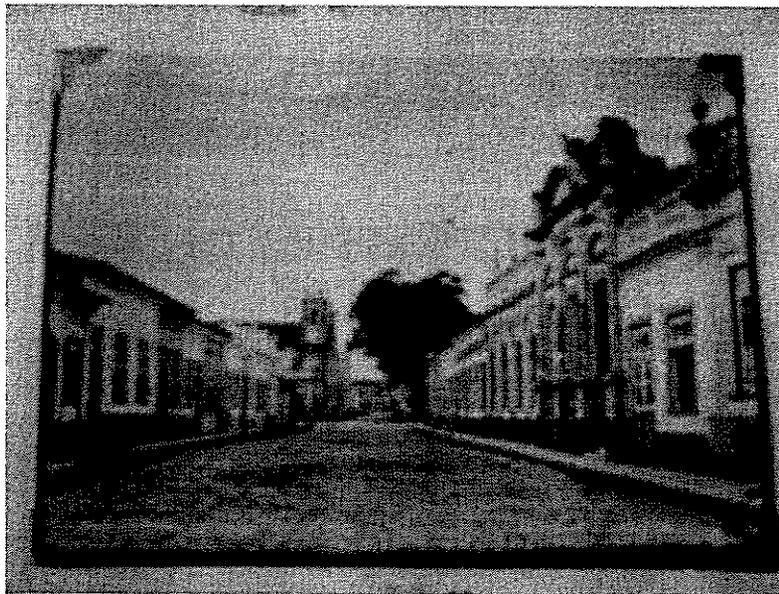


FIGURA 23: Vista da cidade na primeira década do século XX- Matriz (hoje Catedral de São Pedro) ao fundo.



FIGURA 24: Catedral de São Pedro



FIGURA 25: Exemplo de tipologia de quadra e construções do início do século XX



FIGURA 26: Exemplo de tipologia de quadra e construções do início do século XX

Em 1900 a população do Município eleva-se a 24.653 habitantes. O crescimento demográfico do Rio Grande correspondia ao econômico, sendo que no início do século, a cidade contava com 4.199 prédios no perímetro urbano. Este século trouxe uma série de benefícios à cidade com a chegada consecutiva dos grandes e importantes descobrimentos técnicos e científicos.

As modificações no aspecto da cidade não foram recebidas sem uma certa melancolia, aliada à grande satisfação de progredir. Em 1905, havia em Rio Grande 1092 casas comerciais, exportando para a Europa e América do Norte, e importando dos mesmos. É nessa época que uma violenta epidemia de varíola atinge a cidade, vitimando várias pessoas.

No ano de 1908, o Jornal “Times”, previa que o porto do Rio Grande tornar-se-ia um dos mais importantes da América do Sul. É ainda neste ano, inaugurada a usina elétrica, dando luz e força à cidade.

Em 1912 a população do município era de aproximadamente 45000 habitantes, dos quais cerca de 35000 na cidade, ou seja, uma população rural escassa e uma urbana de alta

concentração. Nesse ano a cidade já estava servida por uma companhia de bondes elétricos, e o mesmo já contava com um total de 7500 prédios, dos quais 5700 na cidade.



FIGURA 27: Vista das docas e do mercado público

O Instituto do Patrimônio Histórico Estadual – IPHAE, fez uma linha de preservação do centro histórico da cidade, sendo o mesmo tombado como representado na figura:

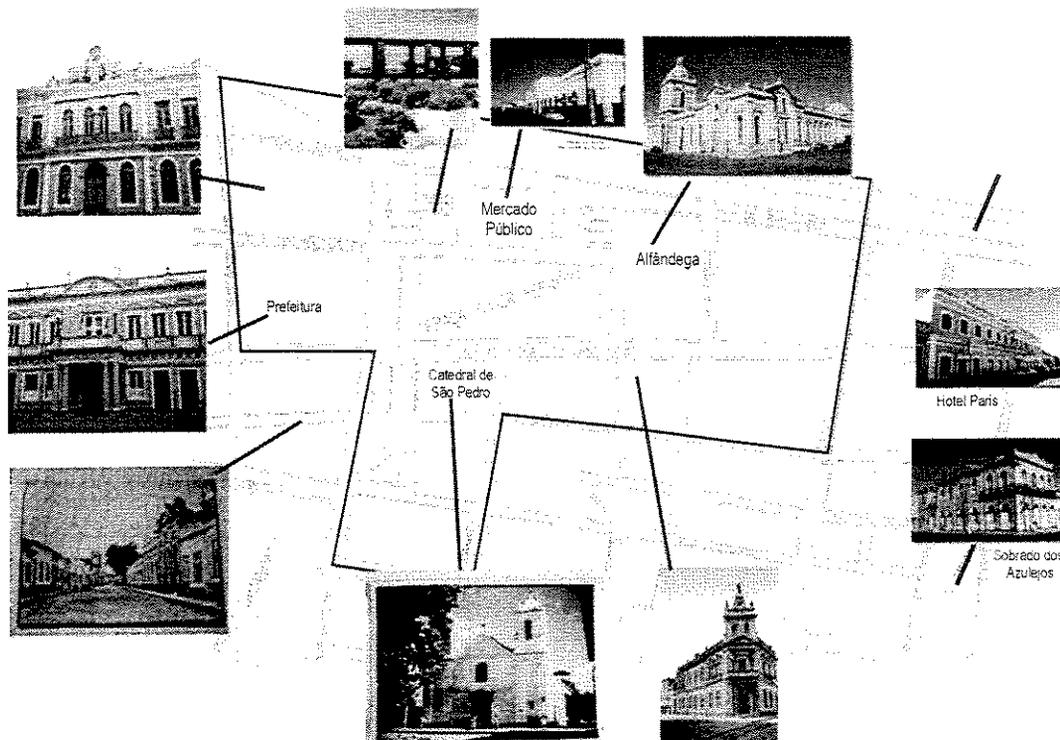


FIGURA 28: Linha do IPHAE.



FIGURA 29: Rua Marechal Floriano Peixoto



FIGURA 30: Rua Marechal Floriano Peixoto



FIGURA 31: Rua Marechal Floriano Peixoto



FIGURA 32: Praça Xavier Ferreira, Rua marechal Floriano Peixoto

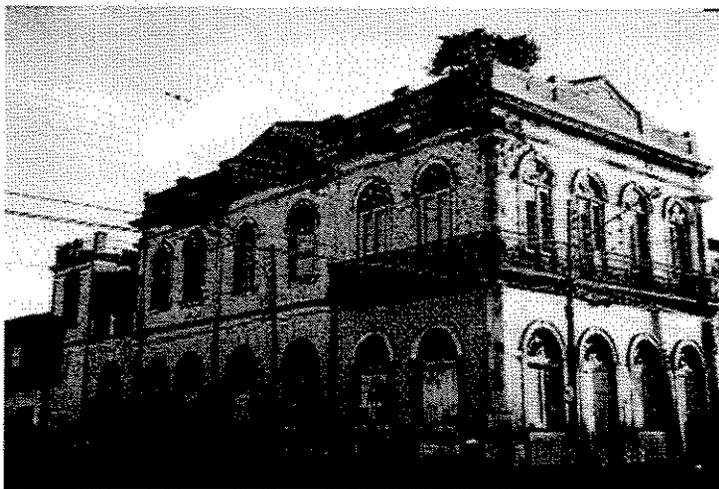


FIGURA 33: Sobrado dos Azulejos

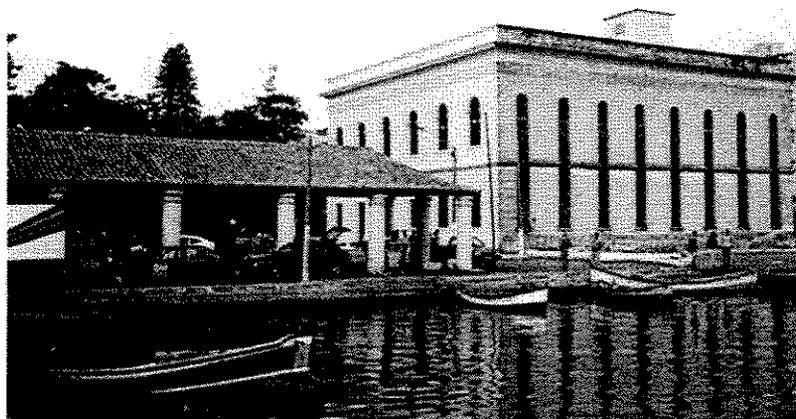
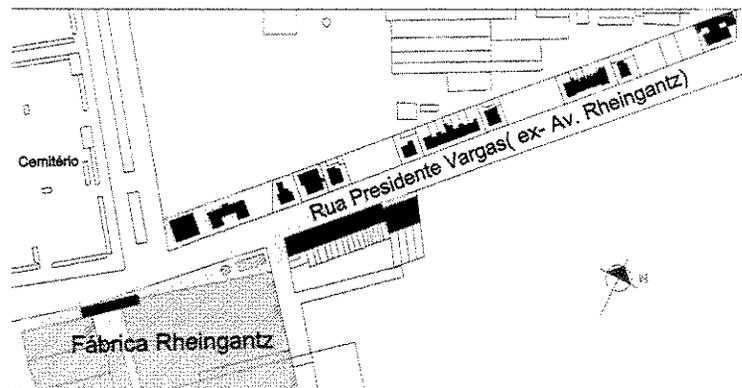


FIGURA 34: Docas do Mercado, e Biblioteca Rio-Grandense

4.1 IMAGENS DOS PARTIDOS FORMAIS DA VILA OPERÁRIA E CASA DOS MESTRES



PLANTA 1: Implantação geral das casas da fábrica

A construção de moradias baratas a partir de 1884 denominadas de “Casas da Fábrica”, cuja finalidade principal, dada à carência de um transporte municipal até a fábrica, proporcionava de forma menos onerosa possível um alojamento para os funcionários dentro da distância a pé da indústria. No Relatório de 1888 há uma nota de que seria dado 10% de amortização no aluguel das casas, favorecendo assim os operários, mas em contrapartida haveria a condição de estarem obrigados a acudir qualquer incêndio na Fábrica. No mesmo Relatório explicita a necessidade da construção de mais 20 casas, não contando algumas maiores para mestres, as quais seriam urgentes devido à necessidade de acomodação do pessoal da fábrica de algodões.

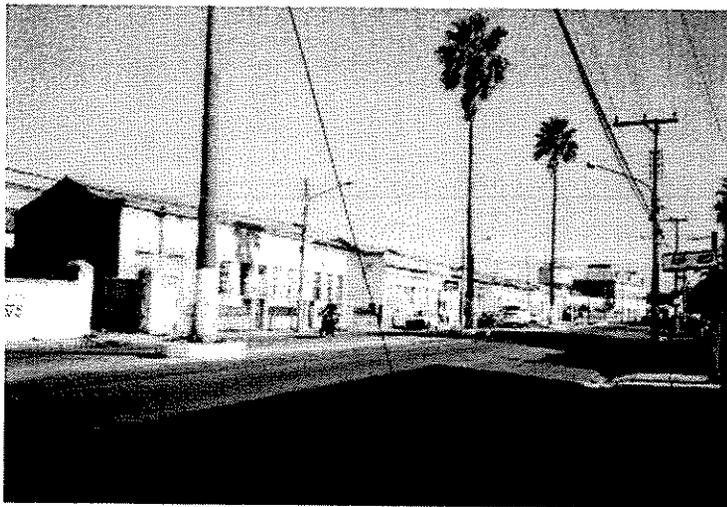
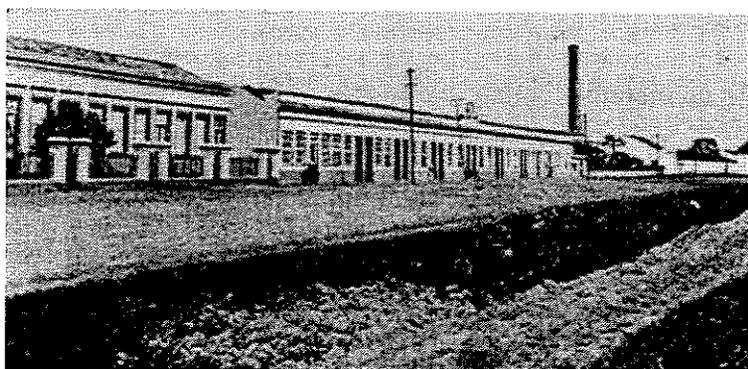


FIGURA 35: Casas dos operários na avenida principal (ex-Rua Rheingantz, atual Av. Presidente Vargas).



Fabrica Rheingantz — Fundada em 1874

FIGURA 36: Foto antiga da Vila Operária

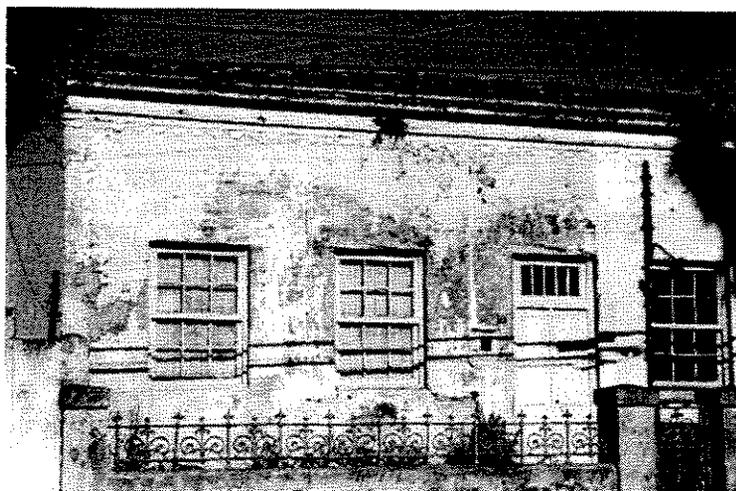


FIGURA 37: Tipologia de casa de operário com recuo frontal



FIGURA 38: Detalhe de Casa em Fita dos Operários

A nova implantação da fábrica para essa parte, zona de expansão urbana da cidade, promoveu este novo assentamento habitacional com casas simples. O contexto patriarcal que a fábrica ocasionou instalando tais trabalhadores, mantém-se até os dias de hoje. Os moradores não investem e não fazem modificações relevantes, o processo de manutenção e reparo das casas sempre foi feito pela fábrica.

A individualização do espaço é feita com o uso de cores distintas na pintura das fachadas e troca de materiais de revestimento internos, principalmente pisos, mas muitas casas ainda mantém o piso de cimento. As esquadrias internas e subdivisão em planta não foram modificadas em sua maioria. Atualmente estão sendo trocadas as janelas tipo guilhotina de caixilho de madeira das fachadas por janelas de ferro devido ao efeito da ação do tempo.

Algumas casas não estão fazendo manutenção pelo problema judicial em que se encontram as residências. Por isso, alguns moradores não estão permitindo a entrada e dificultando as informações para os dados das fichas a respeito de revestimentos internos.

Alguns moradores fizeram permuta do ressarcimento de contrato de quando foram despedidos tornando-se assim proprietários das casas. Neste caso, as casas possuem uma boa manutenção ou foram reformadas. A maioria mantém o mesmo uso dos espaços para os quais foram planejados, excetuando algumas que abriram bares e armazéns na sala de entrada.

O Relatório do ano de 1889 vem com a relação dos gastos com a construção das 20 moradias e o calçamento da rua interna que se fez necessário. Os anos que mais apresentam nos relatórios um expressivo número de construções de casas são de 1885 a 1889 e de 1900 a 1913⁵⁶.

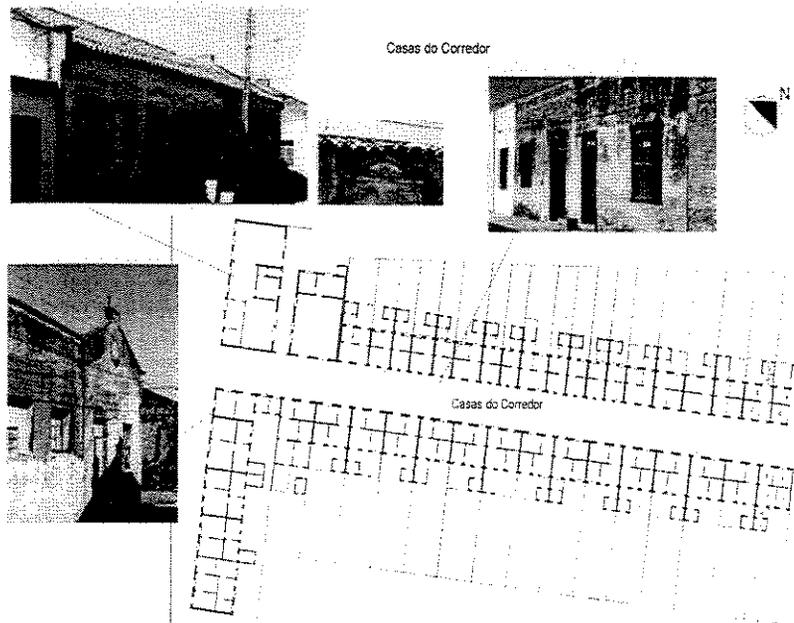


FIGURA 39: Casas do corredor – implantação

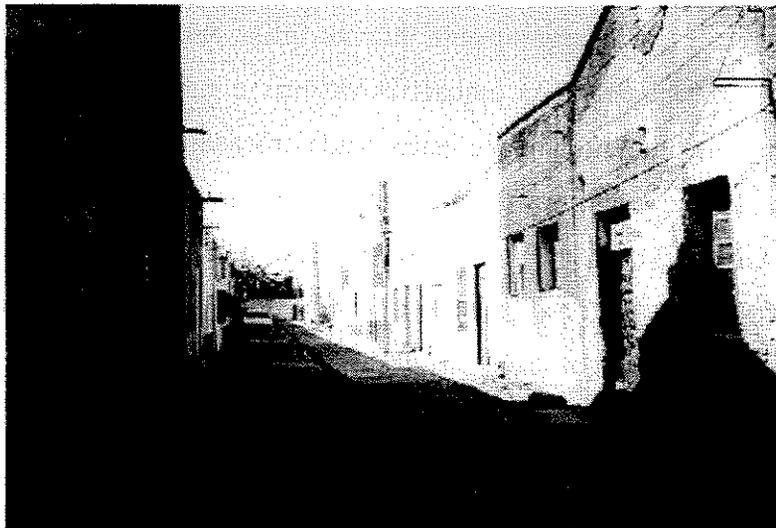


FIGURA 40: Casas dos operários, rua paralela à principal

⁵⁶ Ver tabela com a compilação dos relatórios do item Habitações para operários no anexo 1.



FIGURA 41: Tipologia destas casas

Nota-se uma semelhança formal entre o ambulatório médico (construído em 1886) e o Armazém Cooperativo – construído em 1891, a pedido dos operários para satisfazer assim o maior movimento da Cooperativa. As casas do corredor possuem uma inscrição na fachada do ano de construção de 1887, e são todas despojadas de ornamentação e de tipologia de casas de porta e janela. Na análise dos modelos internacionais que será feita posteriormente, este conjunto de habitações entrará devido ao estudo se restringir à Rua Presidente Vargas (ex-Rheingantz).



FIGURA 42: Ambulatório médico (1886)



FIGURA 43: Datação no frontão triangular da fachada

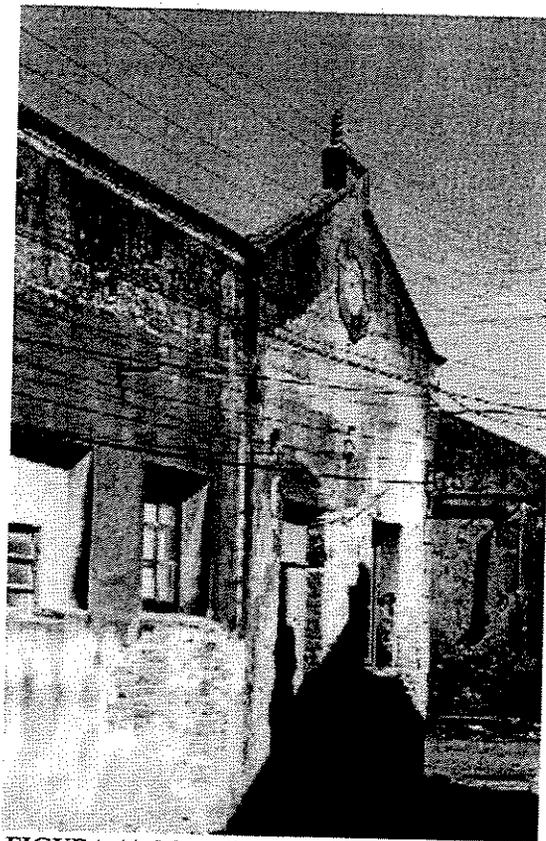


FIGURA 44: Mutualidade

A empresa adquiriu um terreno que provavelmente seja onde estão construídas as casas de mestres, a escola, o cassino e as demais habitações, conforme consta no Relatório de 1891⁵⁷:

Figura, outrossim, na conta de propriedades, um terreno sito entre o Cemitério e a propriedade da Companhia Hydraulica, o qual aforamos da Câmara Municipal mediante o donativo de Rs. 500\$000 para melhoramentos municipaes.

Num primeiro momento foram construídas 14 casas na Rua Rheingantz, conforme consta no relatório anual da fábrica de 1903. O citado relatório⁵⁸ descreve:

A Directoria levou a effeito a construção de 14 lances de casas no terreno que possuímos a rua Rheingantz além do cemitério (...) e adquiriu 2 lances na quadra da fábrica de aniagens(..)



FIGURA 45: Aerofotogramétrico - Implantação dos chalés

⁵⁷ Relatórios da Fábrica. Relatorios da Directoria da Companhia União Fabril Succesora de Rheingantz & Cia. Anno Social 1/09/1891 a 31/08/1892. p.5

⁵⁸ Relatório da Cia. União Fabril, Succesora de Rheingantz e Cia. p. 5 - 1/9/02 a 31/8/03-

No Relatório de 1901⁵⁹ vem a descrição de quatro casas construídas para mestres:

Propriedades. Tendo baixado o preço do material de construção e tomando-se cada vez mais urgente darmos melhores acomodações aos mestres de nossas fabricas, e de accôrdo com resoluções anteriores, fizemos construir 4 lanças de casas para habitação dos referidos mestres.

As casas possuem datação na fachada e atualmente parte delas foi demolida. O uso de ambas é residencial e não há uma descaracterização, não foi possível entrar nas referidas casas.



FIGURA 46: Casas de 1900



FIGURA 47: parte das casas demolidas.

⁵⁹ Relatório da Cia. União Fabril, Sucessora de Rheingantz e Cia. p. 8- Rel 1/9/00 a 31/08/01

As quatro casas com recuo, na Rua Presidente Vargas (ex-Rheingantz) de número 131 a 137, fogem do alinhamento das restantes e, com certeza, foram construídas posteriormente. As casas estão de acordo com o código de posturas de 1904⁶⁰:

6º artigo- XV- Os prédios que não tiverem que seguir o alinhamento da rua, deverão ser afastados, pelo menos 4m. Sempre que o terreno o permitir, a juízo da Intendência, e terão de pe direito mínimo 3m sendo a esquadria relativa a essa altura.

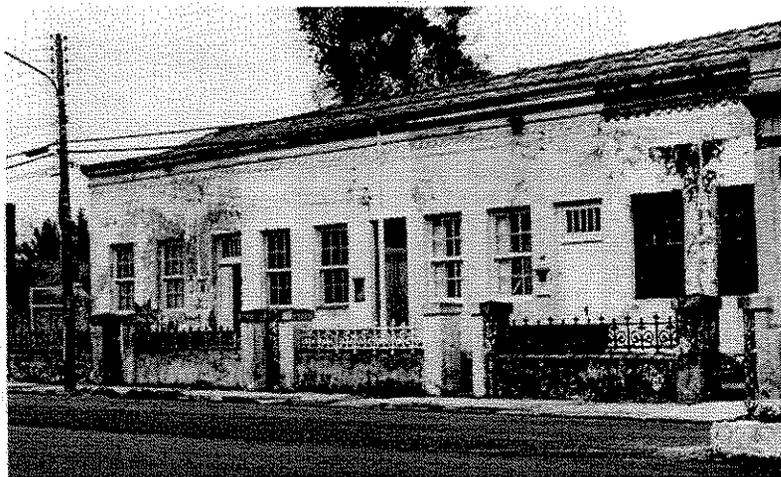


FIGURA 48: Casas para operários com recuo



FIGURA 49: Vista das primeiras casas construídas nesta nova área em 1904

⁶⁰ Novo Código de Posturas do município do Rio Grande. Decreto n.29 de 14 de julho de 1903. Promulgado pelo Capitão Carlos Augusto Ferreira de Assumpção. Rio Grande: Typ. do Diário do Rio Grande, 1903. p. 7

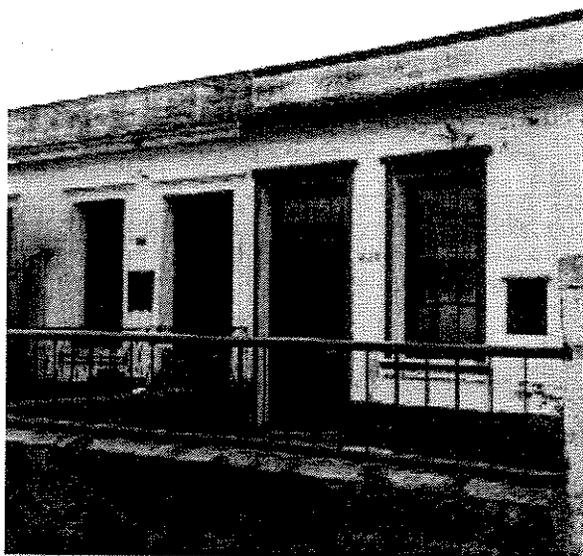


FIGURA 50: Tipologia da casa operária destas novas construções

Em 1924, no mesmo terreno houve a montagem dos chalés de madeira trazidos de Uruguaiana (RS) e, por fim, com o re-parcelamento da gleba para fins de comercialização do terreno, em 1957. Os chalés de madeira provêm da aquisição pela companhia de uma outra empresa do mesmo ramo na cidade de Uruguaiana. Mas, apesar de todo esse empreendimento após 15 meses, no sentido de racionalizar custos, a filial foi desativada trasladando, assim, os funcionários para Rio Grande. Quanto às habitações operárias (chalés), conforme informação através de ex-funcionários, as habitações teriam sido desmontadas, transportadas e reerguidas em Rio Grande, conforme relatório de 1924⁶¹:

Habitações para Operários.Foram feitos nas existentes os reparos necessários, tendo-se concluído a construção da casa iniciada no periodo social p. passado e encetado a reconstrução dos chalets transportados de Uruguayana, dos quaes já estão promptos 11.

Não se pode afirmar que os 53 chalés vieram de Uruguaiana, porém há uma classificação de cinco variantes tipológicas e se ignora se as plantas que existiam eram originais ou resultado de um levantamento do patrimônio da fábrica⁶². Vários funcionários com suas famílias se mudaram de Rio Grande (RS) para a nova filial em Uruguaiana (RS) e usaram estes

⁶¹ Relatório da Cia. União Fabril, Sucessora de Rheingantz e Cia. p.4 Rel. 1/9/23 a 31/8/24-

⁶² Informação retirada da dissertação de Mestrado de Guigou-Norro, p. 133 e 134.

chalés como moradia operária. Os chalés e os 14 lances de casas não entram na comparação com modelos internacionais que será feita no próximo capítulo.



FIGURA 51: Chalés trazidos de Uruguaiana (RS)



FIGURA 52: Tipico chalé trazido de Uruguaiana (RS)

Escritório Central:

No Relatório de 1909⁶³ destaca-se uma nota da Diretoria da Fábrica Rheingantz na qual demonstrava o interesse de reunir todos os serviços administrativos em um só edifício. O novo prédio, denominado de Escritório Central, tinha por função a entrada e saída dos caminhões com a produção e a matéria-prima, local de pagamentos e escritórios do Diretor e da Gerência, como observamos a seguir:

Novo escriptorio Central. Havendo grande conveniência em reunir todos os serviços desta Companhia, a fim de ficarem debaixo de mais immediata fiscalização desta Directoria e gerencia, resolvemos conjuntamente com o conselho Fiscal, a construção do edificio para o escriptorio geral desta Companhia no próprio local de nossas fabricas. Esta construção foi orçada em Rs. 46:000\$000.

Na falta da planta original deste edifício que é de uma sofisticação para as construções da época, com uma cobertura de telhado em mansarda⁶⁴, foi necessário recorrer aos Relatórios da Fábrica e aos jornais da época. Isto para que se pudesse ter uma data próxima de começo e término da construção, bem como o lançamento da hipótese da autoria do projeto ser de Theo Wiederspahn – pelo fato do Cassino dos Mestres ser de autoria do Escritório de R. Ahrons no ano de 1911, e o escritório ter sido iniciado em 1909 e finalizado em 1911.

Para fundamentar a hipótese acima foi utilizada uma notícia na primeira página do Jornal Echo do Sul, de 28 de novembro de 1910, no qual informava:

Novo Escriptorio central. Acha-se ainda em construção o novo escriptorio central, de que tratamos em nosso ultimo Relatório. Esperamos que este edificio ficará prompto dentro de poucos meses. Já se dispendeu com esta construção a quantia de Rs: 27:741 \$790.

No ano seguinte, nos jornais Echo do Sul (de 21 de novembro de 1911), O Intransigente e O Artista (ambos do dia 14 de novembro de 1911) há uma notícia bem enfática avisando a mudança do escritório – e igual em todos os jornais: “Communicamos ao comércio em geral e a todos os interessados que mudamos o nosso escriptorio para o edificio na frente das nossas fabricas, à Rua Rheingantz, nesta cidade”.

⁶³ Relatório da Diretoria da Companhia União Fabril Succesora de Rheingantz & Cia. Typografia da Livraria Rio-Grandense, Rio Grande, 1909, p. 5

⁶⁴ Mansarda, conforme o Dicionário dos Estilos Arquitetônicos de Wilfried Koch (São Paulo: Martins Fontes, 1998) quer dizer “permite espaços oblíquos sob o telhado” (do arquiteto francês J. H. Mansart, 1648-1708)

Em entrevista⁶⁵ com o Prof. Dr. Gunther Wëimer procurou-se fundamentar mais ainda a hipótese da autoria de Theo Wiederspahn neste projeto do escritório central, o que favoreceu a confirmação de tal suspeita:

(...) o que eu sei é que a partir de 1915 quando o Wiederspahn começa a trabalhar sozinho ele continua a fazer projeto para o Rheingantz, fez uma residência isto tudo no arquivo da faculdade, não é. De forma que eu diria que é altamente provável que estes projetos sejam efetivamente do Wiederspahn. Em geral ele não usava este telhado de mansarda, mas acontece que efetivamente nesta época estava-se vivendo a época do Eclétismo, então não há porque não fazer isso aí. Em 1911 ele já estava fazendo projetos de coberturas planas, mas, enfim, algumas inovações realmente surpreendentes para a época, né. Os prédios que o Guigou levantou e que estão comprovadamente feitos pelo Wiederspahn são algumas obras importantes como o Cassino dos Mestres, o Grupo Escolar.(...) Uma coisa não tem nada a ver com a outra e o que não deve nos assustar também porque na época um arquiteto é tanto mais arquiteto quanto mais estilos ele dominava, quanto mais obras diversificadas ele fazia tanto melhor arquiteto era. (...)

A notícia do Jornal Echo do Sul⁶⁶ de 31 de dezembro de 1923, relata um quadro comemorativo ao cinquentenário da fundação da fábrica. Buscou-se encontrá-lo e na foto⁶⁷ do detalhe vemos a datação na fachada de 1910. A notícia relata o seguinte:

Completa, hoje, 50 annos de sua fundação essa importante fabrica, que tanta honra faz a industria brasileira (...) Na vitrina da Photographia Giovaninni, tem estado exposto um rico quadro allusivo ao anniversario da União Fabril e que os operários daquelle estabelecimento offerecerão á Companhia, em signal de regosijo pela data de hoje. (...) Esse quadro tem sido muito admirado.

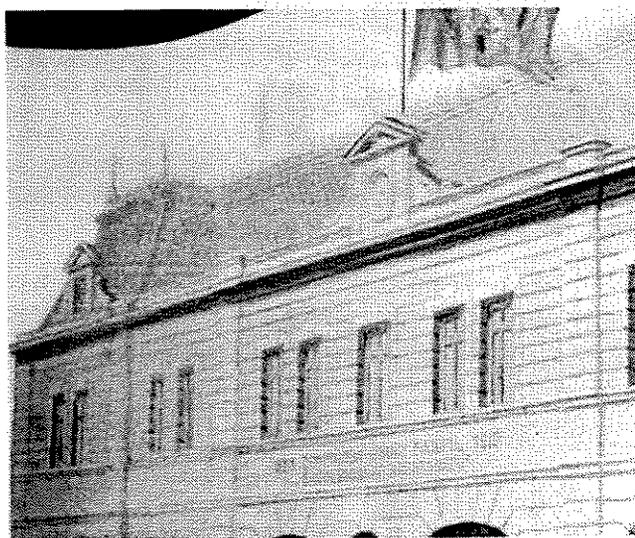


FIGURA 53: Detalhe do quadro que possui a datação na fachada, e acima o ano em que foi pintado.

⁶⁵ Entrevista realizada em 14 de agosto de 2002 na residência do professor Dr. Günter Weimer gravada e transcrita.

⁶⁶ de 31 de dezembro de 1923 página 1.

⁶⁷ Quadro pertencente a Sr. Paulo Lawson e encontra-se no seu escritório de Advocacia em Pelotas-RS.

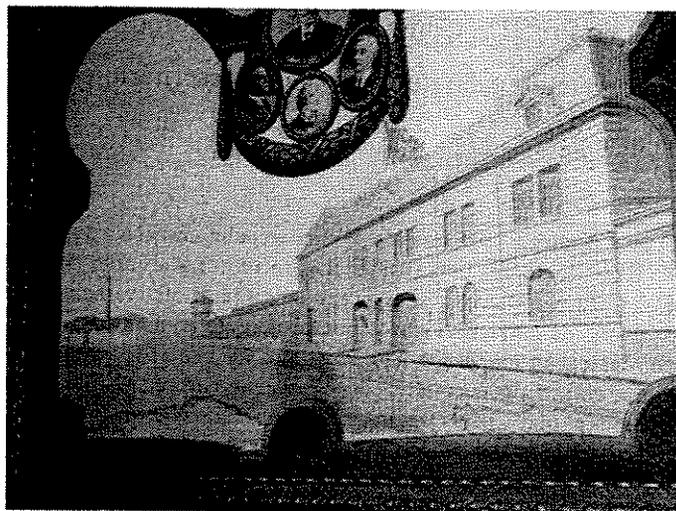


FIGURA 54: Foto do quadro



FIGURA 55: Fachada do prédio do Escritório Central



FIGURA 56: Detalhe da janela na cobertura



FIGURA 57: Detalhe das esquadrias da fachada



FIGURA 58: Foto mostrando o Cemitério Municipal, que se encontra em frente ao Escritório Central

O Escritório central sempre permaneceu com o uso proposto para o qual foi projetado, era nele que funcionava o Escritório da administração e onde os funcionários eram pagos. Na cidade não há mais nenhum prédio que se iguale a este, tanto em sofisticação como no uso de cobertura com telhado em mansarda.

Cassino dos Mestres

Para começar a discorrer sobre a necessidade da construção do Cassino dos Mestres, vejamos o que diz Guigou-Norro⁶⁸ (1994):

O que consta sobre a finalidade da edificação daquela residência em 1911 é que, devido à necessidade da empresa num determinado processo da sua evolução de contratar mão-de-obra especializada, resolve projetar a construção de um 'Cassino dos Mestres'.

O Cassino dos Mestres era um edifício que pretendia atender às funções de lazer e habitação para alguns mestres e, principalmente, aos recém chegados da Europa. O projeto foi solicitado ao escritório de R. Ahrons, que em maio de 1911 conclui este trabalho, e a autoria é, segundo Guigou-Norro⁶⁹ (1994),

As plantas originais conferem a autoria dessa obra ao "Escritório de Engenharia R. Ahrons", a maior empresa construtora de Porto Alegre. Responsável por obras significativas da arquitetura do Rio Grande do Sul e, especificamente, de Porto Alegre, a firma contava, na sua fase mais produtiva, com o arquiteto Theo Wiederspahn, na chefia do Departamento de Arquitetura.

Para justificar tal hipótese, diz Guigou-Norro⁷⁰ (1994):

É precisamente, no período compreendido entre os anos de 1908, ano da contratação de Wiederspahn, até 1915, ano do fechamento do escritório, que a firma foi responsável por uma série de trabalhos que revolucionaram a arquitetura de Porto Alegre.

Os terrenos onde foram construídos o Cassino dos Mestres, mais tarde a construção do Grupo Escolar e as demais casas para funcionários, foram adquiridos por uma permuta com a Intendência Municipal da cidade.

⁶⁸ Guigou-Norro, J.A. Citação transcrita da entrevista gravada na UFRGS, Faculdade de Arquitetura. Porto Alegre, 12 de janeiro de 1999.

⁶⁹ Guigou-Norro, J.A. *A Vila Operária na República Velha: o caso Rheingantz*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995. p. 183.

⁷⁰ Guigou-Norro, J.A. Op. Cit. [39], p. 183.



FIGURA 59: O Cassino ou Clube dos Mestres



FIGURA 60: Cassino dos Mestres



FIGURA 61: Detalhe da esquina

O Cassino dos Mestres foi projetado para ser um clube para os mestres, ou seja, um local de trânsito onde se hospedavam os mestres vindos da Europa – composto por salas de reunião e até uma biblioteca. Mais tarde, em 1919, conforme os relatórios, ficou decidido que o prédio serviria para a Sociedade de Mutualidade.



FIGURA 62: Sociedade de Mutualidade

Grupo Escolar

O Grupo Escolar Comendador Rheingantz foi também projetado aos cuidados do Escritório de R. Ahrons, em novembro de 1911. A obra terminou em setembro de 1912, e foi colocado um busto de bronze diante do mesmo em 1921, como homenagem ao Comendador Carlos Rheingantz.



FIGURA 63: Grupo Escolar Comendador Rheingantz

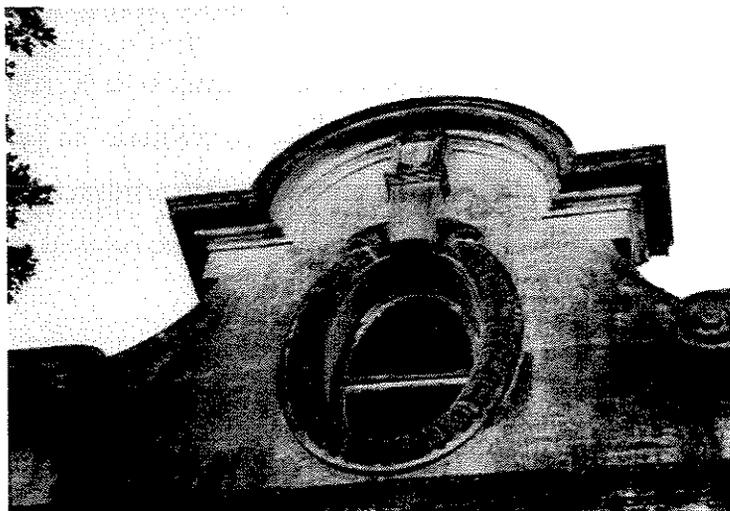


FIGURA 64: Detalhe do óculo no ático

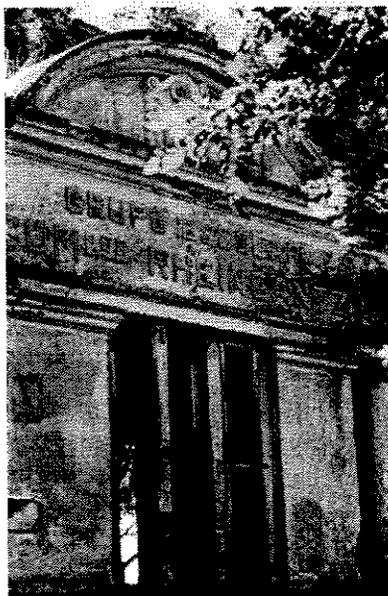


FIGURA 65: Grupo Escolar Com^{dor}
Rheingantz

O Grupo Escolar sempre foi utilizado como escola, onde freqüentavam somente filhos de operários que já eram também treinados para exercerem funções na fábrica.

Jardim de Infância

O Jardim de Infância também é um projeto do Escritório de R. Ahrons concluído em setembro de 1911. O telhado é de tacaniça-anã⁷¹ e usa um treliçado no perímetro, abaixo do beirado adaptando à escala humana. Foi também utilizado como residência para mestre e possui um aumento nos fundos, que provavelmente não consta no projeto original. Atualmente seu uso é de serviço e funciona a central de Bip.

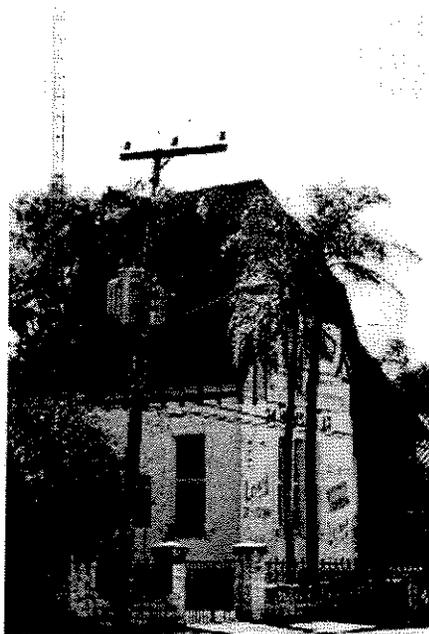


FIGURA 66: Jardim de Infância

⁷¹ Weimer, G. *A arquitetura da imigração alemã: um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro europeia ao meio rural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : UFRGS; São Paulo, Nobel, 1983, p. 61. [Quer dizer um elemento introduzido da arquitetura baixo-saxã conhecido como “Krüppelwalmdach”, cuja tradição literal seria: telhado de 4 águas anão. Adaptando essa terminologia à cultura da arquitetura brasileira, Weimer a denomina de Tacaniça Anã.]

4.1.1 CASAS PARA MESTRES

As Casas para Mestres são em número de seis, sendo quatro isoladas no lote e duas agrupadas numa única volumetria. Considerando que os projetos do Cassino dos Mestres, do Grupo Escolar e do Jardim de Infância são de 1911, pode-se tomar o ano de 1913⁷² com uma paralização nas construções e no de 1923 com a construção de mais uma casa. Os reparos e manutenção permanecem a configurar nos relatórios ao longo dos anos.

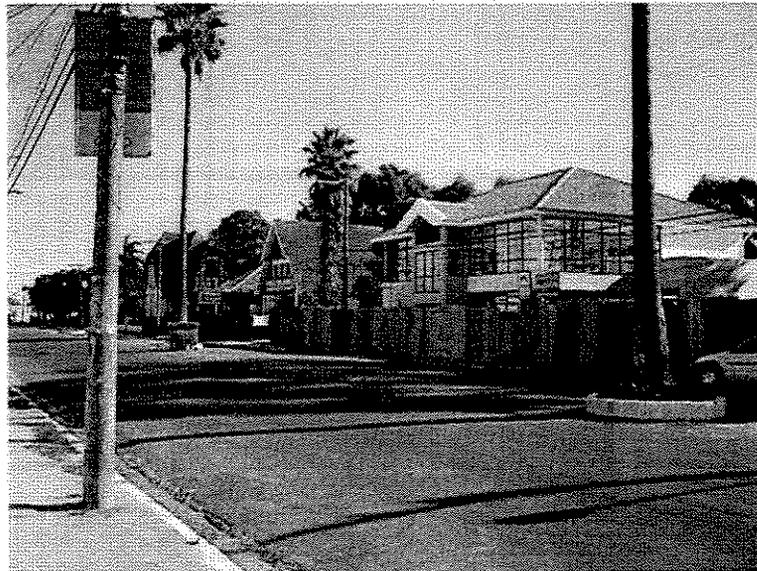


FIGURA 67: Vista da rua com casas para mestres (ao fundo) foto atual, com uma nova construção de uma academia

A casa para mestre n. 156 tem repartição do pavimento superior com tabiques de madeira. Seu uso sempre foi residencial e destinada para os mestres, atualmente seu uso é de comércio, instalada ali uma floricultura. A casa n. 130 permanece com o uso residencial. A casa de n. 102 também permanece como residencial, a cobertura é toda com estrutura de madeira e recoberta com telhas francesas e está sendo reformada. A Creche foi vendida e seu uso modificado para casa noturna – não entrará na análise posterior como forma de não se tornar cansativo o trabalho com exemplares demais.

⁷² Ver Anexo 1 – Tabela de transcrição dos relatórios.



FIGURA 68: CASA n. 156

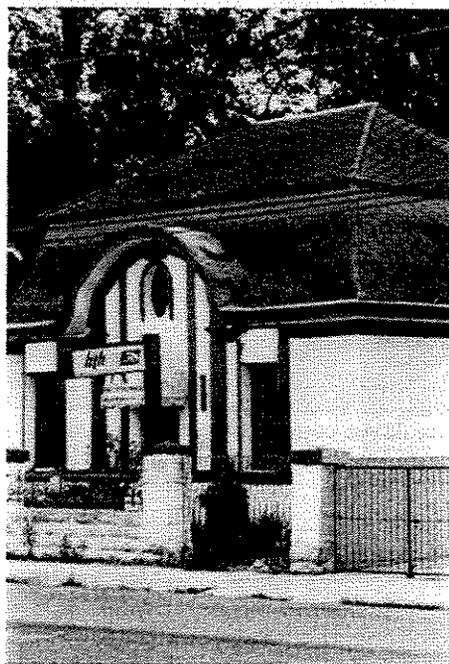


FIGURA 69: Casa n. 130



FIGURA 70: vista da rua Presidente Vargas (ex-Rheingantz)



FIGURA 71: Casa de mestre. n. 102

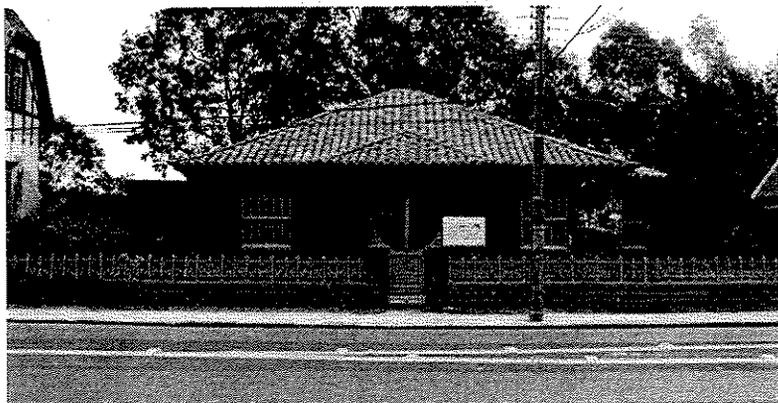


FIGURA 72: Creche

O grupo de seis casas para operários, de n. 60 a 70, tem uma fonte documentada⁷³ de uma planta geral de 29 de setembro de 1925 da C.U.F e outras duas contendo cortes e fachadas. Partiu-se desta fonte documentada como base para um levantamento atual no local. Possui telhado em duas águas em duas posições diferentes, com a tendência em configurar uma fita.



FIGURA 73: Casas de números 60 a 70



FIGURA 74: Casas 60-70

⁷³ Guigou-Norro, J.A. *A Vila Operária na República Velha: o caso Rheingantz*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995. p. 186. Partiu-se desta fonte documentada como base para um levantamento atual no local.

As duas últimas casas para mestres ficam na extremidade do terreno oposto ao Cassino dos Mestres, e são as de números 46, 4 e 8. Ambas possuem documentação de plantas da C.U.F e da P.M.R.G. Para a casa de n. 46 as plantas datam de agosto/1924, 29 de setembro de 1925, 17 de agosto de 1949; para as de n. 4 e 6 datam de 16 de outubro de 1936, 16 de março de 1950, 26 de julho de 1951 e 22 de junho de 1976, conforme registra Guigou-Norro⁷⁴. Para todas as casas foram utilizados esses dados registrados neste autor e partiu-se para um levantamento de campo das casas. A maioria mantém revestimentos e elementos originais de fachadas, havendo expressivas diferenças em relação a pisos e pintura das paredes tanto externa como interna. O uso permanece o mesmo, residencial.



FIGURA 75: Casa 46



FIGURA 76: Casas 4-6

⁷⁴ Guigou-Norro, J.A. Op. Cit. p. 195 e 199.

5. ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES COM RELAÇÃO A MODELOS INTERNACIONAIS

Tentaremos, daqui para frente, fazer um estudo minucioso de cada uma das edificações que constituem a Vila Operária Rheingantz, quanto às casas dos operários; devido à diversidade tipológica, o estudo será mais sucinto. Primeiramente, será feita uma análise da forma de como foi implantada a Vila Operária. (*Figuras 77 e 78 e Plantas 2 e 3*)



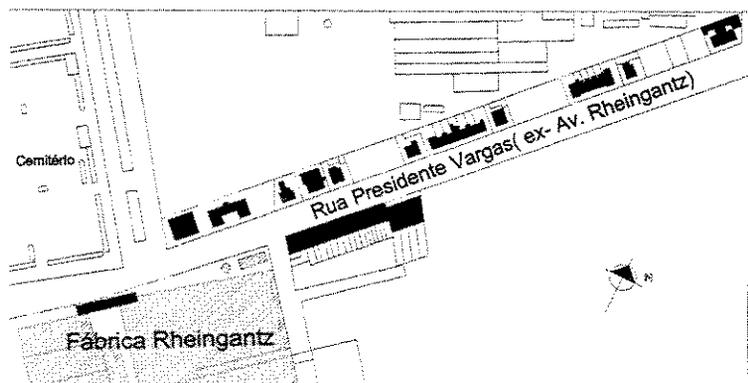
PLANTA 2: Implantação das casas de operários



FIGURA 77: Vista das casas de operários



FIGURA 78: Vista da conformação da rua com as casas



PLANTA 3: Implantação geral das casas da Vila Operária

Isto se torna necessário para o entendimento das articulações e do modo como foram dispostas as residências ao longo dos anos, compondo a Vila em si. Em 3 de janeiro de 1886, a Câmara resolve dar o nome de Rua Rheingantz à antiga “Estrada da Mangueira” que depois da construção dos Bondes ficou conhecida como “Linha do Parque”. Conforme Pesavento⁷⁵ a respeito desta formação da Av. Rheingantz:

A partir de 1884, foi autorizada pela Diretoria a construção de habitações para os operários da fábrica, inauguradas no ano seguinte. (...) Nascia assim, a av. Rheingantz, tendo de um lado, as casas destinadas aos funcionários de maior graduação, mais bem equipadas, e, de outro, as mais modestas, para os operários de menor ordenado. (...)

Com essa expansão para a “Cidade Nova”, a paisagem urbana modifica-se e o aspecto visual que a Vila proporcionou às pessoas foi marcante, e que, de alguma forma, registraram seu depoimento, como é o caso de Copstein⁷⁶:

(...) Independente da importância intrínseca, as grandes fábricas referidas tiveram papel saliente na vida urbana. Elas explicam a expansão da cidade em direção à chamada ‘Cidade Nova’. A fábrica de tecidos modelou inclusive a rua Rheingantz que reproduz exemplo de influência germânica na arquitetura citadina.

A maioria das casas tem uma planta simples e está no alinhamento – são casas corridas. As casas para mestres são isoladas no lote e têm recuo frontal de 4 m, com um muro com gradis de ferro. Os estilos são os mais variados, mas estão dentro de uma cultura internacional daquela época. (*ver Planta 3*)

A proposta apresentada pela fábrica era não só de construir casas para seus operários, como também de equipamentos comunitários que atendessem às necessidades dos funcionários. Copstein⁷⁷, em seu boletim, mais uma vez relata este tipo de assistência empregado pela fábrica:

(...) Tão notável quanto o pioneirismo industrial foi a assistência social dispensada aos funcionários. Casas para trabalhadores, escola, biblioteca, assistência médica, cooperativa de consumo, banda de música e esportes eram proporcionados e estimulados pela direção da fábrica.

⁷⁵ Pesavento, S.J. *A Burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho* (RS: 1889-1930). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 73

⁷⁶ Copstein, R. *O Trabalho Estrangeiro no Município de Rio Grande*. Boletim Gaúcho de Geografia – Associação dos Geógrafos Brasileiros- Núcleo de Porto Alegre. Porto Alegre, Série Geografia n. 4, 1975.

⁷⁷ Copstein, R. Op. Cit. [76]

Percebemos que este tipo de assistência também era freqüente em outras Vilas Operárias do país, como é o caso da Vila Maria Zélia⁷⁸: era uma fábrica de tecelagem e algodão situada na freguesia de Belenzinho, na cidade de São Paulo-SP; A Brasital S.A.⁷⁹, que tinha a mesma hierarquia que produzia uma diferenciação de casas para mestres e operários que a Rheingantz. A Kronenberg Estate na Alemanha, que data de 1872-74⁸⁰, Mulhouse na França projetada pelo engenheiro Emile Muller⁸¹, a Vila Matarazzo⁸² em São Paulo, que construiu somente postos de abastecimento, “embriões dos atuais supermercados”.

Durante o tempo dedicado à pesquisa, foi montada uma ficha relativa a cada construção com dados sobre a parte histórica, plantas, elementos arquitetônicos, estilo arquitetônico, grau de descaracterização e uma espécie de atlas de imagens referentes a essas casas, que pertenciam à cultura internacional desse período estudado, além do uso de manuais de construção e periódicos para que se pudesse entender a técnica construtiva empregada nas mesmas. As fontes primárias

⁷⁸ Com área total de 214.110 m² com seções de tinturaria, estamperia, mercerização, tecelagem e fiação. A Vila Operária Maria Zélia possuía creche, jardim de infância, dois grupos escolares, restaurante, sede de sociedade de operários da fábrica e escoteiros, armazém de comestíveis e fazendas, farmácia e gabinete médico, igreja, cassino e 181 casas térreas para residência de empregados e operários, mais um edifício térreo com 26 apartamentos para residência de operários solteiros. O dono da fábrica era o médico com especialização na Europa, Jorge Street.

⁷⁹ A fábrica projetou e construiu quatro vilas operárias: de 1920-1925 a Vila Operária Brasital com 244 casas; de 1920-1924 fez chalés para Mestres e Contra-Mestres com um total de 13 casas (substituindo as casas operárias construídas por José Weissshon & Cia.); entre 1924-1927 a Vila do Porto Góes, com 20 casas (para os empregados da fábrica de papel); e entre 1945-1946 a Vila do Tietê, com oito casas.

⁸⁰ A Kronenberg Estate pode ser vista como uma representante da maior realização na Alemanha, naquele momento através da visão dos “reformistas” para este tipo de finalidade de construir uma comunidade operária. Isto nos convida a comparar com as realizações produzidas na França e Inglaterra não nos anos de 1870, mas nos anos de 1850 com as moradias feitas pelos industriais como Jean Dolfus em Mulhouse ou Sir Titus Salt em Saltaire. A comunidade é feita em cima de um número de casas individuais reunidas sobre uma base puramente aditiva. Eles compartilham certas facilidades como igrejas, lojas, escolas, porém não há esforço para explorar em termos arquiteturais a idéia de comunidade dentro de um *layout* do local. E não possui nenhuma semelhança com as primeiras comunidades planejadas, como aquelas de Owen e Fourier, e num mesmo patamar, em ambas: habitações individuais e as “estates”, a abordagem do *design* de moradias operárias permanece funcional – as questões arquiteturais são ignoradas.

⁸¹ O projeto desenvolvido pelo engenheiro Emile Muller foi construído em Mulhouse, pela Société des Cites Ouvrières instalado na cidade sob a liderança de Jean Dolfus⁸¹. Os habitantes desta pequena cidade usufruíam um leque de facilidades comuns, incluindo banheiros, piscinas, lavanderias, escolas, lojas, uma livraria e atendimentos médicos gratuitos. As facilidades rivalizavam com aquelas do Familistère, mas as habitações de Mulhouse eram baseadas numa premissa fundamental bem diferente: esta guardava a individualidade dentro da família, não da comunidade inteira. Mulhouse consistia em moradias individuais com seu próprio jardim. O uso deste tipo de habitação fazia parte de um programa específico de reforma social, o qual foi proposto num relatório enviado para a Mulhouse Société Industrielle, em 1852. O empreendimento imobiliário a qual Société viria construir era de 800 habitações em 1867, cobrindo 20 hectares e casas para cerca de 5500 pessoas.

⁸² Junto às vila do grupo Matarazzo nunca foram erguidas escolas, ambulatórios ou igrejas. Encontramos apenas na rua Flórida, no Brás, junto à Fábrica Mariângela, uma antiga creche que pertenceu à Matarazzo.

estudadas foram baseadas em jornais da época, fotografias e, principalmente, nos Relatórios da Diretoria da Companhia União Fabril.

A proposta apresentada é tentar percorrer a Vila que permanece até hoje com um grau de descaracterização relativamente baixo, é de um memorial e levantamento arquitetônico de uma época áurea da cidade do Rio Grande-RS com uma confrontação com um Atlas de imagens que insere estas construções numa cultura internacional desta época.

Em 1884, começam a ser edificadas as habitações para operários (*Figuras 79 e 80*) como consta no relatório da Fábrica⁸³ deste mesmo ano, enfatizando a necessidade de tais construções. O citado relatório diz textualmente:

(...) Penso que deveríamos, oportunamente, empregar mais Rs. 10:000\$000 em semelhante obra, da qual só há vantagens a esperar, não só como fonte de receita, como também pela conveniência de habitarem os operários nas circunvizinhanças da fábrica. (...)Conviria edificar junto à nova fábrica, casinhas para alugar aos operários, para comodidade dos mesmos e segurança do estabelecimento, e ao mesmo tempo oferecendo resultado vantajoso mesmo a aluguel muito módico naturalmente garantido pelos salários.(...)

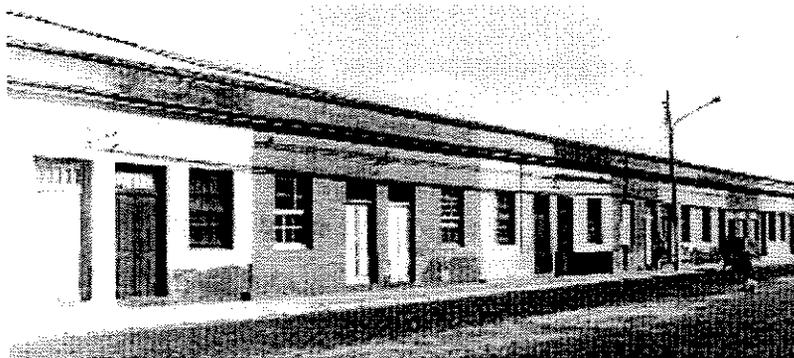


FIGURA 79: Foto antiga da Vila Operária

⁸³ Relatório da Sociedade Comanditãria em Ações Rheingantz & C. 1884. Ano Social de 1/9/1883 a 31/8/1884. Transcrito na dissertação de mestrado de Carlos Alberto Oliveira, p. 122

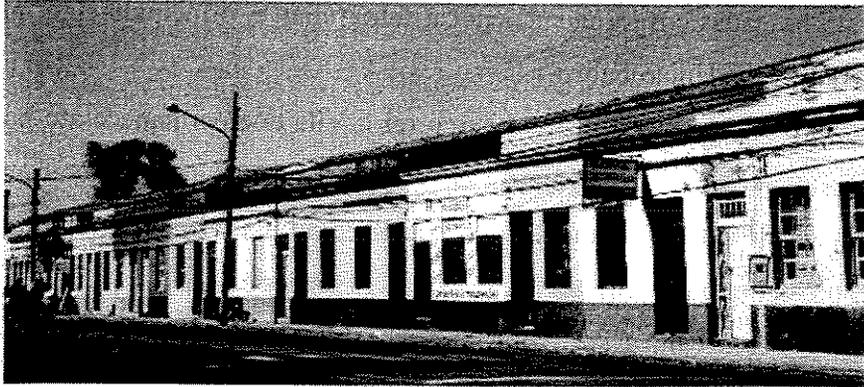


FIGURA 80: Foto atual das casas de operários



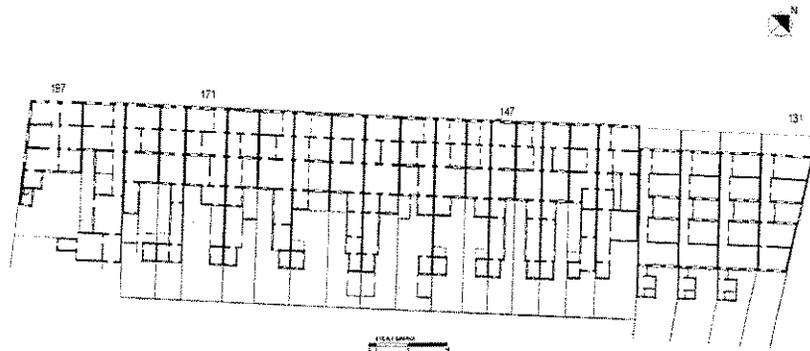
FIGURA 81: Casas de operários

As construções feitas na Rheingantz e que nas plantas⁸⁴ recebem a denominação de “Casas da Fábrica” foram construídas com uma tipologia de casas-em-fita e implantadas num quarteirão ao lado fábrica. As casas eram feitas de alvenaria de tijolos, possuíam um partido formal muito simples, não tinham rede de esgoto nem de água. Em termos de questão de escala, a usada foi a do homem, a forma pura do retângulo foi utilizada para um maior aproveitamento tanto dos materiais de construção como para a otimização do espaço com parede compartilhada pelas habitações, criando assim uma linearidade ao conjunto. Os ornamentos presentes neste caso limitam-se ao ático, frisos e cornija de entablamento separando a parede do ático.

A estrutura do telhado é de tesouras de madeira perpendiculares à fachada, constituindo um telhado único. A cobertura é simples e compartilhada, possuindo duas águas e telhas do tipo capa-canal. A horizontalidade do conjunto dessas casas, enfatizada pelos áticos e cimalkas, é

⁸⁴ As referidas plantas foram pesquisadas no Arquivo Municipal e também ilustram a dissertação de Júlio Guigou-Norro.

equilibrada pelas aberturas verticais das portas e janelas, dando um ritmo compassado à construção. As portas possuem verga reta e bandeiras simples de caixilho de madeira com vidro fixo e janelas de guilhotina com verga reta e caixilhos de madeira com vidro. É muito claro que essas habitações possuíam condições inadequadas de luz, ventilação, espaço interno e péssimas instalações sanitárias, fora os despejos de lixo contíguos. A planta baixa é muito modesta com banheiro externo primeiramente, e que mais tarde vai ser anexado para a casa, a compartimentação também é de porta e janela na fachada, uma sala ligada por corredor a outra sala, tendo entre elas uma peça sem ar nem luz diretos, a alcova. Da sala parte um pequeno distribuidor que se liga a uma cozinha e ao banheiro nos fundos (*Planta 4*). As casas são rebatidas em um eixo de parede compartilhada (de duas a duas).



PLANTA 4: Planta das casas de números 131 A 197

Um outro conjunto de casas geminadas e de meia parede do tipo porta e janela com ático, com datação na fachada de 1900 – apesar de não se ter as plantas originais - através do relatório da Companhia pode-se constatar não só a veracidade da datação como o uso a que se referiam tais casas. O citado relatório da C.U.F de 1900⁸⁵ diz:

Propriedades. Tendo baixado o preço do material de construção e tornando-se cada vez mais urgente darmos melhor acomodação aos mestres de nossas fábricas, e de accôrdo com resoluções anteriores, fizemos construir 4 lanças de casas para habitação dos referidos mestres. Custaram estas casas a quantia de Rs. 30:338\$100. Tendo a Intendência Municipal dado novo alinhamento à rua Rheingantz, ficou o nosso terreno ali situado augmentado de 6238 metros quadrados.

⁸⁵ Relatório da Sociedade Comanditaria em Ações Rheingantz & C. 1884. Ano Social de 1/7/1900 a 31/8/1901.p. 8.

O conjunto possui uma fachada mais elaborada, com a presença de cimalha encimada por ático, sendo que neste há presença de compoteiras e um frontão com volutas localizado no eixo central da construção. Este frontão marca um acesso em arco pleno com moldura e que atualmente possui um portão de ferro. Além da datação de 1900, apliques circulares, frisos, volutas e compoteiras compõem o frontão.

As portas e janelas possuem verga reta e bandeira fixa com caixilhos de vidro e uma moldura no seu contorno, bem como um friso. A porta é de duas folhas com madeiramento macho e fêmea e a janela é de abrir com caixilhos de vidro e postigo de madeira, e também é emoldurada. Essas casas simples variavam muito pouco em relação às suas plantas: o que mudava era a ornamentação das fachadas, o que torna um grande conjunto de casas homogêneas perfeitamente integradas ao plano racional da cidade e do conjunto da Vila Operária. (*Figuras 82, 83*). Não foi possível analisar as plantas, pois as casas foram demolidas.



FIGURA 82: Conjunto de Casas de 1900



FIGURA 83: Detalhe de uma casa

Mais tarde, foram construídas as casas com recuo e parede meia e enfileiradas de número 131, 133, 135 e 137, com formas e dimensões dos lotes diferentes das demais acima citadas que se encontram no alinhamento predial (*ver Figura 84*). Conforme levantamento feito por Guigou-Norro⁸⁶, com base na planta original, estas edificações são posteriores às de 1884, embora a planta carece de informações sobre autoria e data de construção.

Essas casas foram executadas com material de ornamentação mais nobre, oferecendo maiores comodidades, com fachadas de mais custosa execução. O processo construtivo destas casas variou pouco das outras, pois a estrutura do telhado é a mesma.

⁸⁶ Guigou-Norro, J.A. *A Vila Operária na República Velha: o caso Rheingantz*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995. p. 90 e ver anexo 3.

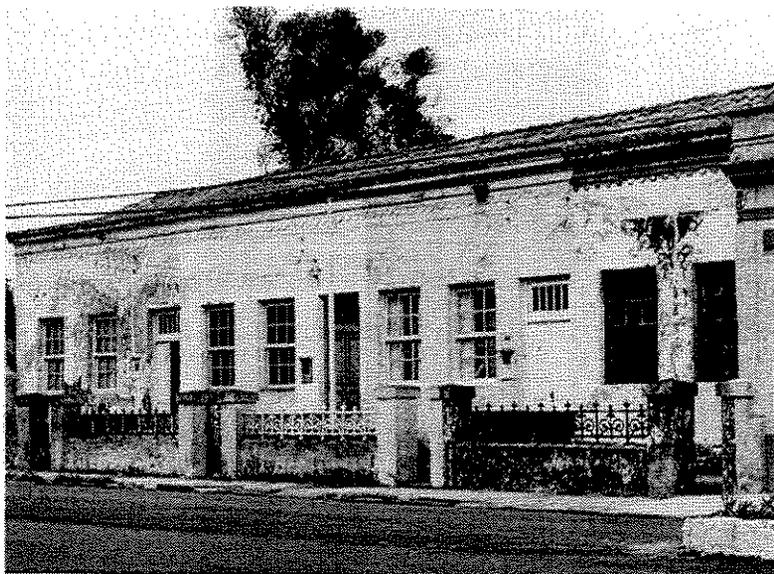


FIGURA 84: Casas de número 131, 133, 135 e 137

As casas de número 131, 133, 135 e 137 possuem recuo frontal de ajardinamento com um muro com gradis que se repetirá nas demais casas de mestres e operários do outro lado da rua, no terreno que foi adquirido por permuta com a Intendência Municipal. As casas são de parede dividida com telhado duas águas com telha tipo capa canal. A presença de cimalha, que abrange todo o conjunto que é puramente geométrico e uniforme, produz unidade. Abaixo do friso temos concha que forma um debrum ornamental e abrange toda sua extensão. *(ver Figura 85)*

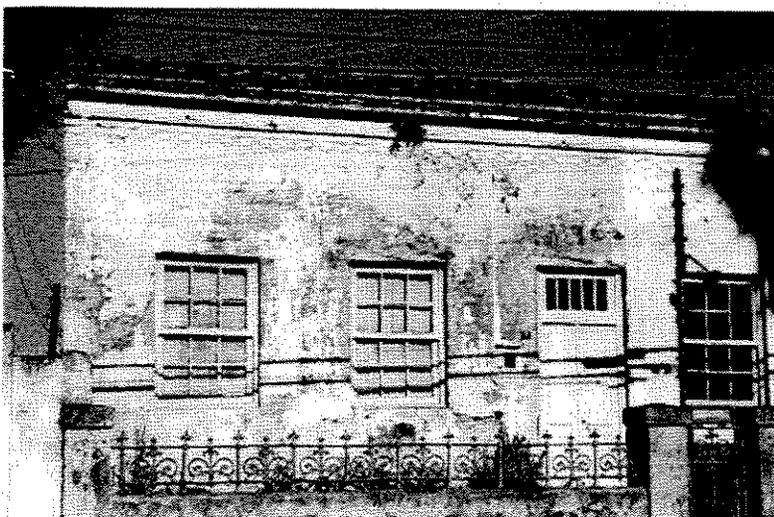


FIGURA 85: Casa de n. 131

As aberturas possuem verga reta e as janelas são de caixilhos de vidro e do tipo guilhotina, a porta possui bandeira fixa com caixilhos de vidro e é almofadada, de duas folhas e de abrir. O conjunto das quatro casas tem um ritmo harmonioso .

Esse tipo de moradia popular recebeu a denominação de vilas industriais e essa prática foi adotada por várias outras indústrias no Brasil. Exemplos bem conhecidos podem já ser vistos em 1853 com as fábricas “Todos os Santos” na Bahia, e “Andaraí Pequeno” no Rio de Janeiro, ambas construíram dormitórios para seus empregados.

Em 1866 a fábrica “Fernão Velho” em Alagoas constrói vários dormitórios, uma pequena enfermaria e um refeitório; em Minas Gerais a “BériBéri” alojava 110 mulheres de 10 a 30 anos; a “Companhia Petropolitana” no Rio de Janeiro, em 1874, oferecia casas para os operários estrangeiros e fornos, fogões, colchões e objetos de casa aos brasileiros. Em 1892, Luiz Tarquínio inaugura em Salvador, Bahia, o “Empório Industrial do Norte” ocupando uma área de 19.337 m² que produzia tecido branco e colorido.

A Vila Operária desta fábrica era constituída de 258 residências, escola, jardim de infância, enfermaria, água e calçamento. A “Fábrica de Tecidos de lã, Algodão e Meia”, de Regoli, Crespi & Cia., em 1900, tinha cerca de 280 a 300 operários e localizava-se na Mooca (SP). A área construída era de 2.000 m² e possuía 100 teares mecânicos e 40 manuais. A Vila Guilherme Giorgi tem como fundador Guilherme Giorgi, empresa que ao comprar uma gleba de 14 km² transfere-se de Belém para o Jardim Têxtil.

A Vila Operária foi construída numa gleba de terra de um tamanho semelhante ao da fábrica, e era de aproximadamente sete ruas distribuídas em cinco quadras, que até hoje estão calçadas. O total é de 104 casas, todas com tamanhos e padrões distintos. As da rua principal possuem quintal, jardim, são amplas e têm aproximadamente 100 m².

Nas ruas transversais, que se dedicavam a funcionários de escalão mais baixo, possuíam um padrão inferior e eram menores e com banheiro externo. José Galvão de França Pacheco Júnior, após ter feito estudos nos Estados Unidos, funda em 1875 a primeira fábrica de tecidos em Salto, junto à Cachoeira do Tietê. Uma outra fábrica importante em Salto foi a de Barros Júnior, instalada em 1880. A solução construtiva se assemelhava com a da fábrica de José Galvão, pois as paredes eram de pedra e tijolos, o alicerce e o primeiro andar da fiação de pedra e os demais de tijolos. A Brasital S.A era formada por acionistas brasileiros e italianos.

A fábrica projetou e construiu quatro vilas operárias: de 1920-1925 a Vila Operária Brasital com 244 casas; de 1920-1924 fez chalés para Mestres e Contra-Mestres com um total de 13 casas; entre 1924-1927 a Vila do Porto Góes, com 20 casas (para os empregados da fábrica de papel); e entre 1945-1946 a Vila do Tietê, com oito casas.

As casas eram de propriedade das próprias indústrias que construíam habitações para seus operários. Na maioria das vezes existia uma equipe de pedreiros e mestres de obra da fábrica que eram responsáveis tanto pela construção como pela manutenção das casas.

No caso da Rheingantz funcionava um escritório denominado Escritório de Engenharia, que tomava conta da parte do maquinário e da construção das casas quando era aprovado o orçamento nos relatórios da Diretoria. As habitações eram alugadas, como dito anteriormente, a preços módicos aos operários.

Esse mesmo modelo de construção pode ser visto num conjunto de casas do hospital Ana Cintra em Amparo (SP) (*Figura 86*); na Vila Maria Zélia em São Paulo⁸⁷ (*Figuras 87 e 88*); a Vila Matarazzo (*Figura 89*); na Brasital⁸⁸ (*Figura 90*) e na Ítalo- Americana (*Figura 91*), bem como em modelos de casas construídas pelas companhias mineradoras em Eisenheim Estate em Oberhausen – Osterfeld (1844) e Dortmund – Sölderholz (1850-70)⁸⁹ (*Figura 92*).

⁸⁷ A Vila Maria Zélia era uma Fábrica de tecelagem e algodão situada na freguesia de Belenzinho, cidade de São Paulo, com área total de 214.110 m² com seções de tinturaria, estamparia, mercerização, tecelagem e fiação. A Vila Operária Maria Zélia possuía creche, jardim de infância, dois grupos escolares, restaurante, sede de sociedade de operários da fábrica e escoteiros, armazém de comestíveis e fazendas, farmácia e gabinete médico, igreja, cassino e 181 casas térreas para residência de empregados e operários, mais um edifício térreo com 26 apartamentos para residência de operários solteiros. O dono da fábrica era o médico com especialização na Europa, Jorge Street.

⁸⁸ A Brasital S.A era formada por acionistas brasileiros e italianos. A fábrica projetou e construiu quatro vilas operárias: de 1920-1925 a Vila Operária Brasital com 244 casas; de 1920-1924 fez chalés para Mestres e Contra Mestres com um total de 13 casas, entre 1924-1927 a Vila do Porto Góes, com 20 casas (para os empregados da fábrica de papel); e entre 1945-1946 a Vila do Tietê, com oito casas.

⁸⁹ Bullock and Read, N. and J. *The Movement for housing reform in Germany and France 1840-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, Great Britain by the University Press, 1985.

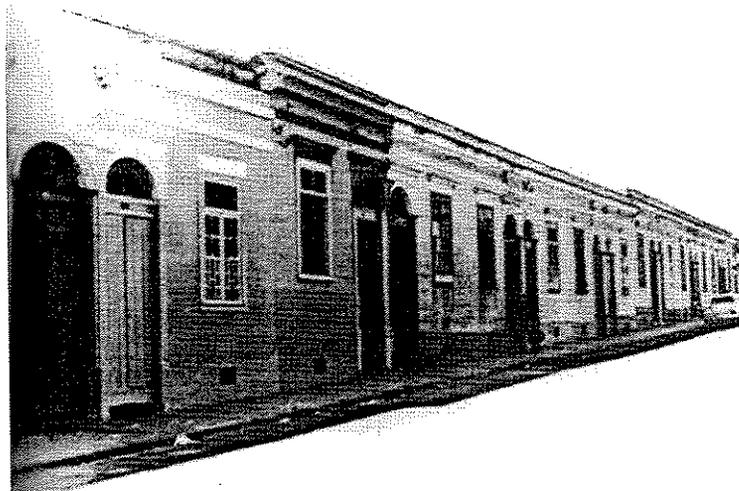


FIGURA 86: Hospital Ana Cintra, SP.



Vila Maria Zélia, uma das ruas da Vila Operária, 1918

FIGURA 87: Vila Maria Zélia



Jorge Street e autoridades eclesásticas por inauguração da igreja da Vila, 1919

FIGURA 88: Vila Maria Zélia

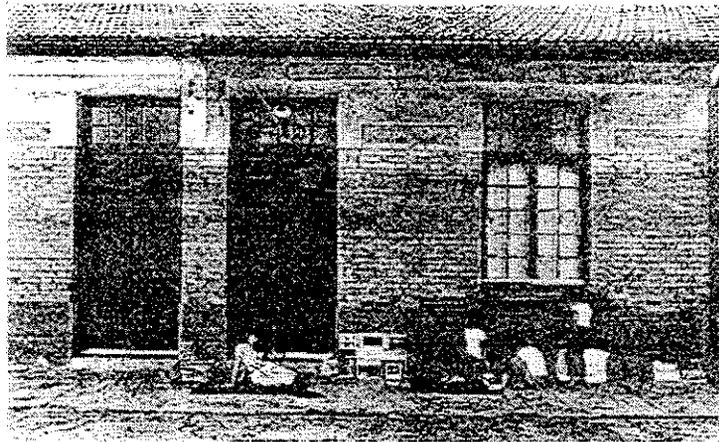


FIGURA 89: Vila Matarazzo

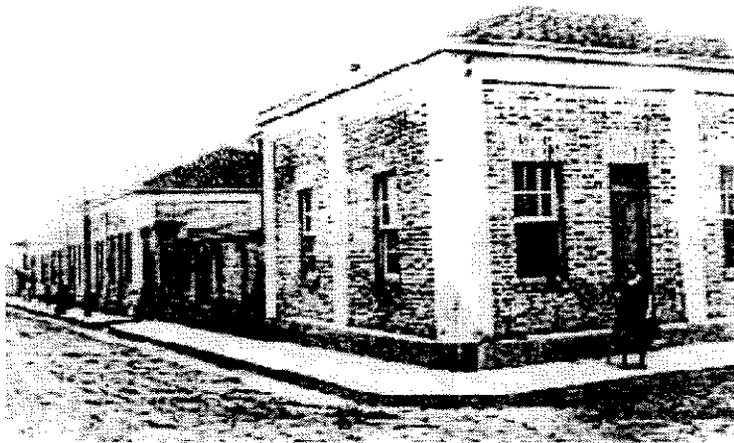


FIGURA 90: Brasital S.A.

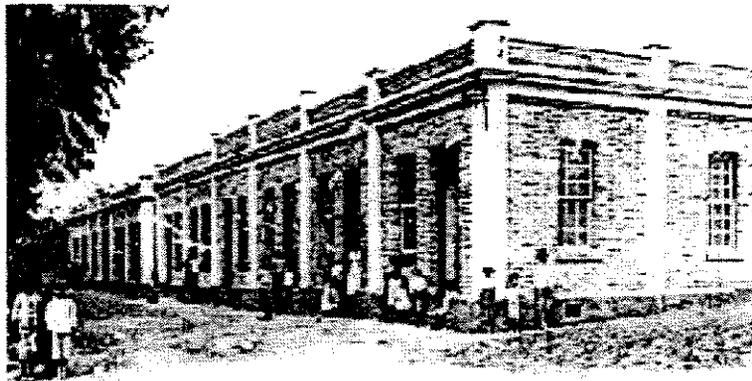


FIGURA 91: Ítalo-Americana

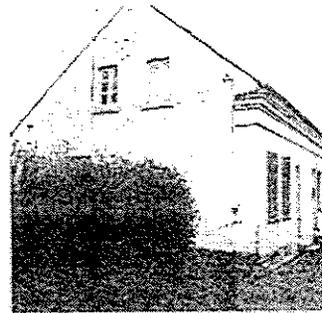
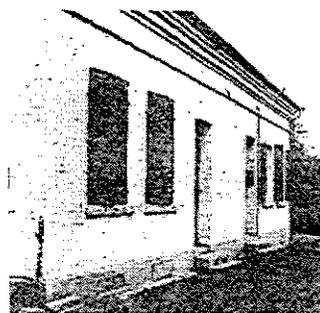
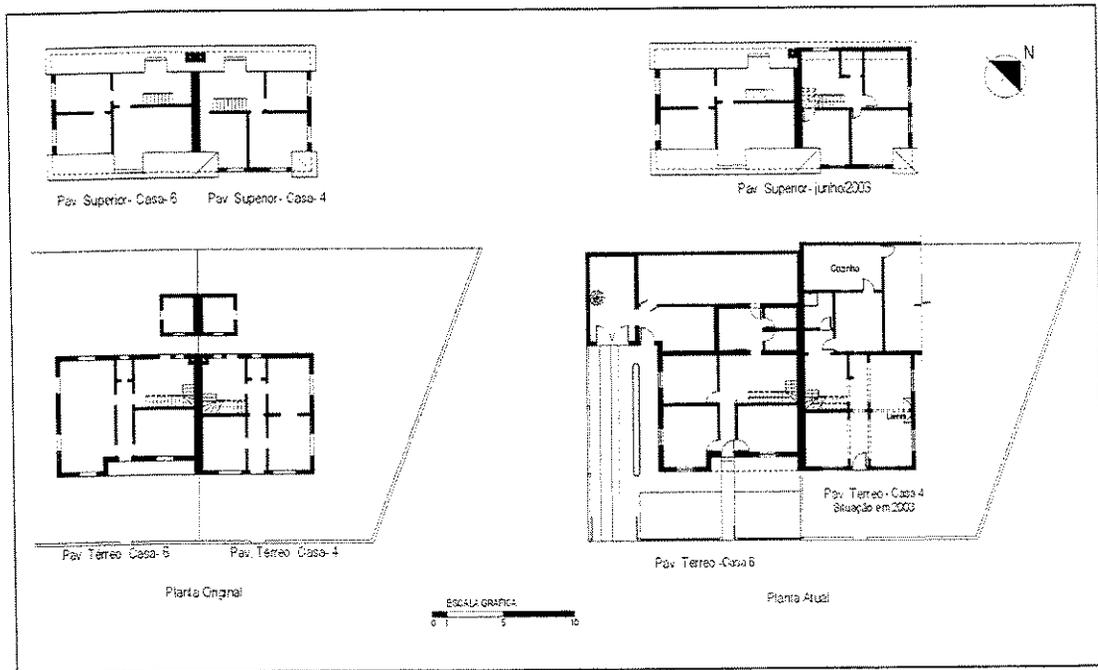
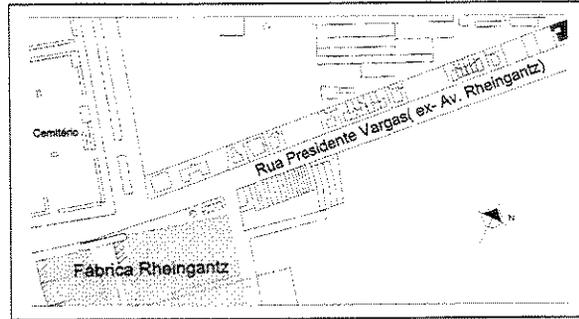


FIGURA 92: Eisenheim Estate e Dortmund

Casas 4 e 6



CASAS - 4 E 6

As casas para mestres de números 4 e 6 ficam no terreno de esquina oposto ao do Cassino dos Mestres. Ambas possuem documentação de plantas da C.U.F e da P.M.R.G.⁹⁰, conforme registra Guigou-Norro⁹¹. Utilizou-se de base a planta transcrita desta documentação, além de um levantamento no local para verificar a situação atual das habitações. (Figura 93) O conjunto originalmente era isolado no lote, mas atualmente possui recuos laterais e frontal devido a acréscimos feitos nos fundos. Em relação ao entorno, tem um atributo de realce por sua implantação e sua escala.

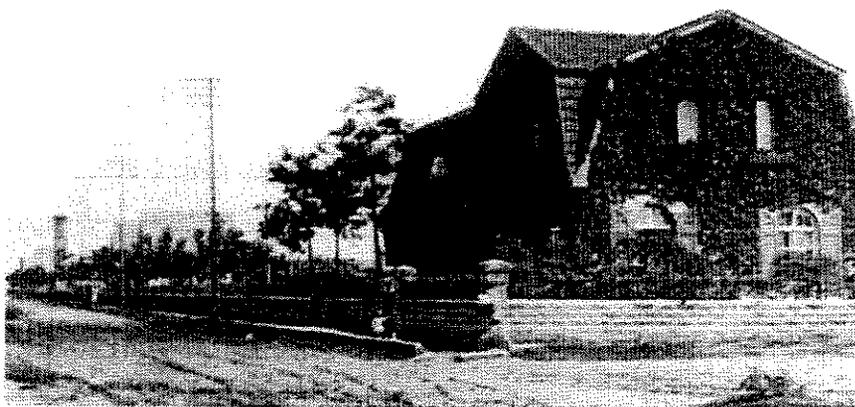


FIGURA 93: Foto antiga das casas 4 e 6

As casas de números 4 e 6 possuem unidade, apesar de se caracterizarem por duas habitações distintas. São casas de parede dividida e possuem uma complexa composição plástica e muito interessante – dispostas como um volume de base retangular com uma cobertura em forma de caixote com planos inclinados interseccionados a outros planos de cobertura no canto esquerdo do volume.

⁹⁰ PMRG – Prefeitura Municipal do Rio Grande

⁹¹ Guigou-Norro, J.A. *A Vila Operária na República Velha: o caso Rheingantz*. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 1994. Orientador: Günther Weimer. p. 195 e 199 - Para as de n. 4 e 6 datam de 16 de outubro de 1936, 16 de março de 1950, 26 de julho de 1951 e 22 de junho de 1976.

As fundações são de blocos de pedra, as paredes externas são de alvenaria de tijolos maciços e as internas são de divisórias de madeira no segundo pavimento, e de tijolos no térreo. A cobertura do telhado em mansarda é bem complexa e sofisticada para a época toda de tesouras de madeira perpendiculares as paredes apoiada num frechal com pilares de madeira apoiado nos cantos e com caibramento fechando a lateral, e apoiando-se nas paredes. O uso de telhas do tipo francesas e a água furtada são compostas de tesouras de madeira na cobertura da casa de n. 4.

O programa original da casa n. 6 (esquerda – *Figura 94*) atribuída ao térreo um longo corredor central intercomunicando duas salas de frente, sendo uma mais ampla, uma cozinha e uma despensa; o banheiro localizava-se num compartimento externo nos fundos. No segundo pavimento um grande distribuidor interligava dois dormitórios, sendo um dividido em dois.



FIGURA 94: Casa n. 6 à esquerda

Na casa de n. 4 (direita) a organização espacial é um pouco parecida com a de n. 6, porém devido à falta do alpendre possui uma conformação mais quadrática, possibilitando uma maior simetria e dimensão mais homogênea nos compartimentos. Tratando-se de um longo corredor central, que interliga três salas, a cozinha e uma pequena despensa ao fundo, o banheiro também está externamente à casa. No segundo pavimento um distribuidor interliga três dormitórios.

A distinção feita para individualizar cada residência se dá através da inserção de elementos de composição de fachada, e principalmente das coberturas. Na casa de n. 6 o plano da cobertura é um elemento de composição dominante, possui uma abertura no telhado

guarnecida de caixilho de madeira de arco pleno subdividido em quatro partes, denominada de lucarna curva ou sobancelha (*Figura 95*)



FIGURA 95: Detalhe da lucarna curva ou sobancelha

O plano da fachada de alvenaria possui um pequeno alpendre, é o caso que possui um pequeno recuo conformando uma para o acesso principal e as esquadrias do pavimento térreo (*Figura 96*) são todas janelas de abrir com bandeira fixa de arco pleno subdivididas por um montante em duas partes, e possuem veneziana. A porta principal caracteriza-se por uma porta almofadada de madeira com verga reta e bandeira fixa com caixilhos de vidro. A planta tem um programa simples com uma sala principal, cozinha, jantar e três dormitórios, sendo a lucarna a iluminação do quarto de maior dimensão do segundo pavimento. O banheiro é externo e de meia-parede com o da casa n. 4.

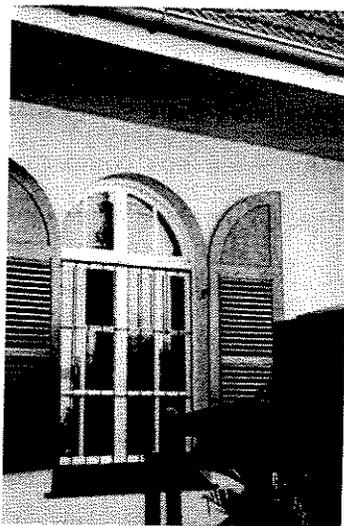


FIGURA 96: Janela da casa 6

A casa de n. 4 (*Figura 97*) por sua vez, possui uma composição de fachada que toma partido de uma água furtada construída no sentido perpendicular à cobertura principal, que cobre as duas unidades habitacionais como um todo. Individualizando essa residência e tendo como elementos de composição de fachada um óculo no segundo pavimento, duas janelas com verga reta e veneziana, no primeiro pavimento, permanece o uso de verga reta e temos duas janelas simétricas em relação à porta principal, que tem a mesma altura de verga da porta da casa n. 6.



FIGURA 97: Casa n. 4 (esquina)

Atualmente a casa de n. 6 foi reformada para se adaptar ao novo uso de Escola de Informática. Na entrada permanece o longo corredor central que dá acesso à direita e à esquerda a duas salas de aula de mesma dimensões; mais ao fundo e à esquerda uma pequena sala da administração. Ao fundo, a despensa foi retirada e um amplo distribuidor interliga aos serviços no fundo e a escada. Os serviços do fundo compõem-se de um compartimento com dois banheiros que se interliga a um grande galpão que serve para reparos em computadores e se liga à esquerda a uma garagem com uma escada caracol, que dá acesso a mais um compartimento de depósito. No segundo pavimento permanece a disposição original da casa, com um distribuidor que interliga a uma sala próxima à escada à esquerda de dimensões maiores, utilizada como sala de aula; a outra sala em frente à escada, de menor dimensão, se comunica com uma outra sala que não tem acesso pelo distribuidor, utilizada para arquivos e depósito. Ambas possuem iluminação por janelas que compõem a fachada lateral da residência.

Na casa de n. 4 está sendo feita uma reforma atualmente, e foram modificados elementos estruturais, revestimentos e o programa original do térreo, principalmente. A entrada acessa um longo corredor central que intercomunica à esquerda a um ambiente que é a sala de estar, à direita a uma sala de dois ambientes com lareira; ao fundo à esquerda a um distribuidor grande com uma escada nova; aos fundos em frente à escada uma porta acessa ao banheiro e à cozinha. A cozinha está separada do corpo principal da casa por uma área de iluminação, e atualmente está anexada ao novo prédio comercial (loja) construído nos fundos do terreno recentemente. Na parte superior, a escada desemboca em um distribuidor amplo; na frente da escada e à direita temos dois dormitórios, à esquerda um banheiro e seguindo o distribuidor, no canto acima do vão da escada, outro dormitório.

Na casa de n. 6, os revestimentos de pisos são todos de táboa de pinho; nos banheiros, cozinha e nos fundos os pisos são de lajota; as paredes de todas as peças são rebocadas e pintadas, as paredes do segundo pavimento são divisórias de madeira, os forros são de madeira e de Eucatex, a escada é toda estruturada em madeira. As instalações de água e luz são todas novas e alguns caixilhos de madeira das portas foram trocados por novos. Na casa de n. 4, os pisos originais foram trocados por taboa de ipê, o piso do segundo pavimento foi estruturado com pré-laje, nos vãos abertos foram construídas vigas de sustentação para as paredes do segundo pavimento, piso de lajotas nos banheiros e cozinha; as paredes receberam rebocos novos e serão pintadas, as paredes dos banheiros e cozinhas têm revestimento de azulejos; numa parede do térreo há revestimento de pedra irregular, os forros são de laje aparente que receberá pintura. As instalações de luz e água são todas novas.

Esse uso de cobertura pode ser encontrado em residências construídas no século XVII, como na casa de Conyn-an Renssealer, de 1766 (*Figura 98*) ou como a casa de telhado plano e feita de pedra datada de 1724, chamada Van Loon House (*Figura 99*). No caso das casas de n. 4 e 6 o telhado é recoberto de telha francesa, que também garante essa aparência de telhado plano.



FIGURA 98: casa de Conyn-an Renssealer



FIGURA 99: Van Loon House

Neste outro exemplo (*Figura 100*) da Verplanck-Van Wyck House, datada de aproximadamente 1768 a 1827 de tempo de construção, onde podemos notar que também há uma utilização do óculo – elemento que serve para iluminação e ventilação, as esquadrias da fachada possuem verga reta e uma certa simetria como na casa de n. 4.

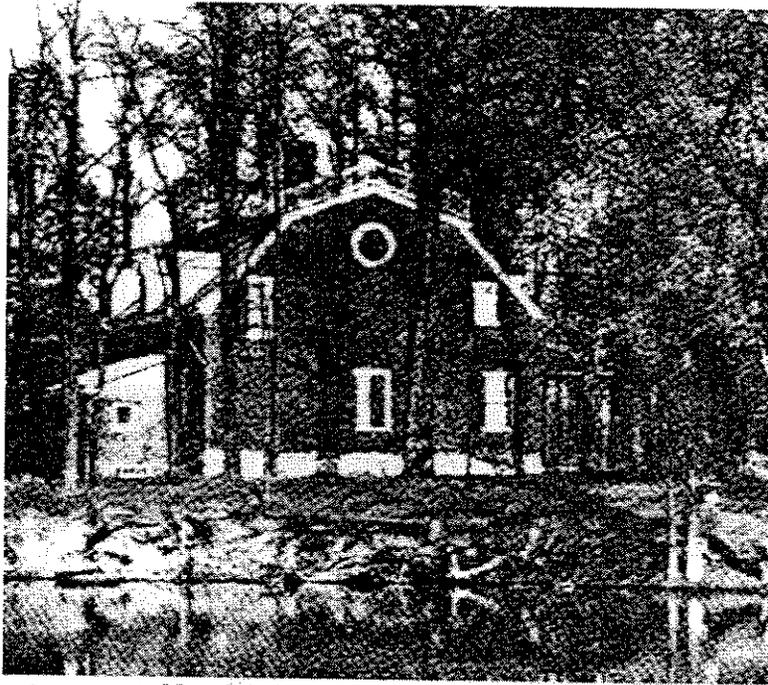
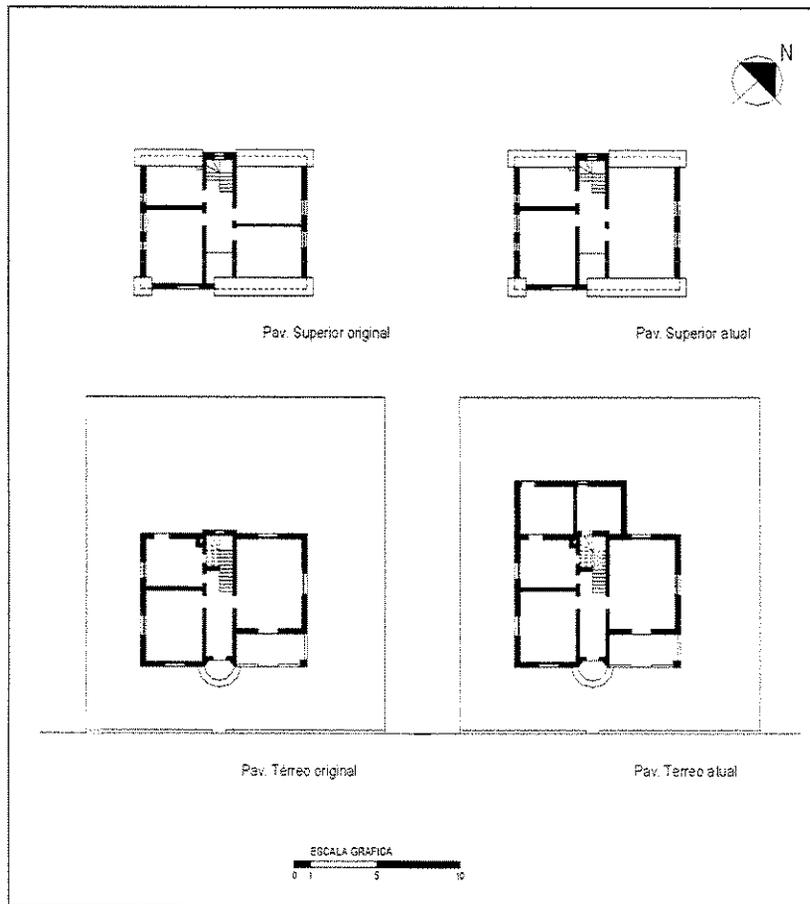
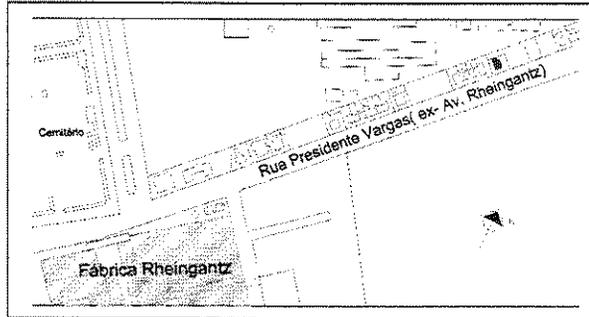


FIGURA 100: Verplanck-Van Wyck House

Casa 46



CASA - 46

Para a casa de n. 46 as plantas originais não foram encontradas, sendo feito um levantamento no local com o auxílio das plantas transcritas na dissertação de Guigou-Norro⁹².
(Figura 101)



FIGURA 101: Casa 46

A morada possui um recuo frontal e é isolada no lote – em relação ao entorno está em harmonia com a sucessão de casas que conformam a rua, tanto em questão de escala como de implantação. Trata-se de um prédio de planta de base retangular com uma saliência em uma das faces, e com uma cobertura com dois pares planos, com altura e declividades diferentes.

As fundações são de aparelhos de pedra, as paredes externas são de alvenaria portante de tijolos maciços, paredes internas de estuque, o telhado é todo de tesouras de madeira com inclinações e posições distintas do madeiramento, coberto com telhas finas de cerâmica. Esta casa de mestre possui uma cobertura de duas águas, com uma água furtada voltada para a fachada principal, possuindo um espigão na altura mais baixa da cumeeira do telhado principal.

⁹² Guigou-Norro, J. *A vila operária na república velha: o caso Rheingantz*. Porto Alegre: URGs, 1994. p. 194

Originalmente os compartimentos da casa caracterizavam-se no térreo por duas salas, uma cozinha, um compartimento embaixo do vão da escada e um banheiro com acesso externo. No segundo pavimento, quatro dormitórios e um armário ao fundo do corredor.

A fachada tem uma bela composição de elementos e planos com o recurso de um alpendre, aproveitando o caimento do telhado. A empena da água-furtada, que é o plano mais saliente, possui decoração de escoras, janelas com verga reta e caixilhos de madeira. A porta é muito sofisticada, de madeira e almofadada com entalhes de figuras geométricas com verga em arco abatido. No alpendre há uma porta-janela com caixilhos de madeira com vidro, um pilar com base quadrada e um barroto de madeira que sustenta o vão. (*Figura 102*)

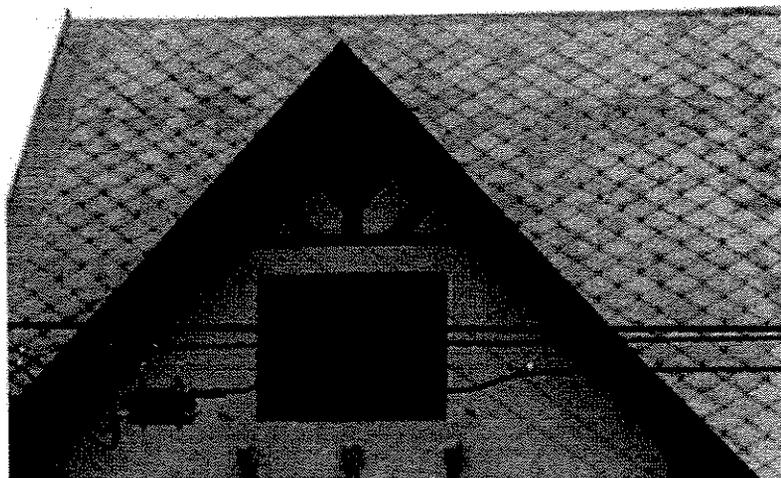


FIGURA 102: Detalhe da empena

A casa é caracterizada por um longo corredor central intercomunicando à esquerda uma sala de frente e à direita uma sala maior com ligação ao alpendre; ao fundo a escada, e à esquerda temos um compartimento – uma espécie de copa. Nesse compartimento temos duas ligações: uma à direita debaixo do vão da escada que dá acesso a um amplo banheiro, e outra porta no canto esquerdo superior liga à cozinha. No segundo pavimento, na chegada da escada, tem-se atualmente outro banheiro à direita, um dormitório ao lado e à esquerda outro quarto amplo com duas portas de acesso. Nos fundos foi construído um compartimento ocupando toda largura do lote para uso de salas para a administração da escola.

Os pisos são todos de assoalho de madeira, nas áreas de serviço e banheiros são pisos cerâmicos, nas paredes o reboco recebeu pintura nova e foi refeito em algumas partes; no banheiro do térreo as paredes são revestidas de azulejos, os forros são todos de madeira tipo saia-camisa e originais, pois não foram trocados mesmo com a reforma feita há um ano. As instalações elétricas e hidráulicas foram refeitas mas os caixilhos de madeira das portas são originais, incluindo a escada. As portas internas possuem molduras e bandeiras com caixilhos de madeira com vidro.

Em construções inglesas da década de 1920, como na dos arquitetos MM. Castle e Warren (*Figura 103*) na Amberley House em Norfolk Street, Londres, vê-se claramente o mesmo recurso usado na Casa n. 46, com a utilização de água furtada, volumetria da cobertura semelhante, uma inclinação acentuada, revestimento do telhado com telha plana e alpendre, tratando-se de características de habitações residenciais comuns naquela época.



FIGURA 103: Amberley House

Uma outra residência projetada pelos arquitetos MM. Warwick e Hall, na South Square, Gray's Inn em Londres (*Figura 104*) ilustra a mesma forma de decisão de projeto de cobertura usada na casa n. 46: o espigão da água furtada tem uma altura inferior da cumeeira do telhado principal, causando uma interessante movimentação nos planos do telhado.

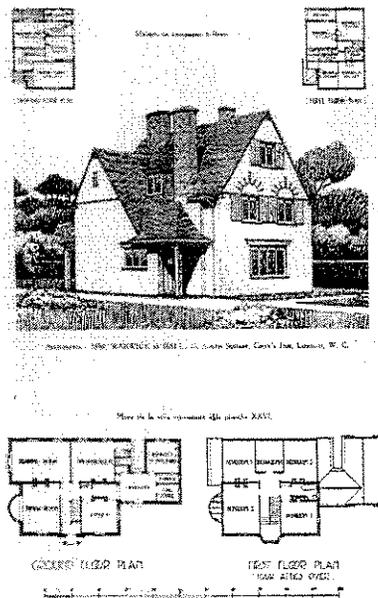
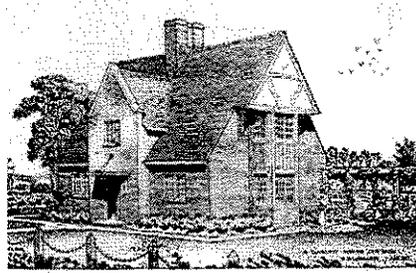


FIGURA 104: South Square, Gray's Inn, Londres.

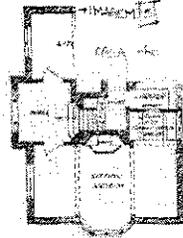
Num outro exemplo de manuais de periódicos provindos da Alemanha (*Figura 105*), há a mesma solução de cobertura com telha plana. Um belo exemplo de habitação do subúrbio inglês projetada pelo arquiteto M.R.T. Longden segue a mesma tipologia empregada na casa n. 46. Porém com mais sofisticação, a admirável fachada do exemplo tem elementos similares ao da casa de mestre, como telhas planas, água-furtada e escoras de madeira na empena. (*Figura 106*)



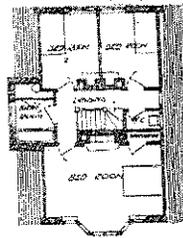
FIGURA 105: Manuais da Alemanha



Maison de l'habitat économique



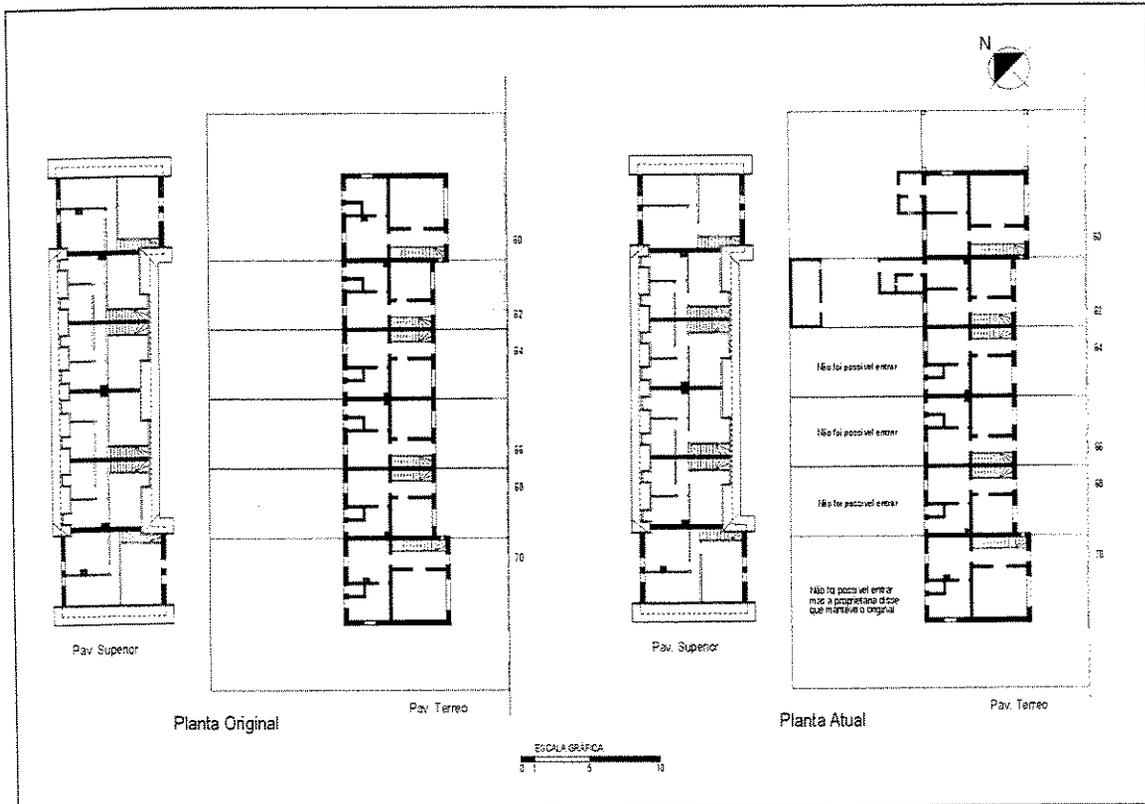
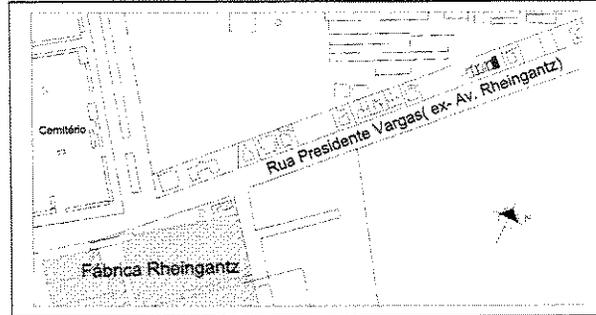
Ground Plan
Plan de rez-de-chaussée



Chamber Plan
Plan de l'étage

FIGURA 106: Habitação do subúrbio inglês

Casas 60-70



CASAS - 60 A 70

O grupo de seis casas para operários de números 60 a 70 tem uma fonte documentada⁹³ (*Figuras 107, 108*). O conjunto de edificações está implantado em fita, isolado no lote e com recuo frontal, mas com acessos individuais. O volume configura uma espécie de “C” com cobertura piramidal em duas posições diferentes, mas inteiramente da mesma altura.



FIGURA 107: grupo de casas



FIGURA 108: grupo de casas do meio

As fundações são de pedra aparelhada, as paredes externas são de alvenaria de tijolos maciços e as internas do térreo igualmente, porém as paredes internas do segundo piso são de

⁹³ Guigou-Norro, J.A. *A Vila Operária na República Velha: o caso Rheingantz*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995. p. 186. [de uma planta geral de 29 de setembro de 1925 da C.U.F e outras duas contendo cortes e fachadas]

estruque e outras são de divisórias de madeira ortogonal ao caimento do telhado. A cobertura é de duas águas com madeiramento em tesouras, uma para cada unidade, com reforços de mãos francesas; as telhas utilizadas são de cerâmica finas que imitam escamas de peixe.

As habitações caracterizam-se por uma mesma organização em planta rebatida simetricamente e com parede dividida. Entretanto, as casas dos ressaltos possuem dimensões maiores que as do meio. O projeto original contemplava no térreo um quarto, uma copa/sala e uma cozinha. No segundo pavimento um corredor central e três dormitórios. Mais tarde foi anexado um banheiro ao corpo de cada casa, com acesso externo.

A fachada simétrica possui várias aberturas, janelas com caixilho de madeira com verga reta e de abrir, portas de madeira com envidraçado, trapeiras, frisos. A fachada é muito interessante e bem resolvida, usa materiais simples em contraste com um elemento sofisticado para iluminação, as trapeiras⁹⁴, promovendo um requinte ao conjunto.

Os espaços internos atualmente possuem particularidades e não foi possível entrar em todas as casas, porém será feita uma transcrição do partido geral devido a um levantamento feito no local nas casas de número 68 e 70, que permitiram a entrada. Como descrito anteriormente, as casas dos ressaltos diferenciam-se por uma dimensão um pouco maior, mas o programa espacial é o mesmo. Na entrada principal tem-se um pequeno distribuidor com uma escada que interliga à direita a um quarto de frente e ao fundo à uma copa que se comunica com a cozinha. Esta tem ligação a um anexo que se liga à direita ao banheiro para que o mesmo tivesse o acesso ao corpo da edificação internamente. No segundo pavimento, um corredor central interliga à direita a um quarto amplo e à esquerda e ao fundo a dois quartos menores.

Os pisos são de taboa de pinho em todos os compartimentos, porém na cozinha e banheiro são de cerâmica; os forros são de madeira do tipo saia-camisa e as paredes são rebocadas com pintura de cal. As instalações elétricas são aparentes e algumas foram trocadas, as hidráulicas são com canos de ferro e manilhas de cerâmica. Presença de moldura nas portas e rodapé de madeira na casa 70.

O uso dessa tipologia como o do conjunto de casas 60-70 é usual em habitações econômicas residenciais e operárias, como na do arquiteto M.R.F. Johnston (*Figura 109*) Neste

⁹⁴ Albernaz, M.P. ; Lima, C.M. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*. 2.ed. São Paulo: ProEditores, 2000. p. 634 [Trapeira - abertura no telhado guardada de caixilho para iluminar, ventilar ou permitir a passagem para desvão]

exemplo, semelhante ao caso das habitações 60-70, temos o espigão na mesma altura e a simetria na composição de fachada.



FIGURA 109: habitações econômicas residenciais

Neste grupo de seis casas para operários da C.U.F., a forma como foram resolvidas as trapeiras assemelham-se às técnicas representadas nos manuais de construção civil⁹⁵ (*Figura 110, a e b*), pois aproveitam o caimento do telhado e o madeiramento para inserir este elemento. (*Figura 111*).

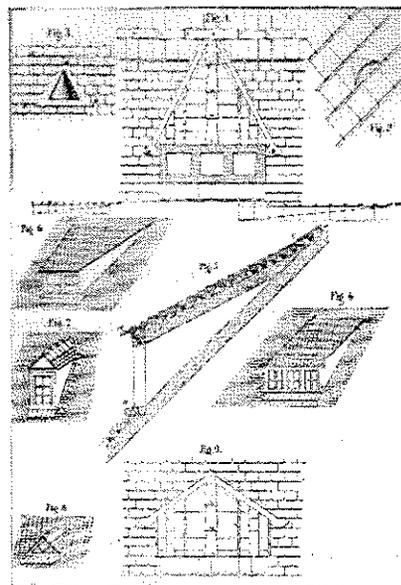


FIGURA 110: Manual de construção, fig. 5 e 4

⁹⁵ Breyman, G.A Trattato Generale di Costruzioni Civili. Vo.1 I. Ed. Dottor Francesco Vallardi. Milano, 1926. p.100



FIGURA 111: Figuras das trapeiras das casas 62 a 68

Um outro exemplo de casas repetidas é o estágio inicial de Margaretenhof Estate em Rheinhausen, construída por Schmohl para Krupp em 1903 (*Figura 112- Margaretenhof Estate, Rheinhausen am Rhein, 1903-5*). As habitações são arranjadas em grupos de casas repetidas, uma forma de moradia mais comum na Inglaterra do que na Alemanha, arrumadas em forma ordenada na quadra. As casas são projetadas com estreitas fachadas todas iguais, e possuem uma planta e volume similares ao das casas 60-70. Neste caso, a implantação destas casas é baseada numa praça formal e distinta da usada no conjunto de habitações da C.U.F.

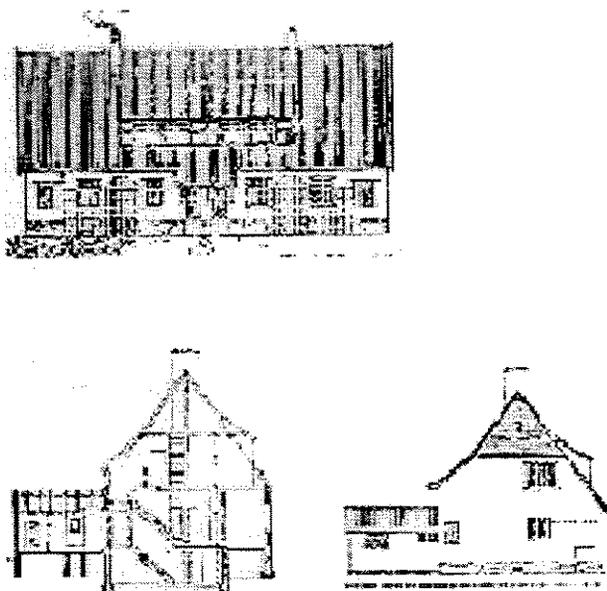


FIGURA 112: Margaretenhof Estate

Os anos de 1850 ofereceram muitas modificações de moradias para trabalhadores, as quais foram rejeitadas e refeitas com um modelo mais aceitável. O próximo exemplo é de moradias planejadas por sociedades com membros das prefeituras locais⁹⁶, como é o caso da casa construída pela Socièté dès Cites Ouvrieres em Le Havre (*Figura 113*), fundada por Jules Siegfried em 1871, e projetada por F. Lemaitre.

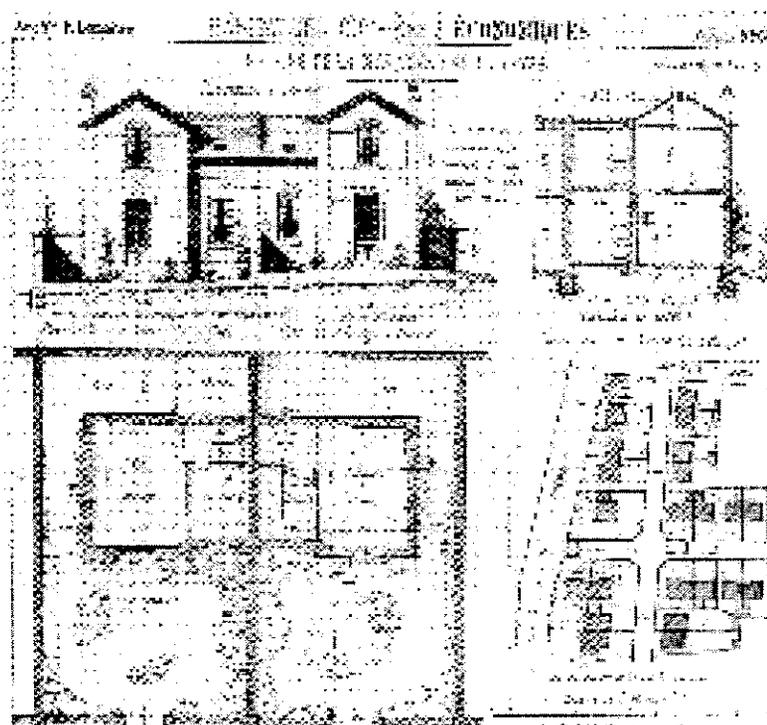
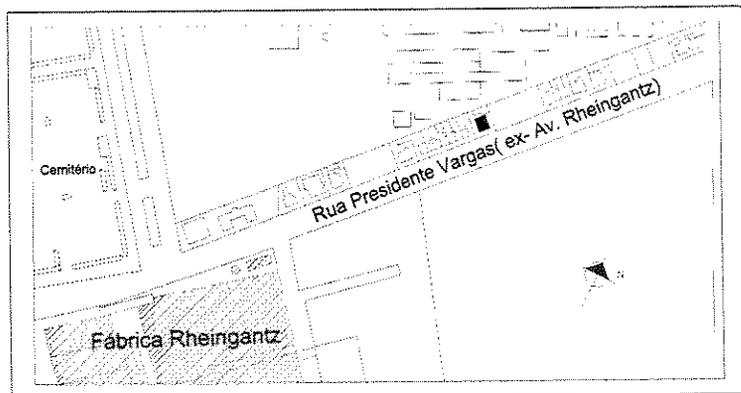


FIGURA 113: Socièté dès Cites Ouvrieres em Le Havre

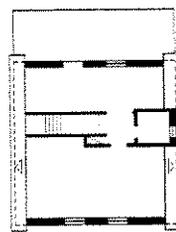
Algumas casas tinham um valor elevado, mas as mais baratas eram compradas por operários da construção civil, das fábricas de algodão, entre outros. Estas casas eram dispostas duas a duas, possuíam um jardim na frente e um eixo de simetria na parede dividida no qual a planta era rebatida, tanto em plano como em elevação. Os remates das portas e janelas possuem uma sofisticação maior do que as das casas 60-70, entretanto o tipo de implantação é o mesmo.

⁹⁶ Com um suporte oficial, o Imperador concedia uma quantia para as companhias que construíssem casas para venda ou aluguel, o capital repassado para financiar as construções, proporcionava aos ocupantes comprá-las em até 14 anos, em alguns casos.

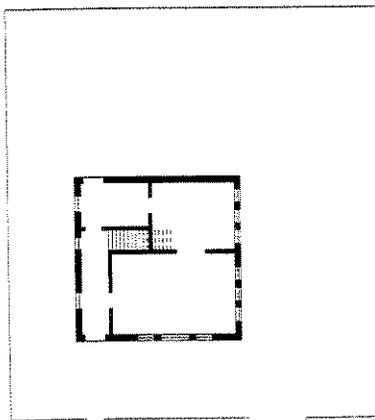
Casa 102



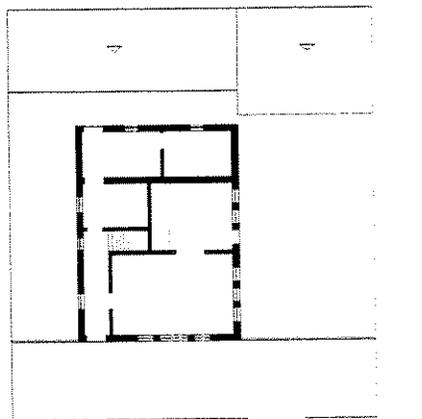
Pav. Superior original



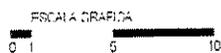
Pav. Superior atual



Pav. Térreo original



Pav. Térreo atual



CASA - 102

A casa de mestre de número 102 não possui plantas originais e a autoria do projeto não pode ser constatada, pois no selo dos levantamentos encontrados o construtor sempre aparece como sendo a C.U.F. A casa tem um estilo arquitetônico que lembra o colonial holandês⁹⁷ e possui uma implantação isolada no lote com recuo frontal. Há uma relação de destaque com o entorno devido a sua volumetria como um todo. A morada é um belo exemplar arquitetônico composta por um volume de base retangular facetado na parte superior devido à decisão do uso de cobertura em gambrel. (Figura 114)

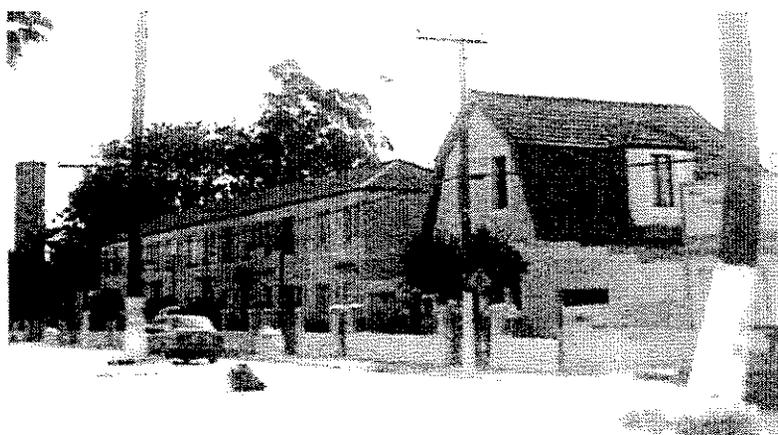


FIGURA 114: Foto antiga da casa 102 e seu entorno

As fundações são feitas de blocos de pedra, as paredes são de alvenaria sólida de tijolos maciços no térreo e no segundo pavimento, além de paredes de tijolos, temos também divisórias de madeira e forro seguindo até o chão, conformando algumas paredes laterais.

O telhado se subdivide em cada lado da cumeeira em uma vertente menor encimada por outra, mais íngreme. A estrutura é toda de madeira de pinho com repetidas tesouras de madeira com pendural único. A cobertura é feita com telhas francesas.

⁹⁷ Ching, F.D. *Dicionário Visual de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 43 - diz-se da arquitetura residencial dos colonos holandeses de Nova York e Nova Jersey no século XVII, normalmente caracterizada por telhados curvos apoiados em pórticos situados nos lados maiores.

O programa original consistia em um longo corredor lateral no térreo interligando duas salas, a escada e ao fundo a cozinha. No segundo pavimento, uma pequena circulação intercomunica três dormitórios, sendo um de frente e o banheiro central. A construção não-usual com este tipo de cobertura promove uma fachada destacada, sendo que as cinco aberturas e a porta de acesso na lateral são elementos que compõem um plano com a presença de mais cheios que vazios.



FIGURA 115: Foto atual da Casa de mestre n. 102

O beiral do telhado produz um marcante destaque do plano da fachada, pela forma e o recorte que produz. A lucarna caracteriza-se por um elemento de composição e destaque da fachada lateral, além da característica funcional de iluminação/ventilação do banheiro.

As esquadrias são todas de verga reta com emolduramento em seu contorno. As janelas são de abrir com caixilhos de madeira com vidro e veneziana. Na fachada principal, no térreo, temos três janelas com um emolduramento em todo contorno proporcionando uma composição única. As demais caracterizam-se por janelas emolduradas, de verga reta com caixilhos de madeira com vidro. A porta principal também possui moldura e é de madeira e almofadada. (Figura 116)

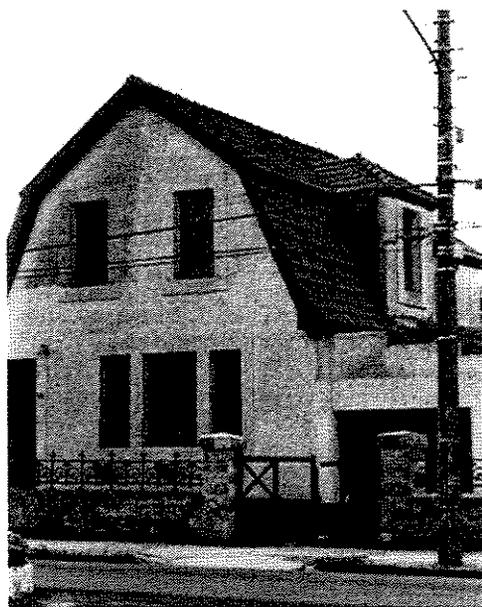


FIGURA 116: Detalhe da casa 102

O fechamento por muros das laterais foram aumentos feitos durante os anos, devido aos acréscimos construídos nos fundos e na lateral do terreno para garagem, churrasqueira e piscina. A residência está sendo reformada atualmente: na entrada principal o longo corredor lateral intercomunica à direita primeiramente a uma sala que se liga a outra com dimensões menores. Seguindo o corredor lateral, à direita há uma escada de acesso ao segundo andar, depois uma ante-sala pequena e a cozinha. A cozinha é um aumento posterior feito na reforma anterior, e se comunica com uma área de serviço. Nos fundos há um compartimento com banheiro, uma churrasqueira, garagem e uma piscina na lateral da casa.

No segundo pavimento a escada leva a uma circulação central pequena que liga a um quarto de frente amplo à direita, à frente há um banheiro e à esquerda há um outro dormitório com sacada.

Os pisos do corredor, cozinha, área de serviço e das salas do térreo são de lajotas, enquanto que os dormitórios têm piso de assoalho. Os forros de madeira estão presentes em todos os compartimentos da casa. Havia cimalha de madeira que provavelmente acompanhava o forro tipo saia-camisa original, mas que foi retirada pelo estado de deterioração. As paredes são todas de reboco pintado e as instalações elétricas e hidráulicas foram trocadas, pois ainda existiam manilhas de cerâmica e canos de ferro que estavam em péssimo estado.

Esse modelo internacional de construção evoca modelos holandeses, como é o caso de exemplos de construções em Hudson Valley de casas Holandesas⁹⁸ antes de 1776; no projeto construído em 1701 por Hendrick Kip, no condado de Kipsberger (*Figura 117*) as porções centrais e norte foram adições feitas provavelmente no século XIX e os telhados, portas, janelas e venezianas foram alteradas ainda mais tarde. A construção diferenciada pela qual a casa de número 102 é contemplada, possui a mesma composição de fachada e cobertura com uso de trapeiras que a casa Kip, verificando-se, assim, uma semelhante decisão de projeto. Um outro exemplo de Hudson Valley é a casa Verplank (*Figura 118*) em Beacon, Nova York. Trata-se de duas partes distintas: a de dois pavimentos mais atrás, de 1804, e a da frente de 1740. Na parte mais antiga temos materiais como pedra e estuque.



FIGURA 117: Hudson Valley - casas Holandesas



FIGURA 118: Hudson Valley - casa Verplank

⁹⁸ Reynolds, H.W. *Dutch Houses in the Hudson Valley Before 1776*. Dover Publications, Inc., New York, s/data. P. 148 e 419.

O mais intrigante é o fato de que nesse caso temos o uso da varanda, na casa de número 102 como o vão e a inclinação são diferentes, não há esse tipo de elemento.

Outro exemplo deste tipo de habitação é o conjunto de casas para operários em Waziers, perto de Douai que é um conjunto de casas corridas, mas com mesma volumetria, implantação e cobertura da utilizada na casa de número 102.

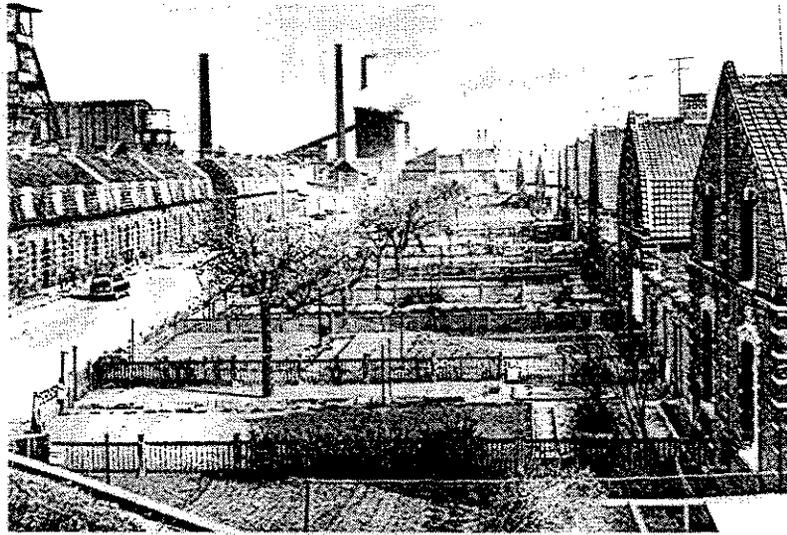
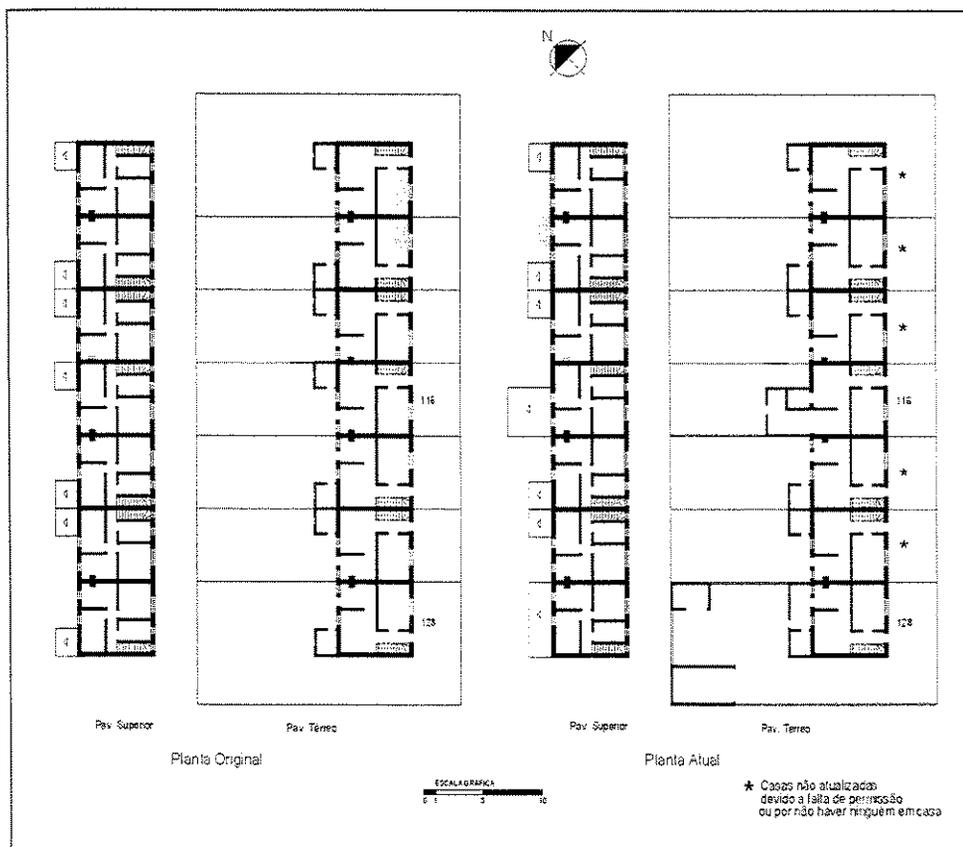
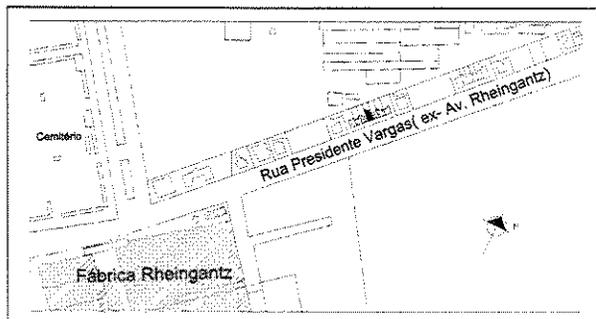


FIGURA 119: Casas para operários em Waziers – Douai, Inglaterra

Casas Corridas 128-110



CASAS CORRIDAS

O conjunto de casas corridas de parede dividida (*Figuras 120 e 121*) não possui plantas originais, mas foi dada entrada na Prefeitura Municipal do Rio Grande datada de 1925, uma planta de uma das casas com uma proposta de ampliação dos fundos, o que nos possibilita a precisão da construção ser anterior ao ano de 1925.



FIGURA 120: Conjunto de casas

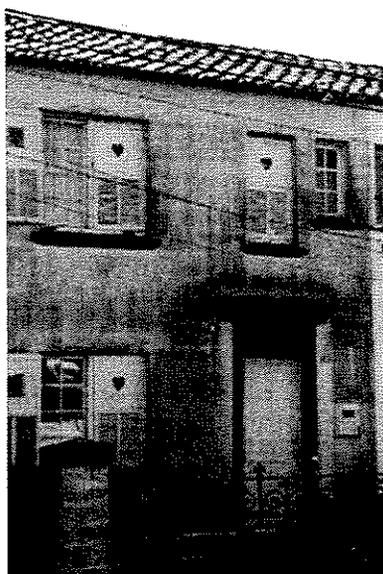


FIGURA 121: Detalhes



FIGURA 122: Detalhes da porta e gradil

Conjunto de casas construídas com parede dividida com recuo frontal e isoladas no lote. O edifício compreende um volume único de base retangular conformando um prisma de formas clássicas, com uma cobertura formada por um volume único triangular. Em relação ao entorno imediato é um elemento de realce, a linearidade e a escala do conjunto fazem com que se sobressaia das demais edificações.

As fundações são de sapata corrida, presença de alvenaria de tijolos maciços nas paredes externas e internas; no segundo pavimento paredes de estuque. A cobertura é simples de duas águas com telhas tipo capa canal. A estrutura é de tesouras de madeira reforçada no sentido contrário da tesoura com mãos-francesas. Cada módulo de habitação possui uma estrutura de tesoura e duas empenas de tijolos maciços, que são a continuação da parede dividida.

As habitações possuíam um programa original que caracterizava-se pela parte térrea de um corredor lateral com escada interligando um dormitório de frente e a copa e cozinha. No pavimento superior, um corredor central interliga quatro quartos. Mais tarde foi construído um banheiro nos fundos, anexado ao corpo da casa, com acesso externo. O mais intrigante é que o programa espacial destas habitações é semelhante ao das casas de meio do conjunto de casas de números 60-70.

A fachada principal do conjunto caracteriza uma harmônica repetição de elementos de composição com predominância dos vazios em relação aos cheios. A individualidade de cada habitação se dá pelo muro com acesso com um portão individual. Os repetidos planos de fachadas apresentam cada um, no andar inferior, janela de abrir com subdivisão em duas partes e com caixilhos de madeira com vidro, com veneziana aplicada na parte inferior da folha e madeiramento fixo macho e fêmea, e um vazado em forma de coração na parte superior da veneziana. As janelas apresentam peitoril com pingadeira (*Figura 122*). A esquadria da porta de entrada é feita de madeira com um almofadado simples. A porta é rematada por uma moldura e um friso com cimalha de sobreverga coberta com telhas, para proteção das intempéries. No segundo pavimento temos três janelas, duas de abrir com veneziana semelhante a do térreo e uma menor fixa e sem veneziana.

Os espaços internos hoje em dia permanecem os mesmos, excetuando que a maioria das habitações nos fundos do térreo fez ampliações para uso de fins de serviço e banheiro. Através do acesso principal, o corredor interliga à direita a um dormitório e à frente a uma espécie de copa/sala que se liga à cozinha. Da porta de saída da cozinha ao que anteriormente era o pátio,

tem-se uma área com serviço de lavanderia e à esquerda um amplo banheiro, o único da casa. Nos fundos há uma garagem e um compartimento para depósito. No segundo andar, do corredor central à direita, tem-se acesso a dois quartos, há mais um ao fundo e um à esquerda mais amplo. A casa que está sendo descrita é a de número 128, nas demais as modificações sempre são neste anexo do fundo.

As paredes são rebocadas com pintura a cal, os pisos são originais de assoalho de pinho, nas áreas de serviço, cozinha e banheiro o piso é de lajota. As paredes da cozinha não são revestidas por azulejos, somente as do banheiro. Os forros, portas, escadas e janelas são todas de madeira (provável pinho). Algumas casas reformadas colocaram forro plástico na cozinha, trocaram o piso original por Paviflex e janelas novas de caixilho de alumínio.

As instalações elétricas da maioria foi trocada e são novas, porém a hidráulica permanece com manilhas de cerâmica e canos de ferro.

O recuo de ajardinamento e acessos individuais garantem uma certa privacidade ao núcleo familiar. Uma semelhança deste tipo de construção pode ser vista no projeto desenvolvido pelo engenheiro Emile Muller, construído em Mulhouse, (*Figura 123*) pela Société des Cites Ouvrières⁹⁹ instalado na cidade sob a liderança de Jean Dolfus¹⁰⁰. (*Figura 124*)



FIGURA 123: Casas de Mulhouse, França

⁹⁹ A Société des Cites Ouvrières foi fundada em 1853 por Dolfus e outros 11 industrialistas locais, após uma discussão sobre habitações operárias.

¹⁰⁰ Dolfus era membro da aristocracia industrial protestante de Mulhouse, gerenciando uma das maiores fábricas de algodão da área e também era um respeitado membro da Société Industrielle da cidade.

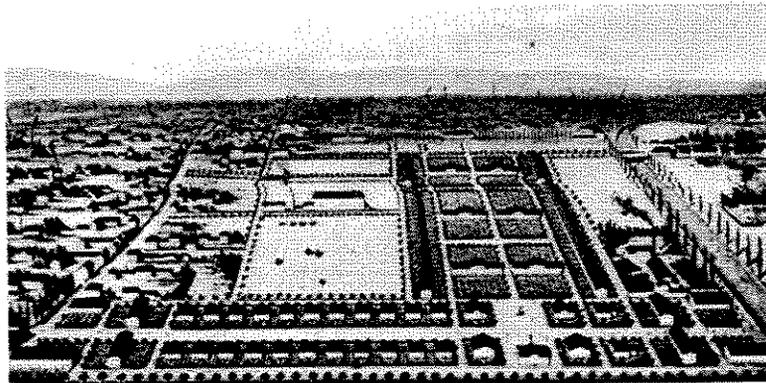


FIGURA 124: Mulhouse, França – Implantação

Os habitantes desta pequena cidade usufruíam um leque de facilidades comuns, incluindo banheiros, piscinas, lavanderias, escolas, lojas, uma livraria e atendimentos médicos gratuitos. As facilidades rivalizavam com aquelas do Familistère, mas as habitações de Mulhouse eram baseadas numa premissa fundamental bem diferente: esta guardava a individualidade dentro da família, não da comunidade inteira.

Mulhouse consistia em moradias individuais com seu próprio jardim. O uso deste tipo de habitação fazia parte de um programa específico de reforma social, o qual foi proposto num relatório enviado para a Mulhouse Société Industrielle, em 1852. O empreendimento imobiliário a qual Société viria construir era de 800 habitações em 1867, cobrindo 20 hectares e casas para cerca de 5.500 pessoas¹⁰¹. (*Figura 125*)

Em Lille (*Figura 126*), o conjunto era caracterizado por habitações com paredes divididas e por jardim individual e de dois pavimentos. Esta decisão de projeto posta em prática nos anos de 1850 ofereceu muitas modificações de moradias para trabalhadores. A Compagnie Immobilière projetou em 1865¹⁰² o modelo feito pelo arquiteto M. Marteau, tratando-se de casas com similar tipologia que as de Lille na Société des Habitations Ouvrières de Passy-Auteuil. (*Figura 127*) O projeto data de 1892, apresentando uma maior sofisticação em termos de composição de fachada e de esquadrias. O uso do jardim individual e a tipologia são semelhantes às de Marteau, de Mulhouse e destas casas da C.U.F.

¹⁰¹ Bullock and Read. *The movement for housing reform in Germany and France 1840-1914*. Cambridge University Press: 1985. [Read, James]. Printed in Great Britain. p. 318

¹⁰² Mas só em 1867 organizou uma competição para o *design* das casas.

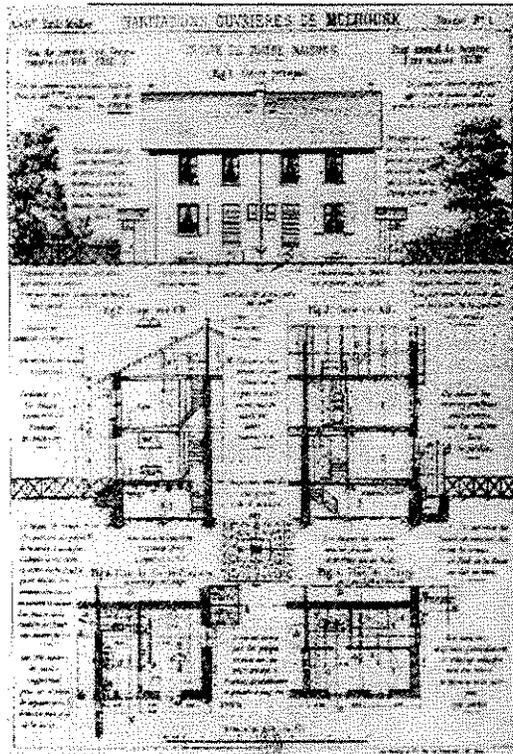


FIGURA 125: Mulhouse Société Industrielle

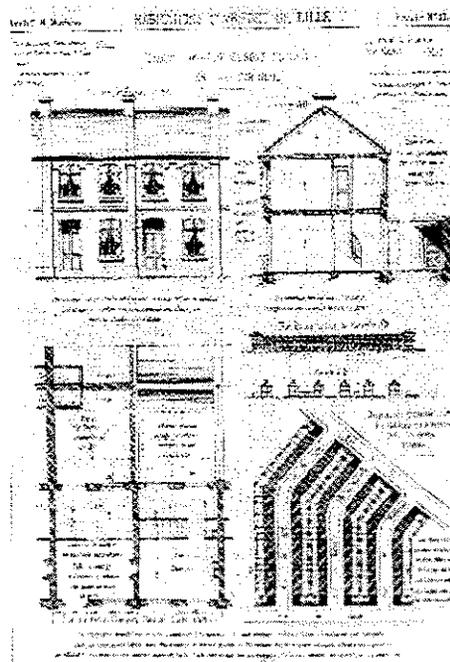


FIGURA 126: Habitações em Lille, França

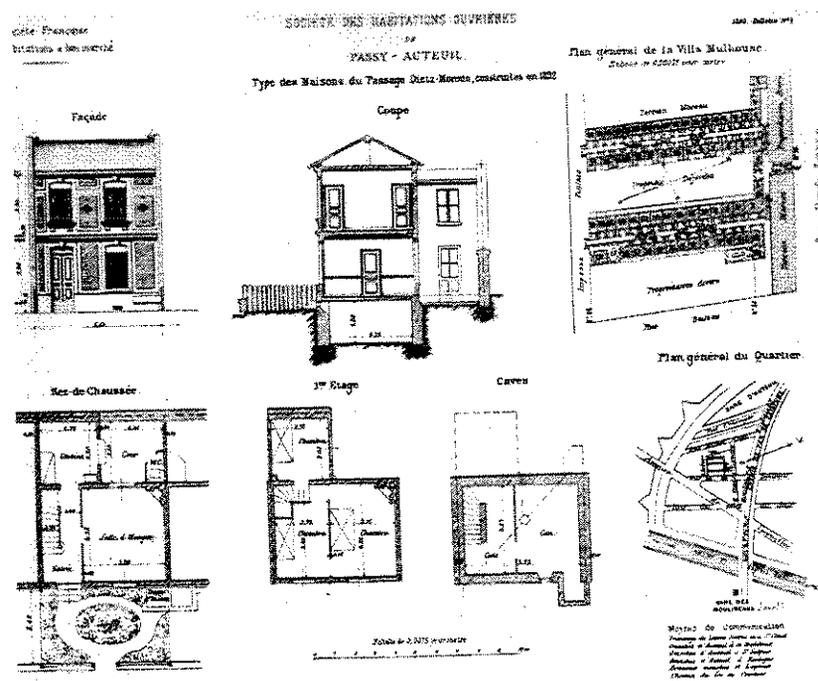
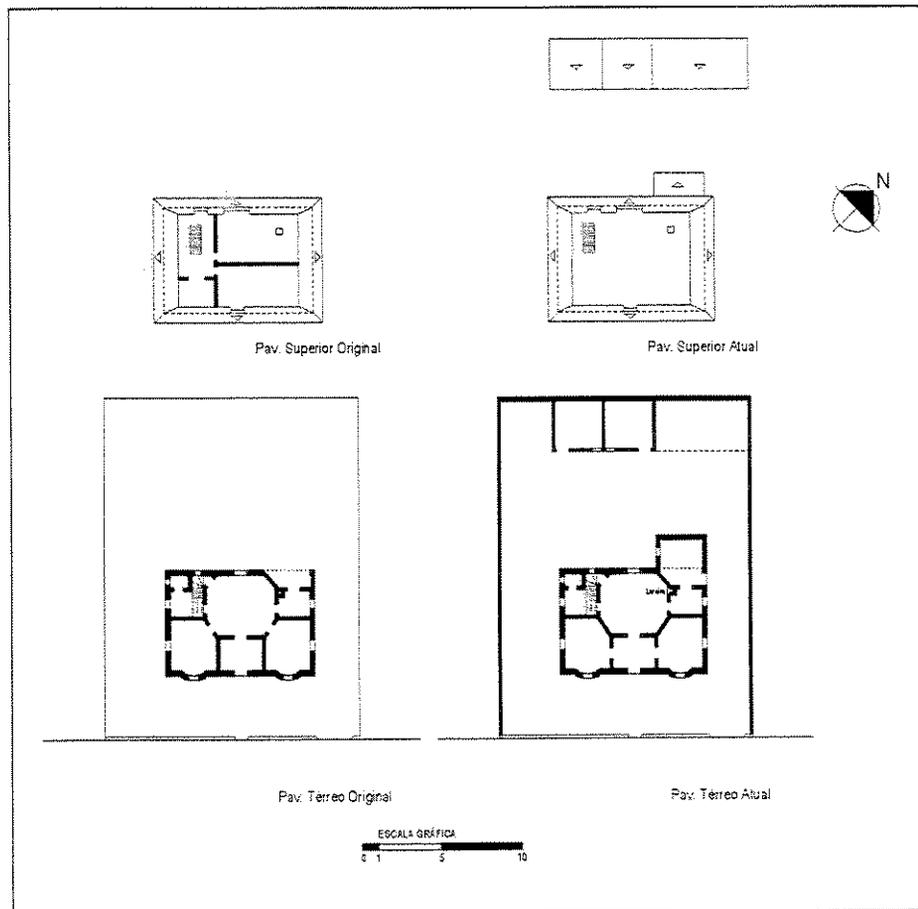
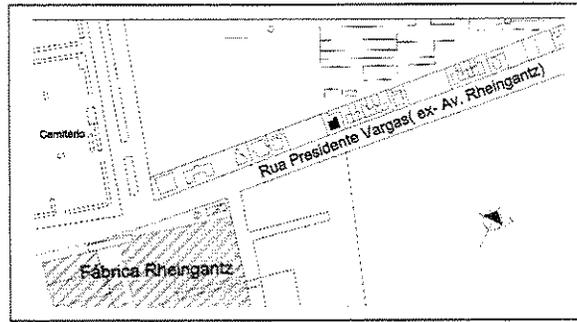


FIGURA 127: Habitations Ouvrières de Passy-Auteuil

Casa 130



CASA - 130

A casa de mestre de número 130 (*Figura 128*) é uma construção eclética e uma construção isolada no lote com recuo frontal. O nível de descaracterização é pouco e não foram encontradas plantas originais, nem na Prefeitura Municipal nem no Arquivo de plantas existente na fábrica, para que assim se pudesse dar a autoria do projeto da residência. Em relação ao entorno, a construção não possui características de realce, mas está em perfeita harmonia com a continuidade de edificações, principalmente no aspecto de escala. A volumetria possui uma beleza singular e é caracterizada por um prisma de base quadrada coberto por outro volume de mesma proporção facetado com distintas inclinações.



FIGURA 128: Casa n. 130

As fundações são de pedra e a alvenaria das paredes, tanto interna como externamente, é toda de tijolos maciços. A cobertura trata-se de um sótão habitável e é de uma complexidade admirável para a época. Tem-se quatro barrotes apoiados nos cantos da alvenaria portante que sustentam a armação do telhado, que é toda de tesouras de madeira. Temos dois tipos de tesouras e em sentidos opostos: nas laterais apoios de madeira em arco que se apóiam no frechal e

promovem o efeito curvo da cobertura. As telhas que revestem a cobertura são de uma fina cerâmica.

Originalmente, a casa foi construída com um programa composto no térreo de um hall de entrada, três salas que se intercomunicavam, um banheiro abaixo da escada com uma ante-sala e uma cozinha, que tinha acesso a um alpendre nos fundos. No sótão habitável ficavam dois quartos e um closet.

A casa 130 é sem dúvida um belo exemplar arquitetônico que apresenta uma fachada com simetria na composição dos elementos, e harmonia em relação aos planos curvos da fachada com a ornamentação e a cobertura em mansarda. As pilastras dão uma idéia de maior verticalidade da composição e servem para marcar o acesso, bem como o belo frontão curvo. A fachada apresenta frisos, pilastras, festão, óculo, janelas com verga reta e venezianas e uma porta de madeira almofadada.

Os espaços internos foram modificados com a reforma que estão fazendo atualmente, além de anexos construídos junto ao corpo da casa e nos fundos. Do hall de entrada principal tem-se acesso à direita e à esquerda a duas salas de mesmo tamanho; à frente uma sala hexagonal com lareira de dimensões maiores interliga-se à direita com a cozinha e à esquerda com uma ante-sala abaixo da escada, que dá acesso ao banheiro. Na cozinha, onde era um alpendre, foi fechado e construído um compartimento anexo ao corpo da casa para uso de área de serviço. No segundo pavimento não há divisórias, somente um grande compartimento que será um dormitório.

Foi construída laje onde antes era estuque no forro do térreo, dentre os revestimentos de paredes são todas rebocadas e receberão pintura; na cozinha e banheiro temos paredes com azulejos, nos pisos variados tipos de tijoletas, nas salas e na cozinha ladrilho hidráulico, na hall de entrada e contra-piso em algumas partes.

As instalações elétricas e hidráulicas são todas novas, e os caixilhos de madeira foram trocados em algumas partes.

Atualmente não verificou-se a existência de um elemento de beiral chamado peito de pomba, que está documentado na dissertação de Guigou-Norro¹⁰³ (1994) como vemos na citação:

¹⁰³ Guigou-Norro, J.A. *A Vila Operária na República Velha: o caso Rheingantz*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995. p. 178.

No beirado, ao longo do bordo existe um friso e, no canto do mesmo, observa-se a presença de um elemento de metal a modo de “peito de pomba.

Nos fundos, para iluminar o quarto do segundo pavimento, havia uma janela de lucarna de uma água para iluminação do ambiente, hoje em dia foi destruída para arrumação do telhado e será trocada. No projeto do arquiteto e construtor Güsten Fried W. Lobmüller (*Figura 129*) foi usado o mesmo recurso do telhado, uso da verga reta e uma planta quadrangular com presença de alpendre. Nota-se que na casa 130 o alpendre também aparece mesmo que em pequena dimensão e nos fundos no projeto original.



FIGURA 129: Projeto do arquiteto Güsten Fried W. Lobmüller

Com relação à característica de tratamento de fachada, no projeto de Lobmüller tem-se uma unidade em relação à repetição das esquadrias e uma textura na parede. Na casa 130 (*Figura 130*) temos um frontão central de arco marcando o acesso principal.

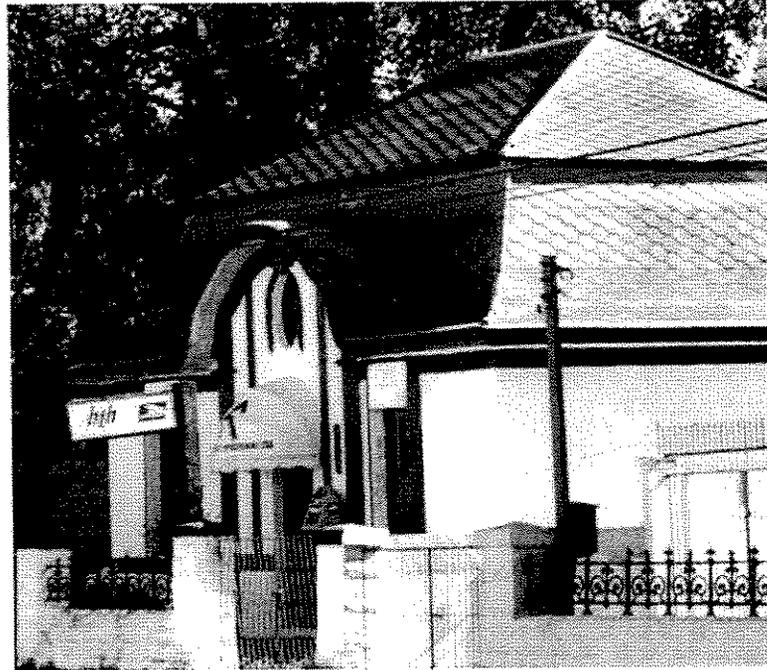
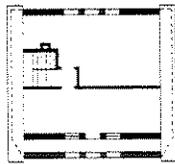
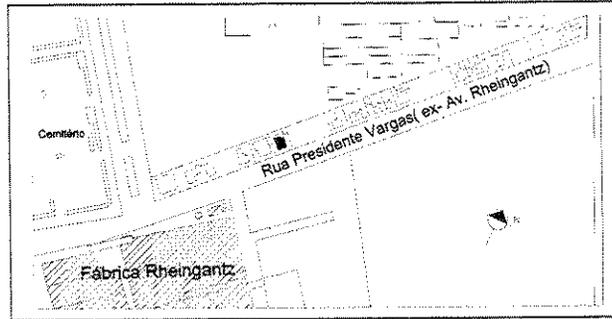


FIGURA 130: Detalhe da casa, e muro da casa 128

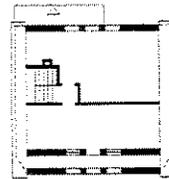


FIGURA 131: Detalhe da casa

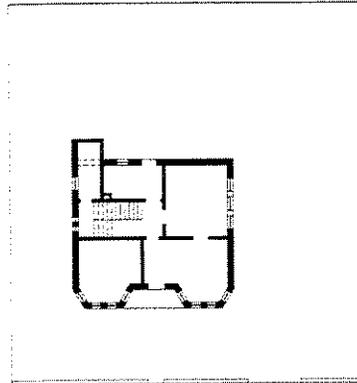
Casa 156



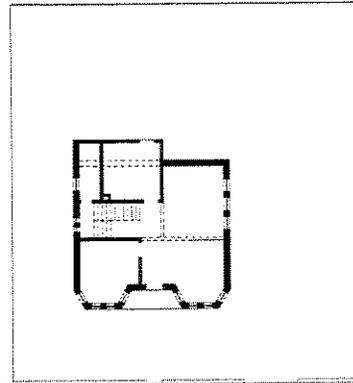
Pav. Superior original



Pav. Superior atual



Pav. Térreo original



Pav. Térreo atual



CASA - 156

O marcante chalé de n. 156 serviu de residência para mestre (*Figuras 132 e 133*), não foi possível encontrar plantas originais. A fonte de plantas utilizada foram as fornecidas na dissertação de Guigou-Norro¹⁰⁴ e o levantamento feito no local. A casa, como todas as demais, possui um recuo de ajardinamento de 4 metros e está implantada no meio do terreno. A relação com o entorno é de continuidade, pois sua dimensão e altura está padronizada com as demais.



FIGURA 132: Foto antiga da casa 156



FIGURA 133: Foto atual da casa 156

¹⁰⁴ Que datam de 26/05/1925, através de uma planta de instalação da rede de energia elétrica, de 29/09/1925 da Planta Geral das Casas para Mestres e de um levantamento datado de junho de 1958, em que ambas fontes são de autoria da Companhia União Fabril.



FIGURA 134: Detalhe atual da casa



FIGURA 135: Detalhe da cobertura

A volumetria é muito interessante, caracterizando-se por um prisma de base quadrangular com chanfros numa das extremidades e coberto por um volume triangular de mesma proporção. A forma do telhado é de duas águas com beirais e empena voltada para via pública.

A fundação e a base do chalé são feitas de pedras, as paredes são de alvenaria de tijolos maciços externamente e internamente têm repartição do pavimento superior com divisórias de madeira. Uso de barrotes de madeira para fixação do piso do térreo e de estuque no piso do segundo pavimento. A estrutura do telhado é de madeira com tesouras no mesmo sentido da empena e caibramento revestido por tábuas de madeira apoiando no frechal. O telhado é revestido por telhas planas de cerâmica, cuja forma imita a de escamas de peixe; na empena do telhado que comporta o pavimento superior também é recoberta pelo mesmo material.

Originalmente a casa era composta por três salas intercomunicadas a um corredor de acesso à cozinha, ao banheiro e à escada. No segundo pavimento existem dois dormitórios. Na fachada no segundo pavimento teríamos a presença de um olho de boi e de um balcão com três aberturas com caixilhos de vidro. Conforme Guigou-Norro¹⁰⁵:

O registro fotográfico da situação anterior desta casa, registra a existência de um outro tratamento na sacada, onde a mesma se apresenta aberta com pilares e grade de madeira sustentada por sistema de “mão francesa”. Na situação atual, percebe-se que essa grade foi retirada, aumentada a altura do peitoril e colocadas três aberturas com tela tipo “mosquiteiro”. Outro exame comparativo entre as duas situações, permite distinguir a retirada da esquadria original do óculo, na parte superior desta fachada e a substituição por outra.

A fachada principal está dividida verticalmente em três partes (base, de pedra; corpo, janelas chanfradas e coroamento, empena do telhado) e horizontalmente com simetria de elementos em relação à porta principal. O plano da fachada apresenta texturas diferenciadas no térreo e na empena, uso de janela chanfrada com esquadrias de caixilho de madeira com vidro, janela tipo guilhotina, porta almofadada com envidraçado, olho de boi, janelas de abrir na sacada coberta.

Atualmente com o uso modificado e após a reforma, na entrada principal temos acesso a uma sala ampla, à esquerda a uma de menor dimensão. Ao fundo, a cozinha que foi aumentada. Embaixo da escada de acesso temos um banheiro e uma área de circulação. No segundo pavimento um pequeno distribuidor dá acesso aos quartos (2) de frente e de fundos.

¹⁰⁵ Guigou-Norro, J.A. *A Vila Operária na República Velha: o caso Rheingantz*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995. p. 175

Os pisos são todos de assoalho de madeira excetuando os da cozinha e do banheiro que são de azulejos. As paredes são rebocadas e pintadas, os forros são de pinho do tipo saia e camisa e com cimalha.

O mesmo tipo (chalé) e de cobertura com empena com textura é visto no exemplo do projeto para casas de operários de Karl Henrici em Kurnow (Alemanha) (*Figura 136*). Neste caso em particular o que difere da casa 156 é a utilização de janelas retangulares em vez do olho de boi empregado nesta casa da Rheingantz.



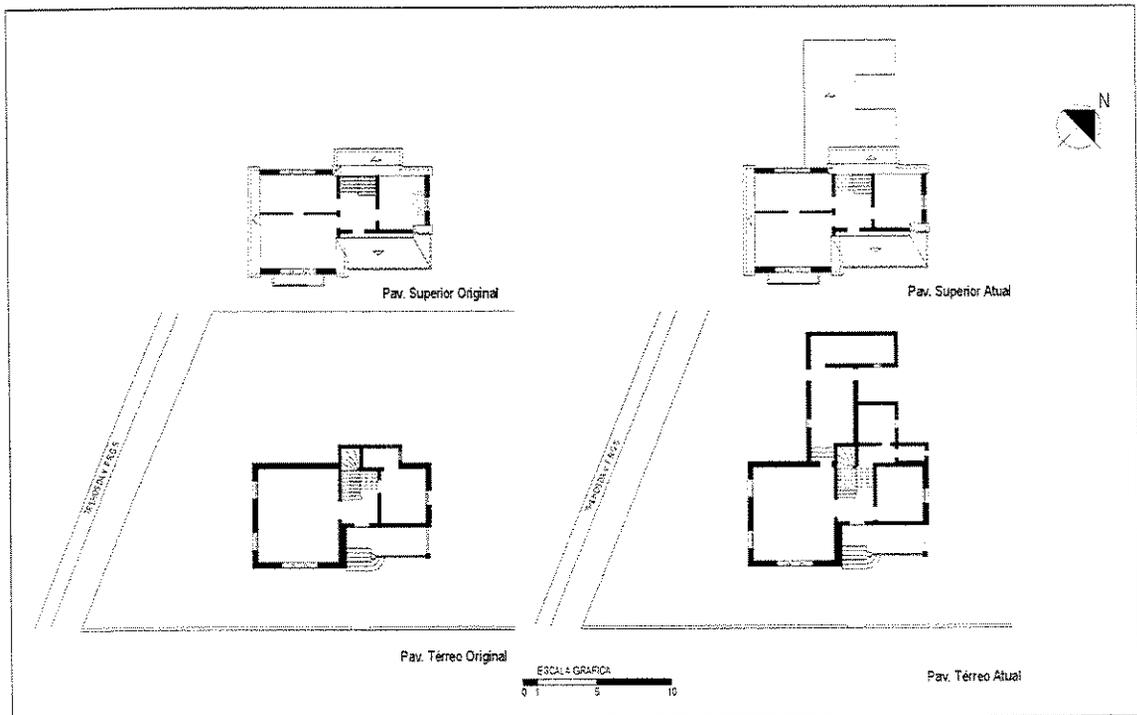
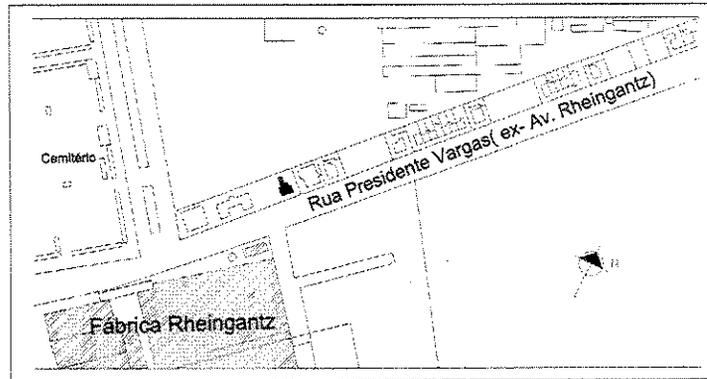
FIGURA 136: casas de operários de Karl Henrici em Kurnow (Alemanha)

Um outro exemplo, de tipologia diversa mas com empena revestida, uso de janela chanfrada e textura em forma de escamas de peixe funcionando como elemento de composição de fachada, pode ser visto nas casas da Vila de Port Sunlight, datada de 1910. (*Figura 137*).



FIGURA 137: Vila de Port Sunlight, Inglaterra

Casa 176 – Jardim de Infância



CASA - 176

O Jardim de Infância é um projeto do Escritório de R. Ahrons concluído em setembro de 1911¹⁰⁶. A implantação da casa é isolada no lote com recuo frontal de ajardinamento de 4 metros como nas demais. A forma plástica é de um prisma retangular com uma articulação harmônica de saliências e reentrâncias no conjunto no volume da planta. Na cobertura, observamos vários volumes justapostos. Em relação ao entorno imediato, temos uma característica de dominância em relação às outras casas. (Figuras 138 e 139)

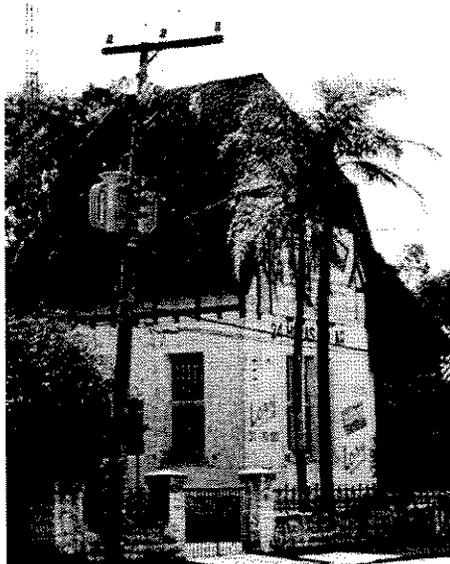


FIGURA 138: Casa 176



FIGURA 139: fachada da casa 176

¹⁰⁶ Isto tudo está documentado em imagens na dissertação de Guigou-Norro (1994).

O prédio utiliza a técnica construtiva do enxaimel, como forma de ornamentação e não estrutural. As fundações são feitas de pedra aparelhada e as paredes de alvenaria portante de tijolos maciços. O telhado é de taçaniça-anã¹⁰⁷ e usa um treliçado no perímetro, abaixo do beirado. As estruturas da cobertura são tesouras de madeira, caibramento revestido de tábuas que descansam no frechal, uso de telhas de cerâmica, com uma qualidade construtiva magnífica na proporção dos volumes que constitui as várias declividades das águas da cobertura. (Figuras 140 e 141)



FIGURA 140: treliçado da cobertura



FIGURA 141: Detalhe da cobertura

¹⁰⁷ Weimer, G. *A arquitetura da imigração alemã: um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro europeia ao meio rural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS; São Paulo, Nobel, 1983, p. 61. [Quer dizer um elemento introduzido da arquitetura baixo-saxã conhecido como “Krüppelwalmdach”, cuja tradição literal seria: telhado de 4 águas anão. Adaptando essa terminologia à cultura da arquitetura brasileira, Weimer a denomina de Taçaniça Anã.]

O prédio foi projetado com a função original de servir de creche para os filhos dos funcionários da fábrica. Conforme Pesavento¹⁰⁸:

Além disto, a partir de 1914, o Fundo de Auxílios criou um Jardim de Infância para os filhos dos operários da empresa, mantido pela família Rheingantz.

Na planta original no térreo havia uma ampla sala à esquerda, uma outra à direita e embaixo da escada uma peça de serviço. No segundo pavimento haviam três quartos e uma cozinha. Atualmente, permanece a mesma composição espacial porém há um acréscimo nos fundos onde há uma área de serviço e cozinha e embaixo da escada, outros dois acréscimos que constituem-se em um grande e um pequeno banheiro.

A fachada principal, devido ao telhado de água cortada ou tacaniça-anã com empena esconsa, possui suportes estreitos característicos do Gótico tardio com madeiramento à vista do séc. XV¹⁰⁹ e escoras curvas. Ambos não possuem função estrutural e sim função puramente de ornamentação da composição da fachada. As janelas são triplas, de caixilho de madeira com vidro e tipo guilhotina. Não existe uma hierarquização dos elementos da fachada, todas as janelas possuem moldura em seu contorno. Nas fachadas laterais segue o mesmo tipo de composição. A porta de entrada possui verga reta e é toda almofadada com bandeira fixa.

As instalações elétricas ainda possuem fiação aparente pois não há laje, as manilhas de cerâmica não foram trocadas e os canos são de ferros os mais antigos, e de PVC os novos.

No interior há presença de molduras nas portas internas bem como rodapé de madeira trabalhada. As portas internas são todas almofadadas e os acabamentos e entalhes da madeira são muito parecidos aos utilizados no prédio do Escritório Central.

Nesta casa, assim como em exemplos de periódicos de 1870 chamado *Deutscher Holzhausbau H. & F. Dickmann, Berlin, (Figuras 142)* o uso da varanda aproveitando a inclinação do telhado e o uso de telhado cortado é um recurso bastante difundido e, inclusive nos projetos, as dimensões de tais casas são praticamente iguais à creche e também à organização em planta.

¹⁰⁸ Pesavento, S.J. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 69

¹⁰⁹ Koch, W. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 81

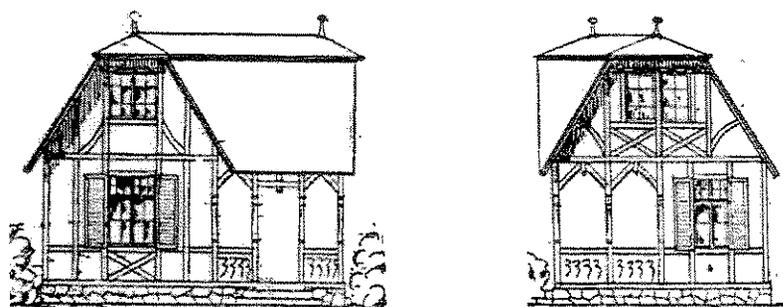


Abb. 1253/54 (zu Abb. 1255/56).

FIGURA 142: Deutscher Holzhausbau H. & F. Dickmann, Berlin

Um outro exemplo do mesmo catálogo (*Figura 143*) que utiliza além da varanda e do telhado cortado o uso do *cricket*, assim como a casa 176, em que este elemento deve servir não só para desviar águas pluviais em torno de uma projeção do telhado de grande inclinação como no caso específico das duas construções, serve também para iluminação de um cômodo do segundo pavimento.



FIGURA 143: Deutscher & Dickmann – Catálogo

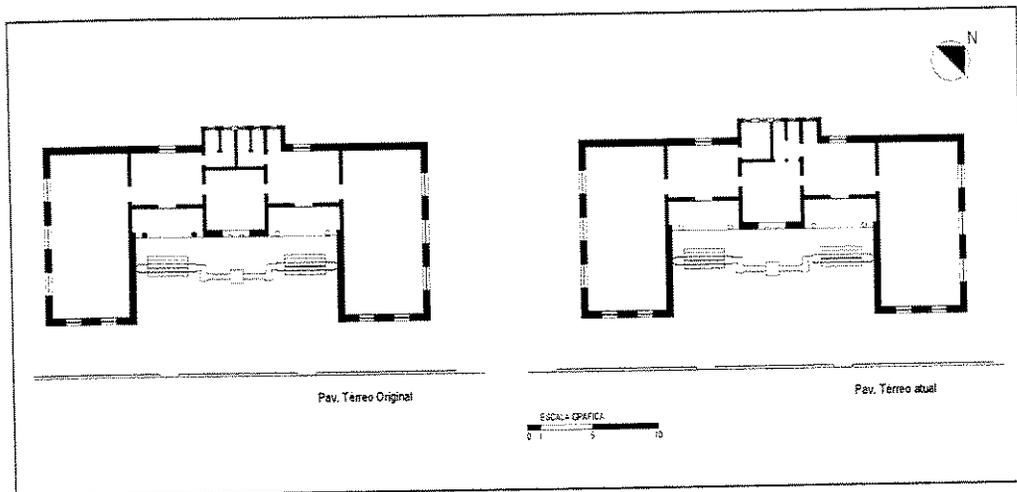
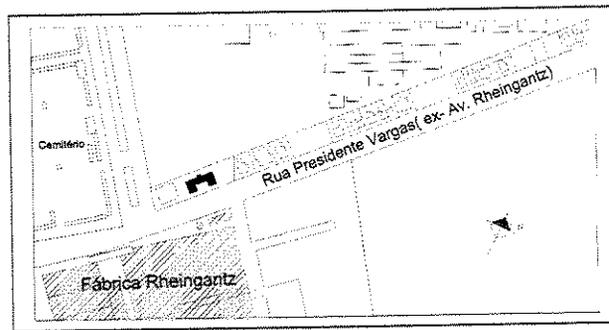
No panorama da arquitetura europeia do século XIX, principalmente no que concerne às cidades-jardim, este modelo de habitação com elementos como varanda, telhados inclinados, *crickets* e trapeiras são arquétipos bastante difundidos, como é o caso da residência de

Letchworth (*Figura 144*). Em 1903, Letchworth – uma das primeiras cidade-jardim, formou-se com o trabalho de planejamento confiado a Sir Raymond Unwin e Barry Parker. O projeto da casa foi feito pelos arquitetos Bennet e Bidwell, retirando-se particularidades de elementos de composição, a questão plástica, as decisões de cobertura e a articulação de formas que sugestionam a usada na casa 176.



FIGURA 144: residência de Letchworth

Casa 188



Grupo Escolar (Casa 188)

O Grupo Escolar Comendador Rheingantz foi projetado pelo Escritório de R. Ahrons, em novembro de 1911. A obra terminou em setembro de 1912, e foi colocado um busto de bronze diante do mesmo em 1921, como homenagem ao Comendador Carlos Rheingantz. (Figuras 145, 146, 147)

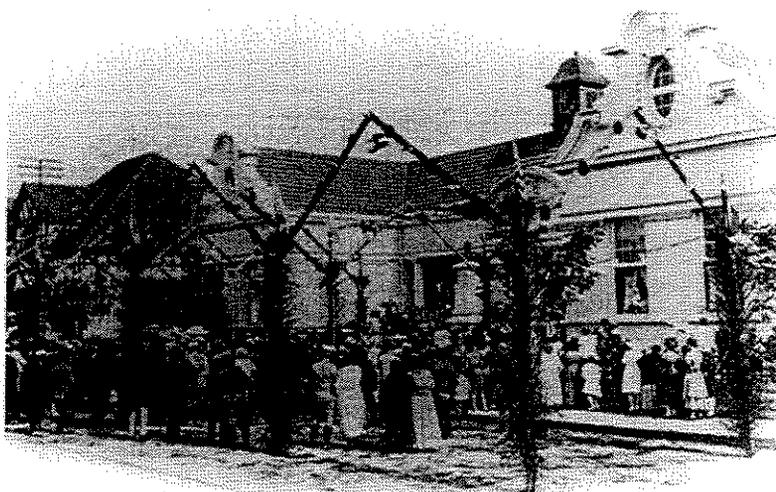


FIGURA 145: Foto da Escola, 1921



FIGURA 146: Detalhe do Busto

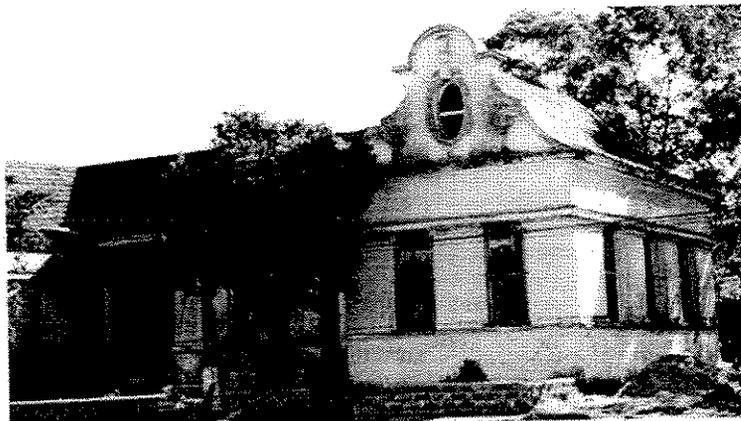


FIGURA 147: estado atual da Escola

A construção possui um estilo arquitetônico maneirista, a implantação é isolada no lote com um recuo de 4 m, sendo diferente das demais casas de mestres e tendo o mesmo alinhamento do prédio da esquina, que é o Clube dos Mestres. (Figura 148) Em relação ao entorno, possui uma característica de singularidade.



FIGURA 148: Fachada atual da Escola

Trata-se de um prédio em forma de C, com um volume de cobertura único de mesmo formato e triangular. As fundações são de blocos de pedra, as paredes são duplas de alvenaria de tijolos portante, presença de porão com gateiras. A cobertura é do tipo duas águas com telha francesa e com estrutura de tesouras de madeira. O frechal se apóia no prumo das paredes externas que possuem 60 cm de espessura.

O programa espacial original caracterizava-se por duas salas de aula simétricas em cada canto da construção, no centro ficavam dois halls, a sala dos professores e os banheiros femininos e masculinos.

A fachada possui uma simetria bilateral, diferença de tratamento de fachada nos ressaltos e na parte central. O frontão para marcar os acessos é de arco abatido possui frisos e uma ornamentação no centro com volutas e festões; os belos frontões dos ressaltos possuem volutas e curvas e um óculo em cada um. A fachada principal apresenta nove aberturas, ático com entablamento, cornija, arquitrave, festões, colunas, óculo, janelas de caixilho de madeira tipo guilhotina, portas com bandeiras, frisos(*Figura 149*).



FIGURA 149: Detalhe da coluna da fachada

O edifício encontra-se atualmente em péssimo estado e desprovido de materiais de revestimento devido a saques ocorridos aos longo dos anos. O programa espacial não foi modificado, com dois acessos eqüidistantes na parte central que se ligam cada um deles a uma sala ampla e aos banheiros, e uma sala de professores que se intercomunica com as duas partes.

Os pisos provavelmente eram de taboa, pois não existem mais no prédio; o forro era do tipo saia-camisa com cimalha, as paredes possuíam reboco e eram pintadas, nos banheiros não há revestimento de azulejos mas o piso é de ladrilho hidráulico. As instalações elétricas não existem mais, pois foram arrancadas, e as hidráulicas são de manilha de cerâmica e canos de ferro; os caixilhos das portas de entrada ainda existem e são de madeira entalhada com frisos. Presença de moldura de madeira nas portas internas que são de verga reta com bandeira.

O uso de frontões no edifício da Escola nos remete, por exemplo, aos do Castelo Heidelberg, Ala Frederico de 1601-4, Schoch (*Figura 150*) trata-se de um exemplar do maneirismo alemão com frontões laterais com volutas. Outros modelos de frontões usados em Manuais de Construção, como o de Pianca¹¹⁰ que recomenda o emprego no remate de corpos avançados ou pórticos, e também na decoração de aberturas (*Figura 151*) onde afirma seu uso em grande escala:

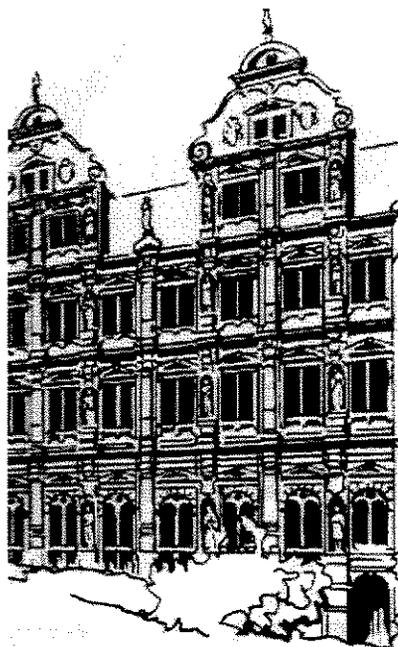


FIGURA 150: Castelo Heidelberg

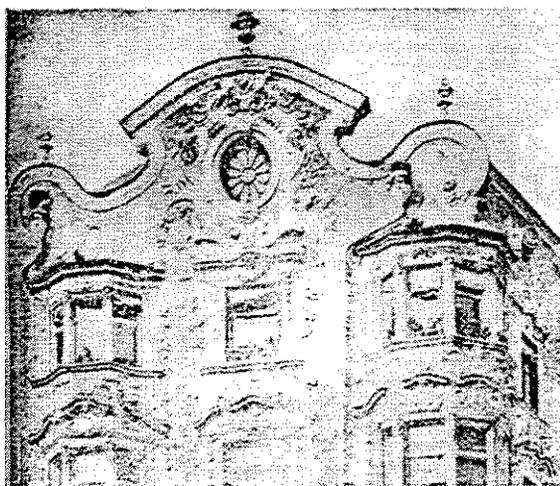


FIGURA 151: Frontão do manual

¹¹⁰ Pianca, J.B. *Manual do Construtor*. Porto Alegre: Globo, s/d. P. 296 e 297.

Os frontões têm sido empregados também no remate das empenas dos oitões. Nesse caso a sua inclinação é mais acentuada e não recebe base. Essa forma é muito comum nos países do norte da Europa.

É o caso do telhado duas águas contínuo com tesouras de madeira (*Figura 152*); sendo assim, o arremate da empena com um frontão nesse caso específico do projeto da cobertura da Escola, era a técnica mais apropriada de ser utilizada. (*Figuras 153, 154, 155*)

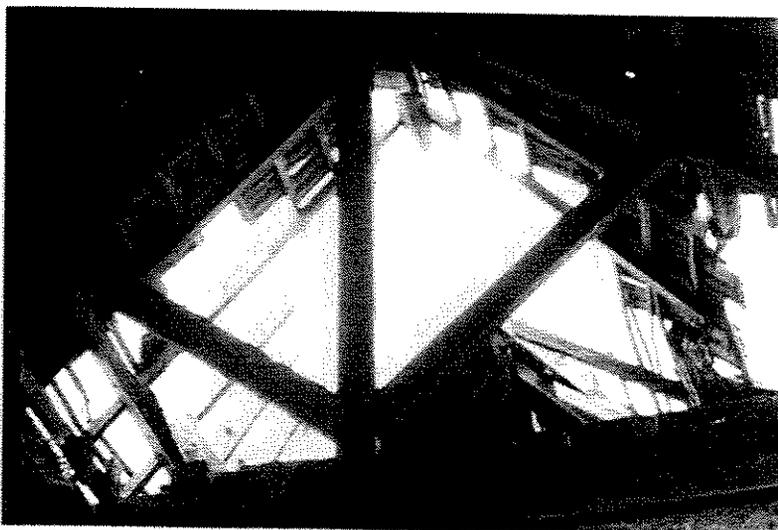


FIGURA 152: Tesoura da cobertura

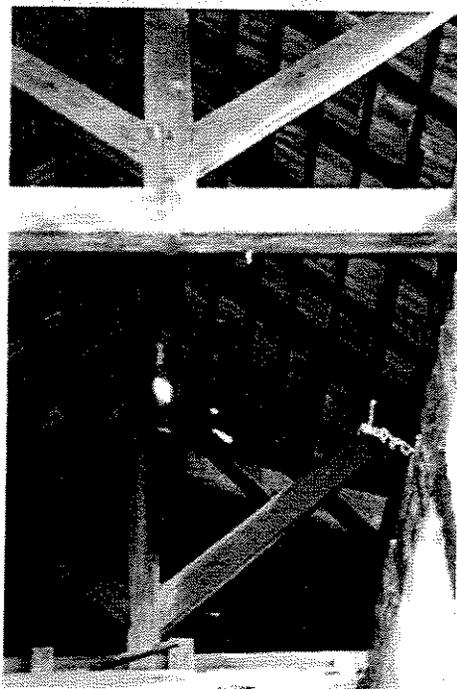


FIGURA 153: Tesoura da cobertura - detalhe



FIGURA 154: Cobertura – detalhes



FIGURA 155: Frontão da fachada

No *Recueil de Constructions*¹¹¹, *Pour Construire sa Maison*, contemporâneo a essa construção estudada, um exemplo de um projeto bem mais sofisticado de uma escola intriga por algumas similaridades e distinções quanto à implantação. No *Recueil de Constructions* o projeto da escola possui um pátio interno e a implantação periférica como o mais usual em prédios escolares. No caso da Escola Comendador Rheingantz há uma tipologia de palacete, porém existe semelhança entre as duas escolas, como similar estrutura de telhado, o emprego de frontão para marcar o acesso e o ritmo devido à unidade das esquadrias. (Figura 156)

¹¹¹ Bourniquel, M. *Pour Construire sa Maison*. Paris, Garnier Frères Éditeurs. Pl. 238

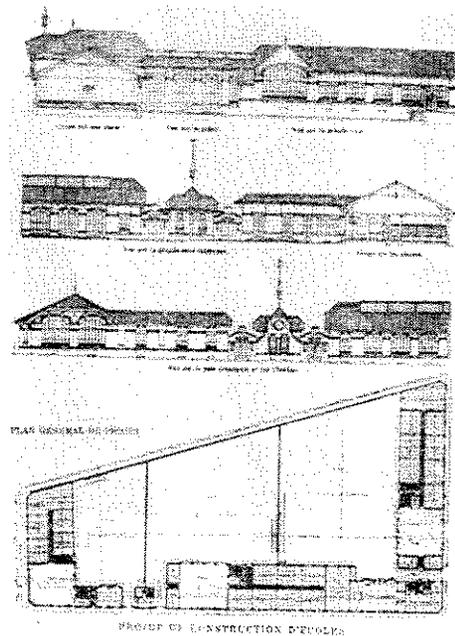


FIGURA 156: Recueil de Constructions

No projeto de grande vulto do arquiteto Victor Dubrugas, o Grupo Escolar de Luís Leite, em Amparo-SP datado de 1896, nota-se o invariável uso de um edifício singular no contexto da arquitetura local, como o utilizado na Escola Comendador Rheingantz. Apesar da complexidade do Grupo Escolar de Amparo, os sanitários integrados à edificação principal, o acesso com separação para meninos e meninas, são características marcantes que encontramos de semelhança com a Escola Com. Rheingantz. (*Figura 157, 158, 159*)

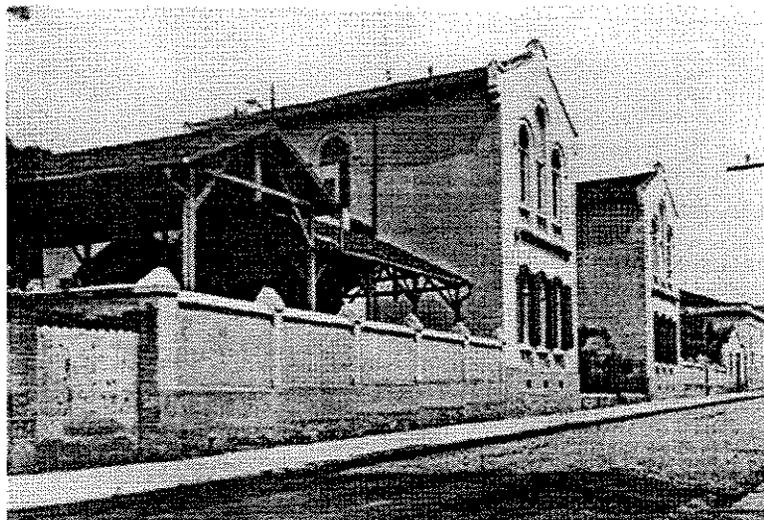


FIGURA 157: Grupo Escolar de Luís Leite, em Amparo-SP datado de 1896

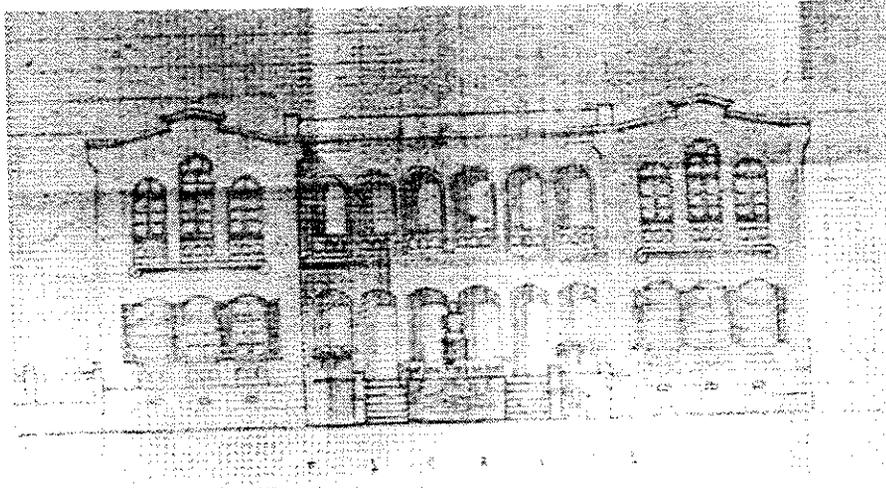


FIGURA 158: Fachada do Grupo Escolar de Luís Leite

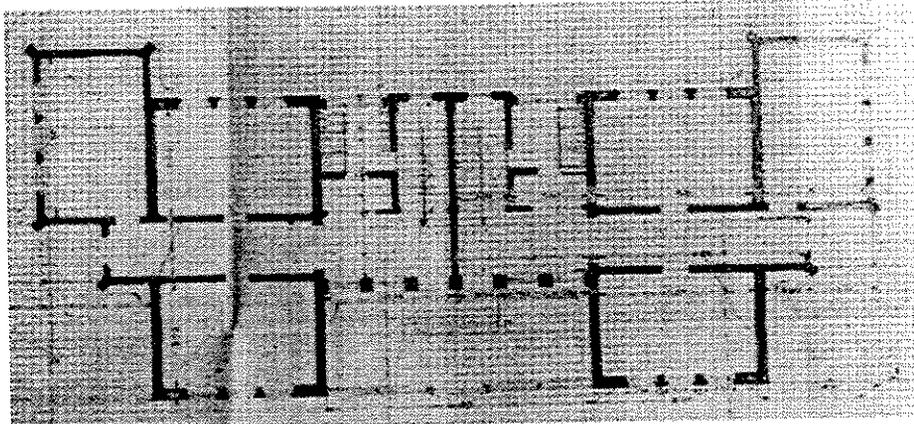
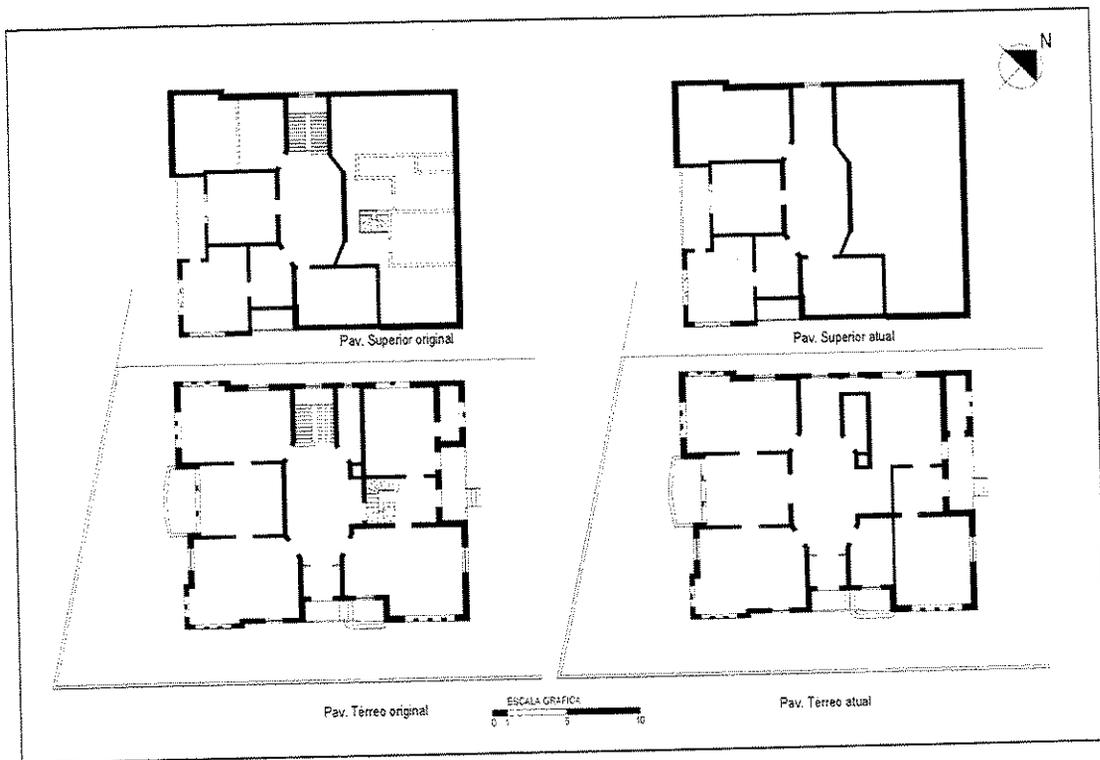
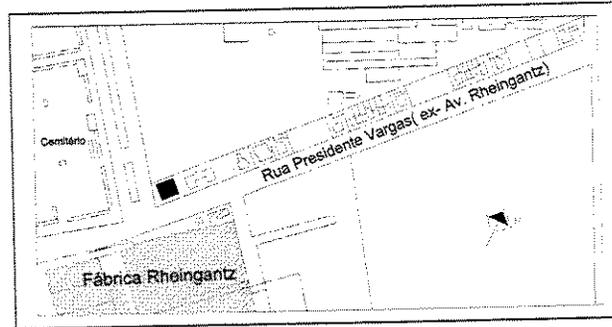


FIGURA 159: Planta baixa do Grupo Escolar de Luís Leite

Casa 194



CASA - 194 / CASSINO OU CLUBE DOS MESTRES

Para começar a discorrer sobre a necessidade da construção do Cassino dos Mestres, vejamos o que diz Guigou-Norro¹¹² (1994):

O que consta sobre a finalidade da edificação daquela residência em 1911 é que, devido à necessidade da empresa num determinado processo da sua evolução de contratar mão-de-obra especializada, resolve projetar a construção de um 'Cassino dos Mestres'.

O Cassino dos Mestres era um edifício que pretendia atender às funções de lazer e habitação para alguns mestres e, principalmente, os recém chegados da Europa (*Figuras 160 e 161*). O projeto foi solicitado ao escritório de R. Ahrons, que em maio de 1911 conclui este trabalho, e a autoria é de, segundo Guigou-Norro¹¹³ (1994),

As plantas originais conferem a autoria dessa obra ao "Escritório de Engenharia R. Ahrons", a maior empresa construtora de Porto Alegre. Responsável por obras significativas da arquitetura do Rio Grande do Sul e, especificamente, de Porto Alegre, a firma contava, na sua fase mais produtiva, com o arquiteto Theo Wiederspahn, na chefia do Departamento de Arquitetura.



FIGURA 160: Casa 188, frente ao Cemitério

¹¹² Guigou-Norro, J.A. Citação transcrita da entrevista gravada na UFRGS, Faculdade de Arquitetura. Porto Alegre, 12 de janeiro de 1999.

¹¹³ Guigou-Norro, J.A. *A Vila Operária na República Velha: o caso Rheingantz*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995. p. 183.



FIGURA 161: Casa 188, frente Av. pres. Vargas (ex-Rheingantz)

Para justificar tal hipótese, diz Guigou-Norro¹¹⁴ (1994):

É precisamente, no período compreendido entre os anos de 1908, ano da contratação de Wiederspahn, até 1915, ano do fechamento do escritório, que a firma foi responsável por uma série de trabalhos que revolucionaram a arquitetura de Porto Alegre.

Os terrenos onde foi construído o Cassino dos Mestres, e mais tarde a construção do Grupo Escolar e as demais casas para funcionários, foram adquiridos por uma permuta com a Intendência Municipal da cidade, conforme consta no Relatório da Fábrica¹¹⁵:

Habitações para operários e outras: No terreno à rua Rheingantz que adquirimos por permuta com a Intendência Municipal desta cidade, iniciamos a construção do club para os mestres e oportunamente trataremos da construção da escola e casas para operários.

O Cassino dos Mestres era uma casa que serviu como ponto de encontro dos mestres da fábrica, com acomodações para convenções, sala de leitura com biblioteca, bilhar, podendo inclusive servir para o fornecimento de refeições para os mestres solteiros, e foi sede da Sociedade de Mutualidade e da Biblioteca da Fábrica Rheingantz.

¹¹⁴ Guigou-Norro, J.A. Op. Cit., p. 183.

¹¹⁵ Relatório da Directoria da Companhia União Fabril Successora da Rheingantz & Cia. Anno Social de 1 de setembro de 1910 a 31 de agosto de 1911. Rio Grande, Typographia da Livraria Rio-Grandense, 1911. p. 5



FIGURA 162: Foto antiga da Sociedade de Mutualidade



FIGURA 163: Foto antiga do interior da Sociedade de Mutualidade

A edificação é construída em terreno de esquina isolada no lote, com recuos frontais iguais nos dois cantos do mesmo. A casa salienta-se no entorno por sua posição, de ser lote de esquina favorecido pela conformação das vias. O Cassino dos Mestres ocupa uma localização de destaque em termos de marco visual e ponto focal, e é dos equipamentos da Vila Operária o de maior proximidade com o prédio da administração.

Trata-se de uma edificação com um volume único retangular e algumas reentrâncias e saliências; com uma cobertura extremamente complexa com planos e distintos ângulos, assimétricos, suscitam uma movimentação nas formas plásticas da cobertura.

As fundações são feitas de blocos de pedra, as paredes são duplas de alvenaria de tijolos maciços, estuque nos pisos do segundo pavimento, no térreo sistema de barroamento para prender o assoalho. A cobertura da edificação é toda estruturada em madeira com revestimento de telhas francesas, possui água furtada e várias inclinações do telhado assimétrico.

O programa espacial original caracterizava-se por quatro salas no térreo, um banheiro e uma cozinha, área de serviço. No segundo pavimento tinha-se três dormitórios e um compartimento habitável no canto ao lado da escada, apesar da inclinação do telhado.

O nível de deteriorização do prédio é bastante elevado, não havendo mais alguns elementos estruturais de piso, forro e a maioria das aberturas. A técnica construtiva do enxaimel¹¹⁶, é usada somente com função de ornamentação e não estrutural – como podemos ver no detalhe (*Figura 164*). Proferindo sobre o uso do enxaimel nas construções feitas no Rio Grande do Sul, (*Figura 165*) este tipo de arquitetura é singular e autêntico da sociedade de imigrantes alemães do Estado. Conforme Weimer¹¹⁷:

Quando comparamos a extrema variedade do enxaimel na forma como era praticado na Alemanha com o do Rio Grande do Sul, chegamos a conclusão que houve uma enorme simplificação e uma integração entre as diversas correntes formadas. Se tivéssemos examinado apenas as construções daqui, ignorando as alemãs, certamente teríamos chegado a conclusão de que se originaram de uma forma comum que evoluiu para variantes locais. Na realidade aconteceu o contrário.

¹¹⁶ A técnica de enxaimel, o imigrante trouxe-a em sua bagagem cultural e, por isso, ela é essencialmente germânica. Por contingências ambientais e existenciais, o enxaimel teve de ser recriado e por isso ele é totalmente brasileiro, em sua expressão. Weimer, G. *Arquitetura da imigração alemã* - Um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul. Ed. da Universidade/UFRGS, Porto Alegre 1983. p. 3

¹¹⁷ Weimer, G. *Arquitetura da imigração alemã* - Um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul. Ed. da Universidade/UFRGS, Porto Alegre 1983. pág 42

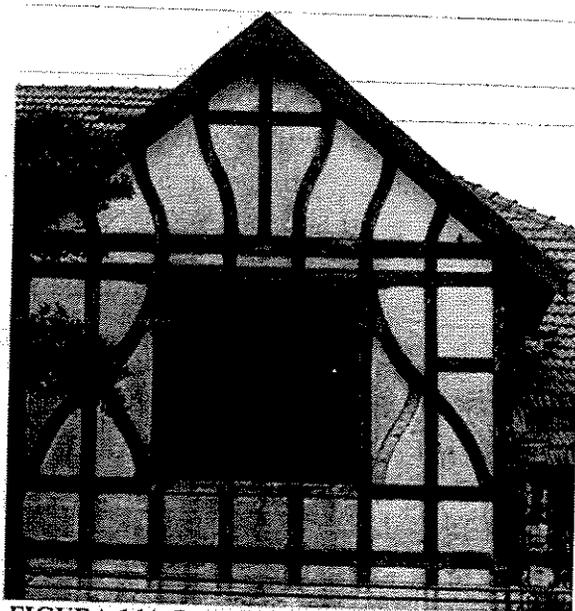


FIGURA 164: Detalhe da empena



FIGURA 165: Construções feitas no Rio Grande do Sul

Na fachada da Rua Rheingantz (*Figura 166*) no segundo pavimento, temos escoras curvas na empena com tramos pequenos, esteios secundários, vergas (Sturzriegel), peitoris (Brustriegel) e peças inclinadas que formam uma triangulação. As esquadrias são todas de verga reta em agrupamentos de três ou quatro, tipo guilhotina, com uma moldura em todo seu contorno.



FIGURA 166: Fachada atual da Av. Pres. Vargas (ex-Rheingantz)

O acesso principal é marcado por um arco abatido com uma escadaria devido à casa ser do tipo de porão alto. Na fachada da rua Dois de Novembro temos os mesmos elementos de composição no segundo pavimento, a mesma evocação do acesso principal com arco abatido, caracterizando-se por uma janela tripla com dois montantes de alvenaria.

As esquadrias todas de verga reta do tipo guilhotina e emolduradas. (*Figura 167*), podemos constatar a simetria e o rebatimento na composição dos elementos da fachada em contraste com o telhado assimétrico.

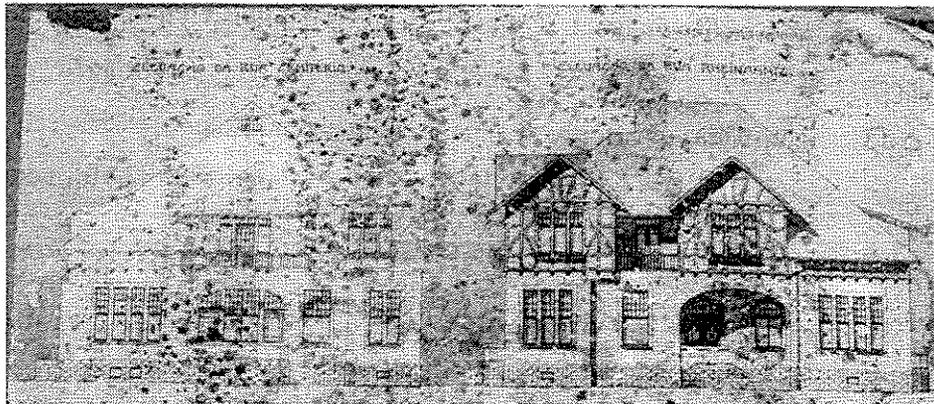


FIGURA 167: Planta original – fachadas

Atualmente a casa está sendo muito saqueada e não existem mais pisos, escada, basicamente restam os elementos de alvenaria e partes da cobertura. Da entrada principal tem-se acesso a um amplo distribuidor que intercomunica às três salas à esquerda, a escada ao fundo e à direita a uma sala, um acesso aos serviços e a um compartimento menor que seria um banheiro. Neste vão de acesso, que seria a parte de serviços, temos um compartimento amplo (provável cozinha) que se comunica a um distribuidor que se liga a uma porta de fundos e a uma sala de frente à rua principal. Um anexo, que seria parte da cozinha, foi fechado e aberta uma porta para ter um acesso independente.

Na parte de cima não é possível subir, pois não há piso – mas provavelmente caracterizava-se por um amplo distribuidor que intercomunica a um dormitório central que se comunica pela sacada a outro dormitório de esquina, o qual possui um compartimento como um closet e uma sacada, e mais um dormitório ao lado deste de mesma dimensão.

Os revestimentos de paredes no projeto original contemplava molduras e lambris, mas atualmente não se tem como verificar isso. Os pisos não existem mais excetuando na entrada principal que são ladrilhos hidráulicos, uma parte dos forros de um compartimento é do tipo saia-camisa, nas paredes do hall de entrada até a metade é revestida de azulejos. As instalações provavelmente seguem o padrão das demais casas com manilhas de cerâmica e canos de ferro e fiação aparente. As portas internas possuem bandeira em arco abatido e são de madeira entalhada.

A aproximação deste tipo de solução com outros exemplos brasileiros pode ser vista em estudos residenciais feitas por Jader Passarinho¹¹⁸ no Rio de Janeiro, que data de 1942, posterior

¹¹⁸ Passarinho, J. *Estudos Residenciais*. Rio de Janeiro, 1942. Monografias da FAU.

ao Cassino mas com similaridades em termo de cobertura, ornamentação, de resolução em planta.
(Figuras 168, 169 e 170)

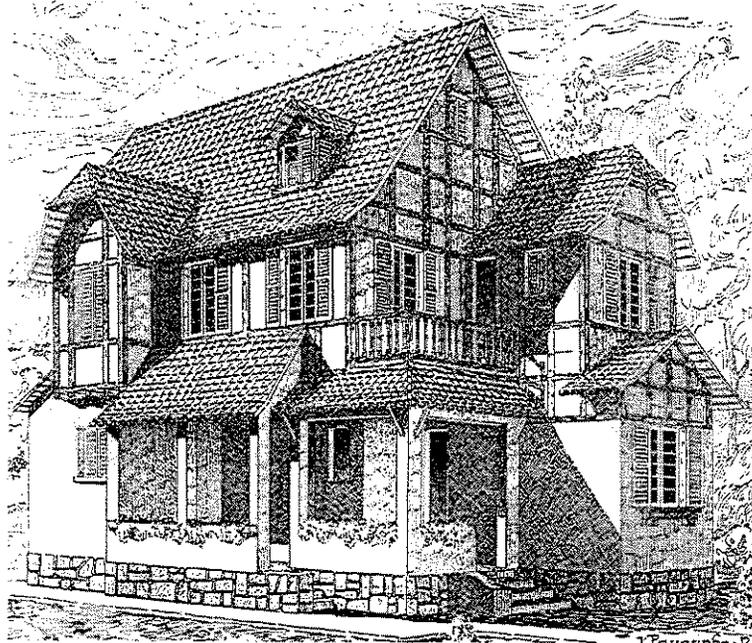


FIGURA 168: Estudos residenciais feitas por Jader Passarinho

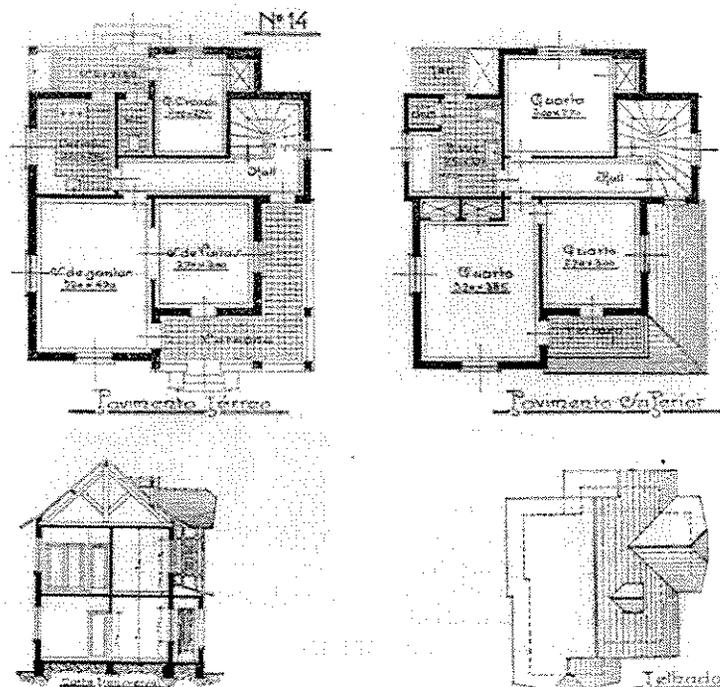


FIGURA 169: Estudos residenciais feitas por Jader Passarinho

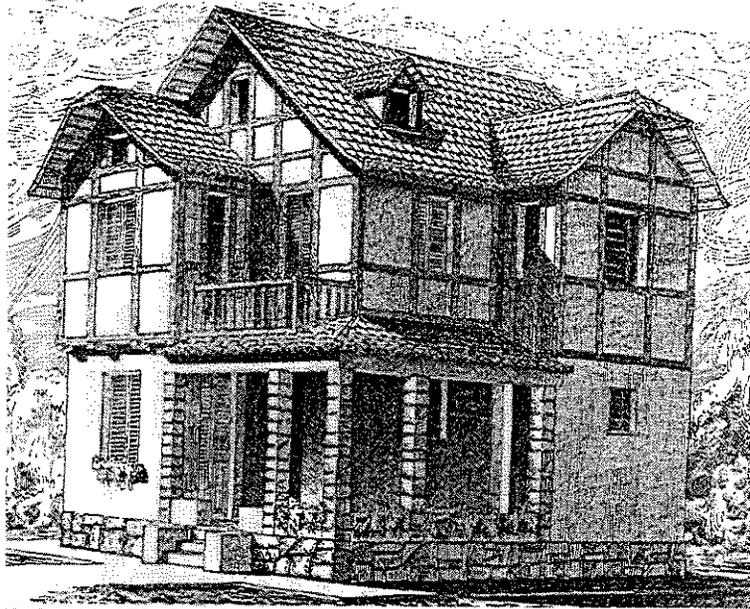


FIGURA 170: Estudos residenciais feitas por Jader Passarinho

Os desenvolvimentos no design de moradias operárias alemãs do século XIX, como na (Figura 171) da casa à esquerda – *overseer's house* e à direita, uma casa para quatro famílias em Alfredshof Estate, (1893-6)¹¹⁹. O pitoresco tratamento das águas do telhado e da estrutura de madeira do pavimento superior é muito parecido com o utilizado no Cassino dos Mestres e diferente do utilizado nas demais habitações das Casas de Mestres, dentro de um contraste com a simplicidade dos telhados até então analisados.

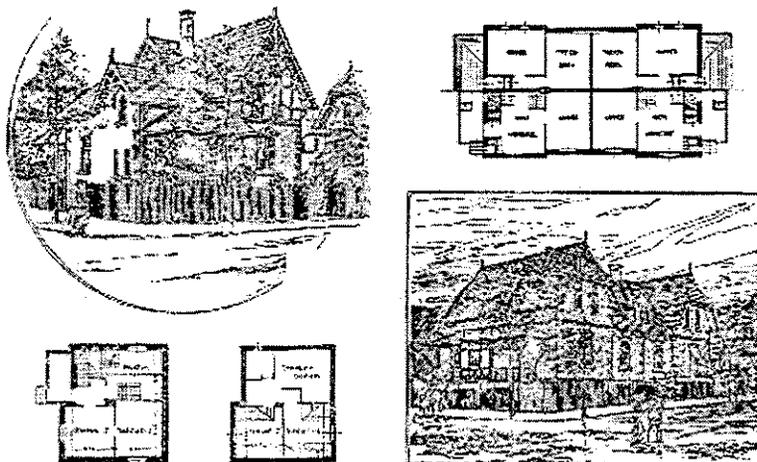


FIGURA 171: Moradias operárias alemãs

¹¹⁹ Bullock and Read. *The movement for housing reform in Germany and France 1840-1914*. Cambridge University Press 1985, Read, James. Printed in Great Britain. p. 141 fig 30

Nesses exemplos da (*Figura 171*) a cumeeira da cobertura de um número de blocos é projetada num formato de H, dando uma maior variedade possível de tratamento das coberturas de duas águas acima da altura da rua. Por mais tradicional que fosse a implantação geométrica, o projeto das casas individuais parece ter um design que avançou para uma transformação.

Em exemplos de moradias populares européias retirados de catálogos alemães¹²⁰, como nas (*Figuras 172 e 173*), pode-se notar que ali o enxaimel tem função estrutural e tem-se telhados simétricos e assimétricos. Alguns exemplos em São Paulo, como é o caso da Vila Normanda, (*Figura 174*) também possuem telhados sofisticados, uma maior ornamentação no segundo pavimento, porão alto com fundação em pedra e uso de água furtada. Porém, o enxaimel usado aqui no Cassino é bem distinto, e esta integração vista em diferentes partes do País deve ser entendida como uma aproximação e não como uma unificação das mesmas.

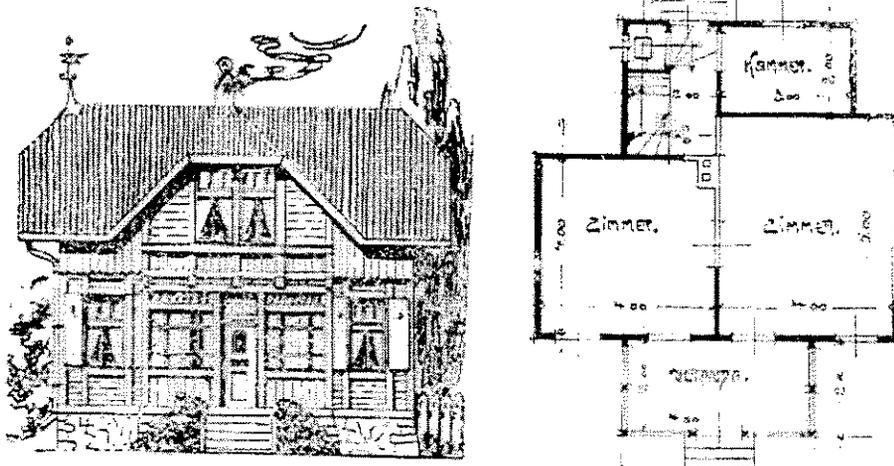


FIGURA 172: Moradias de catálogos alemães

¹²⁰ Deutscher Holhausbau H. & F. Dickmann, Berlin. Abb. 1276/78 e Abb. 1273



FIGURA 173: Moradias de catálogos alemães

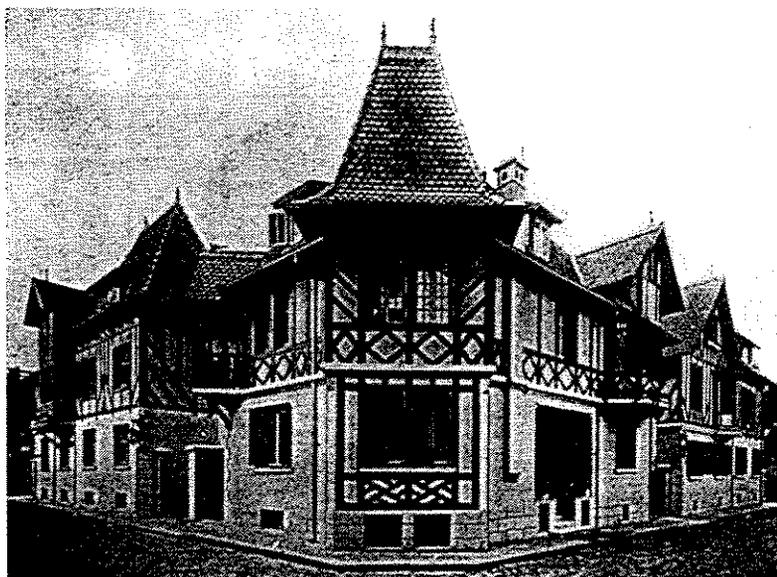
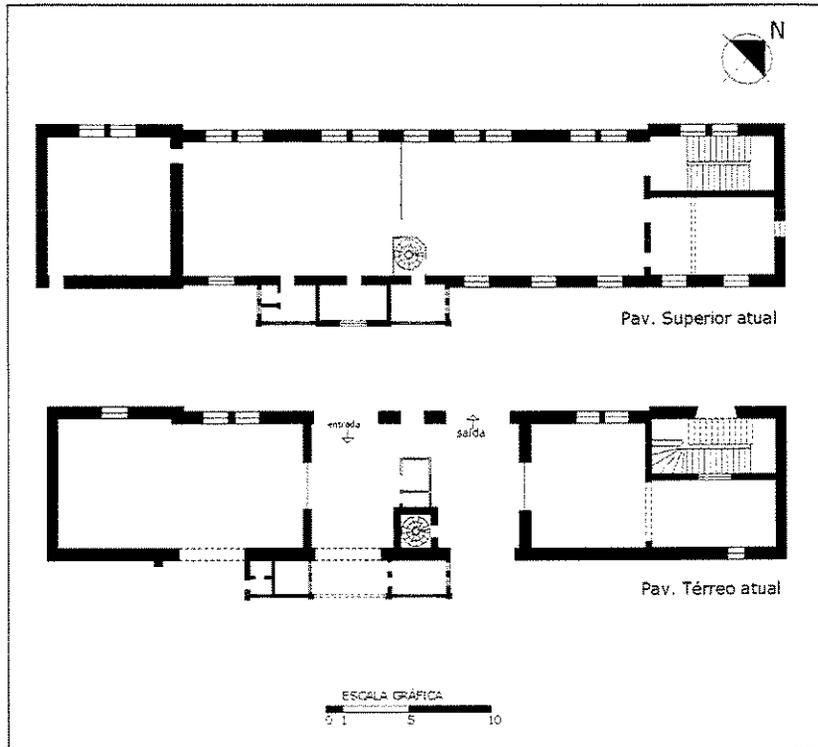
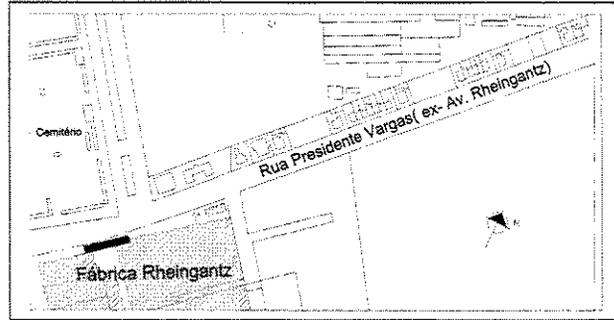


FIGURA 174: Vila Normanda, SP

Escritório Central



ESCRITÓRIO CENTRAL

Na falta da planta original deste edifício, que é de uma sofisticação ímpar para as construções da época, foi necessário recorrer aos Relatórios da Fábrica e aos jornais da época – como já foi abordado anteriormente, além de levantamento detalhado feito através de medições e fotografias com a elaboração de plantas.

Para que se pudesse ter uma data próxima de começo e término da construção, bem como o lançamento da hipótese da autoria do projeto ser de Theo Wiederspahn¹²¹ – pelo fato do Cassino dos Mestres ser de autoria do Escritório de R. Ahrons no ano de 1911 e o escritório ter sido iniciado em 1909 e finalizado em 1911, assim como para fundamentar a hipótese acima, foi utilizada uma notícia na primeira página do jornal Echo do Sul, de 28 de novembro de 1910. No ano seguinte, nos jornais Echo do Sul (de 21 de novembro de 1911), O Intransigente e O Artista (ambos do dia 14 de novembro de 1911) há uma notícia bem enfática avisando a mudança do escritório e igual em todos os jornais.

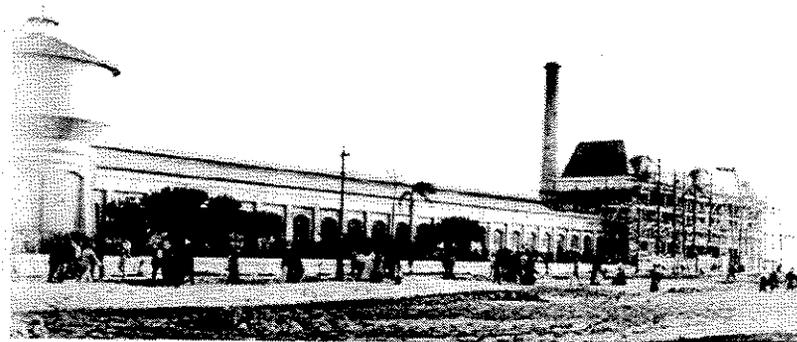


FIGURA 175: Foto da construção

¹²¹ “Wiederspahn, Theodor Alexander Josef: Nasceu em 12.2.1878 em Wiesbaden. Formou-se na Koenigliche Baugewebeschool de Idstein, no Taurus. Em 1908, aproveitou sua viagem de núpcias de seu segundo casamento para emigrar para o Rio Grande do Sul onde já estava seu irmão Heinrich Josef, que fora contratado para construir o ramal Montenegro-Caxias da Viação Férrea. Problemas burocráticos impediram sua contratação na mesma empresa em razão do que se empregou como arquiteto responsável pelo departamento de projetos do “Escritório de Engenharia Rudolf Ahrons”. Neste posto permaneceu de setembro de 1908 até dezembro de 1915 quando esta firma encerrou suas atividades devido à guerra em andamento. - Texto de autoria de Gunther Weimer.

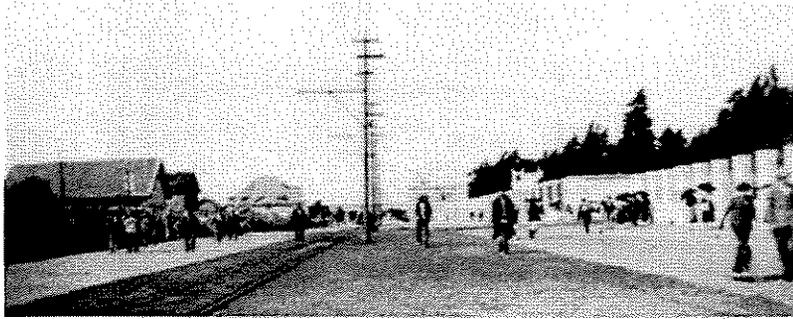


FIGURA 176: Prédio ao fundo e o cemitério à direita

O prédio denominado Escritório Central (*Figura 177*) possui uma modenatura formada por base, corpo e coroamento e é um prédio típico do Maneirismo¹²² internacional. O edifício possui uma forma plástica de paralelepípedo do paladianismo inglês¹²³ que deu origem a uma tradição classicista utilizada por vários anos (*Figura 178*)



FIGURA 177: Escritório Central, atualmente

¹²² “Em sentido lato, a imitação, claramente apócrifa, de um estilo. O Maneirismo surge no fim de uma época estilística, aproveitando habilmente suas capacidades formais e técnicas, sem possuir, no entanto, uma ligação profunda com as suas temáticas fundamentais. Em sentido restrito, maneirismo indica a arte figurativa e a literatura do período compreendido entre o Renascimento tardio e o Barroco, de 1525 a.C. 1620. (...) Todos os traços do Maneirismo reaparecem acentuadamente nas obras de Palladio (Cristo redentor, em Veneza), de El Greco e de Tintoretto. O Maneirismo é considerado, hoje, como um estilo independente”. p. 170. Koch, W. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

¹²³ O paladianismo notadamente imprime a sua marca na arquitetura inglesa, introduzido por Inigo Jones, nos duzentos anos que se seguem à metade do século XVII. Exerce influência determinante na França e no resto da Europa após C. 1650. p. 189. Koch, W. Op. Cit. 3

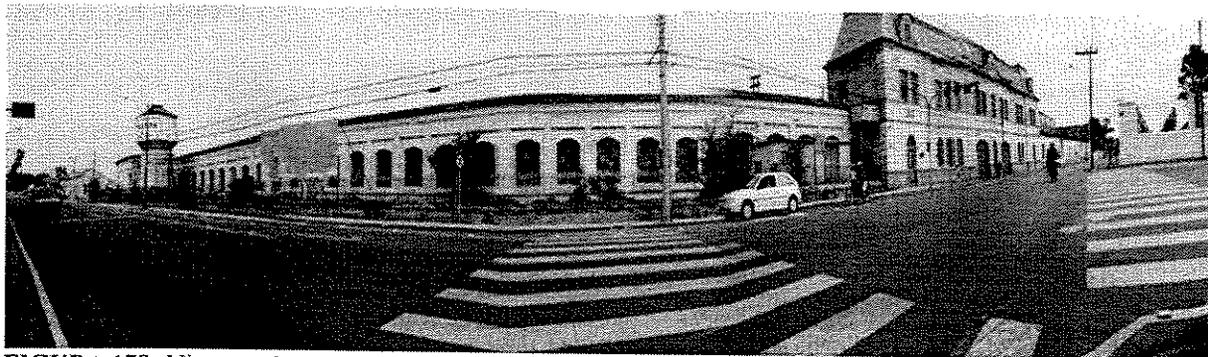


FIGURA 178: Vista geral

Possuindo dois ressaltos laterais e uma simetria bilateral na fachada caracterizada por um eixo que parte do frontão triangular¹²⁴ central com um relógio presente no telhado em mansarda. No telhado de mansarda nos ressaltos temos duas janelas de lucarna (*Figura 179*), recorrendo a Manuais de Construção como o de Pianca¹²⁵ (*Figura 180*) vemos a citação do autor num exemplo de lucarna semelhante ao utilizado no Escritório Central:

(...) Contribuem muito para o caráter pitoresco das habitações, dada grande variedade de formas. As trapeiras têm freqüentemente a forma retangular, com predomínio ou não da largura. As mais graciosas são aquelas em que a largura é maior que a altura.(...) A sua decoração merece a maior atenção do arquiteto dada a posição que ocupa no edifício; deve ser leve e delicada e estar sempre em harmonia com o conjunto. As trapeiras são feitas com ossatura de madeira, exceto a frente quando é continuação da fachada, caso em que se executa do mesmo material. (...)

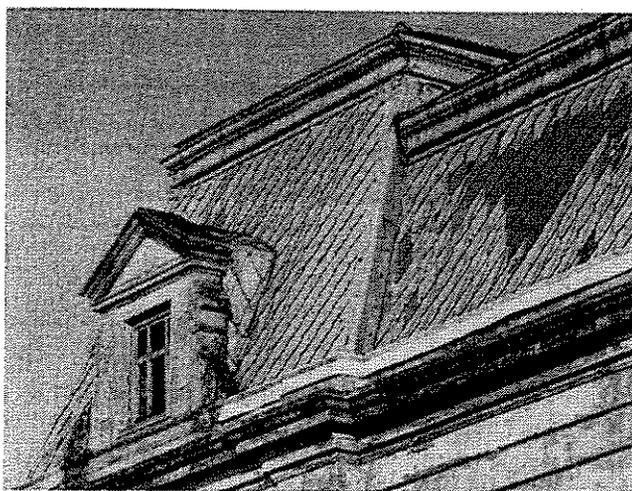


FIGURA 179: Janelas de lucarna

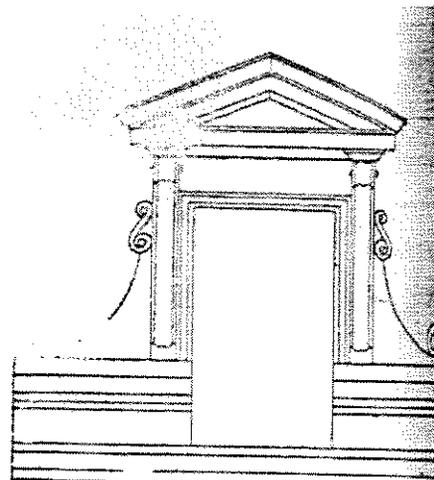


FIGURA 180: Modelo do manual

¹²⁴ Com desenvolvimento de cornija do frontão do sécs. XVI-XVIII (Renascimento)

¹²⁵ Pianca, J.B. *Manual do Construtor*. Porto Alegre: Globo, s/data. p. 316

A janela de Lucarna ou trapeira do prédio do Escritório Central, (*Figura 181*) também foi estruturada com madeira, e sua face exterior é feita da mesma alvenaria que a face da parede externa da construção. No corpo do edifício há presença de bossagem inserida na superfície da parede, a estruturação é composta por pilastras e a textura feita pelas linhas retas da bossagem diminuem a verticalidade proposta pelas pilastras. (*Figura 182*)

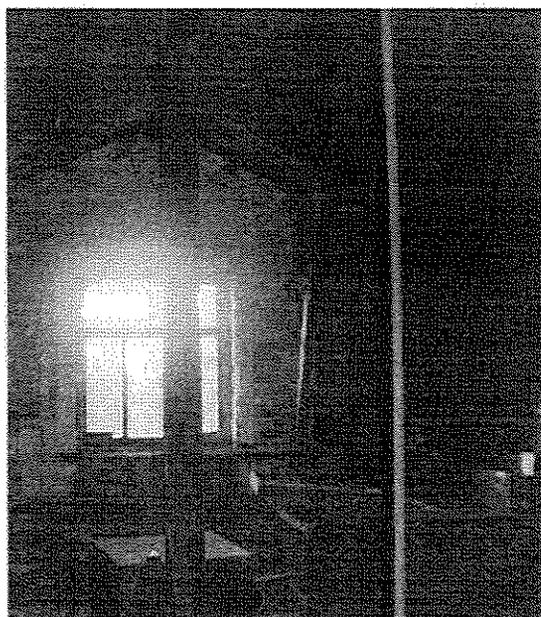


FIGURA 181: Detalhe do madeiramento

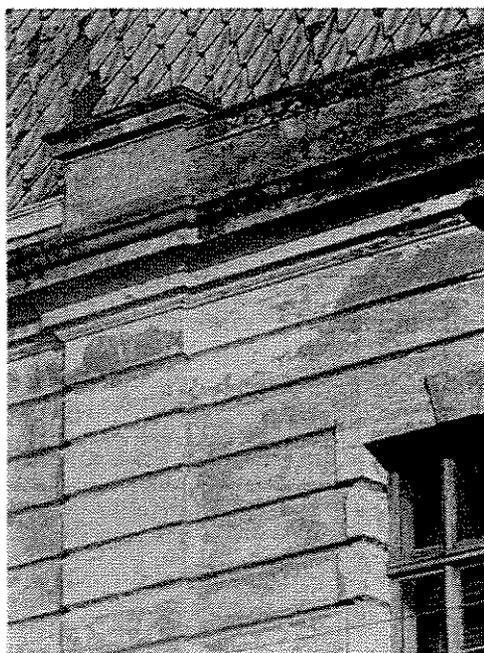


FIGURA 182: Detalhe da bossagem e pilastras

A decisão de projeto com as linhas da fachada enfaticamente horizontais, e juntamente com uma simetria absoluta tanto em planta como em elevação, pode ser vista em mansões do século XVII como no caso de Coleshill, Berkshire, do arquiteto Roger Pratt, que data o projeto de 1662 (*Figura 183*).

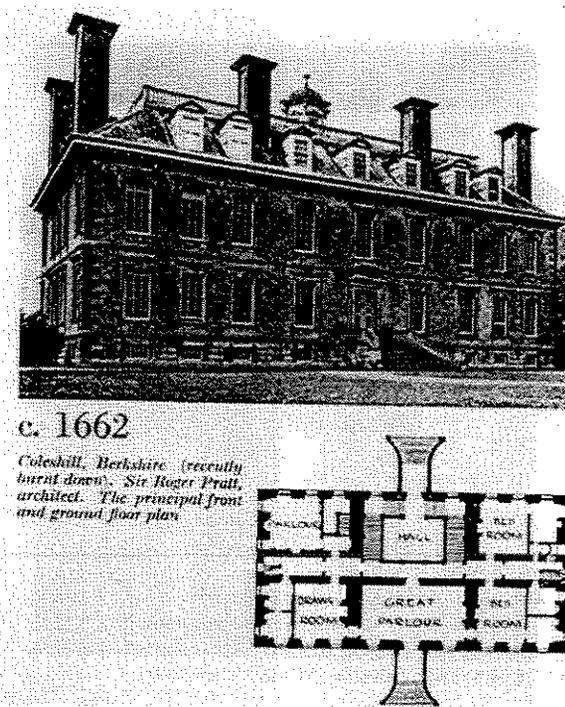


FIGURA 183: Coleshill, Berkshire

Nota-se, também, que no edifício da administração a preocupação com a simetria é pertinente tanto na planta quanto em elevação (fachada). Incidindo num outro exemplo, é o Palais de Justice de autoria de Salomon de Brosse, de 1626 (*Figuras 184 e 185*), que apesar de possuir um pátio interno e ocupar um quarteirão, a simetria em termos de planta e elevação são características similares ao da administração e do exemplo anterior, bem como os ressaltos e a cobertura.

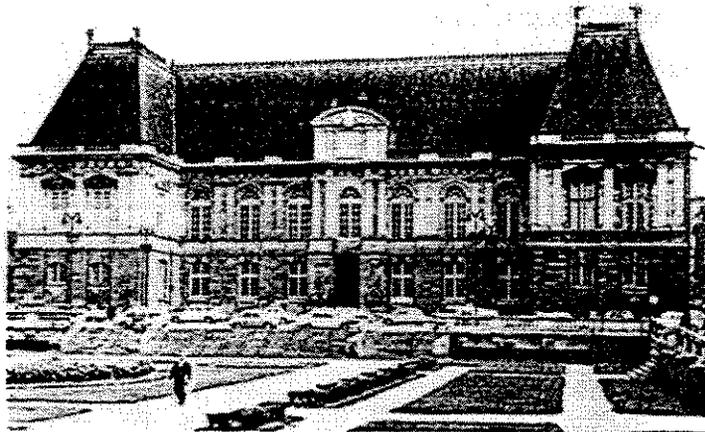


FIGURA 184: Palais de Justice

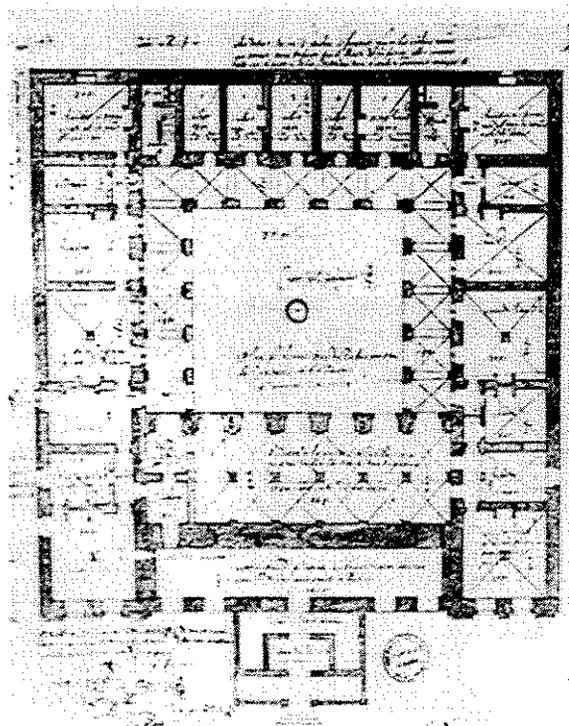


FIGURA 185: Palais de Justice, planta

O telhado em mansarda do prédio da administração (*Figuras 186 e 187*) diferentes, na parte dos ressaltos é mais alto que na parte central do corpo do prédio. Essa diferença de altura promove uma perspectiva do observador da rua que os ressaltos possuam uma maior saliência em planta, porém isto não ocorre pois a saliência é bem sutil em relação à prumada da parede

externa. A cobertura é feita com estrutura de madeira e telha de escama de zinco, imitando o método de assentamento de ardósias com revestimento diagonal.

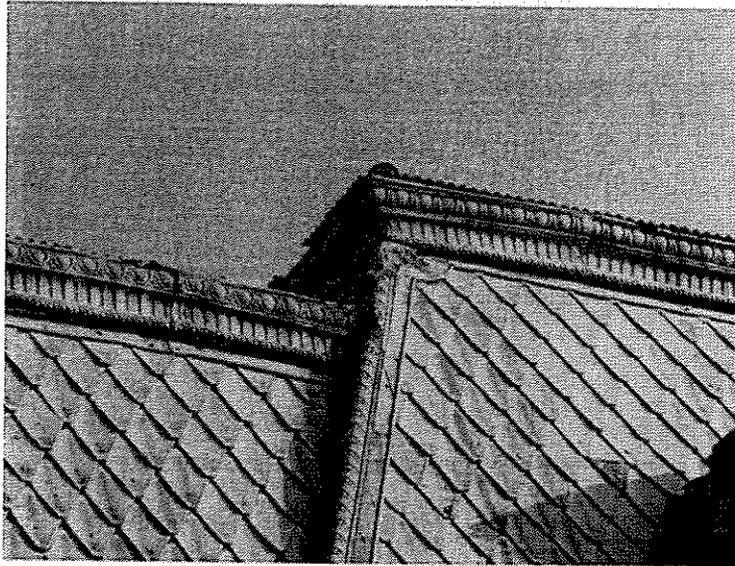


FIGURA 186: Detalhe da cobertura e mansarda

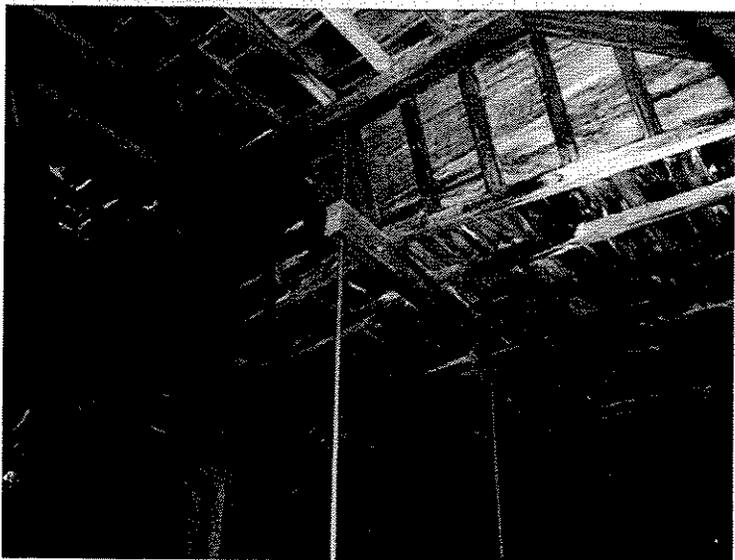


FIGURA 187: Madeiramento da cobertura

No *Traité de Constructions Civiles* do arquiteto E. Barberot¹²⁶, na parte que trata de telhados em mansarda, na (*Figura 188*) temos pendurais laterais e não empregam-se escoras, como é o caso do prédio estudado. O revestimento indicado é de ardósia e o telhado é apoiado numa mureta que nada mais é do que uma elevação da prumada da parede externa, sendo que no Escritório Central também é adotada esta solução. (*Figuras 189*)

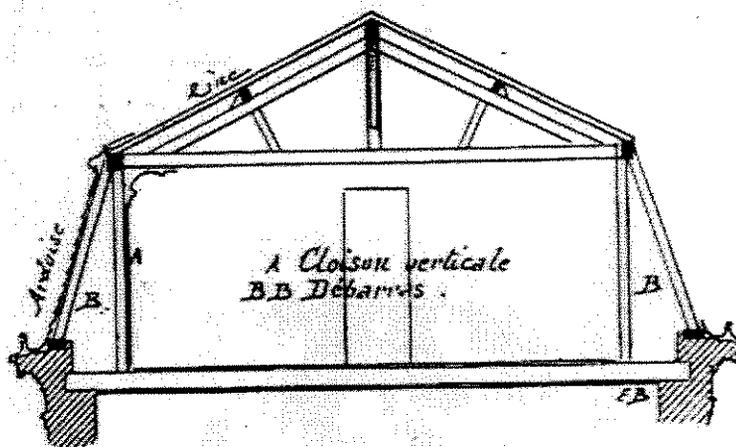


Fig. 685. — Comble à la Mansard.

FIGURA 188: Exemplo de *Traité de Constructions Civiles*

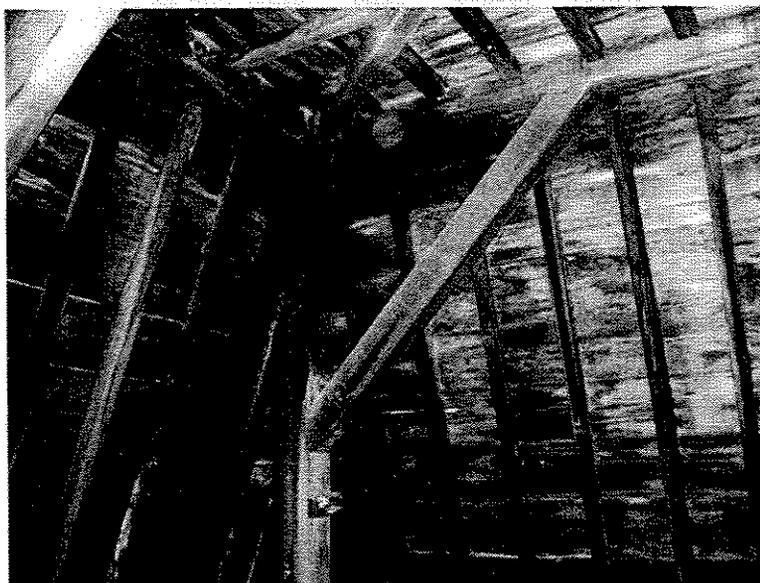


FIGURA 189: Madeiramento do telhado da cobertura

¹²⁶ Barberot, E. *Traité de Constructions Civiles*. Paris, Librairie Polytechnique, Baudry et Cie. Éditeurs, 1895. p. 246

Na junção da parede nota-se o uso de cimalha encimada de ático. No segundo pavimento, permanece a mesma estruturação de pilastras com a bossagem na parede, as janelas possuem uma moldura com verga reta e fecho saliente, a esquadria é subdividida em montantes de três partes.

O mesmo tipo de remate de janelas é encontrado em projetos do começo do século XX¹²⁷ como o do Hotel a Flers (Orne) do arquiteto M.Louis Amiard (*Figura 190*), bem como o plano da fachada caracteriza-se por uma sobriedade elegante dentro de um estilo severo, e observa-se que o partido formal do edifício é feito por facções de grandes linhas ou bandas horizontais que dominam a decoração da fachada.

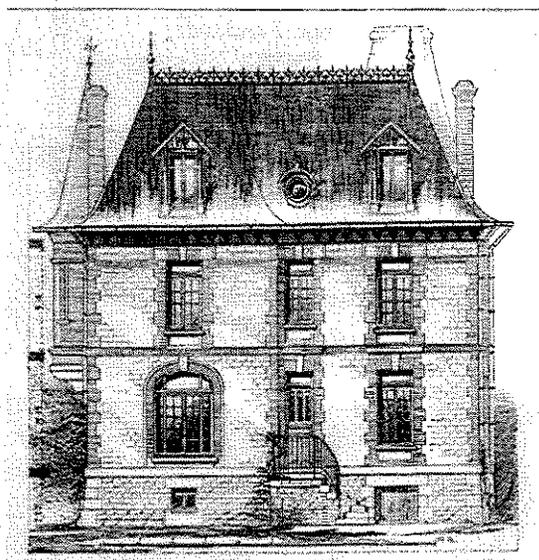


FIGURA 190: Hotel a Flers (Orne)

Uma faixa com frisos divide o segundo e o primeiro pavimento, e as esquadrias do pavimento térreo caracterizam-se por portas de duas folhas almofadadas com fechos com redentes assimétricos; nas janelas temos a presença de arco de consola, e nos portões presença de arco elíptico.

A bossagem também é presente no revestimento deste pavimento. Nos dois ressaltos simétricos há presença de janela de lucarnas com frontão triangular e volutas, e uma esquadria

¹²⁷ Retirado do periódico *Petites Maisons Modernes de Ville et de campagne, récemment construites*. S/data.

de madeira também subdividida em três partes. Este tipo de janela de lucarnas está presente nos ressaltos, que se utilizavam do ático para esconder a calha de captação das águas pluviais (*Figura 191*).

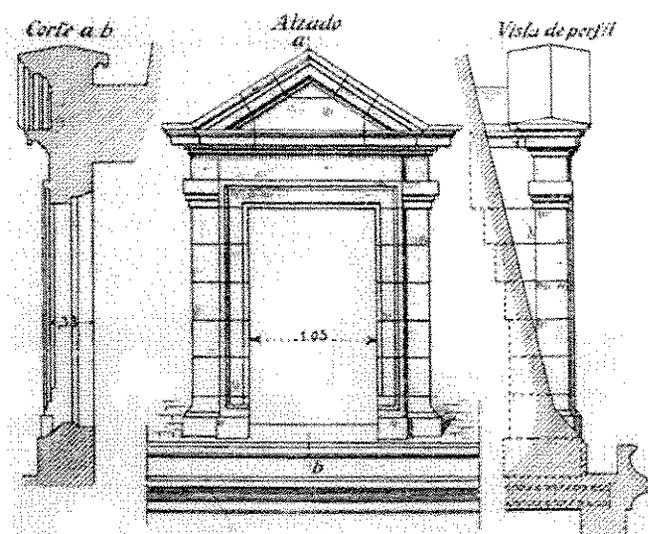


FIGURA 191: Exemplos de janela de lucarna do manual

Normalmente criavam dificuldades para a cobertura e não eram recomendadas pelos manuais por causa da junção com o telhado, que na maioria das vezes era problemática; porém no caso específico do prédio da administração esta junção foi feita da forma mais simplificada possível (*Figura 192*).

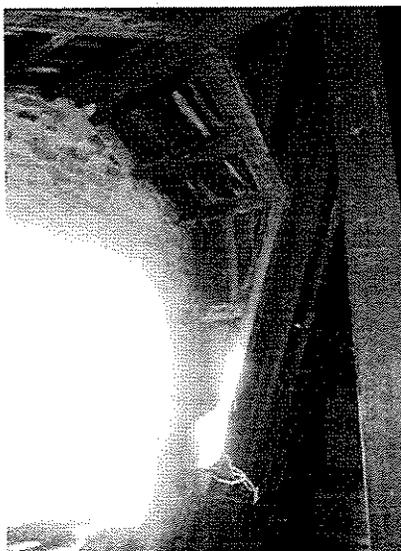


FIGURA 192: Madeiramento da janela do escritório

Na base o soco não possui texturas nem gateiras, e um friso o separa da bossagem; somente a marcação da base das pilastras se ressalta no soco contínuo. Em Guérinot, Poitiers no Hotel de Ville et Musée (*Figura 193*) e em Goderboeuf, Paris, no palácio Mairie du XVI Arrondissement, (*Figura 194*) temos modelos ecléticos com a mesma composição estilística de fachada e de elementos de composição que no prédio do Escritório Central da Fábrica Rheingantz.

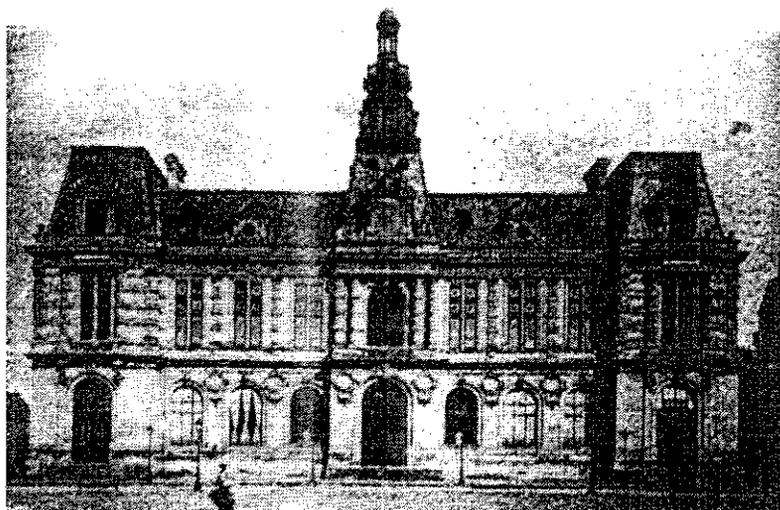


FIGURA 193: Hotel de Ville et Musée

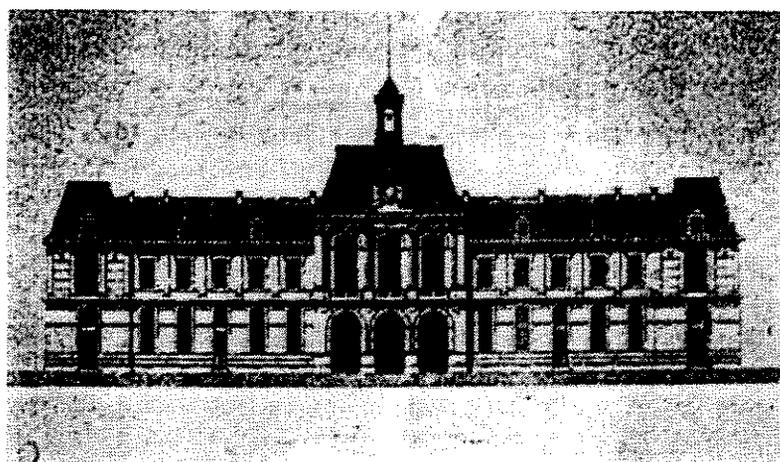


FIGURA 194: Palácio Mairie du XVI Arrondissement

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira fábrica têxtil do Rio Grande do Sul revela um importante intercâmbio de valores e experiências consideráveis do final do século XIX e começo do XX, tanto no âmbito da arquitetura, do planejamento e expansão urbanas da cidade do Rio Grande-RS-Brasil, do desenho da paisagem, bem como da história da indústria do Rio Grande do Sul.

A Vila Operária edificada está direta e materialmente ligada à história da industrialização do Rio Grande do Sul e das tradições de criação de animais que caracterizam o Estado. O complexo Rheingantz é um patrimônio cultural, compreendendo obras de arquitetos, criações anônimas de construtores surgidas da alma popular e um conjunto de valores histórico-culturais que dão sentido à vida desta específica vila nesse período histórico.

Sendo assim, faz parte de uma cultura arquitetônica daquele tempo e pode-se claramente observar que os construtores – dos quais não temos informações atualmente – conheciam certos modelos internacionais, pois existe um ambicioso desenho dentro do contexto deste conjunto de habitações.

A identidade e o caráter da Vila Operária Rheingantz é de suma importância não só por sua estrutura física, mas também por suas características sociológicas - considerando sua integração ao processo vivo do desenvolvimento urbano da cidade do Rio Grande, e da marcante valorização que a população local tem em relação à “Vila Alemã”, às “Casas da Rheingantz”, pois este sítio pertence à cultura visual da cidade e ainda permanece devido à estagnação econômica e falta de especulação imobiliária. Mas, sobretudo, por uma consciência intrínseca da comunidade local de preservar o que restou dos tempos áureos do Rio Grande industrial, como era nomeada a cidade por periódicos do começo do século XX, o qual tem o potencial de ser um pólo turístico com a preservação do patrimônio que restou do apogeu da indústria.

O trabalho de levantamento feito para o Mestrado tentou obter o máximo de informações possíveis, dentro do limite de dados conseguidos, para que se possa valorar o quanto estas construções podem nos ceder de informações tecnológicas e plásticas.

As condições físicas atuais das propriedades do conjunto possuem uma deterioração grave de materiais, de estrutura e dos elementos ornamentais, tais como óculos, frisos, festões e apliques. Há de fato uma carência de políticas de conservação, tanto pelos órgãos Federais e Estaduais como por planos urbanísticos da Prefeitura local, devido ao perigo de violência que os prédios abandonados causam à população que mora nos arredores. Há ocorrência freqüente de depredação dos elementos estruturais tais como barrotes, forros, portas e janelas pela ação de vandalismo.

Evidentemente, uma perda de autenticidade histórica está se dando pela reforma das casas por moradores sem possuírem um projeto e esclarecimento do valor do patrimônio histórico e cultural das edificações. As mudanças graduais devido a fatores climáticos com grandes períodos de chuva e maresia, por se tratar de uma cidade litorânea, aumentam ainda mais o desgaste das moradias. A maior causa desta ameaça às propriedades é dada a uma carência, inadequação e falta de recursos financeiros, uma implementação eficaz de um plano de gestão, inventário do patrimônio histórico e cultural que representa a Vila Operária Rheingantz.

Detendo-se mais ao sofisticado prédio do maneirismo internacional – o Escritório Central – edificação singular na arquitetura da cidade, enfatiza-se a importância cenográfica e estimada, devendo ser prioridade para uma futura política de preservação. Apesar da comunidade local se ater mais ao Club dos Mestres (ou Cassino dos Mestres) como referência material à Vila Operária – por sua posição de destaque no entorno, o prédio do Escritório Central é evidentemente mais importante e, através deste trabalho de resgate da cultura material e arquitetônica, é proposto que, caso algum projeto de Lei venha a restaurar a Vila Operária, sejam prioritárias obras de restauração no Escritório Central.

Neste caso específico do Escritório Central, a tarefa acadêmica foi a de buscar o conhecimento crítico sobre esse patrimônio comum (Vila), a fim de democratizar a informação e a educação para a comunidade local e aos órgãos competentes. Através de um breve levantamento arquitetônico e fotográfico, com a produção das fichas, conseguiu-se demonstrar o panorama de técnicas construtivas e a atual situação das moradias, bem como tentou-se descobrir a trama pela qual o edificador pensou ao projetar as residências. Com isso, buscamos a história e

memória deste patrimônio averiguando a riqueza de detalhes, a sofisticação da estrutura dos telhados, a organização funcional que possui em planta, assim como também de outros elementos ornamentais.

A restauração desta herança histórica está mais ligada a valores culturais do que materiais, porque recuperariam de certa forma o saudosismo e o orgulho que haviam quando a cidade estava numa fase mais próspera.

BIBLIOGRAFIA

ALBERNAZ, M.P. ; LIMA, C.M. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*. 2.ed. São Paulo: ProEditores, 2000.

ANDREANI, I. *Il Progetista Moderno di Costruzioni Architettoniche*. Milano: Editore Libraio Della Real Casa, 1918. ULRICO HOEPLI.

ANDREANI, I. *L'Arte Nei Mestieri III il Muratore*. Milano: Editore Libraio Della Real Casa, 1909. ULRICO HOEPLI.

ARFVIDSON, A. et al. *Maisons Les Plus Remarquables*. Construites a Paris de 1905 a 1914. Librairie Centrale des beaux-Arts Albert Lévy Editeur, 1920.

BALDONI, V. *Complexo Rheingantz*. Pelotas (RS): UFPEL, 2000. Monografia.

BARBEROT, E. *Traité de Constructions Civiles*. Paris, Baudry et Cie. Éditeurs, 1895.

BARBEROT, E. *Tratado Práctico de Edificación*. 2.ed. Barcelona: Gustavo Gili Editor, 1927.

BEAL, M.G. *Patrimônio de tradição germânica na Cidade do Rio Grande*. Levantamento – histórico - registro. Pelotas (RS): UFPEL, agosto de 1997. Especialização em Patrimônio Cultural Inst. de Letras e Artes.

BLAY, E.A. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.

BLAY, E.A. *Vilas Operárias*. São Paulo 1981. Tese de livre docência apresentada à disciplina de Sociologia do Dept. de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

BOURNIQUEL, M. *Pour construire sa maison*. Recueil de Constructions. Paris, Garnier Frères Éditeurs.

- BREYMAN, G.A. *Costruzioni Metalliche*. Casa Editrice Dottor Francesco Vallardi, Roma, s/data.
- BULLOCK and READ, N. and J. *The Movement for housing reform in Germany and France 1840-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, Great Britain by the University Press, 1985.
- CAMPI, M. *Riqualificare Napoli*. Il Rapporto Rilievo / Intervento nei progetti di riqualificazione urbana e paesaggistica. Roma: Ufficio Centrale per i beni ambientale e paesaggistici.
- CHING, F.D.K. *Dicionário Visual de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHOAY, F. A Alegoria do Patrimônio. [Tradução de Luciano Vieira Machado]. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001.
- CIVERA, I.A. *Arquitetura Industrial*. Concepto, método y fuentes. Colección Arqueología Industrial. Valencia: Diputación de Valencia, 1998.
- COLLINS, P. *Los Ideales de la Arquitectura Moderna; su Evolución (1750-1950)*. Barcelona: Gustavo Gili, 1970.
- COPSTEIN, R. *O trabalho Estrangeiro no Município de Rio Grande*. Série Geografia n 4, 1975 - Boletim Gaúcho de Geografia. Ass. dos Geógrafos Brasileiros Núcleo de Porto Alegre.
- CORREIA, T.B. *Artigo - A indústria e a moradia operária: as diferentes formas de acesso a casas em vilas operárias e núcleos fabris*. Sinopses. São Paulo: n.28 p.9-18 dez. 1997. Universidade de São Paulo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Publicação Semestral.
- DE FUSCO, R. *A Idéia de Arquitetura*. [Tradução de José Eduardo Rodil] São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- DENFER, J. *Charpenterie métallique Menuiserie em fer & Serrurerie*. Tome Second. Paris: Gauthier-Villars et Fils, Imprimeurs - Libraires, 1894.
- DUCHER, R. *Característica dos estilos*. [Tradução de Maria Galvão] 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ENCONTRO Ibero-americano de Patrimônio Industrial. Lisboa, 1999. Anais de Congresso.
- FRAMPTON, K. *História Crítica da Arquitetura Moderna*. [Tradução de Jefferson Luis Camargo] São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FUNARI, P.P. *Destruction and conservation of cultral property: a peripheral outlook from Brazil*. New York: Routledge, 2001.
- FUNARI, P.P. *Os desafios da destruição e conservação dos patrimônio cultural do Brasil*. Porto, Portugal, 2001.

FURASTÉ, P.A. *Normas Técnicas para o Trabalho Científico*. Explicitação das Normas da ABNT. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2002.

GONZÁLES-VARAS, I. *Conservación de bienes Culturales*. Teoría, historia, principios y normas. Madrid: Cátedra, 1999.

GUIGOU-NORRO, J.A. *A Vila Operária na República Velha: o caso Rheingantz*. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 1994. Orientador: Günther Weimer.

GUTIERREZ, R. (org.) *Autores vários*. Preservación de la arquitectura industrial en Iberoamerica y Espanha. Cuadernos del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, CEDODAL. Granada: El Partal, 2001.

GUTIERREZA, R. *Arquitectura y Urbanismo en Iberoamerica*. 3.ed. Madrid: Cátedra, 1999.

ISAAC, A. *Eclétismo y Pensamiento Arquitectónico em Espanha*. Discursos, Revistas, Congresos 1846-1919. Granada: Diputación Provincial de Granada.

JANTZEN, S.A.D. ; OLIVEIRA, A.L.C. *Renovação urbana e reciclagem, orientação para prática de atelier*. Pelotas (RS): Mundial, 1996.

KOCH, W. *Dicionário dos Estilos Arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KRUFT, H.W. *A history of Architectural Theory from Vitruvius to the present*. New York: Princeton Architectural Press, 1994.

LA VAL, P. ; CRESPI, D'A. *Village operai in Italia*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1981.

LEMOS, C. *Alvenaria burguesa*. São Paulo: Nobel, 1985.

LIMA, R.P.T. *A cidade racional: Amparo: um projeto urbanístico do "oitocentos"*. Amparo, Campinas (SP): Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral, Centro da Pesquisa em História da Arte e da Arqueologia - UNICAMP, 1998.

MOURA, C.A. ; MOURA, S. *Paisagem e Ambiente: ensaios*: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.- São Paulo: FAU, 1997. N.12, dez 1999 p 29-68- *As Antigas e as Novas Vilas de São Paulo*: Conceituação e Estudos de caso.

OLIVEIRA, C.A. *Indústria e Trabalho no Município de Rio Grande: A trajetória da Companhia União Fabril (1873-1930)*. UNESP, Assis/SP, 1995, Or: Dra. Beatriz M. Cerqueira Leite / Mestrado em História.

PASSARINHO, J. *Estudos Residenciais*. Rio de Janeiro: 1942. Monografia.

PEDRAZA, P. *Tratado de Arquitectura*. Antonio Averlino Filarete. Madrid: Ephialte, 1990.

PESAVENTO, S.J. *A Burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho* (RS: 1889-1930). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PESAVENTO, S.J. *História da Indústria Sul-Rio-Grandense*. Guaíba (RS): Riocell, 1985.

PEVSNER, N. *A History of Building Types*. The National Gallery of Art. Washington: Princeton University Press, 1970.

PIANCA, J.B. *Manual do Construtor*. Porto Alegre: Globo, 1980.

Pierson Jr, W.H. *American Buildings and their Architects*. Vol. 2 Oxford: Oxford University Press, 1978. Chapter II.

PUPPI, L. *Andrea Palladio*. Electa Editrice.

Relatórios da Fábrica. *Relatorios da Directoria da Companhia União Fabril Succesora de Rheingantz & Cia*. Anno Social 1/09/1891 a 31/08/1892.

Relatórios da Fábrica. *Relatorios da Directoria da Companhia União Fabril Succesora de Rheingantz & Cia*. Anno Social (anos estudados de 31/08/1894 a 31/08/1926).

Relatórios da Fábrica. *Relatorio da Sociedade Comanditaria em Ações de Rheingantz & C*. Em 29/10/1886, 21/11/1885, 30/10/1888, 9/11/1889.

ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROSSI, A.Z. *O quintal da Fábrica*. Dissertação de Mestrado IFCH - UNICAMP- Or. Profa. Dra. Maria Clementina Pereira Cunha. Dez. 1991.

SAUVEUR, H. *Cottages Anglais recuellis et mis em order par*. Paris CH.: Massin Éditeur, 1920.

SCAMOZZI, O.B. *Le fabbriche e i disegni di Andrea Palladio*. Vicenza: Raccolti, 1796.

SCHMITT, H. *Tratado de construcción, elementos, estructuras y reglas fundamentales de la construcción*. Barcelona: Gustavo Gili, 1974.

SINGER, P. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional, 1968.

SUMMERSON, J. *The Architecture of the eighteenth century*. Massachussets: Institute of Tecnology. Cambridge: The MIT Press.

SUMMERSON, J. *The Classical Language of Architecture*. Massachussets: Institute of Tecnology. Cambridge: The MIT Press, 1995.

TEIXEIRA, P.P. *A Fábrica do Sonho: trajetória do industrial Jorge Street*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

TOGNON, M. *Arquitetura Italiana no Brasil: a obra de Marcelo Piacentini*. Campinas (SP): UNICAMP, 1999.

WEIMER, G. *A Arquitetura*. Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, 1992.

WEIMER, G. *A vida cultural e a arquitetura na República Velha Rio-Grandense – 1889-1945*. Porto Alegre: EDIPUC/RS, 2003. Preâmbulo: Elvam Silva.

WEIMER, G. *Arquitetura do Positivismo*. GEDAB, Faculdade de Arquitetura. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

WEIMER, G. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. Porto Alegre Mercado Aberto, 1990.

WEIMER, G. *Engenheiros Alemães no Rio Grande do Sul, 1848/58*. Faculdade de Arquitetura – UFRGS. Porto Alegre.

WEIMER, G. *O Arquiteto Theo Wiederspahn*. Faculdade de Arquitetura - UFRGS. Porto Alegre.

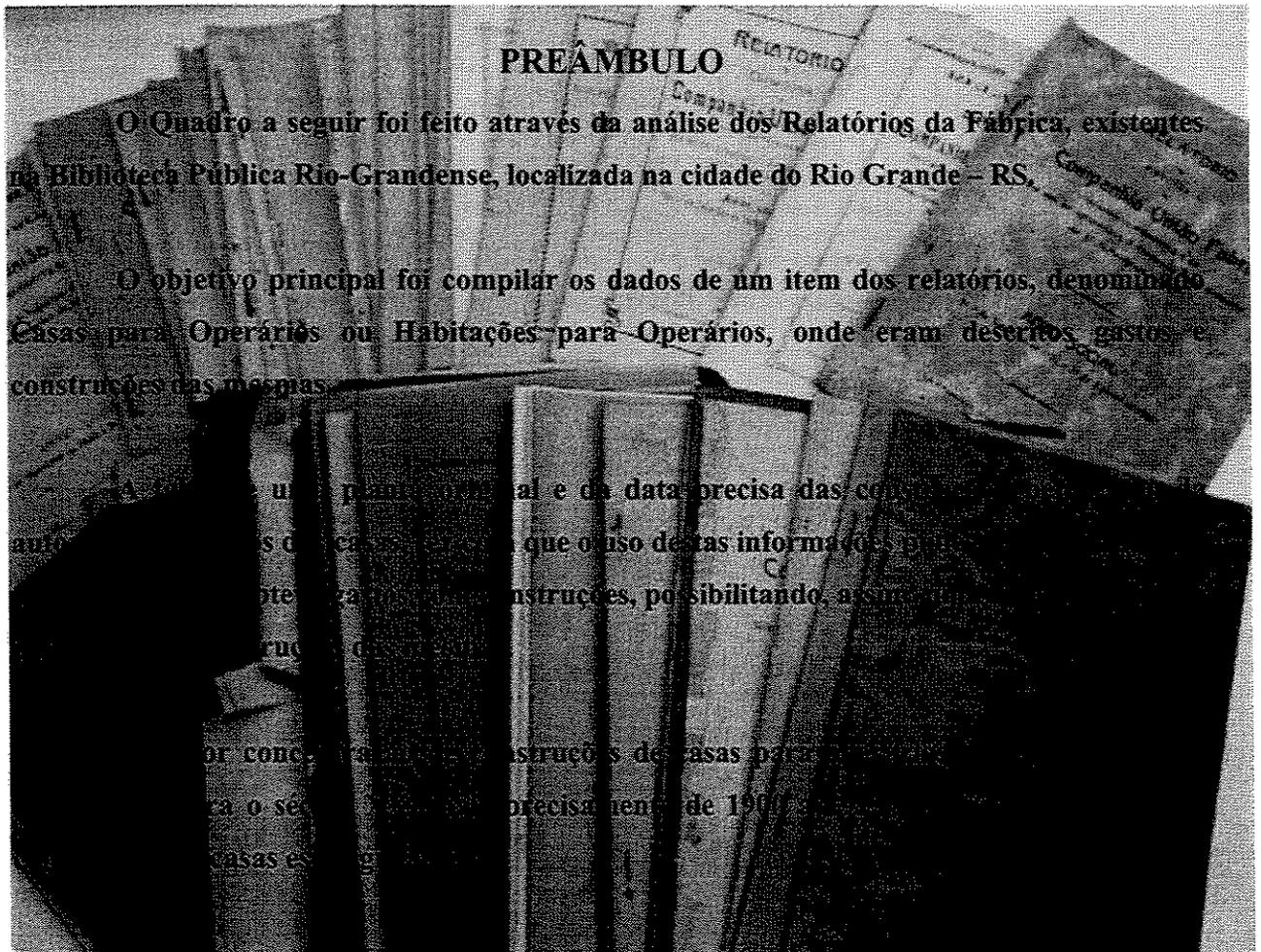
WEIMER, G. *O Engenheiro Rudolf Ahrons*. Faculdade de Arquitetura – UFRGS. Porto Alegre.

WHITTICK, A. *European Architecture in the Twentieth Century*. Vol. One. London, 1950, Crosby Lockwood & Son. Ltd.

ZEQUINI, A. *Personagens do urbano: o saber itinerante e a formação do proletariado na região de Itu 1869-1920*. São Paulo, 1998. Doutorado - FFLCH-USP.

A N E X O S

ANEXO 1 - Relatórios da Fábrica



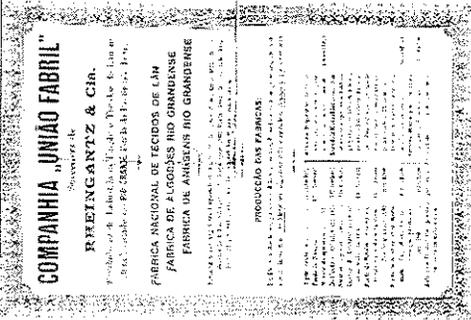
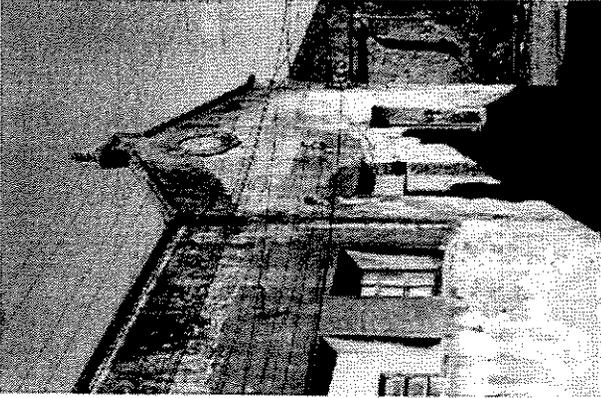
ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS-PERIÓDICOS-IMAGENS	OBSERVAÇÕES
1874		Iniciam as atividades da fábrica.		
1875	Nada consta de casas			
1876	Nada consta de casas			
1878	Nada consta de casas			
1881	Nada consta de casas			
1882	Nada consta de casas			
1883	Nada consta de casas			

ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS-PERIODICOS-IMAGENS OBSERVAÇÕES
1886	Relatório de 29 de outubro de 1886. Julgo de bom conselho, irmos reflectindo sobre a construção de maior número de casas, d'esta vez - menores e mais simples - para acomodação de nossos operários de menor ordenado. p. 9.	No dia 3 de janeiro de 1886, a Câmara resolve dar o nome de Rua Rheingantz à antiga Estrada da Mangueira, que depois da construção dos bondes ficou conhecida como "Linha do Parque". (LOPTEIN, Rafael. P.18)	
1887	Relatório de 26 de outubro - p. 7. Habitações para operários. Gastou-se a quantia de Rs. 12:294\$590, com as 15 novas casas que se construiu e que ficaram concluídas em fins de abril ultimo. Eleva-se o numero total de casas a 31.		
1888	Relatório de 30/10/1888 - p. 6 (...). Foi proferida entre varias propostas a mais economica de Antonio dos Santos Lisboa, e achase o novo predio já quase coberto, tendo-se gasto com as obras até 31 de agosto pp. A quantia de Rs. 21:481\$880. Está falando dos pavilhões da nova fábrica que foi inaugurada na linha nova. - p. 6 Habitações para operários. Sofreu pequena alteração a verba representada pelas 31 casas que possuímos, isto pela construção de um poço com uma bomba. Me parece razoavel fazermos uma redução geral de 10% nos alugueis, favorecendo assim os nossos operários, com a condição porém de estarem obrigados a acudir a qualquer incendio da fábrica. Não só para acomodar o pessoal da fábrica de algodões, que brevemente terá de acompanhar a mudança de oficinas, como mesmo para conveniencia do pessoal da fabrica de lãs, seria de grande utilidade senão de necessidade, a edificação de mais 20 casinhas, não contando algumas maiores para mestres, as quaes igualmente bem urgentes seriam. Deixarei de insistir nestas, atendendo os empates do momento, considero porém indispensavel a construção das 20 casas menores.		

ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS-PERIÓDICOS-IMAGENS OBSERVAÇÕES
1884	<p>Relatório (1/09/1883 a 31/08/1884) - a empresa já tinha a denominação de Sociedade Comanditária em Ações Rheingantz & Cia., e no mesmo vem uma descrição da compra na Inglaterra da cobertura e estrutura de ferro da nova fábrica, o motor, a transmissão e caldeira e os demais maquinismos necessários e o maquinário para a fábrica de tecidos de algodões. Além disso, o referido Relatório comunica que as obras evoluíram normalmente e que estavam a cargo do mestre Antônio dos Santos Lisboa, servindo como fiscal o Sr. Augusto Landgraf (22/08/1840-20/12/1906) autor do projeto da portada da Alfândega de Rio Grande. A conveniência de edificar casas para operários nos arredores da fábrica vem citada textualmente neste mesmo Relatório, que diz: "Julgo de bom conselho, irmos refletindo sobre a construção de maior número de casas, desta vez - menores e mais simples - para acomodação de nossos operários de menor ordenado. Penso que deveríamos, oportunamente, empregar mais Rs. 10:000\$000 em semelhante obra, da qual só há vantagens a esperar, não só como fonte de receita, como também pela conveniência de habitarem os operários nas circunvizinhanças da fábrica". (relatório transcrito em OLIVEIRA, 1995)</p> <p>Relatório de 1884 - Novas obras</p> <p>Acha-se já contratado na Inglaterra todo o material de que carecemos, tanto a cobertura de ferro da nova fábrica, como o respectivo motor, a transmissão e caldeira e os mais maquinismos necessários. Devem já estar embarcados com exceção apenas dos maquinismos de algodão, cuja definitiva expedição ainda depende de ulteriores ordens.</p> <p>As obras de alvenaria acham-se regularmente adiantadas e foram contractadas com o mestre Antonio dos Santos Lisboa, servindo como fiscal por nossa parte o Sr. Augusto Landgraf.</p> <p>Relatório, 1884 - p. 4 - obtemos uma descrição maior dos prédios que foram construídos e que ocupavam uma área sem galpões de 4.555 m² e eram divididos em: oficina principal com 3.400 m², edifício do motor e caldeiras com 315 m², edifício para lavagem de lã com 135 m² e a tinturaria, que já existia com 705 m².</p>	<p>A iniciativa da construção de uma nova fábrica de Tecidos de Lã é compreendida pelo período dos anos de 1883 a 1885, na qual seria trasladada a fábrica de tecidos de lã, e o antigo prédio seria reciclado para a produção de tecidos de algodão. (Júlio Ariel Guigou-Norro p. 72)</p>	<p>OBS.: Denominação conforme Relatório: Sociedade Comanditária em Ações Rheingantz e Cia.</p>

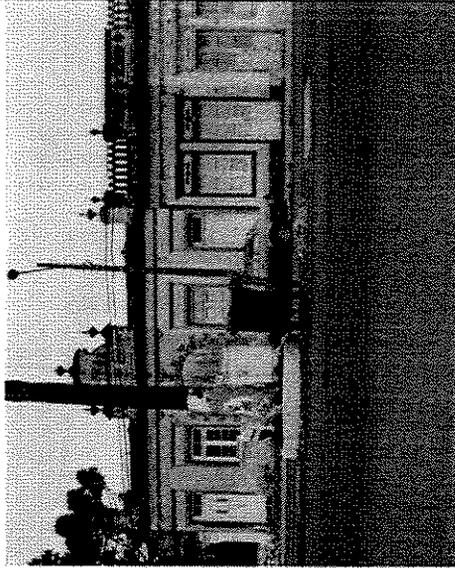
ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS-PERIÓDICOS-IMAGENS OBSERVAÇÕES
1885	<p>A Fábrica de Algodões Rio-Grandense iria funcionar no outro edifício já existente e que servia antes para a fábrica de lãs, neste foram feitas obras de restauração e as novas máquinas de fiação e tecelagem de algodão foram compradas da fábrica de Platt Brothers & Co. Limited, de Oldham. E neste mesmo ano o Relatório da Sociedade Commanditaria Rheingantz & C. informa que se realizou a construção de habitações para operários conforme a resolução votada pela assembleia do ano anterior, bem como a colocação de fogões e passadiços para as cozinhas e outro aumentos nas casas dos mestres. Relatório de 21/11/1885 - Habitações para Operários - De Conformidade com a autorização votada pela Assembleia Geral de 10 de Novembro de 1884 realizou-se a construção das projetadas habitações. (...) De acordo com o Conselho Fiscal atendi ao pedido dos inquilinos, todos nossos operários, de colocar fogões e passadiços para as cozinhas e outros aumentos nas casas, ocupadas pelos mestres, o que elevou as cifras o valor do contrato original. DISTINÇÃO DE NOMENCLATURA DE OPERÁRIOS E MESTRES; CASAS MELHORES PARA MESTRES.</p>	<p>Em fevereiro de 1885 ficou pronta a construção do novo edifício e a inauguração foi honrada pela presença de S.S.A.A. Imperiais, como foi descrito no jornal local Echo do Sul, datado de sete de março de 1885 (p. 1): O crescente desenvolvimento que tomou este estabelecimento aconselhou os Srs. Rheingantz e C. a mudarem sua fábrica de tecidos de lã para o grande terreno onde se acha a tinturaria e onde foi construído o vasto edifício, cujas obras foram inauguradas no dia primeiro corrente com a assistência de Suas Altezas Imperiais. É a prova de fogo. A coberta é de ferro e vidro, com grande numero de ventiladores, e as portas e janelas todas de ferro. Ocupa o principal edifício uma área de 3300 metros quadrados, não incluindo a grande casa do novo motor, inaugurada no dia primeiro do corrente e a que se deu o nome de Grão Pará. Este motor é de força de 150 cavalos. O edifício tem 35 janelas de frente, outras tantas de fundo e 8 de lado. Logo que estiver concluída a mudança do maquinismo da antiga fábrica e aumentando com os novos aparelhos encomendados, será montada no antigo edifício uma fábrica de fiação e tecelagem de algodão. Os machinismos são dos conhecidos fabricantes Platt e Brothers, de Oldham. Em junho próximo devem as duas fabricas funcionarem com regularidade, empregando cerca de 400 operários.</p> <p>Fabrica de Tecidos. Antes porem de tratarmos do novo edificio, trataremos da fabrica situada nas proximidades da cadeia e há annos funcionando activa e regularmente. A fabrica nacional de tecidos de lã é atualmente propriedade da Sociedade Commanditaria Rheingantz & C., do capital de 600-000\$000, todo subscrito, e da qual é sócio gerente o laborioso rio-grandense o Sr. Commandador Carlos Guilherme Rheingantz. Queremos dizer que tendo sido a primeira que se estabeleceu no Império, a sua fundação significa a fundação da industria de lanifícios no Brazil. Além da sua importância como estabelecimento industrial, na especialidade a que se dedica, tem a de animar a de criação de ovelhas, industria que está destinada a um grande futuro, se, a exemplo do Rio da Prata, os nossos proprietários ruraes quizerem romper com a rotina e melhor curar dos seus interesses, juntando a criação do gado vaccum a de ovelhas. Na exposição Brasileira-Alemã em Porto Alegre recebeu oito medalhas. A fabrica actual que é a de que tratamos, occupa presentemente 150 pessoas, não incluindo as costureiras que trabalham fora e as orphãs do Asylo, a quem a fabrica encarrega de torcer as franjas dos chales. Pode-se então calcular o seu pessoal em 200 operários, todos nacionaes, a exceção apenas de cinco contra-mestres. Trabalha-se diariamente 10 horas, e, quando é necessário, mais algumas, porém com correspondente aumento de salário.</p>	<p>OBS.: A expansão da empresa implicou na construção de um prédio distante da primeira fábrica. Isto causou problemas de deslocamento dos funcionários.</p> 

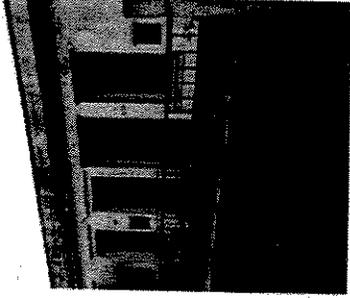
ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS-PERIÓDICOS-IMAGENS OBSERVAÇÕES
1886	Relatório de 29 de outubro de 1886. Julgo de bom conselho, irmos reflectindo sobre a construção de maior número de casas, d'esta vez – menores e mais simples – para acomodação de nossos operários de menor ordenado. p. 9.	No dia 3 de janeiro de 1886, a Câmara resolve dar o nome de Rua Rheingantz à antiga Estrada da Mangueira, que depois da construção dos bondes ficou conhecida como “Linha do Parque”. (LOPTEIN, Rafael. P.18)	
1887	Relatório de 26 de outubro – p. 7. Habitações para operários. Gastou-se a quantia de Rs. 12:294\$590, com as 15 novas casas que se construiu e que ficaram concluídas em fins de abril ultimo. Eleva-se o numero total de casas a 31.		
1888	Relatório de 30/10/1888 - p. 6 (...) Foi proferida entre varias propostas a mais economica de Antonio dos Santos Lisboa, e achase o novo predio já quase coberto, tendo-se gasto com as obras até 31 de agosto pp. A quantia de Rs. 21:481\$880. Está falando dos pavilhões da nova fábrica que foi inaugurada na linha nova. - p. 6 Habitações para operários. Soffreu pequena alteração a verba representada pelas 31 casas que possuímos, isto pela construção de um poço com uma bomba. Me parece razoavel fazermos uma redução geral de 10% nos alugueis, favorecendo assim os nossos operários, com a condição porém de estarem obrigados a acudir a qualquer incendio da fábrica. Não só para acomodar o pessoal da fábrica de algodões, que brevemente terá de acompanhar a mudança de oficinas, como mesmo para conveniencia do pessoal da fábrica de lãns, seria de grande utilidade senão de necessidade, a edificação de mais 20 casinhas, não contando algumas maiores para mestres, as quaes igualmente bem urgentes seriam. Deixarei de insistir nestas, atendendo os empates do momento, considero porém indispensavel a construção das 20 casas menores.		

ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS-PERIÓDICOS-IMAGENS OBSERVAÇÕES
1889	<p>Relatório da Fábrica - p. 10 - Habitacões para operários. Ultimou-se a construção das 20 casas para moradias de operários, votada na última assembléia geral, com a qual se despendeu: ateros... Rs. 1:033\$600; valor das 20 casas com cercas...Rs. 14:980\$100; uma casa nova para moradia do alfaiate... 1:706\$220 (...). O galpão para lavagem e o calçamento da rua interna eram urgentemente necessários e o lance para o armazém cooperativo foi feito ás instâncias da respectiva comissão operária e recebemos por elle aluguel correspondente.</p>		
1891	<p>Relatório da Fábrica - p. 11 - Casas para operários. Figuram estas em duas contas sendo na conta de Habitacões de Operários as 51 casas e o armazém cooperativo da Fabrica de Lans e na conta de Propriedades os prédios comprados ao London & Brazilian Bank juntas à fabrica de aniagens. (...) Foi necessário fazerem-se grandes concertos nas referidas propriedades, as quaes, incluídos os mesmos, não ultrapassam a importância de Rs. 7.707\$440, e consistem em 4 casas na frente, 6 quartos ao lado, 4 moradas ao fundo e um terreno ao lado com frente a praça da Cadeia. Figura outrossim na conta Propriedades um terreno sito entre o cemitério e a propriedade da Companhia Hydraulica, o qual aforamos da Câmara Municipal mediante o donativo de Rs. 500\$000 para melhoramentos municipaes. Construio-se, a pedido de nossos operários e para satisfazer ao maior movimento da Cooperativa um novo e mais espaçoso armazém pelo qual recebemos o aluguel correspondente.</p>	<p>Fundação da sua terceira fábrica, em 1891, produtora de aniagens;</p> 	
<p>1891 – OBSERVAÇÃO: Neste ano muda a denominação da fábrica, e os relatórios começam a ser descritos como Relatório da Directoria da Cia. União Fabril e Pastoral Sucessora de Rheingantz e Cia.</p>			

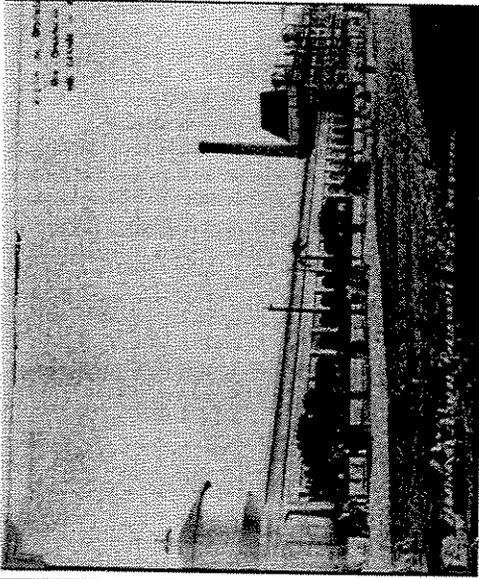
ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS-PERIÓDICOS- IMAGENS OBSERVAÇÕES
1892	Relatório de 1892 - p. 1 e 2 - Habitacões para operários . Foi necessário fazer-se um augmento no edificio que serve para armazem da Cooperativa dos operários das nossas fábricas. (...)		
1893	Relatório de 1893 - p. 4 - Habitacões para operários . Considerando o grande augmento de nosso pessoal, achamos de muita conveniência a construcção não só de algumas casas para mestres da fábrica como de mais habitacões de operários, uma vez que os materiaes baixem de seu actual preço excessivo. (...) Pensa esta Directoria que, quando diminuirem os preços dos materiaes, deverá levar a effeito a construcção de mais habitacões para os operários, mesmo que a renda que d'ahi provier, seja reduzida.		
1894	Relatório de 1894 - p. 4 - Habitacões para operários . Ainda não foi possível tratar-se da construcção de mais casas para mestres e operários, em virtude da escassez de materiaes de construcção e de seu custo exorbitante. Esta directoria porém, está agora resolvida a levar a effeito taes construcções, e para tal fim estão promptas as respectivas plantas.		
1895	Nada consta - não tem o item Habitacões para operários .		

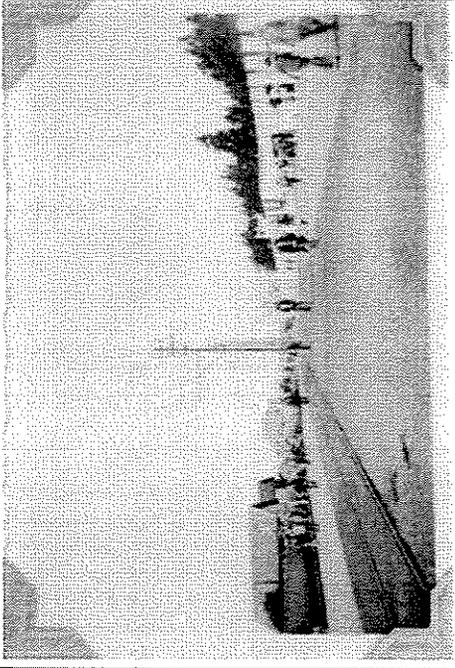
ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS-PERÍODICOS-IMAGENS OBSERVAÇÕES
1896	Relatório de 1896 - p. 7 - Habitacões para operários . Apesar do que dissemos em nosso ultimo relatório, ainda n'este ano não pudemos levar a effeito a construcção das casas reclamadas para os operários.		
1897	Relatório de 1897 - p. 6 - Habitacões para operários . Esta Directoria resolveu não enceptiar por enquanto, novas construcções de casas para operários.		
1898	Relatório de 1898 - p. 5 - Habitacões para operários . Persistem as mesmas razões pelas quaes esta directoria não julga opportuno fazer novas construcções, limitando-se somente a reparos julgados necessários nas actuaes habitacões.		
1899	Relatório de 01/9/98 a 31/8/99 - p. 6 - Tivemos a necessidade de mandar demolir 4 casas em mau estado, das que existem a rua Coronel Sampaio n. 81 e fizemos construir 7 lances de casas no mesmo terreno.(...)		
1900	Relatório de 01/9/99 a 31/8/00 - p. 5 - Habitacões para operários . Não houve alteracão no valor das mesmas que todas se acham em boa conservacão.		

ANO	DESCRICÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS PERIÓDICOS-IMAGENS OBSERVAÇÕES
1901	<p>Relatório de 1/9/00 a 31/08/01- p. 6 - Habitacões para Operários. Como no ano passado, não houve alteracão no valor dessas habitacões, as quacs se acham em bom estado de conservacão . p. 8 - Propriedades. Tendo baixado o preço do material de construçãõ e tornando-se cada vez mais urgente darnos melhores acomodacões aos mestres de nossas fabricas, e de accõrdo com resoluções anteriores, fizemos construir 4 lanças de casas para habitacão dos referidos mestres. Custaram estas casas a quantia de Rs. 30:338\$100. Tendo a Intendencia Municipal dado novo alinhamento à rua Rheingantz, ficou o nosso terreno ali situado augmentado de 6238 metros quadrados. Custa hoje este terreno com aramado, habitacão para um guarda e outras despesas feitas a quantia de Rs. 11:098\$170.</p>		<p>OBS.: Estas casas não entram na análise, pois foram derrubadas.</p> 
1902	<p>Relatório de 1/9/01 a 18/11/02 -- p. 6 -- (...) e da visível conveniência de termos nosso pessoal alojado perto das fabricas e em melhores condições sanitarias, resolveu esta Directoria resolver construir mais alguns lances de casas no terreno que possuímos na rua Rheingantz</p>		

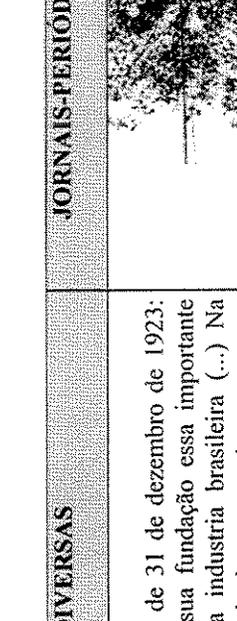
ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATORIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS-PERIÓDICOS-IMAGENS OBSERVAÇÕES
1903	Relatório de 1/9/02 a 31/8/03 – p. 5 - A Directoria levou a efeito a construção de 14 lances de casas no terreno que possuíamos a rua Rheingantz além do cemitério (...) e adquiriu 2 lances na quadra da fabrica de aniagens (...)		<p><u>OBS.:</u> Estas casas não fazem parte deste estudo em questão.</p> 
1904	Relatório de 1/9/03 a 31/8/04 – p. 6 - Foi melhorado um lance de 6 casas na quadra da Fabrica de Aniagens e colocado um gradil em frente as 14 casas novas além do cemitério.	<p>Após a construção das “Casas da Fábrica” a partir de 1884, as demais construções de semelhante tipologia foram edificadas entre 1903 e 1922, as quais foram intituladas “Vila Operária”. A localização deste novo conjunto de habitações dá-se pela Avenida Presidente Vargas (ex-Avenida Rheingantz), Rua América, Rua 1º de Maio e Rua Barlêm (ex-Rua Brasil). (GUIGOU-NONO, Júlio, p. 77)</p>	

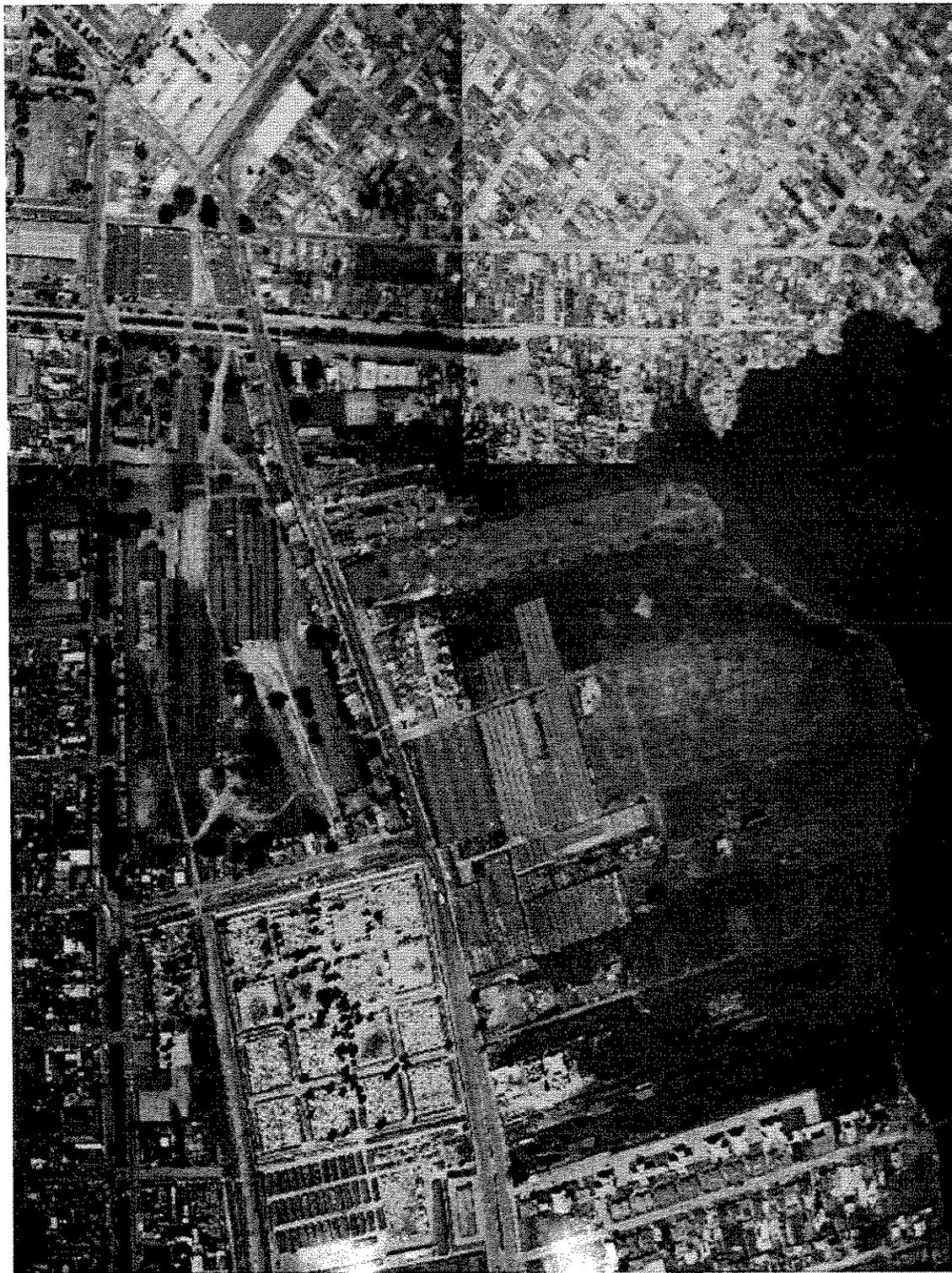
ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS-PERIÓDICOS-IMAGENS OBSERVAÇÕES
1905	Relatório de 1905 - p. 5 - Habitacões para operários . Foi aumentada a casa existente no terreno da Fabrica de Aniagens. (...)		
1906	Conforme relatório de 1/9/05 a 31/8/06 possuem 92 casas de operários		
1907	Consta no Relatório de 1906/1907, da Companhia União Fabril, a aquisição de 5 casas à rua 24 de Maio, fundos à rua Moron, as que foram destinadas para moradia de contramestres.		<u>OBS.:</u> Compra de casas prontas para contramestres.
1908	Relatório de 1908 - p. 7 - Habitacões para pessoal . Não houve despesa alguma com a conservação das mesmas.		
1909	p. 5 - demonstra conveniencia de reunir todos os serviços da companhia em um prédio só.		

ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNALIS-PERIÓDICOS-IMAGENS OBSERVAÇÕES
1910	<p>p. 4 - 1/9/09 a 31/8/10 - Acha-se ainda em construção o novo Escriptorio Central, de que tratamos em nosso último relatório. Esperamos que este edificio ficará prompto dentro de poucos mezes. p. 5 - Sendo conveniente aumentar o numero de casas para operarios, resolvemos propor-vos a edificação de mais 25 casas .</p>	<p>O Escriptório Central deve ter sido iniciado em 1909 e finalizado em 1911. Para fundamentar a hipótese acima foi utilizada uma notícia na primeira página do jornal Echo do Sul, de 28 de novembro de 1910. No ano seguinte, nos jornais Echo do Sul (de 21 de novembro de 1911 página 3 na sessão DIVERSOS), O Intransigente e O Artista (ambos do dia 14 de novembro de 1911) há uma notícia bem enfática avisando a mudança do escritório e igual em todos os jornais. Falecimento do Comendador Rheingantz no Rio de Janeiro (RJ); Acha-se ainda em Construção o Escriptório Central.</p>	
1911	<p>p. 5 - 1/9/10 a 31/8/11 - No terreno à rua Rheingantz que adquirimos por permuta com a Intendencia Municipal desta cidade, iniciamos a construção do club para os mestres e opportunamente trataremos da construção da escola e casas para operarios.</p>	<p>No terreno à rua Rheingantz (atual Presidente Vargas) que a Companhia União Fabril adquiriu por permuta com a Intendência Municipal (atual Prefeitura Municipal de Rio Grande) são iniciadas as obras do Cassino dos Mestres; nesta data conforme relata a Revista Ilustrada o edificio principal da fábrica situado na rua Rheingantz (atual Presidente Vargas) possui 3500 m² e engloba as três fábricas, a de tecidos de lã, a de algodão e a de aniagens; possui mais de 100 casas de moradias para operários, consultório médico, biblioteca e salas de recreio para os empregados. (Revista Ilustrada, p. 124)</p>	

ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS-PERIÓDICOS-IMAGENS OBSERVAÇÕES
1912	Relatório da Fábrica de 1912- Habitacões para operários e outras. Estão quase concluídos os edifícios do Club para mestres e Escola, e já prontas duas casas para operários.		
1913	p. 4 - 1/9/12 a 30/8/13 - Além dos edifícios para Club dos Mestres e Escola, já concluídos, estão também construídas 9 casas para operários, e em construção mais uma casa.		

ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS-PERÍODICOS-IMAGENS OBSERVAÇÕES
1914	p. 4 - Habitação para operários. Continuam em regular estado de conservação estas habitações.		
1915	p. 4 - Habitações para operários. Continuam em regular estado de conservação estas habitações		
1916	p. 4 - Habitações para operários. Continuam em regular estado de conservação estas habitações		
1917	p. 4 - Habitações para operários. Continuam em regular estado de conservação estas habitações		
1918	p. 4 - 1/9/17 a 31/8/18 - Apenas foram feitos,pequenos reparos, e aguardamos a instalação dos exgotos, para fazer maiores obras nas mesmas.		
1919	p. 3 - 1/9/18 a 30/8/19 - Foram feitos, apenas, imprescindíveis reparos pequenos. O club dos mestres não correspondendo ao fim que se destinava, ficou resolvido que fosse o mesmo utilizado pelos socios da Sociedade de "Mutualidade"		
1920	p. 3 - 1/9/19 a 31/8/20 - Foram feitos, apenas, imprescindíveis reparos de conservação		
1921	p. 3 rel. 1/9/20 a 30/7/21 - As casas necessitam de grandes concertos para a sua conservação, tendo sido feitos só os imprescindíveis reparos.		
1922	p. 3 rel. 1/7/21 a 31/8/22 - Sofreram esses immoveis os imprescindíveis reparos e instalações sanitarias nos predios contiguos a fabrica de aniagens, que foram alugados ao Commando do destacamento local da brigada Militar.		
1923	p. 4 rel. 1/9/22 a 31/8/23 - Foram feitos nas existentes os reparos necessarios e iniciada no anno a construção de mais uma casa.		

ANO	DESCRIÇÃO DOS RELATÓRIOS	FONTES DIVERSAS	JORNAIS-PERIODICOS-IMAGENS OBSERVAÇÕES
1924	p. 4 rel. 1/9/23 a 31/8/24 - Foram feitos nas existentes os reparos necessários, tendo-se concluído a construção da casa iniciada no período social p. passado e encetado a reconstrução dos chalets transportados de Uruguayana, dos quaes já estão prontos II. <i>ESTAS CASAS NÃO FAZEM PARTE DESTA ESTUDO EM QUESTÃO</i>	Notícia do Jornal Echo do Sul de 31 de dezembro de 1923: Completa, hoje, 50 annos de sua fundação essa importante fabrica, que tanta honra faz a industria brasileira (...) Na vitrina da Photographia Giovaninni, tem estado exposto um rico quadro allusivo ao anniversario da União Fabril e que os operários daquelle estabelecimento offerecerão à Companhia, em signal de regosijo pela data de hoje. (...) Esse quadro tem sido muito admirado.	
1925	Nada consta de casas		
1926	Nada consta de casas		
1927	Nada consta de casas		
1959		A propriedade da Companhia possui 155.000m ² de superficie medindo 45.000m ² a área coberta. O acesso à fábrica dá-se pelo portão central, situado em baixo e ao lado dos escritórios, por onde entra a matéria-prima em caminhões e saem os produtos acabados, depois de cuidadosamente elaborados por um conjunto de operários que, juntamente com os empregados administrativos, soma 1200 pessoas e que operam num parque de máquinas.	
1968		Decretada a falência; a firma foi comprada por Abdala & Cia.;	
1970		A família Loréa comprou a firma que passou a denominar-se Companhia Inca Têxtil com 81% das ações e os outros 19% para os operários como forma de indenização pela falência.	

ANEXO 2 - Plano Diretor da Cidade do Rio Grande – RS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROJETO 8 – TÉCNICAS RETROSPECTIVAS
LEVANTAMENTO URBANO

PLANO DIRETOR DA CIDADE DO RIO GRANDE

Alunos: Adriana Portella, Denise Schuler, Fabrício Motta, Fernanda Moscarelli, Paola Jaekel, Rosana Monteiro, Vanessa Baldoni e Tâmara Cunha.
Prof.: Ana Ó e Rosi

OUT 99

Este trabalho consta de partes do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Rio Grande e outras leis, que dizem respeito à área a ser estudada, e foi dividido nos seguintes itens:

1. REGIME URBANÍSTICO
2. CÓDIGO DE POSTURAS
3. PROJETOS DE INTERVENÇÃO
4. ZONEAMENTO DE PRESERVAÇÃO
5. ANEXOS

Por não estar a nossa disposição o material referente ao Código de Posturas, esse será entregue quando possível.

Outros itens de importância para o trabalho foram encontrados no Plano Diretor, como Espaço Urbano e Áreas de Interesse Paisagístico e Cultural, que seguem a seguir:

ESPAÇO URBANO

Espaço Urbano é o conjunto das formas especiais que caracterizam funções urbanas.

Os elementos característicos dos espaços urbanos serão identificados como:

1. **Marco:** São Edificações, equipamentos ou mobiliário urbano cuja permanência seja importante como ponto de orientação urbana ou como marca inconfundível do espaço urbano.
2. **Nós:** São pontos urbanos caracterizados pela concentração urbana, ou seja, os “pontos de encontro”, cuja existência criam vida na cidade;
3. **Espaços Abertos:** São os espaços formados pelas praças, largos e parques cuja permanência é importante como áreas lúdicas e visuais urbanos;
4. **Espaços Fechados:** São os espaços cujo perímetro é fechado por edificações ou marcos urbanos, cuja permanência é importante como elemento de atividade paisagem urbana;
5. **Vias:** São os espaços de ligação entre os vários elementos da Paisagem Urbana.

O Sistema Municipal de Planejamento Integrado elaborará planos e programas atinentes à paisagem urbana, no que se refere:

1. Padronização dos equipamentos: redes elétrica e telefônica, zoneamento para redes subterrâneas e posteamento;
2. Arborização das vias e logradouros;

3. Comunicação visual, onde fiquem estabelecidas normas para a sinalização, nomenclatura e implantação de elementos de divulgação dos logradouros públicos;
4. Padronização da forma e estabelecimento de normas para a localização dos equipamentos de atendimento ao público, tais como: postos de venda de jornais, revistas, flores, pontos telefônicos e de correios, trailers e congêneres;
5. Pavimentação de passeios públicos com padrões diferenciados de acordo com o zoneamento a ser estabelecido;
6. Estabelecimento de normas para utilização das fachadas laterais e dos terraços das edificações em pontos que interfiram negativamente na paisagem urbana;
7. Limitação ou proibição de implantação de cartazes ou similares, que de qualquer forma, interfiram na paisagem;
8. Ambientação do mobiliário urbano nos sítios históricos.

ÁREAS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO E CULTURAL

São Áreas de Interesse Paisagístico e Cultural:

1. As áreas e locais de lazer, recreação e turismo, instituídas na forma da Lei, com base na Legislação Federal pertinente;
2. As áreas de Preservação Cultural e de Proteção da Paisagem Urbana, instituídas na forma da Lei;
3. Os bens de valor histórico e as manifestações culturais, bem como os locais onde ocorram;
4. As reservas e estações ecológicas;
5. As áreas destinadas à proteção dos recursos naturais renováveis;
6. As áreas notáveis;
7. As localidades e acidentes naturais adequados a prática do lazer.

Essas áreas terão regime urbanístico próprio em razão de sua localização, estrutura fisiográfica, interesse ecológico, ou funções de proteção à paisagem e à saúde ambiental.

São instituídos os seguintes espaços físicos de interesse paisagístico e cultural:

1. As áreas que sob as denominações de Áreas de Potencial de Lazer e de Áreas de Potencial Rural, serão regulamentadas por Lei Municipal;
2. As paisagens notáveis;
3. Os leitos de cheias.

Os espaços físicos referidos no acima, terão a sua ocupação condicionada pela preservação das visuais urbanas, pela dinâmica de relevo e pelas ocorrências florestais.

Áreas de Lazer, Recreação e Turismo, são trechos contínuos do território municipal, inclusive suas águas territoriais, a serem preservadas e valorizadas no sentido cultural e natural e destinados à realização de planos e projetos específicos.

Essas áreas serão instituídas com vistas a elaboração e execução de planos e programas destinados a:

1. Promover seu aproveitamento para lazer, recreação e turismo;
2. Assegurar a preservação e valorização do patrimônio cultural e natural;
3. Estabelecer normas de uso e ocupação do solo, somente naquelas áreas que, por suas qualidades de ecossistema e paisagem natural, são passíveis de ocupação rarefeita;
4. Orientar a alocação de recursos e incentivos necessários a atender aos objetivos e diretrizes.

Locais de Lazer, Recreação e Turismo são trechos do território municipal, situados ou não, em Área de Lazer, Recreação e Turismo, destinados por sua adequação, ao desenvolvimento de atividades de lazer e a realização de projetos específicos, que compreendam os bens não sujeitos a regime especial de proteção e os respectivos entornos de proteção e ambientação.

Entorno de proteção é o espaço físico necessário ao acesso de público, a conservação, manutenção e valorização do local de Lazer, Recreação e Turismo.

Entorno de ambientação é o espaço físico, tratado com fim de harmonizar o local de Lazer, Recreação e Turismo, com a paisagem em que se situa.

As Leis Municipais, que declarem Locais de Lazer, Recreação e Turismo, indicarão:

1. Seus limites;
2. Os entornos de proteção e ambientação;
3. Os principais aspectos e características do local;

4. As normas gerais de ocupação do local, destinadas a preservar seus aspectos e características, bem como harmonizar com os mesmos as edificações a serem implantadas.

Área de Preservação Cultural e de Proteção da Paisagem Urbana são aquelas que contém bens ou valores sócio-culturais dignos de serem preservados para proteção da paisagem urbana.

Essas áreas, serão instituídas com vistas a elaboração e execução de planos e programas destinados a:

1. Promover a cultura, através da preservação, restauração e valorização do patrimônio ambiental urbano e seus valores culturais;
2. Compatibilizar seu regime urbanístico com o das áreas vizinhas.

REGIME URBANÍSTICO

Regime Urbanístico, é o conjunto de normas de intervenção espacial, na área urbana relativo a:

1. *Uso e Ocupação do Solo;*
2. *Dispositivo de Controle das Edificações;*
3. *Parcelamento do solo.*

3 - PARCELAMENTO DO SOLO - DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

* O parcelamento do solo na área territorial do Município do Rio Grande, será procedido na forma desta Lei.

* O parcelamento do solo para fins urbanos é a divisão da terra em unidades juridicamente independentes, dotadas de individualidade própria, com vistas a edificação.

- O parcelamento do solo para fins urbanos será realizado na forma de loteamento, desmembramento, desdobramento e reparcimento.

- Constitui forma de parcelamento do solo para efeitos desta Lei, a instituição de condomínios por unidades autônomas nos termos da legislação vigente.

* O parcelamento do solo obedecerá as atividades permitidas para a Unidade de Planejamento onde se localiza, aos padrões urbanísticos do Anexo 08 e ao traçado das plantas anexas a esta Lei, ficando vedado o parcelamento do solo para fins urbanos:

1. Em terrenos alagadiços sujeitos a inundações, antes de tomadas as providências para assegurar o escoamento das águas ou a proteção para as cheias e inundações;

2. Em terrenos que tenham sido aterrados com material nocivo à saúde pública, sem que sejam previamente saneados, com aprovação do órgão público competente;

3. Em terrenos cuja estrutura geológica não apresentem características de suporte para urbanização ou naqueles onde a poluição impeça condições sanitárias suportáveis até sua correção.

4. Em terrenos situados fora do alcance dos equipamentos urbanos, nomeadamente das redes públicas de abastecimento de água potável e de energia elétrica, salvo se atendidas as exigências específicas dos órgãos públicos competentes;

5. Nas reservas ecológicas e biológicas, instituídas pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado que resultarem com esta condição após destacamento de sua potencialidade;

6. Em imóveis dos quais resultem terrenos encravados ou lotes em desacordo com padrões estabelecidos pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado;

7. Em Áreas Funcionais de Preservação Permanente.

* Em nenhum caso, o parcelamento do solo poderá prejudicar o escoamento natural das águas, e, as obras necessárias ao escoamento destas, serão feitas obrigatoriamente nas vias ou faixas reservadas para este fim.

* O Sistema Municipal de Planejamento Integrado, poderá exigir em cada gleba a ser parcelada, quando conveniente, a reserva de uma faixa edificável em frente e em fundo de lote, para redes de água e esgoto e outros equipamentos de infra-estrutura.

* Os projetos de parcelamento do solo serão examinados pelo Sistema Municipal de Planejamento Integrado, deverão abranger a gleba ou o lote em sua totalidade.

- Na hipótese em que se pretenda parcelar uma gleba ou lote, mediante mais de uma das formas de parcelamento previstas nesta Lei, aplicar-se-á a cada parte da gleba ou lote o regime urbanístico correspondente a modalidade nela pretendida.

● Os parcelamentos vinculados aos programas de regularização de núcleos habitacionais, realizados pelo Sistema Municipal de Planejamento Integrado, terão como padrões urbanísticos aqueles que vierem a ser estabelecidos, a partir do cadastro dos respectivos projetos, com vistas a máxima aproximação ao traçado existente.

- Executar-se-á do disposto neste artigo o parcelamento do solo em áreas cuja vocação natural não seja compatível com a existência de núcleos habitacionais, hipótese em que o reconhecimento dos mesmos limitar-se-á à apresentação dos serviços públicos essenciais, sem implicar na sua regularização.

* No parcelamento do solo, nas Áreas Funcionais aplicar-se-ão os padrões constantes no Anexo 08, que acompanha esta Lei.

* Quando as características que conferirem peculiares as Áreas Funcionais não puderem ser preservadas pela aplicação das regras constantes neste Artigo, a juízo do Sistema Municipal de Planejamento Integrado, o parcelamento do solo obedecerá ao regime urbanístico que para aquelas áreas for estabelecidas em lei específica.

3.1- PARCELAMENTO DO SOLO URBANO

3.1.1- LOTEAMENTOS

* Considera-se loteamento a subdivisão de glebas em lotes destinados à edificação, com abertura de novas vias de circulação, de logradouros públicos ou prolongamento, modificação ou ampliação das vias existentes.

- Não configura hipótese de modificação, ou ampliação das vias existentes para efeito de caracterizar a ocorrência de loteamento o alargamento das mesmas, bem como o prolongamento de vias ou abertura e execução das vias projetadas, efetivada pelo Município, com vistas a dar continuidade ao seu sistema viário.

* Os loteamentos deverão atender aos requisitos estabelecidos nos padrões do Anexo 08 e os padrões do Capítulo IV, do Título VII.

3.1.2- DESMEMBRAMENTOS

* Considera-se desmembramento a subdivisão de glebas em lotes destinados a edificação com aproveitamento do sistema viário existente, sem abertura de vias de circulação, logradouros públicos, nem prolongamento ou ampliação dos já existentes.

* No desmembramento das glebas situadas em logradouros não servidos por redes de água, energia elétrica, esgoto doméstico e pluvial, será exigida a sua implantação, sob responsabilidade exclusiva do proprietário da gleba.

- O Sistema Municipal de Planejamento Integrado poderá isentar das exigências desse Artigo, os desmembramentos de glebas que atendam as seguintes condições:

1. Área igual ou inferior a 5 000 m² (cinco mil metros quadrados) e quando localizados na Área Urbana de Ocupação Intensiva;

2. Distância as redes de infra-estrutura inferior a 150m (cento e cinquenta metros).

* Os desmembramentos deverão atender aos requisitos estabelecidos nos padrões do Anexo 8, e os procedimentos do Capítulo IV, do Título VII.

3.1.3- DESDOBRAMENTOS

* Considera-se desdobramento a subdivisão de lotes para formação de novos lotes, sem abertura de vias públicas.

- Os desdobramentos deverão atender no que couber, os requisitos estabelecidos no Anexo 08, e os procedimentos do Capítulo IV, do Título VII.

* Considera-se também desdobramento, desde que não implique em modificação do traçado, do regime urbanístico e dos equipamentos urbanos vigentes na Unidade de Planejamento de situação do lote, a critério do Sistema Municipal de Planejamento Integrado:

1.O fracionamento do lote, do qual a parcela resultante, com qualquer dimensão, se destine a ser reunida a lote lindeiro, desde que o imóvel remanescente permaneça com dimensões mínimas de área e testada para via ou logradouro público, constante no anexo 8, observado ainda o disposto no Artigo 106, desta Lei;

2.O reparcelamento do lote, resultante de remembramento, ainda que com organização ou configuração diversa da originária;

3.A divisão amigável ou judicial, bem como a partilha de imóveis, nomeadamente nas hipóteses de:

a. Dissolução da sociedade conjugal;

b. Sucessão “causa mortis”;

c. Dissolução de sociedade ou associações constituídas anteriormente a carta da Lei Federal nº 6 766 de 19 de dezembro de 1979;

d. Extinção de condomínio constituído anteriormente a data de vigência da Lei Federal nº 6 766 de 19 de dezembro de 1979.

4.O parcelamento do lote com objetivo de destacar parte do mesmo, a qual esteja sujeita a restrição do Artigo 141, pela ocorrência de uma das hipóteses prevista em seus incisos, para efeito de viabilizar o parcelamento do restante, por qualquer das formas admitidas por esta Lei.

* Os lotes resultantes do desdobramento deverão possuir frente para via pública e observar testada e área mínima constantes dos padrões relativos ao loteamento de origem.

* O desdobramento se lotes, não enquadrados no Artigo 155, será levado a apreciação do Sistema Municipal de Planejamento Integrado.

3.1.4- REPARCELAMENTO

* O reparcelamento consiste na divisão de área resultante de remembramento, por qualquer das modalidades previstas nesta Lei.

- Considera-se remembramento a reunião de lotes ou glebas maiores, destinados a edificação ou posterior parcelamento.

- Aplica-se ao reparcelamento as disposições relativas a modalidade de divisão do solo nele efetuados.

* Com vistas a plena implantação do traçado previsto no Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado, os órgãos técnicos municipais, promoverão quando necessário, o reparcelamento de áreas urbanas, tratando cada uma como um conjunto a parte.

3.1.5- PARCELAMENTO DA EDIFICAÇÃO

* Somente será licenciada a edificação em lotes oriundos de parcelamento do solo, aprovado pela municipalidade.

- Será admitida a edificação em lotes oriundos de parcelamento do solo, mesmo que não possuam área e testada mínima estipuladas, desde que comprovada sua existência legal anterior a vigência desta Lei.

- Poderão ser consideradas prédios distintos, à critério do Sistema Municipal de Planejamento Integrado, as habitações destinadas a habitação coletiva, cujo arranjo espacial, caracterizar a existência de blocos independentes.

1 - USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

O Município ordenará a ocupação do solo como um dos objetivos básicos do desenvolvimento urbano mediante elaboração e utilização do sistema tributário com vistas a estimular ou restringir a ocupação do solo.

1.1- AS ZONAS DE USO

O uso e ocupação do solo é definido em cada Unidade de Planejamento, através das atividades predominantes e de mesma tendência de

As atividades predominantes, serão as caracteristicamente implantadas ou de implantação prevista em sua área, segundo a vocação decorrente dos assentamentos urbanos existentes.

A qualificação e a intensidade dos usos, conforme as predominâncias estabelecidas, serão estimuladas ou restringidas, com vistas ao melhor aproveitamento da infra-estrutura e equipamentos de indução ao desenvolvimento urbano, segundo as diretrizes do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado, mediante:

1. Dispositivos de controle das edificações;
2. Medidas institucionais, administrativas e tributárias;
3. Orientação de investimentos públicos e privados.

As atividades já implantadas no território municipal, na data de vigência desta Lei, serão consideradas como de uso conforme ou uso desconforme.

O uso conforme, compreende as atividades constantes dos padrões urbanísticos estabelecidos no item 1.3, ou nele passível de enquadramento, segundo as tendências caracterizadoras de uso das diversas unidades.

O uso desconforme, compreende atividades que, estando em desacordo com esta Lei, podem ser classificadas em:

1. **Atividades Toleradas:** Aquelas que, embora não se enquadrando nas características de Unidade em que ocorram, tem condicionantes que pelas suas dimensões e operação, não desfiguram a Unidade;
2. **Atividades Incompatíveis:** Aquelas que descaracterizam claramente a Unidade em que se encontram.

Ficam vedadas quaisquer obras de ampliação ou reforma que impliquem no aumento de atividade incompatível, da capacidade de utilização das edificações, instalações ou equipamentos, ou da ocupação do solo a ela vinculada, ressalvadas as obras essenciais à segurança, higiene das edificações e atividades de recreação.

Quando houver viabilidade de abrandamento do grau de desconformidade de uma atividade incompatível, de tal modo que a mesma possa ser tolerada, o Sistema Municipal de Planejamento Integrado estabelecerá as condições e o prazo para essa adequação.

1.2- OS PÓLOS E CORREDORES DE COMÉRCIO E SERVIÇOS

Pólos e Corredores de Comércio, são aquelas áreas territoriais que, pela predominância das atividades comerciais ou de serviços se caracterizam como espaços urbanos especializados no atendimento das necessidades da população residente nos respectivos raios de influência ou cidade em geral, de acordo com seu nível de especialização.

Os Pólos e Corredores de Comércio e Serviços, desempenham funções de aproximação do comércio e de serviços nos vários níveis de especialização, às populações previstas para suas respectivas áreas de influência, com vistas à descentralização urbana.

O Município promoverá a implantação da estrutura de polarização prevista, utilizando-se entre outros, dos seguintes instrumentos:

1. Aplicação dos dispositivos de controle das edificações;
2. Implantação de serviços públicos municipais;
3. Planos, programas e projetos setoriais, em acordo com Órgãos Públicos Federais ou Estaduais e Órgãos Privados, quando envolvam medidas não abrangidas pela competência municipal;
4. Planejamento e implantação de rede de transportes públicos e esquema viário, de forma a proporcionar acesso adequado aos Pólos;
5. Planos e programas de execução de obras no interior dos Pólos, visando a predominância de tráfego de pedestres e ao estacionamento de veículos.

Os Corredores de Comércio e Serviços, classificam-se em:

- a. **Lineares:** Quando constituídos por imóveis que possuam testada para as vias de contorno;
- b. **De superfície:** Quando constituídos pelos imóveis localizados nos quarteirões em contato com as vias de contorno.

A ocorrência de Pólo e Corredor de Comércio e Serviços determina a prevalência, na área, do respectivo regime urbanístico sobre aquele vigente na Unidade de Planejamento em que se localizem.

1.3 ATIVIDADES PERMITIDAS:

CLASSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES PARA ZONA DENOMINADA POLO 01 AC1

1.3.1 USO 17**HABITAÇÃO UNIFAMILIAR****HABITAÇÃO COLETIVA****COMÉRCIO VAREJISTA**

Carnes; fruteiras; padarias; armazéns; hortomercado; bares; cafés; lancharias; restaurantes; papelarias; farmácias; drogarias; perfumarias; calçados; artefatos de couro; artigos de vestuário; ferragem; material elétrico; tabacaria; revistas; artigos lotéricos; confeitarias; bombonieres; supermercado; armarinhos; bijuterias; postos de abastecimento; depósitos e postos de revenda de gás classe 01; bazares, peças e acessórios para veículos; livraria; artigos sanitários, materiais de construção; móveis e artigos de decoração; joalherias; artigos fotográficos; máquinas; aparelhos; equipamentos diversos; eletrodomésticos; veículos; floristas; floriculturas; presentes; artesanatos; souvenirs; discos e fitas; produtos agrícolas, veterinários; funilarias; artigos religiosos; vidraçarias; artigos desportivos; artigos de plástico e borracha; equipamentos de som; instrumentos de segurança; instrumentos médico-hospitalares; material odontológico; aparelhos ortopédicos e auditivos; equipamentos científicos e de laboratórios; antiguidades; brinquedos; centros comerciais; lojas de departamento.

COMÉRCIO ATACADISTA E DEPÓSITOS

Alimentos; bebidas; fumo; vestuário e têxteis; peles e couros; papel, artigos para papelarias e gráficas; produtos para fotografia e cinematografia; material ótico e cirúrgico; instrumentos musicais; mobiliário; objetos em geral; máquinas; veículos e equipamentos; produtos farmacêuticos; material de construção.

SERVIÇOS PROFISSIONAIS VINCULADOS À HABITAÇÃO:

Conserto de calçados e artigos de couro; conserto de máquinas e aparelhos elétricos ou não, de uso pessoal ou doméstico; reparação de instalações elétricas, hidráulicas e de gás; reparação de artigos diversos; barbearias; salões de beleza; manicuras; pedicuros; massagistas; alfaiatarias; ateliers de costura, bordado e tricot; profissionais liberais técnicos e universitários; profissionais autônomos.

OFICINAS

Reparação de artigos de couro; reparação de instalações elétricas, hidráulicas e de gás; reparação de máquinas e aparelhos elétricos ou não; reparação de artigos diversos; jóias e relógios, instrumentos musicais, científicos, aparelhos de precisão, brinquedos e demais artigos não especificados; douração e encadernação; pintura de placas e letreiros; reparação de artigos de madeira, do mobiliário (móveis, persianas, estofados, colchões, etc.); reparação e manutenção de veículos automotores, exclusive caminhões, tratores e máquinas de terraplanagem; funilaria; lavagem e lubrificação; reparação e manutenção de motores náuticos; serralharias; tornearias.

SERVIÇOS PESSOAIS

Confecção sob medida de artigos do vestuário; confecção sob medida de calçados e demais artigos de couro; barbearia; salões de beleza; massagista; sauna; duchas e termas; laboratório de análises clínicas; radiologia; ótica e prótese; estúdios fotográficos.

SERVIÇOS DOMICILIARES

Tinturarias e lavanderias; empresas de detetização, desinfecção, aplicação de sinteco e pintura de imóveis; empresas de limpeza e vigilância; agência de locação de imóveis, louças e semelhantes; artigos de buffet; agências de guarda-móveis; serviços de ajardinamento; casas de cômodos e pensões (apenas na Área Central Um).

SERVIÇOS DE DIVERSÃO (APENAS NA ÁREA CENTRAL UM)

Jogos eletrônicos; casas noturnas; boliches; bilhares.

SERVIÇOS DE LAZER E CULTURA, COMUNITÁRIOS E SOCIAIS

Agência de serviço social; templos e locais de culto em geral; clubes e associações recreativas e esportivas de caráter local; ligas e associações assistências e beneficentes; escolas especiais (excepcionais, ensino profissionalizante, natação, judô, etc); bibliotecas, museus e teatros; instituições científicas e tecnológicas; entidades de classe e sindicais; clubes e locais de uso recreativos ou esportivo de caráter urbano; estabelecimentos de ensino formal de 1º grau; estabelecimento de ensino formal de 2º grau; estabelecimento de ensino formal de 3º grau; creches; escolas

maternais; centros de cuidados; jardim de infância ou pré 1º grau (incluindo o pré 1º grau do ensino formal); arquivos; auditórios; centro cultural.

SERVIÇO DE TRANSPORTE

Garagens e estacionamento para veículos, excetuados os de carga ou coletivos; agências de viagem; agências de locação de veículos, automóveis, motocicletas, bicicletas; agências de navegação.

SERVIÇOS PROFISSIONAIS E TÉCNICOS

Ambulatórios; consultórios médicos e odontológicos; serviços jurídicos de despachante e procurador, escritórios de cobranças, ajuste de contas, finanças e investigação particular, investimentos e transações bancários, de contabilidade e auditoria; serviços de assessoria, consultoria, pesquisas, análise e promoções; processamento de dados; serviços de engenharia, arquitetura, urbanismo, paisagismo, agronomia, geologia, geodésica, cartografia, aerofotogrametria e topografia; serviços de publicidade e propaganda, de tradução, documentação, estúdios de pintura, desenho e escultura; clínicas e policlínicas médicas e odontológicas; bancos de sangue.

SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO

Agências de correios e telégrafos; agências telefônicas; agências de sonorização; estações de radiodifusão; estações de televisão.

SERVIÇOS BANCÁRIOS

Bancos; financeiras.

SERVIÇOS AUXILIARES

Escritórios de corretagem de títulos, de seguros, de imóveis, de veículos, locações, etc.; agências de emprego; serviços de seleção, treinamento e administração de pessoal, etc; locação de mão-de-obra; escritórios de intermediários de vendas de mercadorias à base de comissão (representação comercial).

SERVIÇOS PÚBLICOS

Federal; estadual; regional; municipal; entidade de turismo.

CLASSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES PARA ZONA DENOMINADA POLO 01 AC2

1.3.2 USO 19

HABITAÇÃO UNIFAMILIAR

HABITAÇÃO COLETIVA

COMÉRCIO VAREJISTA

Carnes; fruteiras; padarias; armazéns; hortomercado; bares; cafés; lancharias; restaurantes; papelarias; farmácias; drogarias; perfumarias; calçados; artefatos de couro; artigos de vestuário; ferragem; material elétrico; tabacaria; revistas; artigos lotéricos; confeitarias; bombonieres; supermercado; armarinhos; bijuterias; postos de abastecimento; bazares e acessórios para veículos; livraria; artigos sanitários, materiais de construção; móveis e artigos de decoração; óticas e joalherias; artigos fotográficos; máquinas; aparelhos; equipamentos diversos; eletrodomésticos; veículos; floristas; floriculturas; presentes; artesanatos; souvenirs; discos e fitas; produtos agrícolas, veterinários; funerárias; artigos religiosos; vidraçarias; artigos desportivos; artigos de plástico e borracha; equipamentos de som; equipamentos de segurança; instrumentos médico-hospitalares; material odontológico; aparelhos ortopédicos e auditivos; equipamentos científicos e de laboratórios; antiguidades; brinquedos; centros comerciais; lojas de departamento.

SERVIÇOS PROFISSIONAIS VINCULADOS À HABITAÇÃO:

Conserto de calçados e artigos de couro; conserto de máquinas e aparelhos elétricos ou não, de uso pessoal ou doméstico; reparação de instalações elétricas, hidráulicas e de gás; reparação de artigos diversos; barbearias; salões de beleza; manicuras; pedicuros; massagistas; alfaiatarias; ateliers de costura, bordado e tricot; profissional liberal técnico e universitário; profissional autônomo.

OFICINAS

Reparação de artigos de couro; reparação de instalações elétricas, hidráulicas e de gás; reparação de máquinas e aparelhos elétricos ou não; reparação de artigos diversos; jóias e relógios, instrumentos musicais, científicos, aparelhos de precisão, brinquedos e demais artigos não especificados; douração e encadernação; lavagem e lubrificação.

SERVIÇOS PESSOAIS

Confeção sob medida de artigos do vestuário; confecção sob medida de calçados e demais artigos de couro; barbearia; salões de beleza; massagista; sauna; duchas e termas; laboratório de análises clínicas; radiologia; ótica e prótese; estúdios fotográficos.

SERVIÇOS DOMICILIARES

Tinturarias; lavanderias; empresas de detetização, desinfecção, aplicação de sinteco e pintura de imóveis; empresas de limpeza e vigilância; agência de locação de imóveis, louças e semelhantes; serviços de buffet; agências de guarda-móveis; serviços de ajardinamento; hotéis.

SERVIÇOS DE DIVERSÃO

Jogos eletrônicos; casas noturnas(*); boliches; bilhares.

(*) exceto na rua Silva Paes.

SERVIÇOS DE LAZER E CULTURA, COMUNITÁRIOS E SOCIAIS

Creches e centros de cuidado; jardim de infância, pré 1º grau escolas da rede de ensino formal; agências de serviço social; templos e locais de culto em geral; clubes e associações recreativas e esportivas de caráter local; ligas e associações assistências e beneficentes; escolas especiais (excepcionais, ensino profissionalizante, natação, judô, etc.); bibliotecas e museus; cinemas e teatros; instituições científicas e tecnológicas; entidades de classe e sindicais; clubes e locais de uso recreativo ou esportivo de caráter urbano; arquivos; auditórios; centro cultural; discotecas; pinacotecas.

SERVIÇO DE TRANSPORTE

Agências de viagem; agências de locação de veículos, automóveis, motocicletas, bicicletas; agências de navegação.

SERVIÇOS PROFISSIONAIS E TÉCNICOS

Ambulatórios; consultórios médicos e odontológicos; serviços jurídicos de despachante e procurador, escritórios de cobranças, ajuste de contas, finanças, investigação particular, investimentos bancários, de contabilidade e auditoria; serviços de assessoria, consultoria, pesquisas, análise e promoções; processamento de dados; serviços de engenharia, arquitetura, urbanismo, paisagismo, agronomia, geologia, geodésica, cartografia, aerofotogrametria e topografia; serviços de publicidade e propaganda, de tradução, de reprodução e documentação; estúdios de pintura, desenho e escultura; clínicas e policlínicas médicas e odontológicas; bancos de sangue.

SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO

Agências de correios e telégrafos; agência telefônica; agência de sonorização; estações de radiodifusão; estações de televisão.

SERVIÇOS BANCÁRIOS

Bancos; financeiras. (**)

(**) Exceto no Calçadão da Rua General Bacelar

SERVIÇOS AUXILIARES

Escritórios de corretagem de títulos, de seguros, de imóveis, de veículos, locações, etc., agências de emprego; serviços de seleção, treinamento e administração de pessoal; locação de mão-de-obra; escritórios de intermediários de vendas de mercadorias à base de comissão (representação comercial).

SERVIÇOS PÚBLICOS

Federal; estadual; regional; municipal.

2- DISPOSITIVOS DE CONTROLE DAS EDIFICAÇÕES

Com vistas a sua adequação às características das unidades de implantação, a edificação para atividades permitidas é regulada através dos seguintes instrumentos de controle urbanístico:

1. Índice de Aproveitamento
2. Taxa de Ocupação
3. Altura das Edificações
4. Recuo para Ajardinamento

Os valores dos instrumentos de controle urbanísticos, referidos neste artigo, são os constantes dos padrões urbanísticos, dos Anexos 04, 05, 06 e 07.

Os locais de ocorrências dos instrumentos de controle urbanístico, referidos neste Artigo, são os lançados nas plantas do Anexo 02.

A Prefeitura Municipal, poderá aprovar projetos que não se enquadram nos padrões urbanísticos das Unidades em que se situe o imóvel, desde que este, se constitua no único de propriedade do requerente e se destine a moradia própria, por ter sido atingido pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado, a menos que seja declarado de Utilidade Pública.

Excluem-se deste dispositivo os terrenos com área superior a 125,00 m² (cento e vinte e cinco metros quadrados)

2.1- ÍNDICE DE APROVEITAMENTO

Índice de Aproveitamento, é o instrumento de controle urbanístico que estabelece a relação entre as áreas máximas de construção permitidas e as áreas dos terrenos sobre os quais acedem as construções.

Os Índices de Aproveitamento, estabelecidos como limites máximos permitidos de área de construção, a partir das densidades populacionais previstas pelas Unidades de Planejamento, têm por função o controle das densidades populacionais e das atividades permitidas nas diversas unidades de uso.

Entende-se por índice cumulativo o resultado da soma dos índices previstos para construções de uso misto dos padrões urbanísticos do Anexo 04.

Os Índices Cumulativos tem por objetivo incentivar atividades diferenciadas em unidades para as quais o maior adensamento é diretriz dos novos padrões urbanísticos, constantes desta Lei, conforme convencionado nas plantas do Anexo 02.

Não serão computados no cálculo do Índice de Aproveitamento, com vistas a incentivar a construção em áreas complementares:

- a. As áreas de serviços gerais dos prédios
- b. b. As áreas de utilização exclusiva de cada unidade autônoma
- c. As áreas de recreação privativa
- d. As áreas de uso comum
- e. As áreas de guarda de veículos

São áreas de serviços gerais dos prédios, aquelas correspondentes a casa de máquinas de elevadores, de bombas e de transformadores, instalações de centrais de ar condicionado, calefação, aquecimento de água e central de gás, contadores e medidores em geral, instalações de coleta e depósito de lixo, apartamento de zelador e depósitos.

São áreas de utilização exclusiva das unidades autônomas, os correspondentes terraços, balcões e sacadas, situados no mesmo pavimento de cada unidade autônoma, sem vinculação com as dependências de serviço.

São áreas de recreação privativas, abertas ou não, as que constituam dependência de utilização exclusiva da unidade autônoma, situadas no terraço de cobertura.

São áreas de uso comum, os vestíbulos, corredores, escadas e demais áreas destinadas a circulação horizontal e vertical, e as áreas de recreação, abertas ou não, em qualquer pavimento, inclusive as áreas, constituídas sob a forma de pilotis ou em terraços de cobertura.

São áreas destinadas à guarda de veículos, as garagens e vagas para estacionamento e correspondentes circulações, ressalvadas as disposições em contrário.

O Conselho Municipal do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado estabelecerá, se necessário, outras áreas de dependência que venham a se incorporar nas até aqui citadas.

Nos prédios de habitação coletiva, as áreas de serviços gerais, as áreas de utilização exclusiva das unidades autônomas e as áreas de recreação privativas, definidas no Artigo 112, para efeito de exclusão do cálculo do Índice

de Aproveitamento, não deverão exceder, tomadas unitariamente ou em conjunto, a 25% (vinte e cinco por cento), da área máxima computável.

Nos prédios de habitação coletiva, as áreas de uso comum e as de guarda de veículos, conforme definidas no Artigo 112, para efeito de exclusão do cálculo do Índice de Aproveitamento, não deverão exceder a 65% (sessenta e cinco por cento) da área máxima computável, tomadas unitariamente ou em conjunto.

Nos prédios destinados a atividades não residenciais, as áreas de serviços gerais, áreas de guarda de veículos, áreas de recreação e as vinculadas à circulação vertical de uso comum, para efeito de exclusão do cálculo do Índice de Aproveitamento, não deverão exceder a 50% (cinquenta por cento) da área máxima computável, tomadas unitariamente ou em conjunto.

As habitações unifamiliares, estão isentas do cálculo do Índice de Aproveitamento.

2.2- TAXA DE OCUPAÇÃO

Taxa de Ocupação, é o instrumento de controle urbanístico, o qual estabelece a relação entre as projeções horizontais máximas de construção permitidas e as áreas dos terrenos sobre os quais acederem as construções.

As taxas de ocupação tem por função:

1. Incentivar áreas de lazer e recreação nas construções situadas em unidades carentes de equipamentos de lazer e cultura de uso permanente;
2. Preservar áreas livres, em razão de seus aspectos visuais, de composição da paisagem urbana ou da ocorrência de elementos naturais, em especial de vegetação existente;
3. Adequar as construções às condições físicas do solo, no que se refere a sua permeabilidade e relevo;
4. Estabelecer espaços entre as edificações, com vistas a lhes criar melhores condições de aeração e insolação.

No cálculo das projeções horizontais máximas de construções permitidas, não serão computadas:

1. As áreas construídas em balanço ou formando saliência sobre os recuos para ajardinamento;
2. As marquises, quando obrigatórias, nos Pólos e Corredores de Comércio e Serviços.

As áreas construídas em balanço, sobre os passeios, em logradouros onde não haja exigência de recuo para ajardinamento, serão computadas no cálculo da taxa de ocupação, exceto quando forem sacadas abertas.

2.3- ALTURA DAS EDIFICAÇÕES

São critérios para dimensionamento volumétrico das edificações os instrumentos de controle urbanístico, os quais estabelecem as relações entre as alturas máximas de construção permitidas e os terrenos sobre os quais acedem às construções.

Para fins deste artigo, os instrumentos de controle urbanístico são os seguintes:

1. O critério do número máximo de pavimentos;
2. Afastamentos das divisas dos terrenos.

Os critérios para o dimensionamento de altura das edificações têm por função:

1. Preservar as características existentes ou estabelecidas pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado para as várias Unidades de Planejamento quanto ao aspecto volumétrico das edificações;
2. Criar melhores condições de insolação e aeração na relação de vizinhança entre as edificações;
3. Adequar o dimensionamento volumétrico aos seguintes aspectos:
 - a. Visuais próximas e distantes
 - b. Ocorrência de elementos naturais, em especial de vegetação existente
 - c. Paisagem urbana, nas Áreas Funcionais de Interesse Paisagístico e Cultural
 - d. Geológicos localizados, no que se refere à permeabilidade e cargas admissíveis do solo.

O critério de número máximo de pavimentos é aplicável nas áreas onde a altura máxima das edificações está limitada com base no número de pavimentos permitidos, conforme padrões do Anexo 07.

Afastamentos são as distâncias mínimas que as construções devem observar relativamente ao alinhamento com a via pública e as demais divisas dos terrenos sobre os quais acederem.

O afastamento do prédio a via pública será denominado recuo de frente ou ajardinamento.

O dimensionamento dos afastamentos faz-se proporcionalmente ao número de pavimentos da construção projetada, conforme padrões do Anexo 07.

Nos prédios de habitação coletiva, é permitida a edificação de áreas destinadas à guarda de veículos, na faixa contígua à divisa de fundos de terreno e no canto de esquina, numa edificação lateral, desde que a cobertura não ultrapasse 4,00 m (quatro metros) de altura e seja observada a taxa de ocupação existente da unidade onde se localize o imóvel.

No cálculo da altura máxima das edificações para os efeitos do Artigo 121, o número máximo de pavimentos será determinado com observância do seguinte:

1. Relativamente ao afastamento das construções quanto ao alinhamento com via pública, os pavimentos serão contados a partir da cota altimétrica do passeio ou do terreno natural que coincidir como centro da fachada correspondente;
2. Relativamente ao afastamento das construções quanto as demais divisas, laterais e de fundos, os pavimentos serão contados a partir da cota altimétrica do terreno natural que coincidir com o centro da fachada correspondente;
3. Nas edificações destinadas a atividades residenciais e de escritórios em geral, a altura dos pavimentos, de piso a piso, será considerada de 3,10 m (três metros e dez centímetros);
4. No pavimento térreo das edificações, quando destinado a atividade não residencial, a altura do pavimento, de piso a piso, será considerada de 4,50 m (quatro metros e cinquenta centímetros);
5. Na hipótese de ocorrerem alturas de pavimentos, piso a piso maiores que as referidas nos incisos 3 e 4, a soma dos excessos, desde que seja igual ou maior do que 1,50 m (um metro e cinquenta centímetros), contará com um ou mais pavimentos.

Na hipótese em que os recuos para ajardinamento e os afastamentos de frente tiverem valores diversos, prevalecerá o afastamento de maior grandeza (ver figura "a").

Nas áreas de Interesse Paisagístico e Cultural o Executivo Municipal, por proposta do Sistema Municipal de Planejamento Integrado, poderá limitar os instrumentos a que se refere o Artigo 121, dentro do contorno volumétrico compatível com as visuais a preservar.

Quando um só prédio for constituído de dois ou mais volumes, os afastamentos serão medidos, em função do número de pavimentos de cada volume, com relação ao trecho da divisa ou alinhamento que lhe corresponder (ver figura "b").

No caso de mais de uma edificação no mesmo lote, os afastamentos entre as edificações corresponderão:(ver figura "c")

- 1.A soma dos afastamentos das divisas;
- 2.A soma do recuo para ajardinamento e afastamento de fundos.

No cálculo da altura das edificações, não serão computáveis:

1. Pavimento térreo de uso comum, sob a forma de pilotis, desde que mantida aberta e livre, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de sua área (ver figura "d");
2. Pavimento térreo destinado a estacionamento e dependência de uso comum, desde que mantida aberta e livre no mínimo 70% (setenta por cento) de sua área;
3. Construções em terraços destinados a salões de recreação, como dependências de uso comum dos prédios ou de utilização exclusiva de cada unidade autônoma, desde que não ultrapasse 50% (cinquenta por cento) da área do pavimento inferior e mantenha um afastamento mínimo de 2,00m (dois metros) do limite desse mesmo pavimento; **(revogado)** - Lei complementar n° 4291.
4. Pavimento destinado à casa de máquinas de elevadores, reservatórios e outros serviços gerais do prédio;
5. Apartamento de zelador, nas condições prescritas pelo Código de Edificações.

Nos casos de terrenos localizados em zonas com limites de alturas diferentes, prevalecem as de maior altura até a profundidade de 25,00m (vinte e cinco metros), contados da frente do imóvel e descontados os recuos para ajardinamento obrigatórios.

O Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado, manterá a limitação de altura das edificações decorrentes de normas relativas aos serviços de telecomunicações, aos serviços de instalação de energia elétrica e a navegação aérea, expedidas pelos órgãos ou entidades competentes.

As alturas das edificações, poderão ser aumentadas, a critério do Sistema Municipal de Planejamento Integrado, mediante solicitação dos interessados, desde que comprovada:

- 1.A concorrência de elementos naturais, nos terrenos a que as edificações devem acender, tais como vegetação de porte, ou condições topográficas desses mesmos terrenos, mediante compensação de área através da taxa de ocupação;
- 2.A preservação de prédios de interesse sócio-cultural ou de Áreas Funcionais;
- 3.A necessidade de maior altura em razão de atividades específicas ou de características especiais de equipamento a ser implantado.

Em qualquer das hipóteses desse Artigo, o aumento das alturas das edificações não poderá acarretar prejuízo ao entorno urbano, em especial a paisagem local ou aos prédios vizinhos e ficará a critério do Sistema Municipal de Planejamento Integrado.

2.4- RECUOS PARA AJARDINAMENTO (REVOGADA - Lei Municipal 4785/93)

Os recuos para ajardinamento, constantes dos padrões do Anexo 06, do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado, delimitam áreas onde devam predominar os elementos naturais sobre os de construção, com vistas à valorização da paisagem urbana.

Fica vedada a construção em áreas de recuo para ajardinamento executados as vedações nos alinhamentos ou nas divisas laterais, desde que utilizados elementos construtivos onde predominam os espaços vazios.

Os terrenos de meio de quadra ou de esquina atingidos por recuo para ajardinamento em uma ou mais testadas, terão sempre o recuo efetivado de tal forma, que a faixa edificável resultante do mesmo não seja inferior a 10,00m (dez metros).

A medida da faixa edificável é assegurada, para as construções cuja altura não ultrapasse as determinadas para o alinhamento ou de recuos para ajardinamento, conforme padrões da unidade.

O disposto no Artigo 125, somente será aplicado na parte que exceder a faixa edificável.

Entende-se por faixa edificável para efeito deste Artigo, a área de terreno não atingida pelos recuos de testada.

Os terrenos ficam isentos de recuo para ajardinamento, quando a aplicação deste Artigo resultar em recuos menores ou iguais a 1,50m (um metro e cinquenta centímetros).

Nos prédios que não atendem às normas desta Lei, relativas ao recuo para ajardinamento, não serão permitidas obras de reforma ou ampliação na área correspondente ao recuo, ressalvados serviços de conserto ou manutenção.

Na parte do prédio não atingida pelo recuo para ajardinamento, somente serão permitidas ampliações ou aumentos que não ultrapassem 20% (vinte por cento) da área total construída, na data desta Lei.

O valor ou local de ocorrência dos recuos para ajardinamento poderão ser alterados, a critério do Sistema Municipal de Planejamento Integrado, mediante solicitação dos interessados desde que mantida a equivalência das áreas livres do imóvel com vistas a:

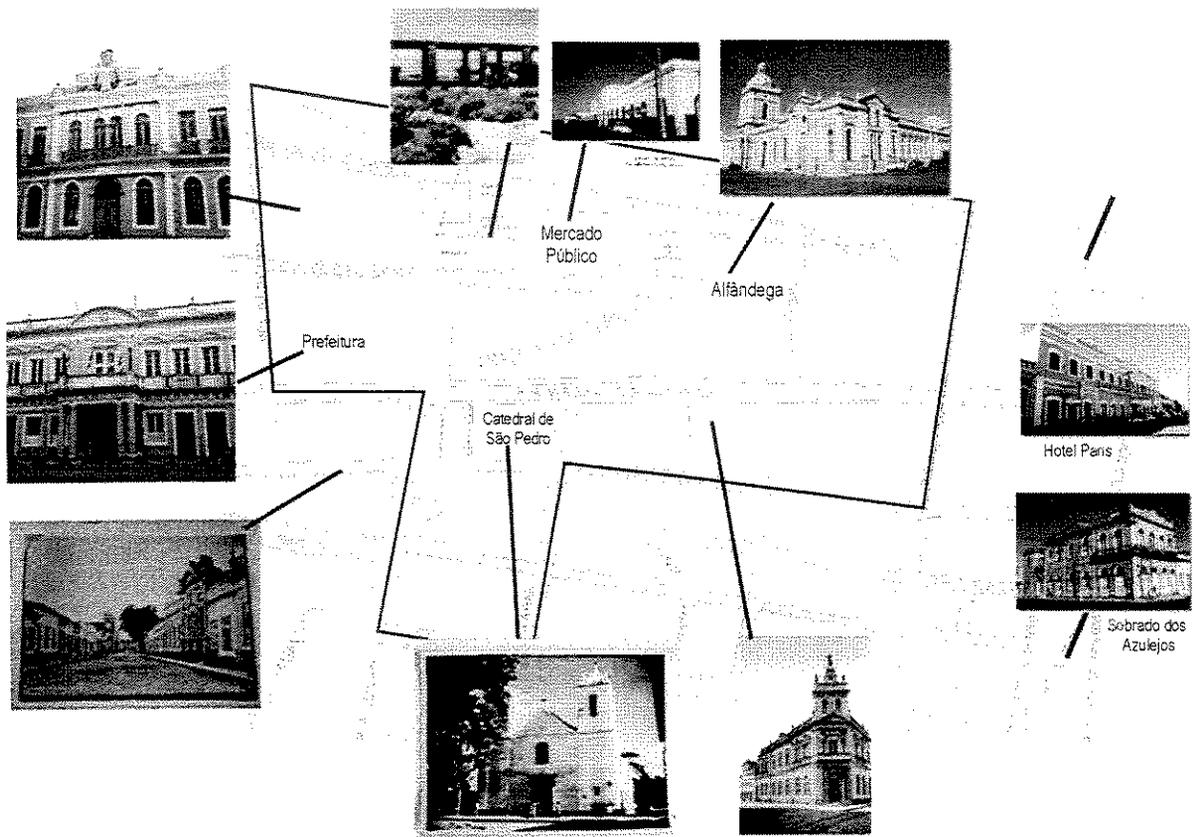
1. Preservação de árvores de porte no interior dos imóveis, em especial aquelas declaradas imunes ao corte, nos termos do artigo 204;
2. Melhor adequação de obra arquitetônica ao sítio de implantação, que tenha características excepcionais relativa a forma e estrutura geológica do solo.

PROJETOS DE INTERVENÇÃO

Está em avaliação na Prefeitura Municipal um projeto de intervenção na zona do Porto Velho, que pretende resolver o problema da descontinuidade do tráfego no local e, criar novas visuais do Centro Histórico, preservando seus locais característicos.

Este projeto foi apresentado à nossa turma quando nos foi dado o Memorial Justificativo do projeto, que encontra-se anexo.

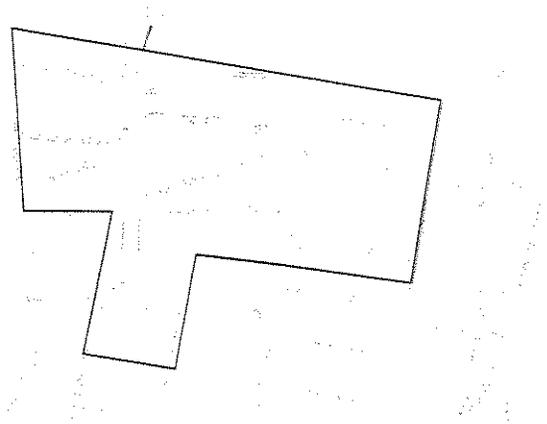
ANEXO 3 - Delimitação do entorno de bens culturais tombados na cidade do Rio Grande – RS



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
INSTITUTO BRASILEIRO DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

**DELIMITAÇÃO E DISCIPLINAMENTO DO ENTORNO DOS BENS CULTURAIS
TOMBADOS, LOCALIZADOS NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DE RIO GRANDE.**

- Considerando que a Antiga Alfândega, situada no n.º 300 da Rua Marechal Floriano Peixoto e a Igreja de São Pedro, situada de frente para a Praça Dr. Pio e a Capela de São Francisco, situada na Rua Mal. Floriano, na cidade de Rio Grande, são monumentos integrantes do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na forma e para fins do Decreto-Lei n.º 25, de 30/11/1937, conforme processos n.º 765-T-65 de 04/09/67 e 1-T de 17/05/38 respectivamente;
- Considerando a conveniência de serem fixadas normas para que as novas construções não perturbem a moldura de que se revestem os mencionados bens culturais;
- Considerando os estudos técnicos realizados para fixação da área de entorno dos bens supra mencionados, resolve:



Artigo Primeiro – Determinar as especificações a serem observadas para quaisquer construções, inclusive reformas e acréscimos na área de entorno adiante descrito, conforme planta acima, integrante a esta proposta.

Artigo Segundo – Na área delimitada como Área de Entorno, as intervenções deverão Ter como objetivos recuperar e preservar a ambiência dos monumentos, mantidos os atuais índices, os gabaritos e volumetria existentes, sendo vedado o desdobramento ou remembramento dos lotes, devendo-se evitar sobretudo, as intervenções que venham a descaracterizar as aberturas ou elementos arquitetônicos das fachadas e coberturas.

Parágrafo Primeiro – Nesta área delimitada, as novas edificações não poderão ultrapassar a altura máxima de dois (02) pavimentos – 8,00m, contados da soleira ao teto do segundo pavimento.

Parágrafo Segundo – Na área das praças Dr. Pio e Xavier Ferreira deverão ser mantidas as vegetações existentes, vedando-se novas edificações que descaracterizem seus usos atuais.

Parágrafo Terceiro – Em toda extensão do cais do porto incluída na poligonal definida nesta portaria não serão permitidas novas construções.

Parágrafo Quarto – Nas obras a serem introduzidas na área abrangida pela presente portaria, as edificações deverão observar os alinhamentos existentes.

GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO



NORMATIZAÇÃO DO ENTORNO

Para a área definida como entorno dos bens tombados pelo Estado, conforme planta acima, busca-se estabelecer que todo e qualquer processo de substituição, construção, acréscimo ou reforma será norteado pelo princípio da adequação volumétrica, respeitando inclusive o alinhamento dos prédios recorrentes e/ou tombados.

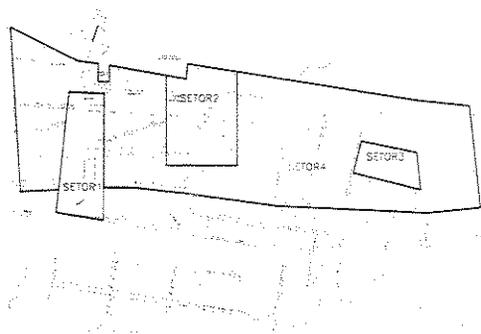
Para tanto, como regra geral, as novas edificações terão suas alturas limitadas em oito metros, contadas da cota altimétrica do passeio, no centro da fachada ao nível da última laje.

A Prefeitura Municipal reunir-se-á com a Secretaria de Estado da Cultura (IPHAE) para obter a melhor solução que atenda ao interesse de todos, nos seguintes casos:

- Quando ficar comprovado que, em função das disposições vigentes, empreendimentos dotados de grande interesse público se tornem inviáveis economicamente, o Secretário de Estado da cultura analisará a graduação deste interesse sobreposto ao interesse da preservação e poderá liberar o regime urbanístico.
- Quando estudos técnicos municipais comprovarem a prevalescência de edificações intercorrentes, as quais já consolidadas, descaracterizam determinado setor ou face de quarteirão inserido na superfície definida para o entorno.

OBSERVAÇÃO: Em ambos os casos acima citados, será sempre levada em conta a relação entre alturas máximas a serem permitidas e as dimensões dos terrenos a receberem as pretendidas construções.

CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DO RIO GRANDE ENTORNO DOS PRÉDIOS TOMBADOS



POLIGONAL DO ENTORNO – SETOR 1 **Caráter PROIBITIVO**
Proteção de ambiência à Catedral de São Pedro e Capela São Francisco de Assis.
Bem imóvel tombado pelo IPHAN.

POLIGONAL DO ENTORNO – SETOR 2 **Caráter PROIBITIVO**
Proteção de ambiência à Alfândega.
Bem imóvel tombado pelo IPHAN.

POLIGONAL DO ENTORNO – SETOR 3 **Caráter PROIBITIVO**
Proteção de ambiência aos prédios do Hotel Paris e Sobrado dos Azulejos.
Bem imóvel tombado pelo IPHAE.

POLIGONAL DO ENTORNO – SETOR 4 **Caráter RESTRITIVO**
Proteção à zona determinada genericamente como Centro Histórico.

SETORES PROIBITIVOS

Nas áreas delimitadas como Setores Proibitivos, setores 1, 2 e 3, as intervenções deverão ter por objetivo recuperar e preservar a ambiência dos monumentos, mantidos os atuais índices de ocupação, os gabaritos e volumetria existentes, sendo vedado o desmembramento e remembramento dos lotes, devendo-se evitar sobretudo, as intervenções que venham a descaracterizar as aberturas ou outros elementos arquitetônicos das fachadas e coberturas.

No setor 1 as edificações novas não poderão ultrapassar a altura máxima determinada pela altura máxima do frontão da fachada principal da Catedral de São Pedro. Esta altura é de 13,34m, sendo tolerada uma altura de 13,50m, em virtude de o prédio possuir pontos mais altos.

No setor 2 as edificações novas não poderão ultrapassar a altura máxima determinada pela altura máxima da platibanda do prédio da Alfândega. Esta altura é de 12,00m, sendo esta a altura exata a ser considerada.

No setor 3 as edificações novas não poderão ultrapassar a altura máxima determinada pela altura máxima da platibanda do Sobrado dos Azulejos. Esta altura é de 13,16m, sendo tolerada apenas uma altura de 13,00m, em virtude da altura referida ser o ponto máximo do prédio e de pouca representação no visual do conjunto.

Na área da Praça Xavier Ferreira deverá ser mantida a vegetação existente, vedando-se novas edificações que descaracterizem o seu atual uso.

Os setores de caráter proibitivo tem prioridade absoluta sobre o setor de caráter restritivo.

SETOR RESTRITIVO

Na área delimitada como Setor Restritivo, setor 4, as intervenções tem por objetivo incentivar a manutenção das fachadas originais dos prédios antigos, auxiliando na manutenção da ambiência do centro histórico.

Neste setor as edificações novas poderão ultrapassar a altura máxima do bem tombado mais próximo, definida nos setores 1, 2 e 3, seja a nível estadual ou federal, numa faixa de recuo de três metros, a partir do alinhamento predial. Além deste recuo a altura é regulada de acordo com as normas comuns do Plano Diretor.

CONSELHO MUNICIPAL DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

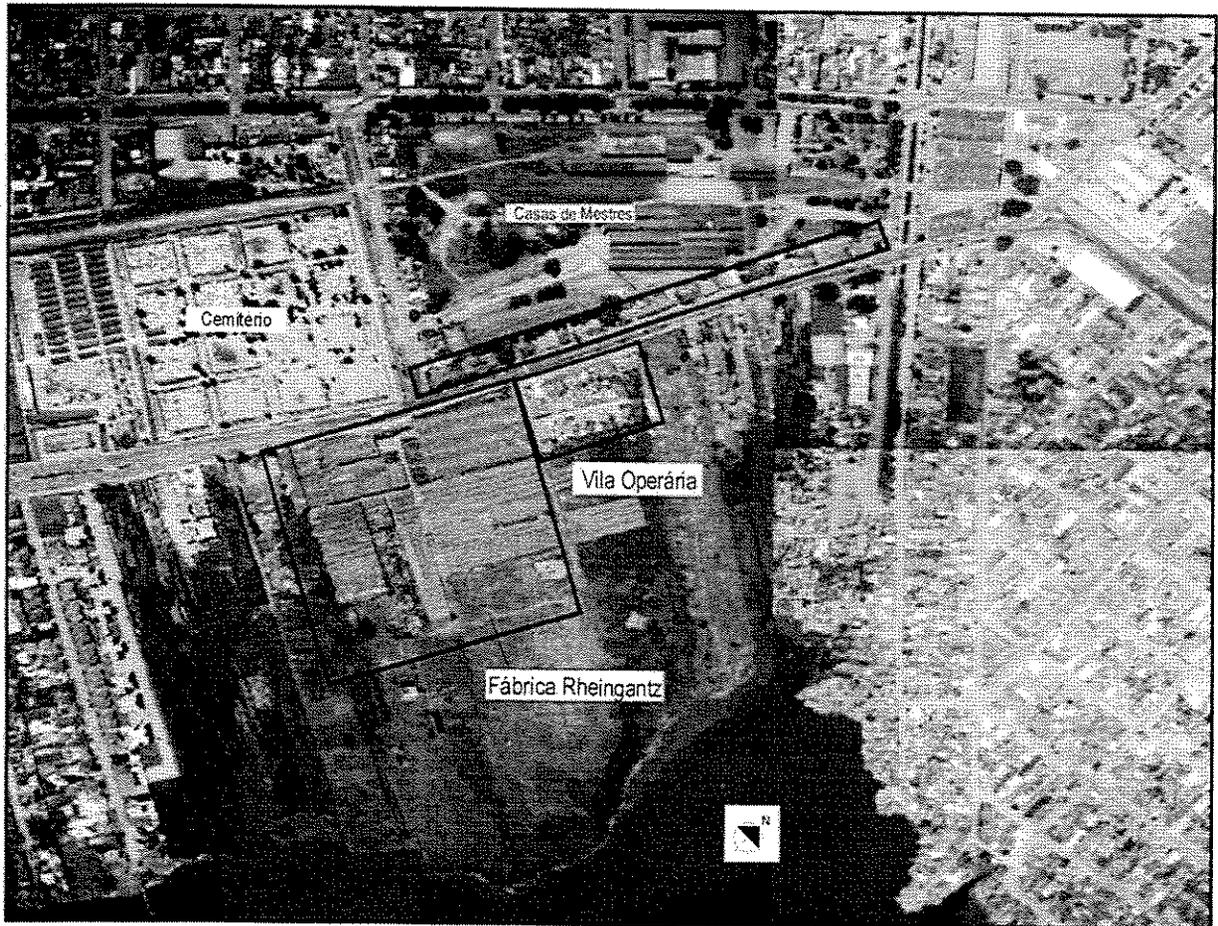
A Prefeitura Municipal do Rio Grande criou em agosto de 1999 o Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, de interesse sócio-cultural, semelhante ao Conselho do Plano Diretor, porém com predominância de técnicos da área, habilitados a discutir o assunto em questão, sendo suas atribuições:

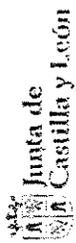
- Elaborar seu regimento interno;
- Proceder ao inventário dos bens cujas características ensejam tombamento;
- Apreciar, de ofício ou a requerimento, a conveniência de tombamento, emitindo parecer fundamentado;
- Proceder ao tombamento provisório;
- Encaminhar ao Prefeito, para homologação, requerimento ou proposta de tombamento definitivo;
- Manter os livros de tombo;
- Articular-se com os demais órgãos da administração municipal, para o atendimento de suas finalidades e, especialmente, para fiscalização do cumprimento desta lei.

LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

A Prefeitura Municipal do Rio Grande criou a Lei Municipal de Incentivo à Cultura, semelhante à do Estado do Rio Grande do Sul, como forma de fomentar a cultura. Dispõe sobre Incentivo Fiscal para apoio à realização de projetos culturais, no âmbito do Município.

ANEXO 4 - Fichas de inventário do patrimônio histórico, arquitetônico e industrial. (Fonte: Jornadas Ibéricas do Patrimônio Industrial)





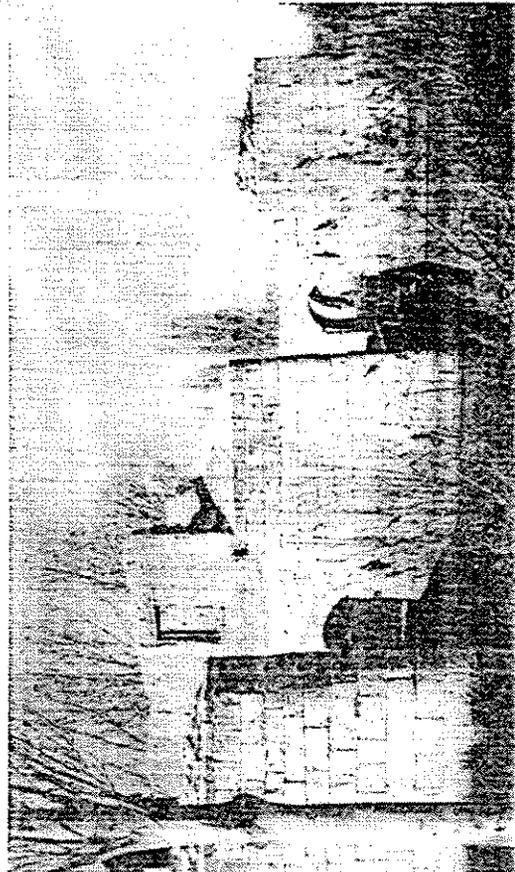
Consejería de Cultura y Bienestar Social
Dirección General de Patrimonio y Promoción Cultural

Inventario del Patrimonio Histórico Industrial de Castilla y León

Provincia: VALLADOLID
Municipio: TORDESILLAS

Anexo II

DOCUMENTACION FOTOGRAFICA





**Junta de
Castilla y León**

Consejería de Cultura y Bienestar Social
Dirección General de Patrimonio y Promoción Cultural

Inventario del Patrimonio Histórico Industrial de Castilla y León

Provincia:
Municipio:

Anexo I-B

DOCUMENTACION PLANIMETRICA: Plano parcelario, Plano vecindario, croquis, etc.

3. DESCRIPCIÓN

Descripción general: condiciones geográficas, estructuras visibles, etc.

Variante: anexo III

Extensión aproximada

Encanto

- Área natural
- Área rural
- Área urbana

4. DOCUMENTACIÓN

— Arqueológica

Hallazgos singulares

Localización de material

— Historia (incluye categoría antigua CASTILLO, TALLEDO, J. Colección diplomática de los de-
saliros, Valladolid, 1981: doc. 32, 121, 109, 151, 637 y 695. ; AUBUSSEZ,
DE DIESD, J.-L. El Tombo del Monasterio cisterciense de La Espina, Vallo-
adolid, 1982: p.p. 63, 135, 101, 195.

— Oral

5. CONSERVACIÓN

— Grado de conservación

- Muy Bueno
- Bueno
- Regular
- Malo
- Muy malo

— Causas del deterioro

- Otras
- Labores agrícolas
- Erosión
- Climas
- Otras causas

Fecha

Responsable

— Medidas de protección que se proponen

- B) Tipología
- Mecanismos
 - DESTINADOS A LA OBTENCION, TRANSFORMACION Y CONDUCCION DE LÍQUIDOS
 - Escuelas y computadoras
 - Prensas de acero
 - Prensas de vino
 - Molinos
 - DESTINADOS A TRANSFORMACION DE SOLEDOS
 - Molinos hidráulicos
 - Molinos balares
 - Molinos de papel
 - Otros molinos
 - Construcciones
 - DESTINADAS A CONTERNER Y CONDUCCION DE LÍQUIDOS
 - Cisternas
 - Pozos
 - Minas de agua
 - Viveiros de agua
 - Acleructos
 - Torres de agua
 - Prensas
 - Espigas
 - Bórnas y entarcalados
 - DESTINADAS A LA CONSERVACION Y ALMACENAJE DE SOLIDOS Y LÍQUIDOS
 - Graneros
 - Bodegas
 - Lagares
 - Silos
 - Pozos de nieve y hielo
 - DESTINADAS A LA PRODUCCION DE ENERGIA
 - Centrales hidroeléctricas
 - Fábricas de gas
 - DESTINADAS AL TRANSPORTE Y A LA COMUNICACION Y A SU SEÑALIZACION
 - Caminos y carreteras
 - Carreteras
 - Viaductos
 - Puentes
 - Estaciones ferroviarias
 - Muelles
 - Cobertizos
 - Torres de telegrafos
 - Casetas de guarda-aguas
 - Instalaciones para la obtención y transformación de electricidad
 - Minas
 - Fricciones
 - Herreras
 - Hornos de carbón
 - Hornos de cal
 - Fábricas de ladrillos
 - Fábricas de tejidos
 - Fábricas de harinas
 - Azucareras
 - Sectores de fábricas
 - Chirreñas
 - Fábricas industriales
 - Complejos fabriles, Colmatas industriales
 - Otros

6. ACTUACIONES REALIZADAS

- Prospección, Trazo y campañas H. SANCIA, CÁSTIJO, CÁRDENAS, O. 1990
- J. HELGUEZA CALIAGA, 1993
- Excavación, Injalar y campañas
- Caracterización, Investigación, Proyecto y Organismo

7. DOCUMENTACION GRAFICA

- Fotografía: Carrizote n.º 69; Fotos 1 a 13
- Archivo de registros: Igep.
- Planimétrica
- Escala 1:10000
- Activo

8. SITUACION LEGAL

- Situación: nombre, descripción H. ALONSO SIBENZA
- Inocuidad Decreto GOBERO Y L.
- Declaración Decreto BOEBOC Y L.
- Conservaciones

9. BIBLIOGRAFIA

- RUCIARDI, A., 1983: p.p. 100 y 111
- SANCIA, IBAÑIA, H. y CÁSTIJO CÁRDENAS, O., 1990: p.p. 210-237

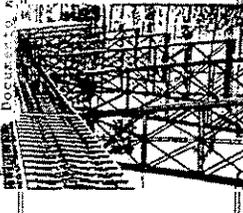
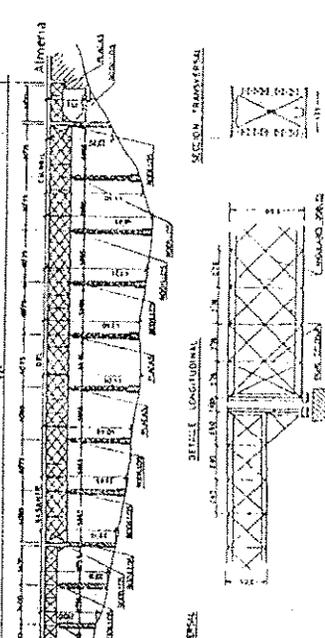
10. OTRAS OBSERVACIONES

- Tuvieron su primera ubicación "a casi un tiro de ballosa mas abajo" de donde están ahora. (RODRIGUEZ DE DIEGO, 1982: p. 136, nota 297).
- Aparentemente a P. Amigo habían los datos preconicionados acerca de sus acedías, en la etapa en que sirvieron como control hidrométrica.

11. ELABORACION

- Nombre y apellidos M. FERNANDEZ DEL REAL
- Fecha 6 - III - 1993

Firma

NOMBRE PTE. DEL HACHO	DOCUMENTO N.º 6 IR-970/3		5. XIX CELOSTIA METALICO FERROCARRIL
SITUACION	970 14733-41600 GUADAHORTUNA	No. 104.400 del f. c. Linares-Almería. Junto a la carretera local de Alamedilla a Guadahortuna.	
HISTORIA	Siglo XIX	Se le atribuye a Kiffel.	
TIPOLOGIA	4 tramos de celosía en Cruz de San Andrés y 8 en doble cruz 4 pilas de sillariego ataluzadas 7 pilas con base de sillariego y fuente de celosía. pasarela inferior al tablero. Base de pilas aligeradas con bóvedas de medio punto.	12 58,65 m. 4,70 m.	624,00 m. 49,85 m.
ESTADO ACTUAL			Algunos de las bóvedas de las bases de pila están agrietadas con fecha de 1941. Destaca sobre el paisaje. Declarado monumento histórico-artístico.
DOCUMENTACION	Estudio y construcción de tramos metálicos (D. Viedriaball, Madrid 1923. El Ferrocarril Linares-Almería (C. Navarro de Oca, Almería 1984. Ferrocarril Linares-Almería. Recollo de Incaurandóte. R.O.F. 1956 (pag. 317 a 319). Colección perfiles longitudinales de Rafe. Num 17.		

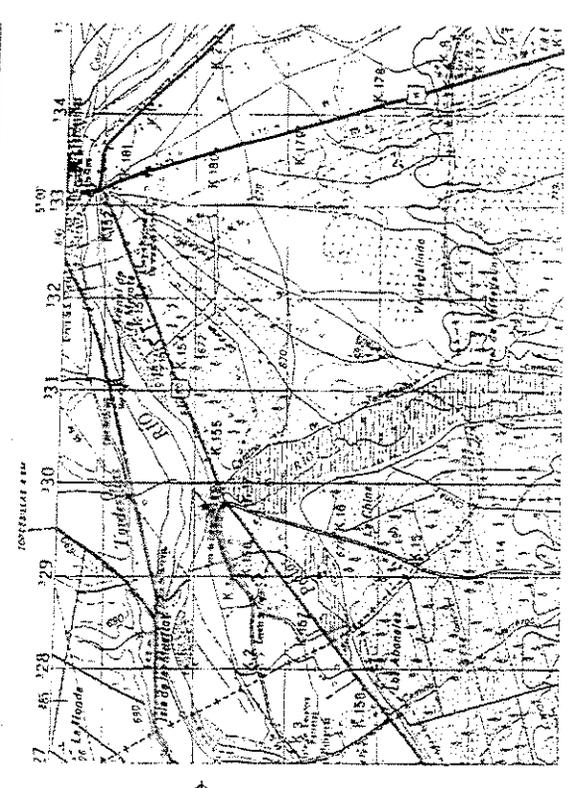
Junta de Castilla y León
 Consejería de Cultura y Bienestar Social
 Dirección General de Patrimonio y Promoción Cultural

Inventario del Patrimonio Histórico Industrial de Castilla y León

Provincia: VALLADOLID
 Municipio: TOBESILLAS

Anexo I-A
 DOCUMENTACION PLANIMETRICA.

SERVICIO GEOGRAFICO DEL EJERCITO





INVENTARIO DE PATRIMONIO HISTORICO ARQUITECTONICO INDUSTRIAL
ARQUITECTURA

Denominacion
Funciones

Tipologia
Planta

Nº de pisos
Distribucion interior

Medidas
Autor
Número

Nº de orden

Fecha

ELEMENTOS CONSTRUCTIVOS

Soportes

Muros

Cubricion

Suelos

Techos

Accesos

Iluminacion

Escaleras / montacargas

Chimeneas

Otros

MOTIVOS ORNAMENTALES

Externos

Internos

Pavimento

Techo

Cubierta

Accesos

Vanos

Otros

REMODELACIONES

Descripcion

Descripcion

Descripcion

Fecha

Fecha

Fecha

REUTILIZACION

Nuevos usos

Fecha

ESTADO DE CONSERVACION

DOCUMENTACION

Noticias documentales

Planigrafia

Fotografias / dibujos...

Información oral

Bibliografia

OBSERVACIONES



INVENTARIO DE PATRIMONIO HISTORICO ARQUITECTONICO INDUSTRIAL

IDIFICACION ELEMENTOS URBANOS Y ARQUITECTONICOS		D. REGIONIA E. MUNICIPIO		CONJUNTO 6. ELEMENTO		AÑO 13. MES		CLASE AUTOR 15.			
LOCALIZACION IDENTIFICACION PROVINCIA: <input type="text"/> MUNICIPIO: <input type="text"/> BARIO: <input type="text"/> CALLE O PLAZA: <input type="text"/> DENOMINACION ESPECIFICA: <input type="text"/> EDIFICIO O ELEMENTO 21: <input type="text"/> COORDENADAS UTM: <input type="text"/>											
AUTOR EDIF. O ELEMENTO: 48 FECHA DE ANTIGUEDAD: 15		TIPOLOGIA ENTORNO 1. Total 2. Parcial 3. Parcial		TIPOLOGIA ELEMENTO 88. Semplo 89. Campesino		SECCION 88. Semplo 89. Campesino					
ACCESIBILIDAD Km. Vehículo: <input type="text"/> Ordenado: <input type="text"/> Dificil (casual): 78 Dificil permanente: 79 Dificil permanente: 78		SUELO Grado medio: 1. Desértico 2. Aterrizado 3. Estéril		ESTILO Formal: 115 Actual: 116 No. Caracter. (último de lista): 117		Grado de Protección 1. Des. nec. BIC 2. Inmueble BIC 3. Monumento N.º de Par. G.º 4. Monumento subterráneo 5. Estudio de casales 6. Inmueble 1919 A. Est.º P. Reg.º		Conservación Global 1. Bien 2. Bien 3. Bien 4. Bien 5. Bien 6. Bien 7. Bien		Conservación Local 1. Bien 2. Bien 3. Bien 4. Bien 5. Bien 6. Bien 7. Bien	
DEFECTOS DE CONSERVACION DESGLOSADOS G. General 1. Llave 2. Grava E. Exterior 1. Fachada 2. Fachada 3. General		DEFECTOS DE CONSERVACION DESGLOSADOS G. General 1. Llave 2. Grava E. Exterior 1. Fachada 2. Fachada 3. General		DEFECTOS DE CONSERVACION DESGLOSADOS G. General 1. Llave 2. Grava E. Exterior 1. Fachada 2. Fachada 3. General		DEFECTOS DE CONSERVACION DESGLOSADOS G. General 1. Llave 2. Grava E. Exterior 1. Fachada 2. Fachada 3. General		DEFECTOS DE CONSERVACION DESGLOSADOS G. General 1. Llave 2. Grava E. Exterior 1. Fachada 2. Fachada 3. General			
PROPIEDAD Patrimonio del Estado Patrimonio Autonómico Patrimonio Provincial Patrimonio Municipal Patrimonio Religioso Patrimonio Empresarial Privada Patrimonio Empresarial Pública Patrimonio Parroquial No documentado		PROPIEDAD Patrimonio del Estado Patrimonio Autonómico Patrimonio Provincial Patrimonio Municipal Patrimonio Religioso Patrimonio Empresarial Privada Patrimonio Empresarial Pública Patrimonio Parroquial No documentado		PROPIEDAD Patrimonio del Estado Patrimonio Autonómico Patrimonio Provincial Patrimonio Municipal Patrimonio Religioso Patrimonio Empresarial Privada Patrimonio Empresarial Pública Patrimonio Parroquial No documentado		PROPIEDAD Patrimonio del Estado Patrimonio Autonómico Patrimonio Provincial Patrimonio Municipal Patrimonio Religioso Patrimonio Empresarial Privada Patrimonio Empresarial Pública Patrimonio Parroquial No documentado		PROPIEDAD Patrimonio del Estado Patrimonio Autonómico Patrimonio Provincial Patrimonio Municipal Patrimonio Religioso Patrimonio Empresarial Privada Patrimonio Empresarial Pública Patrimonio Parroquial No documentado			
Activo: 201 Pasivo: 201 Abandono: 201		Activo: 201 Pasivo: 201 Abandono: 201		Activo: 201 Pasivo: 201 Abandono: 201		Activo: 201 Pasivo: 201 Abandono: 201		Activo: 201 Pasivo: 201 Abandono: 201			
OBSERVACIONES											

DATOS HISTORICOS

PROCESO PRODUCTIVO

DESCRIPCION DEL CONJUNTO

DOCUMENTACION
Noticias documentales

Planigrafía
Fotografías / dibujos...
Información oral
Bibliografía

OBSERVACIONES

ANEXO 5 - CRONOLOGIA

A cronologia é embasada principalmente nos Relatórios Anuais da fábrica, na dissertação de Júlio Guigou-Norro, na Revista Ilustrada da cidade do Rio Grande, em jornais da época, na dissertação de Carlos Oliveira e nas Revistas da Companhia União Fabril, denominada América Magazine – dentre outras fontes.

1873

Fundação da Fábrica Nacional de Tecidos e Panos de Rheingantz & Vater por Carlos Guilherme Rheingantz, seu sogro Comendador Tito de Sá, e Hermann Vater – com um capital de 90 contos de réis.

1874

Iniciam as atividades da fábrica.

1875

Importava máquinas da Europa e empregava 100 operários nos seus 20 teares que produziam baetas, cobertores, chalés e fios, todos de lã. Logo depois, a sociedade dissolveu-se assumindo Carlos Guilherme Rheingantz como sócio majoritário, e passou a denominar-se de Fábrica Nacional de Tecidos de Lã de Rheingantz & Cia.

1881

O número de operários já é de 160 dentro do estabelecimento e ainda distribui serviço fora do mesmo a 12 costureiras; emprega os presos da cadeia e as órfãs do asilo da cidade. Todo pessoal, com exceção de quatro mestres, é brasileiro. Aquisição da Fábrica de Chapéus Pelotense de Pelotas (RS).

1882

Sucessivos aumentos de capital e material iniciam neste ano e perduram até 1889.

1883

Carlos Guilherme Rheingantz recebe a Comenda da Ordem Rosa; foram comprados mais 10 braços de terreno contíguo ao que possuía a fábrica em frente ao Cemitério, pela necessidade de acréscimo da tinturaria; a partir deste ano até 1885 é decisivo para a empresa devido à construção de outro estabelecimento para o qual seria trasladada a fábrica de tecidos de lã.

1884

A sociedade extinguiu-se e o sócio majoritário assumiu o ativo e o passivo, e formou-se a Rheingantz & Cia. com capital de 600 contos de réis, e funda a primeira Fábrica de Tecidos de Algodão do Estado; a entidade de ensino mantida pela fábrica chamada “Escola“ tem 31 alunos; efetuada a compra na Inglaterra da cobertura e estrutura de ferro, o motor, a transmissão, a caldeira e o maquinário da fábrica de Algodões. As obras de alvenaria (da nova fábrica) foram contratadas com o mestre Antônio dos Santos Lisboa, servindo como fiscal o Sr. August Landgraff; começam a ser edificadas as habitações para operários, denominadas “Casas da Fábrica“.

1885

Concluída a construção do novo edifício e colocação de um motor de 150 cavalos, inaugurado com a presença de S.S.A.A.; construção de habitações para operários; inaugurados o Ambulatório Médico e Armazém Cooperativo; o número de alunos na Escola eleva-se para 40 e o de operários é de 200.

1886

A Câmara resolve dar o nome de Rua Rheingantz à antiga estrada da Mangueira; construção do ambulatório médico; a Diretoria expressa em seu relatório anual a necessidade de ampliar o número de casas para operários.

1887

Construção de mais moradias operárias nos fundos das já existentes na rua Presidente Vargas (ex-Rua Rheingantz).

1888

No relatório deste ano consta que a firma possui 31 casas e expressa a necessidade da construção de mais 20 para acomodar o pessoal da fábrica de Algodões, que brevemente iria acompanhar a mudança das oficinas, bem como algumas casas maiores para mestres.

1889

Término da construção de mais 20 casas para operários; realizou-se a mudança da fábrica de Algodões para o mesmo local da de Lãs.

1891

Fundação da terceira fábrica, produtora de aniagens; o Comendador tomou a iniciativa de juntar à fábrica de tecidos a produção da matéria-prima, a lã¹. Com isso, transformou a Sociedade Comanditária em Sociedade Anônima sob a denominação de Companhia União Fabril e Pastoril e contava com capital de 5000 contos de réis; o número de operários é de 543 e na Escola já estão matriculados 83 alunos; já existem 51 casas para operários e o armazém cooperativo.

¹ Foi contratado um técnico inglês (*Farmer*, da Escócia) para estudar a qualidade dos terrenos e quais raças mais convenientes para criação em maior escala ,adquirindo um valioso rebanho de reprodutores, mas a revolução de 1893 acabou com essa iniciativa face aos danos que causou ao rebanho.

1893

A denominação da Sociedade foi alterada para Companhia União Fabril, devido ao extermínio dos rebanhos.

1895

Compra de um terreno na cidade do Rio de Janeiro para a instalação subsidiária da Fábrica de Tecidos de Algodão.

1902

A Diretoria construiu 14 casas no terreno que possui na Rua Rheingantz (atual Presidente Vargas), além do Cemitério, com o que despendeu Rs.47:666\$100 e adquiriu 2 lances na quadra da fábrica de Aniagens, de custo de Rs.4:006\$240².

1904

Adicionaram à fábrica uma fiação de fio penteado (*worsted*) produzido com lãs rio-grandenses.

1907

Aquisição de cinco casas à rua 24 de Maio para moradia de contramestres.

1909

Falecimento do Comendador Rheingantz, no Rio de Janeiro (RJ).

1909

Foi autorizada junto ao Conselho Fiscal a construção do novo Escritório Central; o número de operários é de 985; no relatório da fábrica consta um projeto de remoção da Fábrica de Aniagens junto a de Lãs e Algodão, concentrando assim as três fábricas.

1910

Acha-se ainda em construção o novo Escritório Central.

1911

No terreno à rua Rheingantz (atual Presidente Vargas) que a Companhia União Fabril adquiriu por permuta com a Intendência Municipal (atual Prefeitura Municipal do Rio Grande) são iniciadas as obras do Cassino dos Mestres³; nesta data conforme relata a Revista Ilustrada⁴ o edifício principal da fábrica situado na rua Rheingantz (atual Presidente Vargas) possui 3500m² e engloba as três fábricas, a de tecidos de lã, a de algodão e a de aniagens; possui mais de 100 casas de moradias para operários, consultório médico, biblioteca e salas de recreio para os empregados.

1911

Concluídas as obras do Jardim de Infância⁵.

² Estes dados foram retirados de uma transcrição de um relatório anual da Sociedade Comanditária em Ações Rheingantz & C., 1884 – Ano Social de 01/08/1902 a 31/08/1903, na dissertação de Carlos Alberto Oliveira.

³ As plantas originais deste projeto conferem a autoria ao Escritório de Engenharia de R. Ahrons.

⁴ Fontana, A. *Rio Grande do Sul* - Revista Ilustrada. Anno I – Num. 2 Publicação Mensal, Rio Grande, 1911.

⁵ O projeto é de autoria do Escritório de Engenharia de R. Ahrons.

1912

Inaugurado o edifício do Grupo Escolar Comendador Rheingantz⁶; iniciadas as obras de construção das casas para mestres (período de 13 anos para totalizar).

1920

Compra de propriedades na rua Presidente Vargas (ex-Rua Rheingantz) de números 07, 09, 11, 13, 15, 17 e 21.

1921

Compra de uma propriedade na rua Presidente Vargas (ex-Rua Rheingantz) de número 51.

1921

Inauguração do busto do Comendador em frente à Escola.

1922

Montagem dos chalés vindos de Uruguaiana, de uma filial da C.U.F.

1923

Cinquentenário da Fábrica comemorado com uma festa íntima com os funcionários e direção, e presenteado um quadro pelos funcionários.

1924

Construção da casa n. 46.

1925

As seis casas para operários, de n. 60 a 70, foram construídas.

1927

Compra de propriedades na rua Presidente Vargas (ex-Rua Rheingantz) de números 23, 27, 35, 37, 39 e 41.

1949

Construção das casas de n.4 e 6.

1968

Decretada a falência; a firma foi comprada por Abdala & Cia.

1970

A família Loréa comprou a firma que passou a denominar-se Companhia Inca Têxtil, com 81% das ações, e os outros 19% para os operários – como forma de indenização pela falência.

⁶ As plantas originais deste projeto conferem a autoria ao Escritório de Engenharia de R. Ahrons.

ANEXO 6 - Aceitação em Congressos



Eventos 2003 - IAB
Departamento Rio de Janeiro



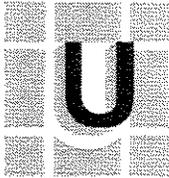
XVII congresso brasileiro de arquitetos
arquitetura e urbanismo em face da globalização

XVII Congresso Brasileiro de Arquitetos

"Arquitetura e urbanismo em face da globalização" – 29 de abril a 3 de maio de 2003 – Riocentro – Rio de Janeiro

1º de maio de 2003 – Quinta-feira			
Sala	9:30 às 12:30	14:00 às 16:00	17:00 às 19:00
Sala	Tipo/Título	Tipo/Título	Tipo/Título
A (Auditório)	Conferência de Oscar Niemeyer <i>Um arquiteto brasileiro</i>	Conferência de Roberto Segre <i>Arquitetura iberoamericana no novo milênio. A globalização fragmentada: idioma comum, caminhos divergentes</i>	Conferências de Joaquim Guedes e Marcos Konder <i>A obra dos ganhadores do Colar do IAB/XVII CBA</i>
C1	CIALP	CIALP	CIALP
C 2		"União Internacional de Arquitetos: contexto e diretrizes"	
E1	"Ceará Brasil Icô e Sobral, o estatuto do lugar"	"Arquitetura Brasil 500 anos- uma invenção recíproca"	"Globalização: Imagem e linguagem na arquitetura - a produção contemporânea na Região SE"
E2	"Desenvolvimento urbano de cidades e núcleos históricos"	"Patrimônio: identidade cultural e valor econômico"	"Conservação do patrimônio moderno"
E3	"Escritórios-modelo: avaliação de desempenho"	"Experiências e metodologias aplicadas em projetos de urbanização de favelas"	"Experiências e metodologias aplicadas em projetos de urbanização de favelas"
F1	"Formação e exercício profissionais"	"ONGs, Universidades, Prefeituras e Comunidades: construindo soluções"	"Globalização e especialização: conflitos na prática profissional e no ensino de arquitetura"
F2	"Parcerias e assessorias a comunidades e populações de baixa renda"	"ABEA – O panorama do ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil"	"ABEA – O panorama do ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil"
F3	"Rede Mercocidades: unidade temática de desenvolvimento urbano"	"O espaço na sociedade globalizada"	"Salubridade do espaço urbano"
H1	"Meio ambiente urbano"	"Projetos da Região Norte"	"Projetos Região Nordeste"
H2	"O processo de globalização e a produção arquitetônica no nosso Continente"	"Projetos da região Centro Oeste"	"As relações entre planejamento estratégico e ações localizadas no marco do capitalismo"
H3	"Projetando e construindo cidades sustentáveis"	"Educação e ética ambiental"	"Educação ambiental na reciclagem de lixo"
G1	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações
G2	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações
G5	"Exercício profissional: Concursos públicos, Lei de Licitações 8.666 e Lei de Direitos Autorais 9.610"	"CNCEARQ – Exercício ilegal da arquitetura e urbanismo: incoerências de um Conselho multiprofissional"	Federação Nacional de Arquitetos
G8	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações
G9	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações
D1	RIO ROCHAS II	RIO ROCHAS II	RIO ROCHAS II
D5	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações
D8	"Construções em madeira e identidade cultural"	"Cidades novas imigrantes"	"Globalização na arquitetura de interiores e no design"

Dissertação aceita no Congresso, e apresentada na Seção de Comunicações G-8.



URBANISMO 2003
"Municipio y Liberalismo"

Del 18 al 21 de noviembre del 2003
Hotel Nacional de Cuba
Ciudad de La Habana, Cuba

Ciudad de La Habana, 7 de julio del 2003

Vivian da Silva Paulitsch
UNICAMP
Universidad Estatal de Campinas
Sao Paulo

Estimada da Silva:

Tengo el agrado de dirigirme a usted para notificarle que el resumen de su comunicación "Rheingantz – Comapanhia Uniao Fabril Villa worker", ha sido revisado y aceptado por el Comité Técnico para su presentación en el evento internacional URBANISMO 2003 que se celebrara en La Habana del 18 al 21 de noviembre próximo.

Al mismo tiempo, le comunico que una vez conformado el programa detallado de cada Mesa de Trabajo se lo haré conocer con vista a que pueda usted organizar convenientemente su intervención.

Por último le agradeceríamos que de ser posible nos envíe la comunicación en español o portugués.

Sin mas por el momento y en espera de contar con su valiosa presencia, se despide cordialmente

Arq. Mirta Hernández González
Secretaria Ejecutiva
URBANISMO 2003

ANEXO 7 - DEPOIMENTO ORAL

O primeiro depoimento de fonte oral é o do Sr. Américo Bula, ex-funcionário da Empresa que morou nas casas da Fábrica e fez carreira nos seus 28 anos em que trabalhou nela. Conforme o cargo que possuía ia trocando de casa ao longo destes anos; ele praticamente nasceu e viveu no ambiente da Fábrica, pois seus avós também trabalhavam e moravam lá – como podemos observar na entrevista:

Então eu comecei como Office-Boy e terminei no Departamento Pessoal, também Departamento de Planejamento. Comecei a trabalhar na Fábrica em 1940, e sou de 1926. E já existia tudo lá. São só 28 anos de trabalho. Morei em três casas da Fábrica, ali na casa de n. 157 moraram meus avós. (...) nessa casa n. 157 morava aí meu avô, depois eu me casei morei aí, depois mudei pra n. 17 onde é o Touring hoje, tinha uma casa e também mais pra cá depois não tem uma casa lá pra dentro, a 51, onde tem uma mangueira grande na frente? Eu morei ali naquela casa também. (...) Tinha a creche, o colégio. (...) Tinha muita casa na Vila América, perto do Clube São Paulo.(...)

Outro questionamento em relação a pagamentos e administração foi feito a ele, devido ao fato de ter trabalhado no prédio do Escritório Central, como forma de se distinguir melhor a funcionalidade do prédio:

O pagamento era feito nas sessões, ia um pagador lá e pagava, tinha uns envelopes, lá na seção. A não ser, tinha um escritório interno ali embaixo, deste prédio (*está falando do escritório central*) que se chamava Direção Interna onde tinha o Diretor – que eu também fui uma ocasião, e tinha o Departamento Pessoal. Então existia ali o escritório de contabilidade que fazia todos os pagamentos da Fábrica, do pessoal da Fábrica. O pessoal do escritório então já era diferente, pois eram feitos lá no prédio em cima ali. E aqui neste Departamento Pessoal se fazia outros pagamentos como férias, indenizações (...) Lá em cima era o escritório central onde eram feitos os pagamentos dos mestres e dos mensalistas. (...)

O Corpo de Bombeiros e o treinamento eram dados principalmente para os moradores das casas de porta e janela, uma das quais foi a primeira casa que o Sr. Américo Bula morou e, inclusive, foi chefe do Corpo de Bombeiros – confirmando as condições impostas pela Fábrica como constavam dos Relatórios da Diretoria:

Nós tínhamos Corpo de Bombeiros e eu também fui chefe do corpo de bombeiros por algum tempo, é, tinha mais ou menos umas 130 ou 140 pessoas, era automático porque todo morador da casa era obrigado a ser bombeiro.



Treinamento do Corpo de Bombeiros

O questionamento sobre higiene e manutenção das residências demonstra a total responsabilidade por parte da C.U.F., tanto nos reparos como na inspeção da higiene e do saneamento básico; os inquilinos não modificavam nenhuma casa, pois era tudo por parte da Fábrica.

Quem fazia reformas e manutenção nas casas era a própria Fábrica. Primeiramente não tinha banheiro nenhum, antigamente naquelas casas lá era feita a coleta das fezes diariamente, aqui na cidade era assim. Esse que era o sistema de saneamento. Depois fizeram uns banheiros fora do corpo da casa e aí cada duas casas fizeram um banheiro, era um quadrado de material e metade para uma casa e a outra metade para outra. Nessa construção atendia as duas famílias. Todos sempre foram inquilinos, só passaram a donos depois que a Fábrica quebrou, mas até então nunca, sempre foi da Fábrica. A higiene era controlada pela Fábrica, tinha uma pessoa que andava nas casas para ver se estava tudo direitinho e se a casa não ia cair. (...) tinha um Departamento de Engenharia, toda Fábrica.

ANEXO 8 - WMF – Inscrição para o auxílio à restauração junto ao World Monuments Fund

95 Madison Avenue
New York, NY 10016
Telephone: 646 424 9594
Fax: 646 424 9595
www.wmf.org

WORLD MONUMENTS FUND

Vivian Paulitsch
Universidade Esadual de Campinas Sao Paulo
Rua General Camara 441
Rio Grande
Rio Grande do Sul 96200-320
Brazil

May 28, 2003

Dear Vivian,

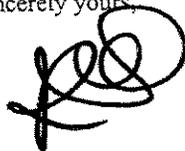
The World Monuments Watch® Selection Panel, consisting of nine leading professionals in the field of international preservation, reviewed 295 extremely compelling nominations and selected the 2004 List of 100 Most Endangered Sites. Unfortunately, Rheingantz Company factory building in Brazil was not selected for the upcoming World Monuments Watch® list.

The selection panel reviewed all nominated projects during a four day meeting. As you know the process is highly competitive and various reasons determine whether or not a site is selected. At this time we are unable to provide lengthy comment on all the projects, however upon request we would be happy to provide that information. If you wish to receive specific comments on your project please contact me by regular mail or e-mail at aroure@wmf.org.

The World Monuments Fund will announce the 2004 List of 100 Most Endangered Sites in September 2003 and a catalog describing the sites will be sent to you. The World Monuments Watch® program will distribute nomination forms for the next List of 100 in the spring 2004. In the past, projects have been renominated and have successfully been included on the List of 100.

Thank you for your nomination of Rheingantz Company factory building to the World Monuments Watch® List of 100 Most Endangered Sites. Your response to the World Monuments Watch program® is a testament to your organization's ability to identify emerging opportunities for site protection. We wish you the best success in sustaining the conservation momentum at this site and hope your interest in the World Monuments Watch will continue in the coming years.

Sincerely yours,



Anne-Sophie Roure
Manager, World Monuments Watch® Program

Cc: George Coli, Universidade Esadual de Campinas Sao Paulo



Dios te salve Virgen de la Esperanza, Macarena...

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM HISTÓRIA DA ARTE E DA CULTURA

VOLUME 2(ANEXO):

**RHEINGANTZ:
UMA VILA OPERÁRIA EM RIO GRANDE – RS**

Vivian da Silva Paulitsch

CAMPINAS (SP)
Agosto, 2003

UNIDADE	BE
Nº CHAMADA	T/INICAMP R2842
V	2 EX
TOMBO BC/	55852
PROC.	16-124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	18/9/03
Nº CPD	001890873

CM 001890873

bib id 300899

ESCLARECIMENTOS

Este volume compreende as fichas das casas do complexo Rheingantz, para melhor complementar as informações a respeito do levantamento arquitetônico efetuado no decorrer dessa pesquisa.

Para tanto, iniciamos com os dados referentes à localização, metragem da área construída, situação e ambiência, com breve descrição da casa – documentos materiais encontrados, funções da edificação, elementos arquitetônicos, ornamentais, e outros.

Estas fichas inicialmente idealizadas pela autora, forneceram os subsídios tecnológicos que formam a base de toda a análise efetuada em relação aos modelos internacionais – tornando-se relevantes para a complementação do entendimento de toda a história arqueológica que engloba.

200 330302

CASA NÚMERO: 197		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas, 197		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 60,00 m ² (atual aprox.)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia.) Data da Construção: 1884			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Conjunto de casas em fita com frente à via arterial de principal acesso de entrada e saída da cidade. Próxima ao cemitério e distando cerca de 1500m do centro histórico.			
DESCRIÇÃO: Casa de esquina, térrea, com uma porta central e duas janelas com parede dividida com outra residência, fazendo parte de um conjunto único de casas.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
<input checked="" type="checkbox"/>	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas - planta
<input checked="" type="checkbox"/>	Fotografias antigas
<input checked="" type="checkbox"/>	Levantamento da C.U. F
	Planta baixa original
<input checked="" type="checkbox"/>	Planta baixa reproduzida em outra fonte
	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
	Outra documentação

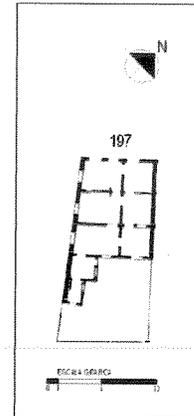
1. Funções da Edificação	
<input checked="" type="checkbox"/>	Em atividade na Função Original
	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
<input checked="" type="checkbox"/>	Residencial unifamiliar
	Industrial



	Outros
1.b	Função Atual
x	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Outros

2.Estado de Conservação	
	Bom
	Satisfatório
x	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
x	Deformidade na disposição das telhas
	Repintura generalizada
x	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
	Fissuras
	Falta de partes de elementos decorativos
x	Desprendimentos
	Lacunas
	Apodrecimentos
x	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros

3.Fatores da degradação	
x	Falta de manutenção
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
x	Peças danificadas pela ação do tempo
	Peças danificadas pela ação de chuvas
	Ataque por insetos xilófagos
	Outros



Planta –Baixa Atual
(provável original) .
Fonte: dissertação de Guigou-Norro

Obs: devido á problemas judiciais os inquilinos não estão permitindo fotografias nem tampouco medições. A plantas da dissertação de Guigou-Norro foram a utilizadas no Levantamento de campo e as plantas atuais conferem com as desenhadas por Guigou-Norro.

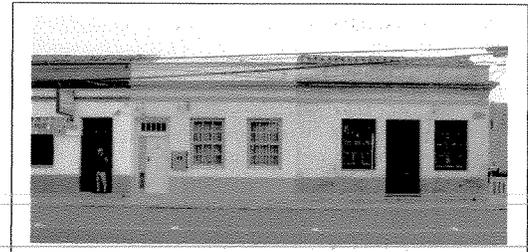
4. Tipologia Arquitetônica	
x	Residencial
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote	
x	Fita
	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
	Com recuo frontal

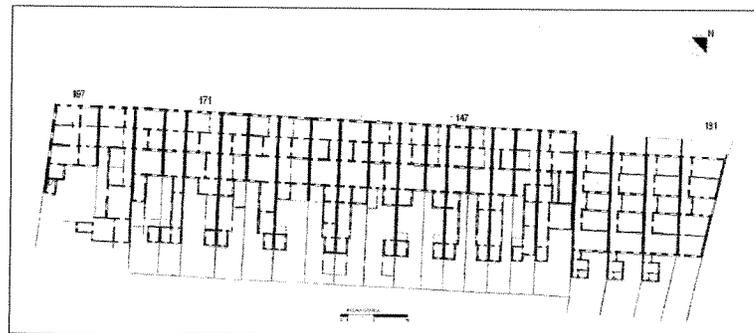
6. Planta	
x	Retangular
	Em L
	Em U
	Irregular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros
6.a	Número de pisos
x	Térreo
	Dois pavimentos
	Mais pavimentos



Vista geral das casas
Foto: setembro/2002



Casa 197 (esquina direita)
Foto: outubro/2002



Observações da planta- baixa:

Não sofreu modificações relevantes ao longo dos anos, foi construído somente uma garagem nos Fundos. Atualmente, confere com a planta transcrita na dissertação de Guigou-Norro.

7. Telhado	
	Telhado em mansarda
x	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
x	Empena lateral
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
x	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
x	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

Observações a respeito da composição do telhado:

A estrutura do telhado é simples e compartilhada possuindo duas águas e telhas do tipo capa-canal.

As tesouras de madeira são perpendiculares à

prumada da parede da fachada

8. Técnicas Construtivas	
8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
	Parede dupla
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos	
9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
	Cerâmica
	Ladrilho hidráulico
	Madeira macho fêmea
	Tábua Corrida
x	Cimento
9.a.3	Forros
x	Madeira – tábua de 30cm - pinho
	Estuque
	Forrinho plástico
	Gesso
	Tipo saia e camisa

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

Pintura das paredes com cal.

Paredes compartilhadas a cada duas casas.

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
	Janela de abrir
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
	correr
x	Guilhotina
	Janela de lucarna
	Janela pivotante
9.b.3	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
	de arco pleno

x	de verga reta
x	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada
x	Porta Duas Folhas
	Porta Simples maciça
	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.d	Escadas
	Em dois sentidos
	Em L
	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
	Madeira
	Misto M/F

Observações:

Casa térrea, não possui escada.

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas	
	Bossagem
	Colunas
	Faixas
	Festão
x	Frisos
	Frontão
	Moldura
	Óculo
	Pilastras
	Volutas
x	Cornija

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

CASA NÚMERO: 171		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas, 171		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 50,00 m ² (atual aprox.)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia.) Data da Construção: 1884			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Conjunto de casas em fita com frente à via arterial de principal acesso de entrada e saída da cidade. Próxima ao cemitério e distando cerca de 1500m do centro histórico			
DESCRIÇÃO: casa de operário – casa de operário – Casa de meio de quadra térrea, com uma porta e janela, com parede dividida com outras duas residências, fazendo parte de um conjunto único de casas.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
x	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas - planta
x	Fotografias antigas
x	Levantamento da C.U. F
	Planta baixa original
x	Planta baixa reproduzida em outra fonte
	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
	Outra documentação

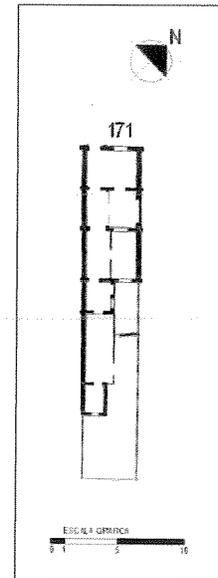
1.Funcões da Edificação	
x	Em atividade na Função Original
	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
x	Residencial unifamiliar
	Industrial



	Outros
1.b	Função Atual
x	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Outros

2.Estado de Conservação	
x	Bom
	Satisfatório
	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
	Deformidade na disposição das telhas
	Repintura generalizada
x	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
	Fissuras
	Falta de partes de elementos decorativos
	Desprendimentos
	Lacunas
	Apodrecimentos
x	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros

3.Fatores da degradação	
x	Falta de manutenção
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
x	Peças danificadas pela ação do tempo
	Peças danificadas pela ação de chuvas
	Ataque por insetos xilófagos
	Outros



Planta –Baixa Atual
(provável original) .
Fonte: dissertação de Guigou-Norro

Obs: devido á problemas judiciais os inquilinos não estão permitindo fotografias nem tampouco medições. A plantas da dissertação de Guigou-Norro foram a utilizadas no Levantamento de campo e as plantas atuais conferem com as desenhadas por Guigou-Norro.

4. Tipologia Arquitetônica

x	Residencial
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote

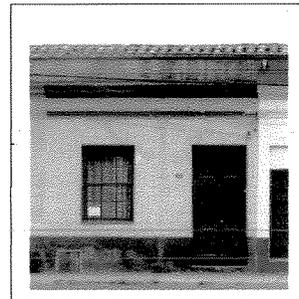
x	Fita
	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
	Com recuo frontal

6. Planta

x	Retangular
	Em L
	Em U
	Irregular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros

6.a Número de pisos

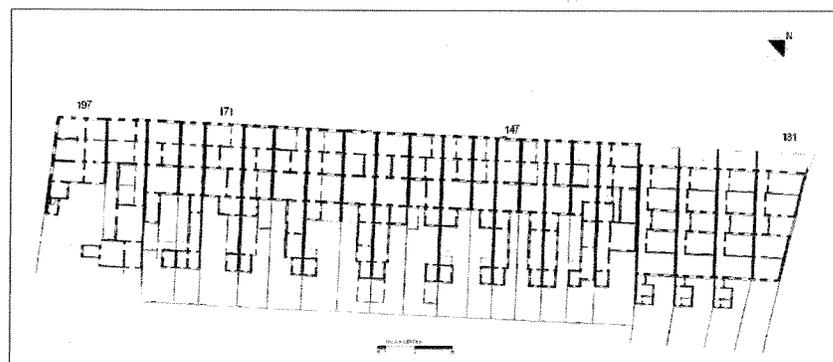
x	Térreo
	Dois pavimentos
	Mais pavimentos



Casa n. 171
Foto: outubro/2002



Casa n. 171-entorno
Foto: outubro/2002



Observações da planta- baixa:

Não sofreu modificações relevantes ao longo dos anos. Atualmente, confere com a planta transcrita na dissertação de Guigou-Norro.

7. Telhado

	Telhado em mansarda
x	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
x	Empena lateral
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
x	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
x	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

Observações a respeito da composição do telhado:

A estrutura do telhado é simples e compartilhada possuindo duas águas e telhas do tipo capa-canal.

As tesouras de madeira são perpendiculares à

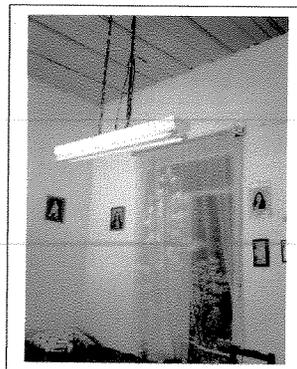


Foto interna da porta de acesso ao quarto (alcova)
Foto: junho/2003
Obs: nesta casa o proprietário permitiu algumas fotos



Janela da fachada
Detalhe- postigo de madeira
Foto: junho/2003

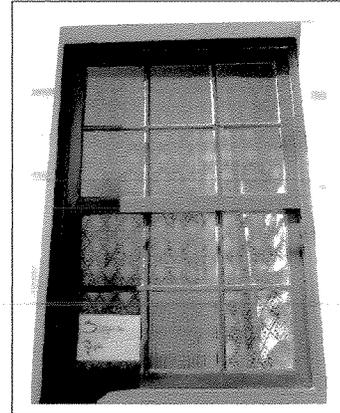
prumada da parede da fachada como em todas
as outras casas.

8. Técnicas Construtivas

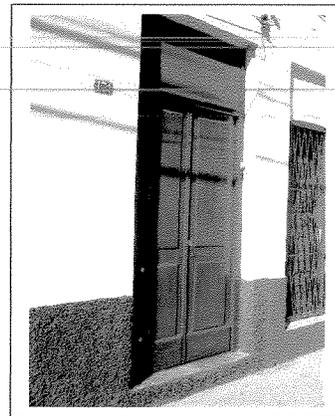
8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
	Parede dupla
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos

9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica
	Ladrilho hidráulico
	Madeira macho fêmea
x	Tábua Corrida
x	Cimento
9.a.3	Forros
	Madeira – tábua de 30cm - pinho
	Estuque
	Forrinho plástico
	Gesso
x	Tipo saia e camisa



Janela da fachada
Foto:junho/2003



Porta de entrada principal
Foto:junho/2003

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

Pintura das paredes com cal.

Paredes compartilhadas a cada duas casas.

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
	Janela de abrir
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
	correr
x	Guilhotina
	Janela de lucarna
	Janela pivotante
9.b.3	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
	de arco pleno

--

x	de verga reta
x	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada
x	Porta Duas Folhas
	Porta Simples maciça
	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.d	Escadas
	Em dois sentidos
	Em L
	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
	Madeira
	Misto M/F

Observações:

Casa térrea, não possui escada.

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas	
	Bossagem
	Colunas
	Faixas
	Festão
x	Frisos
	Frontão
	Moldura
	Óculo
	Pilastras
	Volutas
x	Cornija

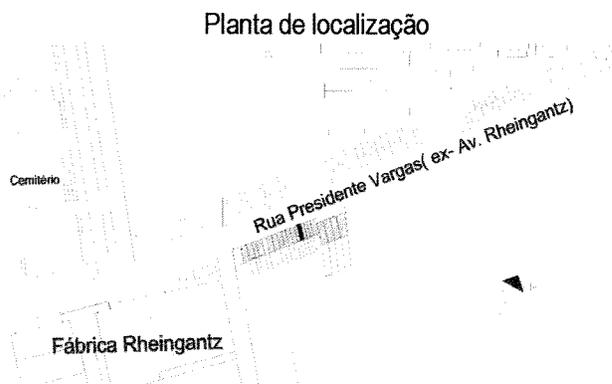
Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

CASA NÚMERO: 147		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas, 147		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 50,00 m ² (atual aprox.)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia.) Data da Construção: 1884			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Conjunto de casas em fita com frente à via arterial de principal acesso de entrada e saída da cidade. Próxima ao cemitério e distando cerca de 1500m do centro histórico			
DESCRIÇÃO: casa de operário — Casa de meio de quadra térrea, com uma porta e janela, com parede dividida com outras duas residências, fazendo parte de um conjunto único de casas.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
<input checked="" type="checkbox"/>	Arquivo interno da Fábrica
<input type="checkbox"/>	Catálogos
<input type="checkbox"/>	Cortes
<input type="checkbox"/>	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
<input type="checkbox"/>	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
<input type="checkbox"/>	Fachadas - planta
<input checked="" type="checkbox"/>	Fotografias antigas
<input checked="" type="checkbox"/>	Levantamento da C.U. F
<input type="checkbox"/>	Planta baixa original
<input checked="" type="checkbox"/>	Planta baixa reproduzida em outra fonte
<input type="checkbox"/>	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
<input type="checkbox"/>	Outra documentação

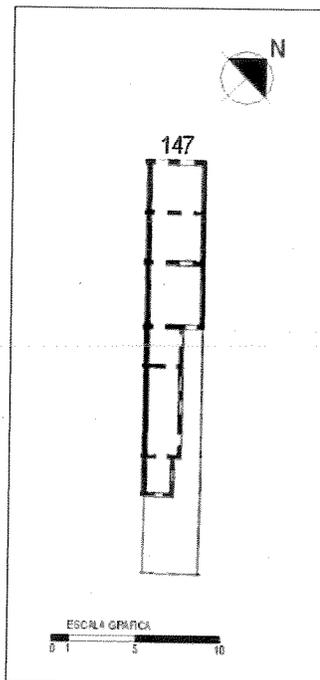
1. Funções da Edificação	
<input checked="" type="checkbox"/>	Em atividade na Função Original
<input type="checkbox"/>	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
<input type="checkbox"/>	Comercial
<input type="checkbox"/>	Misto
<input type="checkbox"/>	Residencial poli
<input checked="" type="checkbox"/>	Residencial unifamiliar
<input type="checkbox"/>	Industrial



	Outros
1.b	Função Atual
x	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Outros

2.Estado de Conservação	
	Bom
	Satisfatório
x	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
x	Deformidade na disposição das telhas
	Repintura generalizada
x	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
	Fissuras
	Falta de partes de elementos decorativos
x	Desprendimentos
	Lacunas
	Apodrecimentos
x	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros

3.Fatores da degradação	
x	Falta de manutenção
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
x	Peças danificadas pela ação do tempo
	Peças danificadas pela ação de chuvas
	Ataque por insetos xilófagos
	Outros



Planta –Baixa Atual
(provável original) .

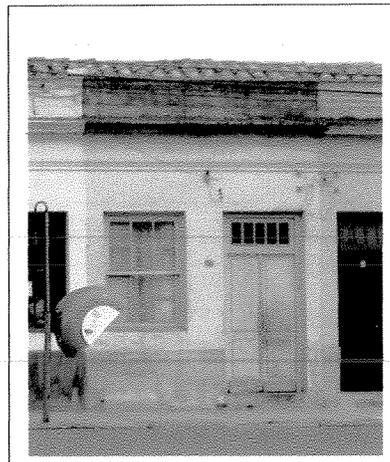
Fonte: dissertação de Guigou-Norro

Obs: devido á problemas judiciais os inquilinos não estão permitindo fotografias nem tampouco medições. A plantas da dissertação de Guigou-Norro foram a utilizadas no Levantamento de campo e as plantas atuais conferem com as desenhadas por Guigou-Norro.

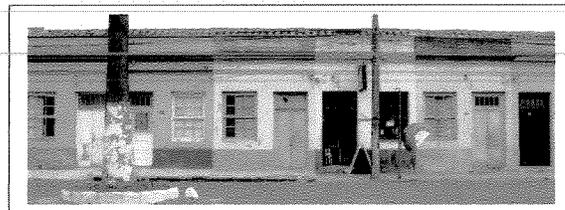
4. Tipologia Arquitetônica	
x	Residencial
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote	
x	Fita
	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
	Com recuo frontal

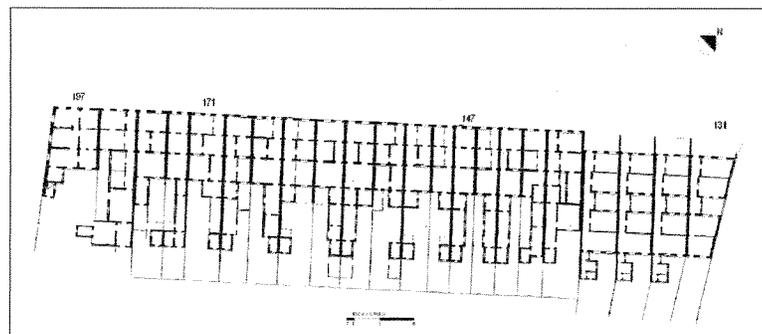
6. Planta	
x	Retangular
	Em L
	Em U
	Irregular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros
6.a	Número de pisos
x	Térreo
	Dois pavimentos
	Mais pavimentos



Casa n. 147
Foto: outubro/2002



Casa n. 147- entorno
Foto: outubro/2002



Observações da planta- baixa:

Não sofreu modificações relevantes ao longo dos

anos, foi construído somente uma garagem nos

Fundos. Atualmente, confere com a planta transcrita

na dissertação de Guigou-Norro.

7. Telhado	
	Telhado em mansarda
x	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
x	Empena lateral
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
x	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
x	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

Observações a respeito da composição do telhado:

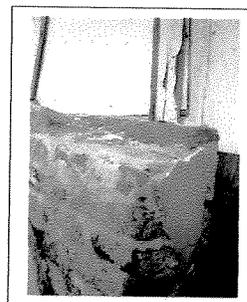
A estrutura do telhado é simples e compartilhada

possuindo duas águas e telhas do tipo capa-canal.

As tesouras de madeira são perpendiculares à



Tipo de estrutura do telhado das casas de operários -Casa demolida em maio/2003
Foto:junho/2003



Tipo de estrutura de parede das casas de operários -Casa demolida em maio/2003
Foto:junho/2003

prumada da parede da fachada

8. Técnicas Construtivas

8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
	Parede dupla
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos

9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica
	Ladrilho hidráulico
	Madeira macho fêmea
	Tábua Corrida
	Cimento
9.a.3	Forros
x	Madeira – tábua de 30cm - pinho
	Estuque
	Forrinho plástico
	Gesso
	Tipo saia e camisa

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

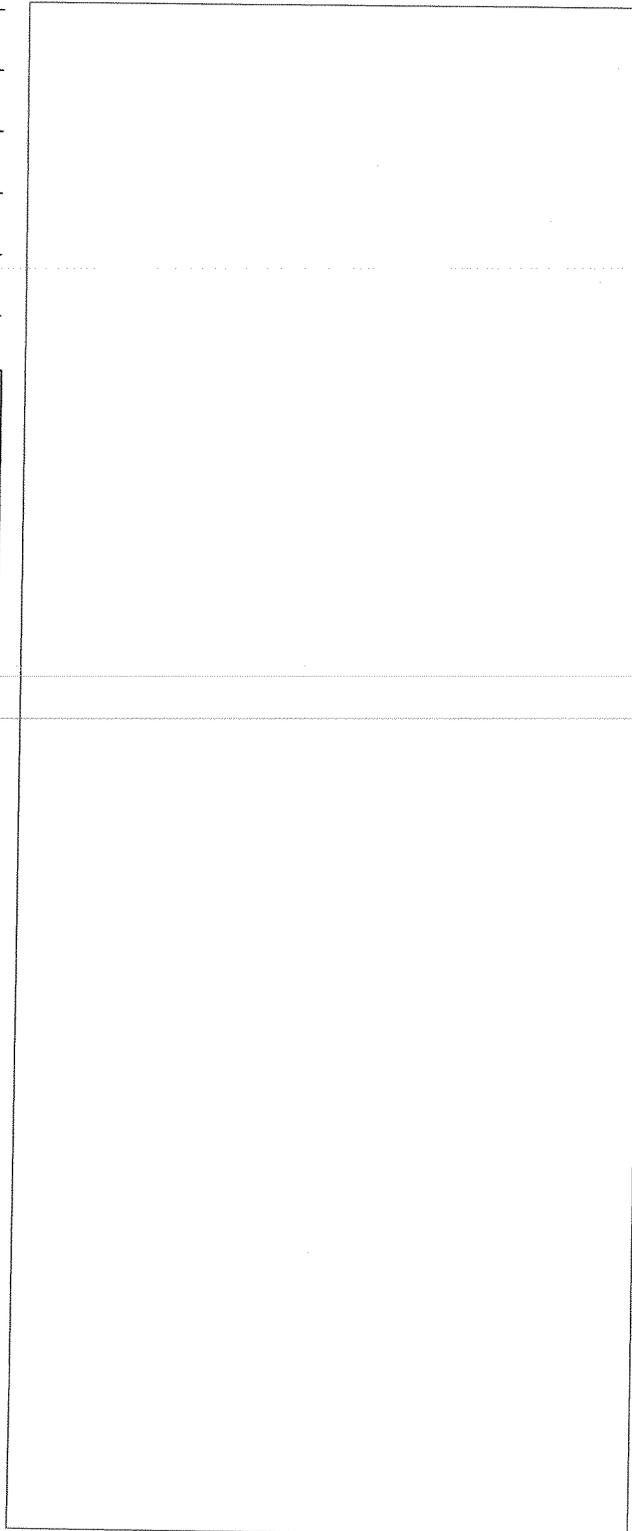
Pintura em algumas paredes com cal .

Paredes compartilhadas a cada duas casas.

Paredes internas com 20cm de espessura.

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
	Janela de abrir
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
	correr
x	Guilhotina
	Janela de lucarna
	Janela pivotante
9.b.3	Material Utilizado
	Aluminio
	Ferro
x	Madeira

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
	de arco pleno



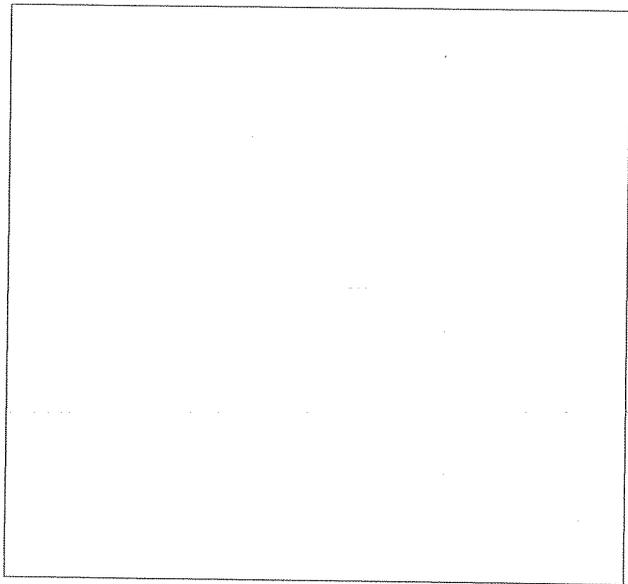
x	de verga reta
x	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada
x	Porta Duas Folhas
	Porta Simples maciça
	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.d	Escadas
	Em dois sentidos
	Em L
	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
	Madeira
	Misto M/F

Observações:

Casa térrea, não possui escada.

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas	
	Bossagem
	Colunas
	Faixas
	Festão
x	Frisos
	Frontão
	Moldura
	Óculo
	Pilastras
	Volutas
x	Cornija



Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

CASA NÚMERO: 131		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas,131		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 88,00 m ² (atual aprox.)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia.) Data da Construção: entre 1884 e 1900			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Casa térrea situada na via arterial de acesso à cidade, próxima ao Cemitério Municipal Cristão distante do Centro Histórico aproximadamente 1500m.			
DESCRIÇÃO: casa de porta e duas janelas com ático, no meio de quadra com telhado duas águas e recuada na frente com um muro de pedra e gradis de ferro.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
X	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas - planta
X	Fotografias antigas
	Levantamento da C.U. F
	Planta baixa original
X	Planta baixa reproduzida em outra fonte
	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
	Outra documentação

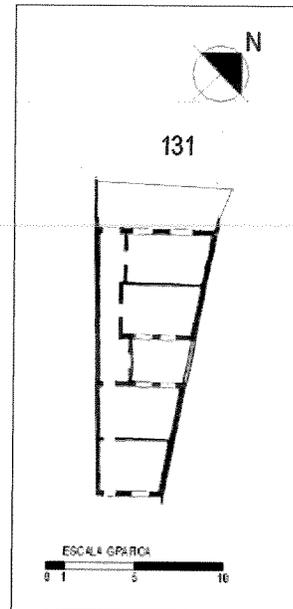
1.Funções da Edificação	
	Em atividade na Função Original
X	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
X	Residencial unifamiliar
	Industrial



	Outros
1.b	Função Atual
	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
x	Comercial
	Misto
	Industrial
	Outros

2.Estado de Conservação	
	Bom
	Satisfatório
x	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
x	Deformidade na disposição das telhas
	Repintura generalizada
x	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
x	Fissuras
	Falta de partes de elementos decorativos
x	Desprendimentos
	Lacunas
x	Apodrecimentos
x	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros

3.Fatores da degradação	
x	Falta de manutenção
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
x	Peças danificadas pela ação do tempo
x	Peças danificadas pela ação de chuvas
	Ataque por insetos xilófagos
	Outros



Planta –Baixa Atual
(provável original).
Fonte: dissertação de Guigou-Norro

Obs: devido á problemas judiciais os inquilinos não estão permitindo fotografias nem tampouco medições. A plantas da dissertação de Guigou-Norro foram a utilizadas no Levantamento de campo e as plantas atuais conferem com as desenhadas por Guigou-Norro.

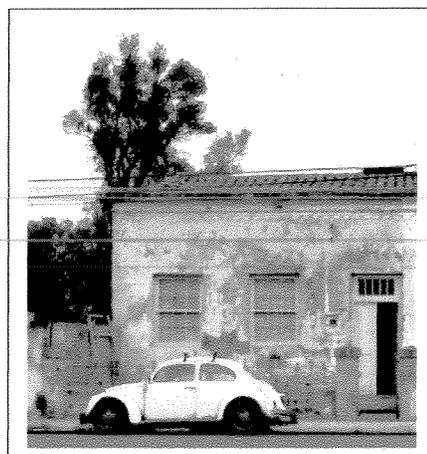
4. Tipologia Arquitetônica	
x	Residencial
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote	
x	Fita
	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
	Com recuo frontal

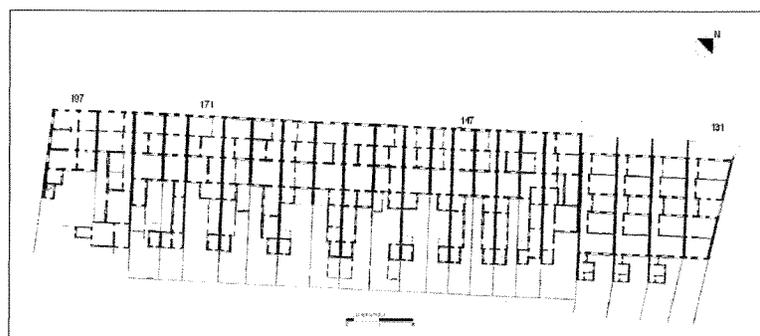
6. Planta	
x	Retangular
	Em L
	Em U
	Irregular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros
6.a	Número de pisos
x	Térreo
	Dois pavimentos
	Mais pavimentos



Casa n. 131
Foto: setembro/2002



Casa n. 131
Foto: outubro/2002



Observações da planta- baixa:

Atualmente, confere com a planta transcrita
na dissertação de Guigou-Norro.

7. Telhado	
	Telhado em mansarda
x	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
x	Empena lateral
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
x	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
x	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

Observações a respeito da composição do telhado:

A estrutura do telhado é simples e compartilhada
possuindo duas águas e telhas do tipo capa-canal.

As tesouras de madeira são perpendiculares à

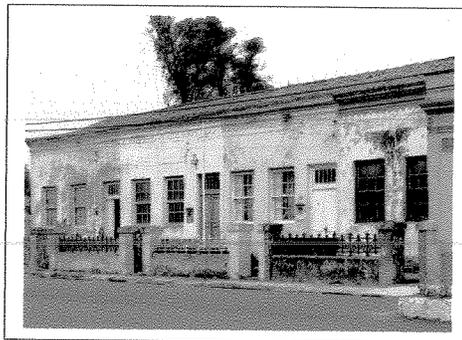


Foto do Conjunto de casas
Foto: setembro/2002



Foto do Conjunto de casas
Foto: setembro/2002



Casa n.131-Detalhe
Foto: setembro/2002

prumada da parede da fachada como em todas

as outras casas de operários.

8. Técnicas Construtivas

8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
	Parede dupla
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos

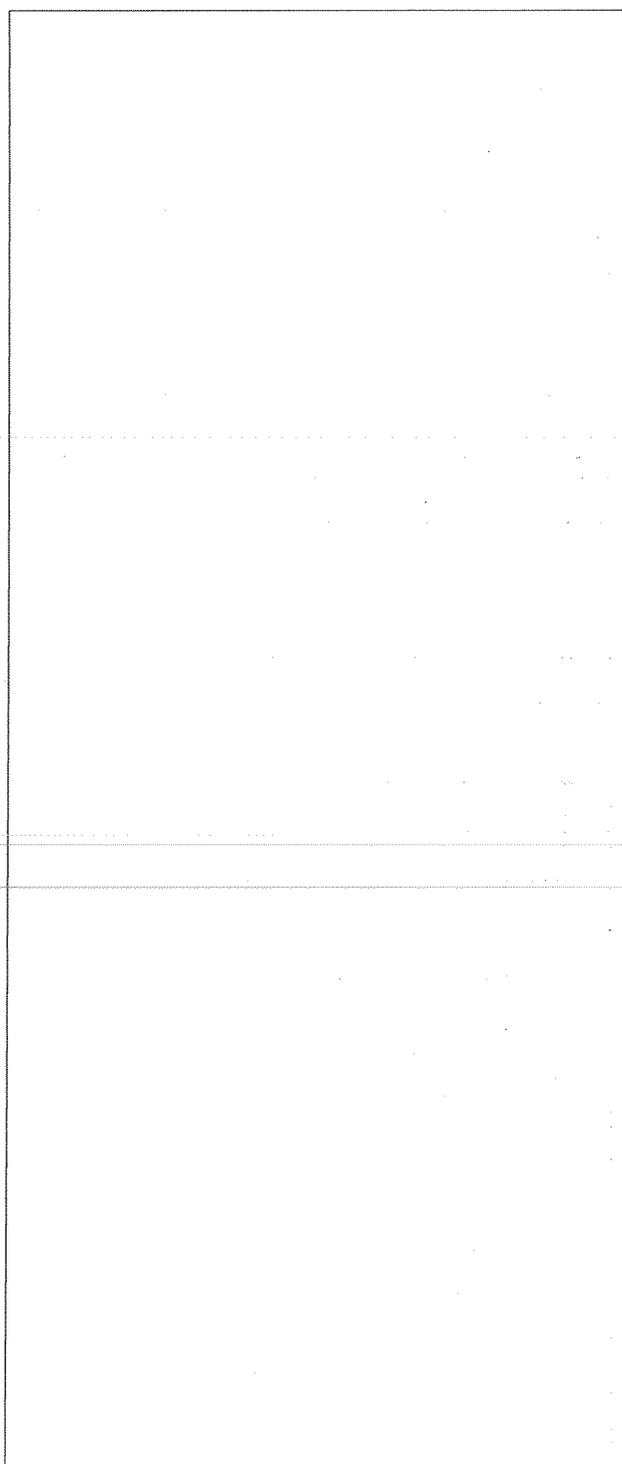
9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica
	Ladrilho hidráulico
	Madeira macho fêmea
x	Tábua Corrida
	Cimento
9.a.3	Forros
	Madeira – tábua de 30cm - pinho
	Estuque
	Forrinho plástico
	Gesso
x	Tipo saia e camisa c/ cimalha

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
	Janela de abrir
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
	correr
x	Guilhotina
	Janela de lucarna
	Janela pivotante
9.b.3	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
	de arco pleno
x	de verga reta
x	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada
x	Porta Duas Folhas
	Porta Simples maciça
	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Aluminio
	Ferro
x	Madeira

9.d	Escadas
	Em dois sentidos
	Em L
	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
	Madeira
	Misto M/F



Observações:

Casa térrea, não possui escada.

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas	
	Bossagem
	Colunas
	Faixas
	Festão
x	Frisos
	Frontão
	Moldura
	Óculo
	Pilastras
x	Concha formando debrum
x	Cornija

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

CASA NÚMERO: 4		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas,		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 222,58 m ² (aprox. atualmente)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia.) Data da Construção: não se tem este dado preciso			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Residência de lote de esquina, situada na bifurcação da via arterial de acesso de entrada e saída da cidade com a Av. Major Carlos Pinto (canalete). Cerca de 1400 m do centro histórico e com fundos para a Estação ferroviária.			
DESCRIÇÃO: Casa geminada, de esquina e com dois pavimentos. Possuindo entrada pela porta principal na parte central da fachada com frente à Av. Presidente Vargas.			

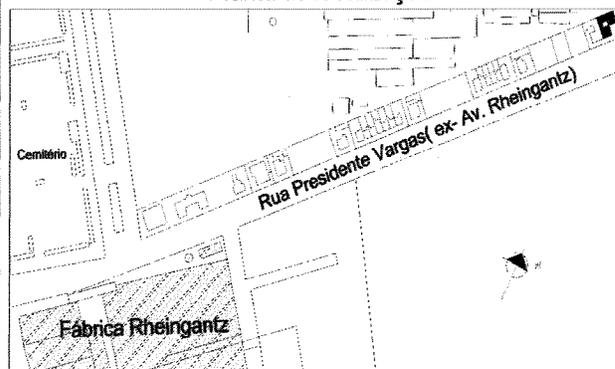
MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)

	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas - planta
x	Fotografias antigas
	Levantamento da C.U. F
	Planta baixa original
x	Planta baixa reproduzida em outra fonte
x	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
	Outra documentação

1. Funções da Edificação

x	Em atividade na Função Original
	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
x	Residencial unifamiliar
	Industrial

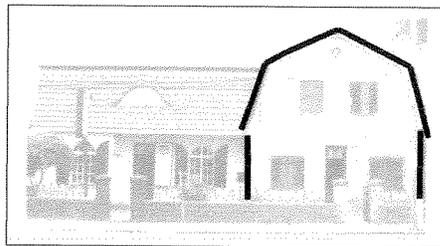
Planta de localização



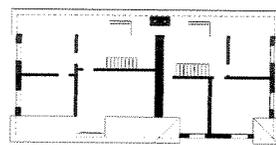
	Outros
1.b	Função Atual
x	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
x	Comercial
	Misto
	Industrial
	Outros

2.Estado de Conservação	
x	Bom –sendo reformada
	Satisfatório
	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
	Deformidade na disposição das telhas
x	Repintura generalizada
	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
	Fissuras
	Falta de partes de elementos decorativos
	Desprendimentos
	Lacunas
	Apodrecimentos
	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros

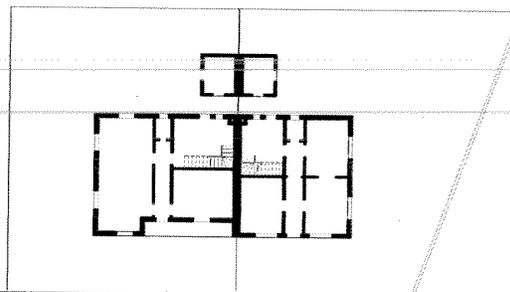
3.Fatores da degradação	
	Salinidade
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
x	Peças danificadas pela ação do tempo
	Peças danificadas pela ação de chuvas
	Ataque por insetos xilófagos
	Outros



Casa 4 – em negro



Pav. Superior - Casa- 5 Pav. Superior - Casa- 4



Pav. Térreo Casa- 5 Pav. Térreo Casa- 4



Provável planta original
Casa 4 (direita) – como são geminadas, o
desenho teve de ser feito
das duas casas juntas.
Fonte : dissertação Guigou-Norro

4. Tipologia Arquitetônica

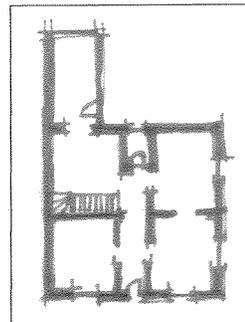
x	Residencial
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote

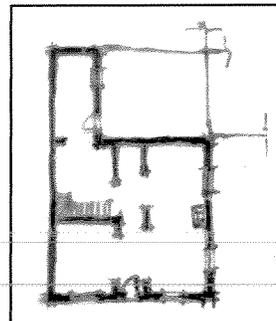
	Fita
	Isolada no lote
	Geminada
x	Com recuo lateral
x	Com recuo frontal

6. Planta

	Quadrangular
	Em L
	Em U
x	Irregular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros
6.a	Número de pisos
	Térreo
x	Dois pavimentos
	Mais pavimentos

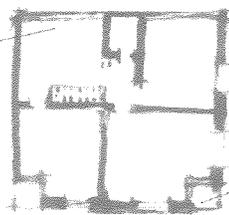


Croqui da situação da casa anterior à reforma ocorrida em junho/2003- fonte: Levantamento no local



Croqui da situação da casa durante a reforma em junho/2003- térreo fonte: Levantamento no local

Forno de madeira que conformava a parede substituído por parede de pré-laje que acompanha a inclinação do telhado. Conforme pedreiro: pré-laje inclinada com 6 cm de espessura.



Nos cantos dos quartos da frente permanece de madeira conforme era originalmente

Croqui da situação da casa durante a reforma em junho/2003- 2 pav. fonte: Levantamento no local

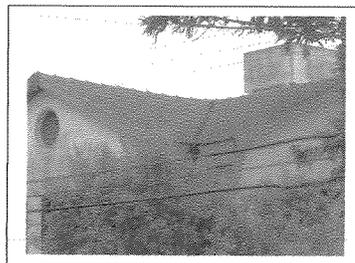
Observações da planta-baixa:

Foram demolidas duas paredes que eram de duas Salas transformando-se numa sala de dois ambientes e a antiga despensa ao fundo do corredor central foi transformada em bar. O antigo banheiro foi todo reformado com peças novas de cerâmica. Construída uma lareira no centro desta nova sala de dois ambientes.

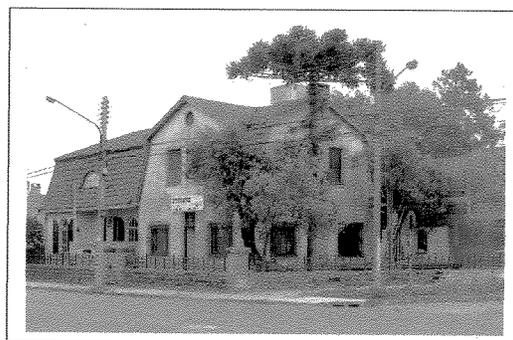
7. Telhado	
x	Telhado em mansarda
	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
x	Empena voltada para alinhamento predial
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
	Tesouras de Madeira
	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
x	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

Observações a respeito da composição do telhado:

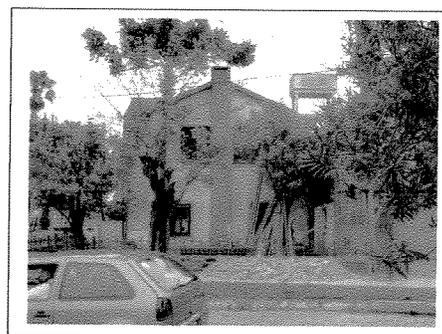
Telhado em mansarda com tesouras de madeira de lei compondo-se de 3 tesouras (segundo o pedreiro entrevistado dia 14 de junho de 2003) de seções de 24x24cm e demais terças com seções de 12x12 cm . Empena voltada para o alinhamento predial com



Detalhe da Cobertura
Foto: outubro /2002



Detalhe da esquina onde
está implantada a casa 4
Foto: outubro /2002



Detalhe da esquina onde
está implantada a casa 4
Foto: outubro /2002

cobertura duas águas encaixada no telhado em mansarda com cumeeira de mesma altura da cobertura principal.

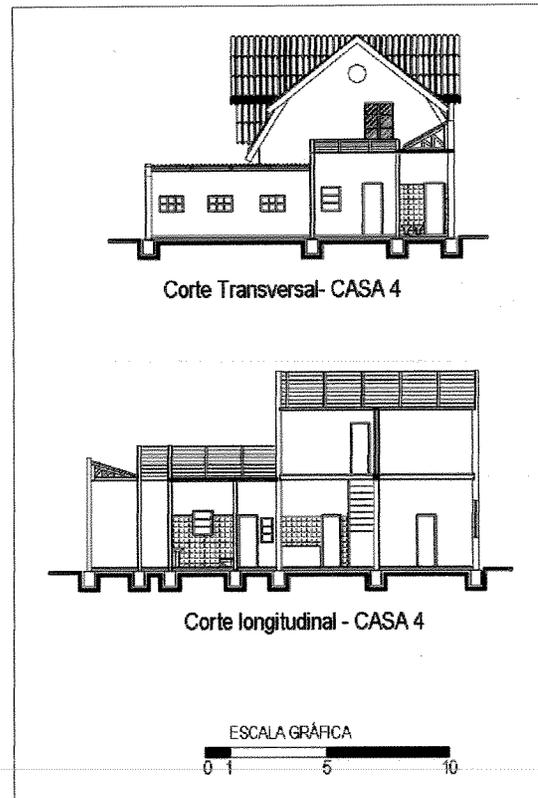
Uso de telhas francesas e pé-direito de 3m.

8. Técnicas Construtivas

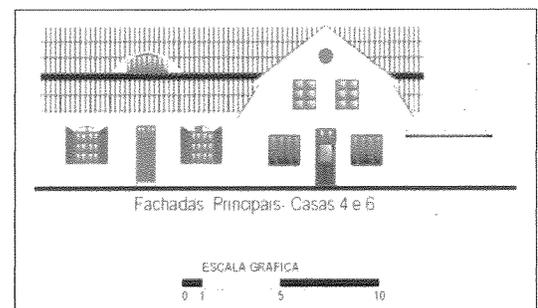
8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
	Parede dupla
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos

9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
x	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
x	Outros - pedra irregular
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica
	Ladrilho hidráulico
	Madeira macho fêmea
x	Tábua Corrida
	Tabuão
9.a.3	Forros
x	Pré-laje
	Estuque
x	Forrinho plástico
	Gesso
	Tipo saia e camisa



Cortes desenhados conforme uma planta de ampliação pesquisada nos arquivos da Prefeitura Municipal de Rio Grande em setembro/2002



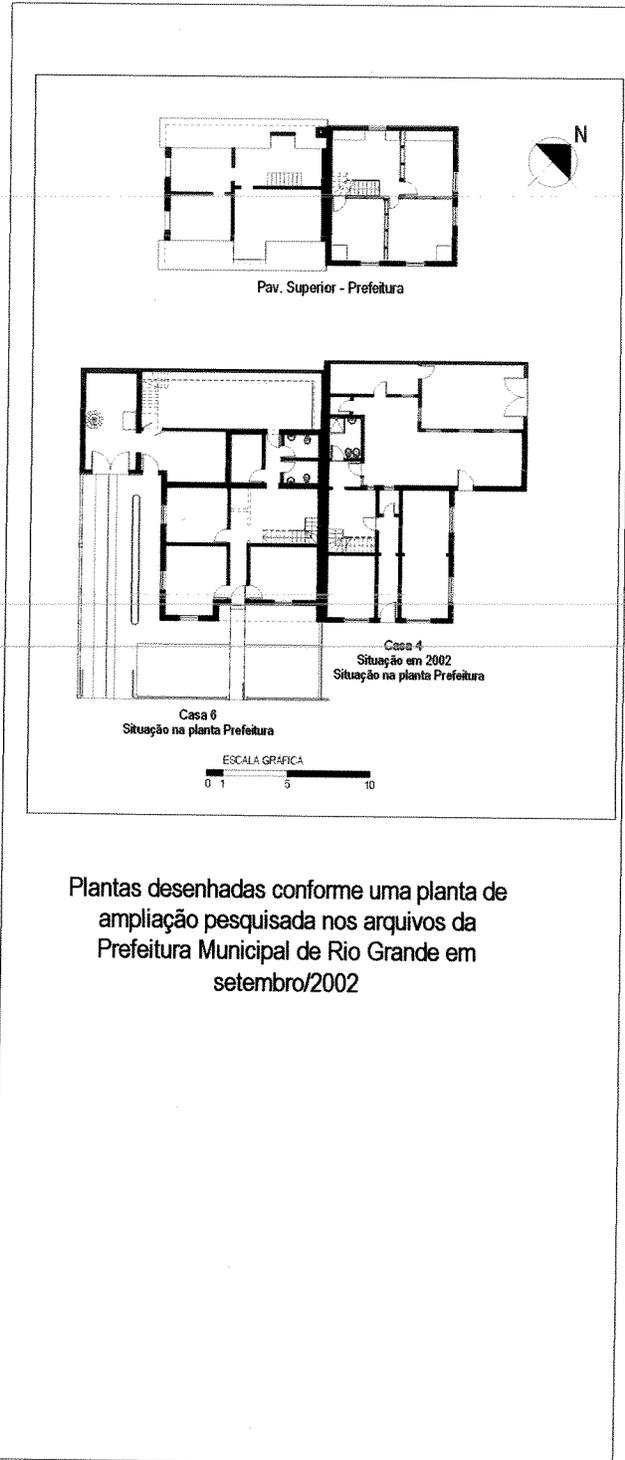
Fachada desenhada com base nos cortes da Prefeitura

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

Revestimento de pedra em uma das paredes com fins de ornamentação. Uso de tijolos de vidro para iluminar o banheiro. O forro de madeira e o piso do segundo pavimento foram todos retirados e feitos com pré-laje. As paredes do 2º pavimento foram refeitas com alvenaria de tijolos e construídas vigas de concreto para sustentá-las.

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
x	Janela de abrir com veneziana
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
x	Correr com persiana
x	Guilhotina
x	Janela basculante
	Janela pivotante
9.b.3	Material Utilizado
x	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.c	Portas
------------	---------------



Plantas desenhadas conforme uma planta de ampliação pesquisada nos arquivos da Prefeitura Municipal de Rio Grande em setembro/2002

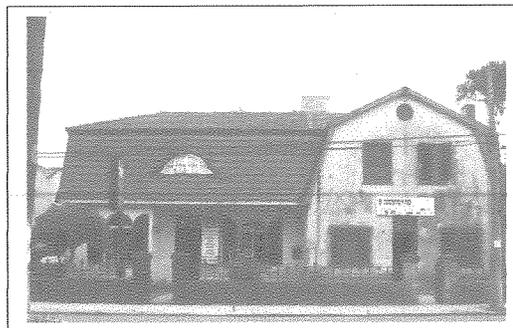
9.c.1	Quanto aos Vãos
	de arco pleno
x	de verga reta
x	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada
	Porta francesa
	Porta Simples maciça
	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.d	Escadas
	Em dois sentidos
x	Em L
	Reta
9.d.1	Material Utilizado
x	Alvenaria portante
	Ferro
	Madeira
	Misto M/F

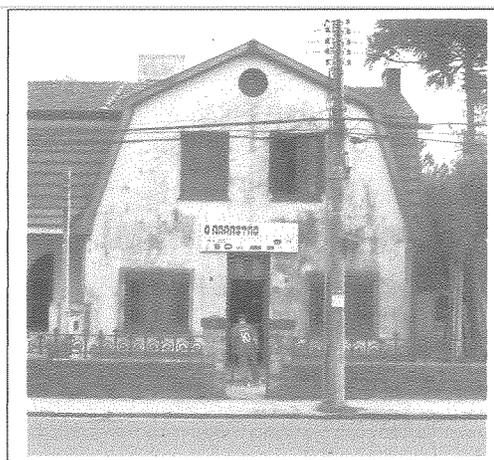
Observações:

A escada de madeira foi demolida e construída uma Nova em concreto armado e toda vazada e foram revestidos todos os degraus com piso cerâmico.

Obs: Não foi permitido fotografar o interior da casa. Atualmente está na fase de acabamento da reforma.



Fotos de outubro/2002



10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas

	Bossagem
	Colunas
	Faixas
	Festão
x	Frisos
	Frontão
	Moldura
x	Óculo
	Pilastras
	Volutas

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

CASA NÚMERO: 6		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas,6		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 313,29m ² (atualmente)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia.) Data da Construção: não se sabe			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Residência geminada a casa 4 situada na bifurcação da via arterial de acesso de entrada e saída da cidade com a Av. Major Carlos Pinto (canalete). Cerca de 1400 m do centro histórico e com fundos para a Estação ferroviária.			
DESCRIÇÃO: Casa geminada com dois pavimentos , acesso pela porta central na fachada com duas janelas e recuo lateral onde possui uma garagem ao fundo. A entrada principal é em frente à Av. Presidente Vargas.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
X	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
X	Fachadas - planta
X	Fotografias antigas
	Levantamento da C.U. F
	Planta baixa original
X	Planta baixa reproduzida em outra fonte
X	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
	Outra documentação

1.Funcões da Edificação	
	Em atividade na Função Original
X	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
X	Residencial unifamiliar
	Industrial



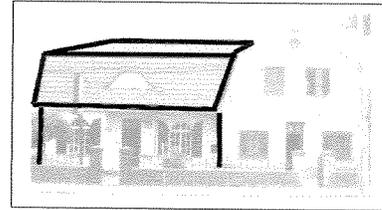
	Outros
1.b	Função Atual
	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
	Comercial
	Misto
	Industrial
x	Outros Escola de Informática

2. Estado de Conservação

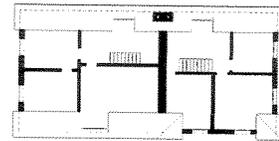
	Bom
x	Satisfatório
	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
x	Deformidade na disposição das telhas
x	Repintura generalizada
	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
	Fissuras
	Falta de partes de elementos decorativos
x	Desprendimentos
	Lacunas
	Apodrecimentos
x	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros

3. Fatores da degradação

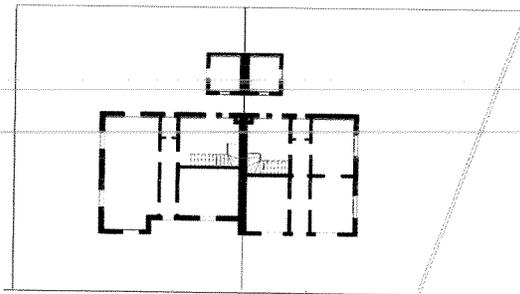
	Salinidade
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
	Peças danificadas pela ação do tempo
	Peças danificadas pela ação de chuvas
	Ataque por insetos xilófagos
	Outros



Casa 6 - negrito



Pav. Superior - Casa- 6 Pav. Superior - Casa- 4



Pav. Térreo Casa- 6 Pav. Térreo Casa- 4

ESCALA GRÁFICA
0 1 5 10

Provável planta original
Casa 6 (esquerda) – como são geminadas, o
desenho teve de ser feito
das duas casas juntas.
Fonte : dissertação Guigou-Norro

4. Tipologia Arquitetônica

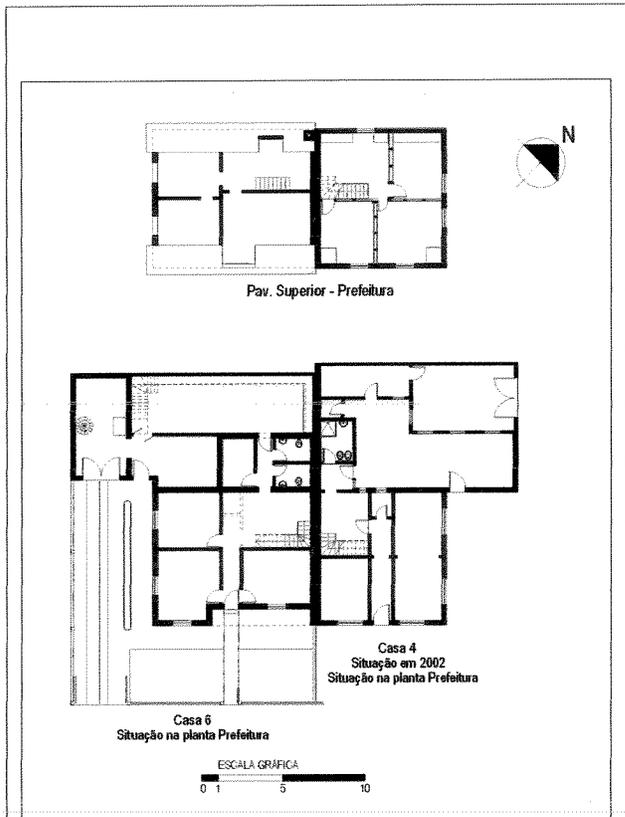
x	Residencial
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote

	Fita
	Isolada no lote
	Geminada
x	Com recuo lateral
x	Com recuo frontal

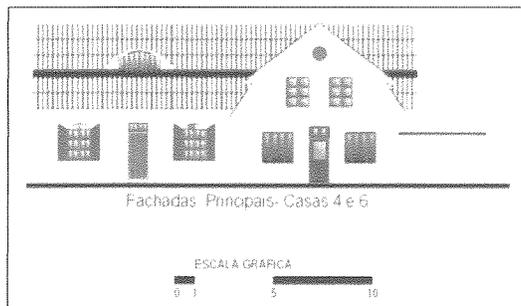
6. Planta

	Quadrangular
	Em L
	Em U
x	Irregular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros
6.a	Número de pisos
	Térreo
x	Dois pavimentos
	Mais pavimentos



Plantas desenhadas conforme uma planta de ampliação pesquisada nos arquivos da Prefeitura Municipal de Rio Grande em setembro/2002

Obs: Não foi feito croqui atual pois a planta confere com a da Prefeitura de autoria do Arq. William Pavão.



Fachada desenhada com base nos cortes da Prefeitura

Observações da planta- baixa:

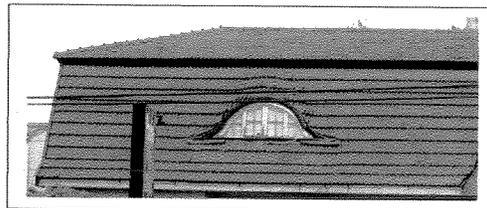
Sofreu uma grande reforma e acréscimos conforme um projeto de ampliação feito pelo arquiteto William Xavier Pavão pesquisado no arquivo de plantas da Prefeitura Municipal. As obras adequaram à casa para seu novo uso.

7. Telhado

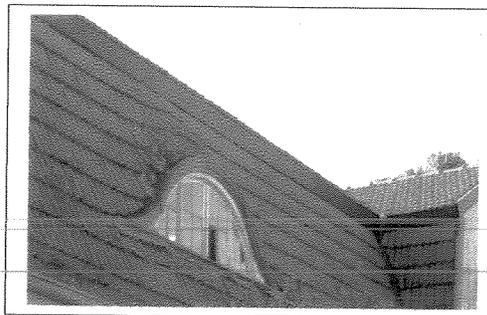
x	Telhado em mansarda
	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
x	Sobrancelha
	Empena
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
	Tesouras de Madeira
	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
x	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

Observações a respeito da composição do telhado:

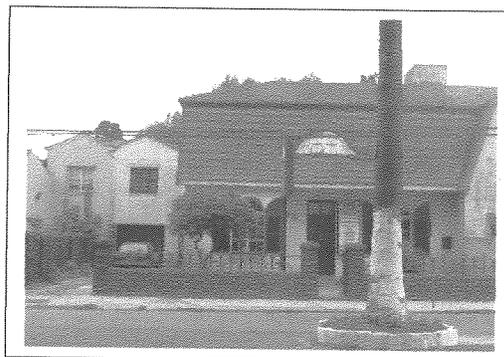
Provavelmente feito com tesouras de madeira como é representado no corte do projeto de ampliação feito pelo escritório de arquitetura de William X. Pavão Presente no arquivo da Prefeitura e pesquisado em



Detalhe do Telhado
Foto: outubro/2002



Janela de Lucarna ou Sobrancelha
do 2º pav.
Foto: setembro/2002



Casa 6
Foto: outubro/2002

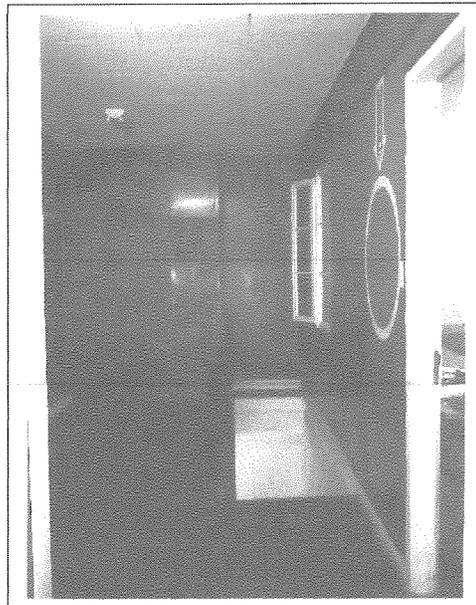
Julho de 2002. O alçapão que dá acesso ao telhado foi vedado com tijolos devido a furtos ocorridos através do telhado por isso não foi possível fazer um levantamento fotográfico e mais detalhado da cobertura.

8. Técnicas Construtivas

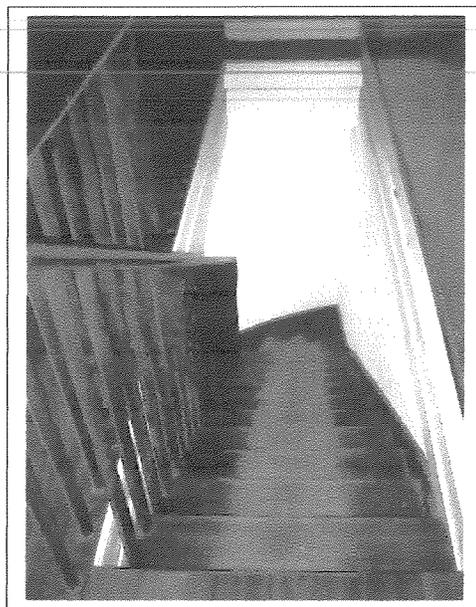
8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
	Parede dupla
	Alvenaria de blocos vazados
x	Madeira (divisórias)

9. Elementos arquitetônicos

9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica
	Ladrilho hidráulico
	Madeira macho fêmea
x	Tábua Corrida
x	parquet
9.a.3	Forros
x	Cedrinho
x	eucatex
	Forrinho plástico
	Gesso
	Tipo saia e camisa



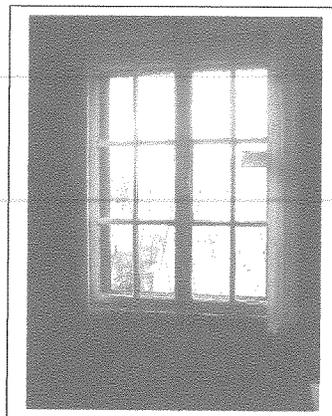
Distribuidor do 2º pavimento
Foto: junho/2003



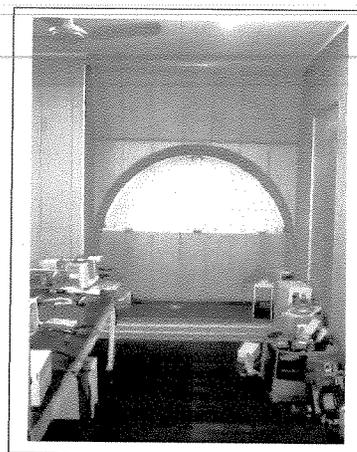
Vista da escada original
Foto: junho/2003

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
x	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
x	janela com bandeira
x	Outros – janela curva (lucarna baixa)
9.b.2	Tipo de abertura
x	Janela de abrir
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
	correr
	Guilhotina
x	Janela de lucarna
	Janela pivotante
9.b.3	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira



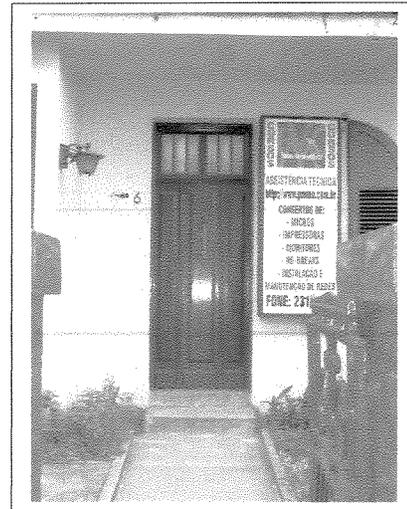
Janela do quarto do 2º pavimento
Foto:junho/2003



Janela de Lucarna – vista do interior
Foto:junho/2003

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
	de arco pleno
x	de verga reta
x	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada
	Porta francesa
x	Porta Simples maciça
x	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.d	Escadas
	Em dois sentidos
x	Em L
x	circular
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
x	Ferro
x	Madeira
	Misto M/F



Porta de entrada principal
Foto: outubro/2002



Janela com postigo – fachada principal
Foto: outubro/2002

Observações:

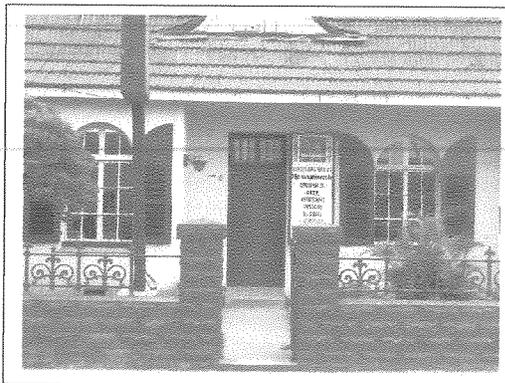
A escada permanece original e é toda de madeira (pinho).

A outra escada de ferro fica na garagem nos fundos.

No 2º pavimento há piso de laminado de madeira.

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas

	Bossagem
	Colunas
	Faixas
	Festão
	Frisos
	Frontão
	Moldura
	Óculo
	Pilastras
	Volutas



Fachada Principal
Foto: outubro/2002

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

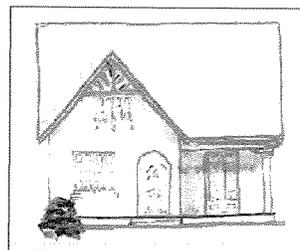
CASA NÚMERO: 46		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas,46		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 131,01m ² (casa atual)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia.) Data da Construção: agosto de 1924 conforme Guigou-Norro			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Residência com frente para a principal via arterial de acesso e saída à cidade, a cerca de 1500m do centro histórico da cidade.			
DESCRIÇÃO: Casa de dois andares com um alpendre, recuada do alinhamento com um muro e gradis de ferro na frente. Nas laterais portão de garagem e muros.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
	Cortes
X	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas - planta
	Fotografias antigas
	Levantamento da C.U. F
	Planta baixa original
x	Planta baixa reproduzida em outra fonte
	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
	Outra documentação anexos na dissertação de Júlio Guigou-Norro

1.Funções da Edificação	
	Em atividade na Função Original
x	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
x	Residencial unifamiliar
	Industrial

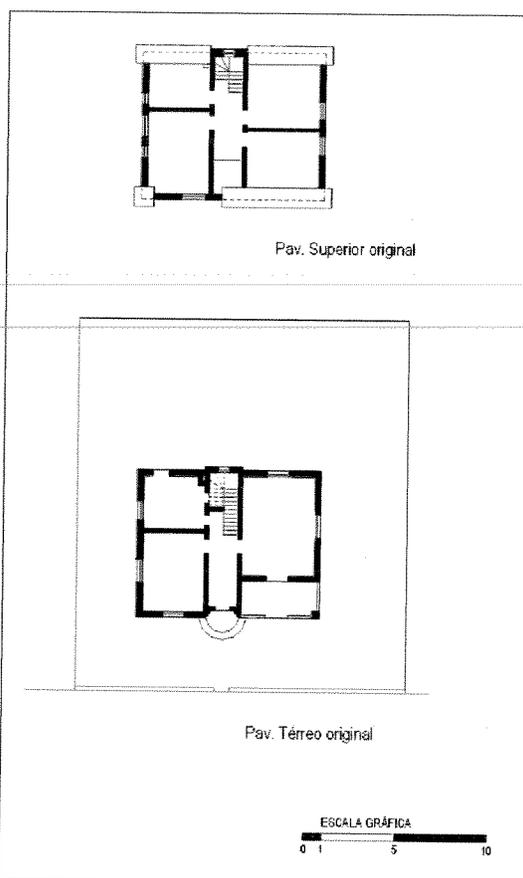


	Outros
1.b	Função Atual
	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
	Comercial
	Misto
	Industrial
x	Outros Escola e maternal



Croqui da Fachada

2.Estado de Conservação	
x	Bom
	Satisfatório
	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
	Deformidade na disposição das telhas
x	Repintura generalizada
	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
	Fissuras
	Falta de partes de elementos decorativos
	Desprendimentos
	Lacunas
	Apodrecimentos
	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros



Pav. Térreo original

Pav. Superior original

3.Fatores da degradação	
	Salinidade
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
	Peças danificadas pela ação do tempo
	Peças danificadas pela ação de chuvas
	Ataque por insetos xilófagos
	Outros

Provável Planta Original
 Fonte:
 Levantamento de
 Guigou-Norro

4. Tipologia Arquitetônica

x	Residencial
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote

	Fita
x	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
x	Com recuo frontal

6. Planta

	Quadrangular
	Em L
	Em U
x	Retangular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros

6.a Número de pisos

	Térreo
x	Dois pavimentos
	Mais pavimentos

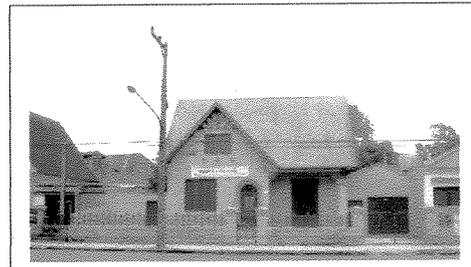
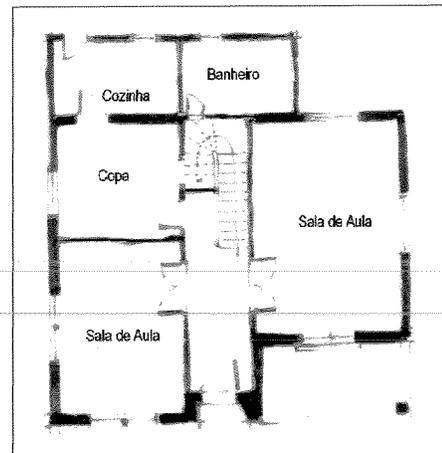
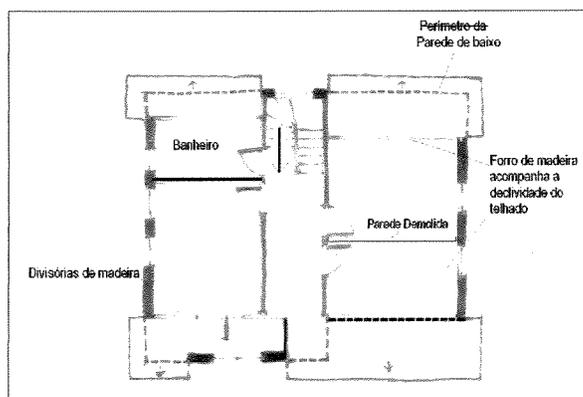


Foto da residência
Outubro/2002



Planta Atual do pavimento térreo
conforme levantamento feito no local
em maio de 2003

Planta Atual do pavimento superior
conforme levantamento feito no local
em maio de 2003



Observações da planta- baixa:

Com a reforma feita há um ano, foi construída uma co-

zinha nova no térreo ao lado do banheiro que tem acesso por baixo do vão da escada. Nos fundos foi

construído um compartimento (cob.de uma água)com divisórias de madeira onde ficam as salas da administração da escola. Um novo banheiro foi construído nos fundos para os funcionários.

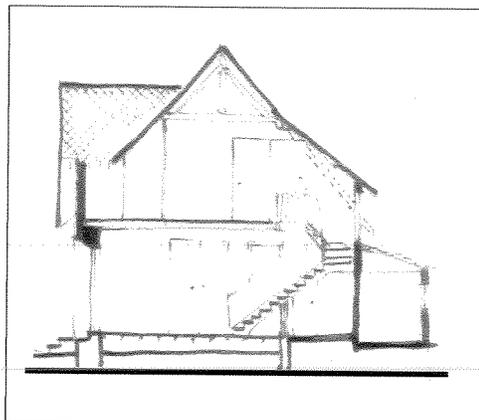
Uma parede que dividia dois quartos no 2º pav. foi demolida mas mantiveram as duas portas.

7. Telhado

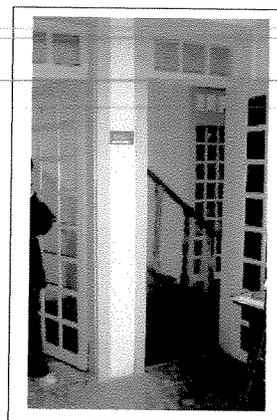
	Telhado em mansarda
x	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
x	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
	Empena
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

Observações a respeito da composição do telhado:

Telhado estruturado com tesouras de madeira, água furtada sobre uma cobertura de duas águas onde a Cumeeira é paralela ao alinhamento predial. O telhado foi todo reformado e colocado alguns remendos onde havia cupins. Telhas planas de cerâmica cobrem o telhado (4mm) .



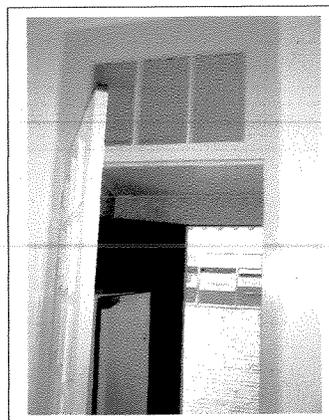
Corte esquemático



Vista da atual copa da circulação de entrada (escada) e acesso ao banheiro à esquerda.

8. Técnicas Construtivas	
8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
	Parede dupla
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos	
9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
x	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica - Lajotas
	Ladrilho hidráulico
	Madeira macho fêmea
x	Tábua Corrida
	Tabuão
9.a.3	Forros
	Cedrinho
	Estuque
x	Forrinho plástico – coz., banheiro
	Gesso
	Tipo saia e camisa



Vista da porta original da antiga cozinha com acesso externo aos fundos. Ao fundo, cozinha nova construída em 2002 e um compartimento para a administração da Escola (externo)



Janela Original do vão da escada e corrimão novo

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
x	Janela de abrir com veneziana
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
	correr
	Guilhotina
	Janela de lucarna
x	Janela Basculante
9.b.3	Material Utilizado
	Alumínio
x	Ferro
x	Madeira

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
x	de arco pleno
x	de verga reta



Forro original- vão da escada –
foto:junho/2003



Porta de entrada principal
Foto:Junho-2003

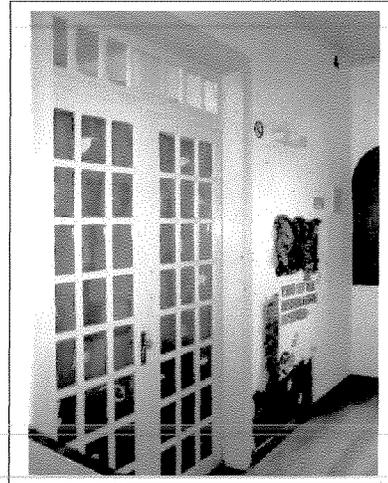
x	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada
	Porta francesa
x	Porta Simples maciça
	Porta Simples Oca
x	Porta Envidraçada
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.d	Escadas
x	Em dois sentidos
	Em L
	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
x	Madeira
	Misto M/F

Observações:

A escada foi restaurada mas o corrimão foi modificado.

Os pisos de cerâmica são todos novos no banheiro e na cozinha.



Porta Interna das Salas de Aula

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas	
	Bossagem
x	Coluna de base quadrada
	Faixas
	Festão
	Frisos
	Frontão
	Moldura
	Óculo
	Pilastras
	Volutas
x	Escoras (na empena)

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

CASA NÚMERO: 60		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas, 60		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 74,00 m ²		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia.) Data da Construção: não se sabe			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Conjunto de casas com frente á principal via arterial de acesso de entrada e saída da cidade. Situa-se aproximadamente a 1500m do centro histórico.			
DESCRIÇÃO: Casa da extremidade direita de um conjunto de casas com parede compartilhada. O telhado tipo chalé de dois pavimentos que se une ao do conjunto, possui porta de entrada na lateral esquerda da fachada e com recuos na frente e na lateral.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas – planta
	Fotografias antigas
x	Levantamento da C.U. F - implantação
	Planta baixa original
x	Planta baixa reproduzida em outra fonte
	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
	Outra documentação

1. Funções da Edificação	
	Em atividade na Função Original
x	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
x	Residencial unifamiliar
	Industrial

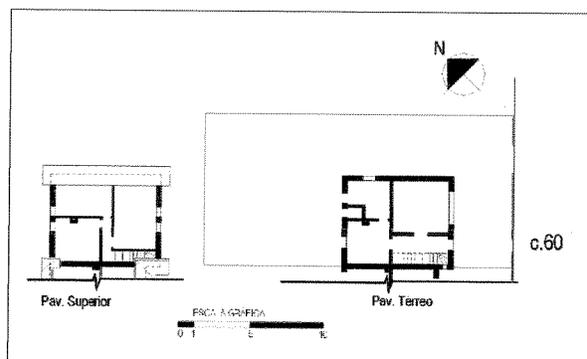


	Outros
1.b	Função Atual
	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
x	Comercial
	Misto
	Industrial
x	Outros - Borracharia

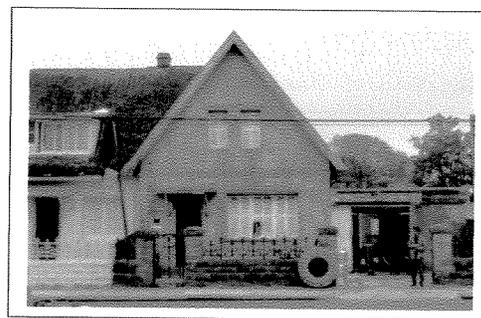


Croqui do conjunto de casas para operários

2.Estado de Conservação	
	Bom
	Satisfatório
x	Mau - Péssimo
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
x	Deformidade na disposição das telhas
	Repintura generalizada
x	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
x	Fissuras
	Falta de partes de elementos decorativos
x	Desprendimentos
	Lacunas
x	Apodrecimentos
x	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros



Provável planta -baixa original
Fonte:dissertação Guigou-Norro



Fachada da casa n.60
Atual - Borracharia
Foto:outubro/2002

3.Fatores da degradação	
	Salinidade
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
x	Peças danificadas pela ação do tempo
x	Peças danificadas pela ação de chuvas
	Ataque por insetos xilófagos
	Outros

4. Tipologia Arquitetônica

x	Residencial - polifamiliar
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote

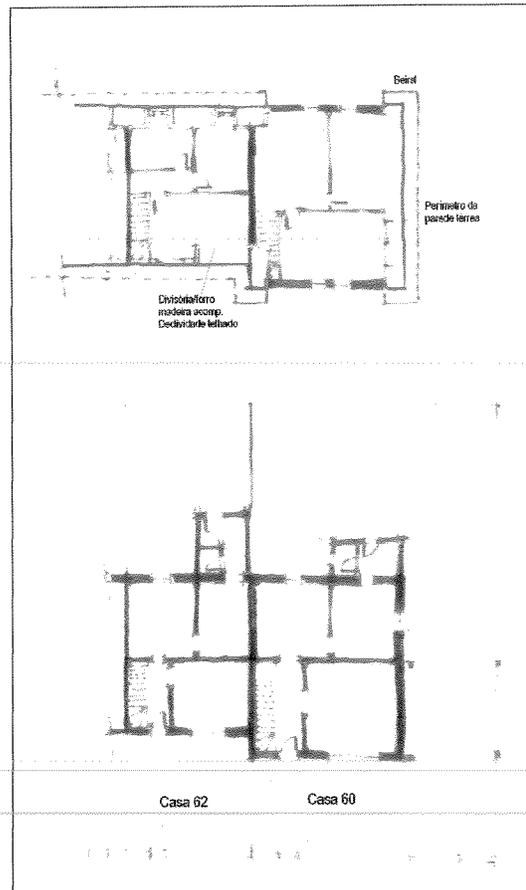
	Fita
x	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
x	Com recuo frontal

6. Planta

x	Retangular
	Em L
	Em U
	Irregular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros

6.a Número de pisos

	Térreo
x	Dois pavimentos
	Mais pavimentos



Plantas da casa n.60 atualmente
(planta da direita)

Fonte: Levantamento no local em
junho/2003

Obs: Do conjunto de casas somente foi permitida
entrada e levantamento destas por sorte são os dois
tipos distintos de casas do conjunto.



Panorama geral das Casas

À direita no canto a c.60

Foto: setembro/2002

Observações da planta-baixa:

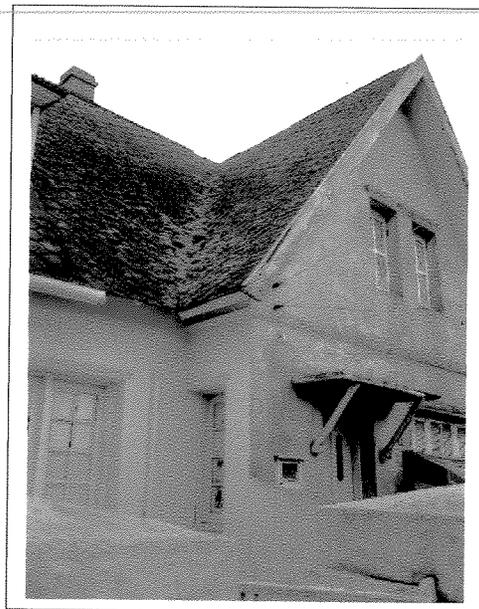
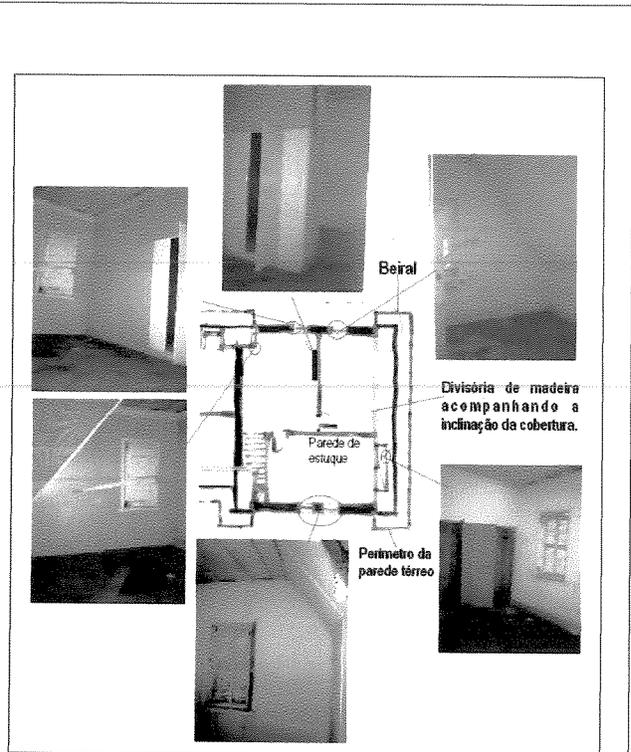
A planta permanece original com um acréscimo nos fundos onde há um banheiro que possuía acesso externo tendo sido feito um compartimento de cobertura de meia-água para anexa-lo ao corpo da casa no térreo. A parede da cozinha que dava acesso ao exterior foi demolida e construída uma nova.

7. Telhado	
	Telhado em mansarda
x	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
x	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
x	Empena
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
x	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

Observações a respeito da composição do telhado:

Cobertura única para todo conjunto, cumeeira de mesma altura com tesouras de madeira que se prolongam tipo cobertura de chalé

até a prumada das paredes do térreo conformando as



Detalhe da Cobertura
Foto: junho/2003

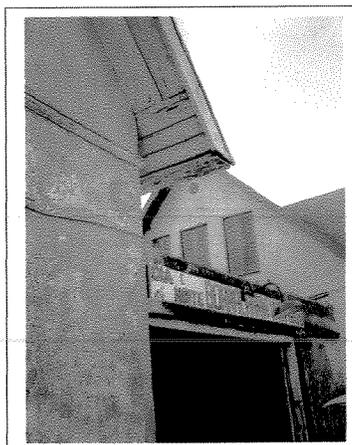
Paredes do 2º pavimento. Telhas finas de cerâmica.

8. Técnicas Construtivas

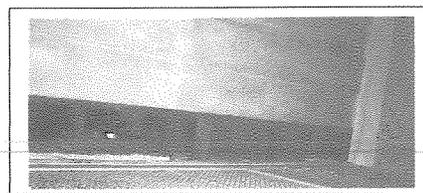
8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
x	Parede de estuque (2º pav.)
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos

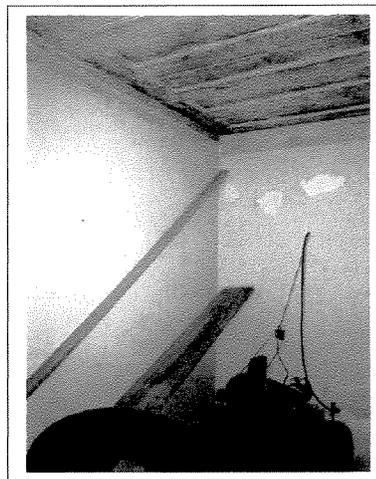
9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica
	Ladrilho hidráulico
x	Madeira macho fêmea
	Tábua Corrida
	Tabuão
9.a.3	Forros
	Cedrinho
	Estuque
	Forrinho plástico
	Gesso
x	Tipo saia e camisa com cimalha



Detalhe do Beiral e acabamento
Foto:junho/2003



Detalhe do forro onde se vê parte do
Madeiramento de sustentação do
Telhado.
Foto:junho/2003



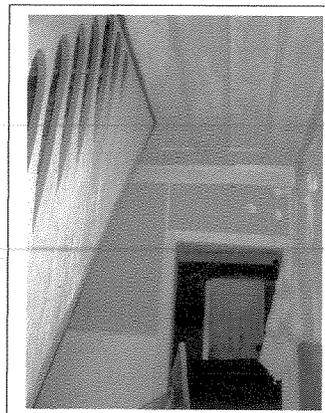
Detalhe forro saia-camisa
Foto:junho/2003 local: sala
frente do térreo

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

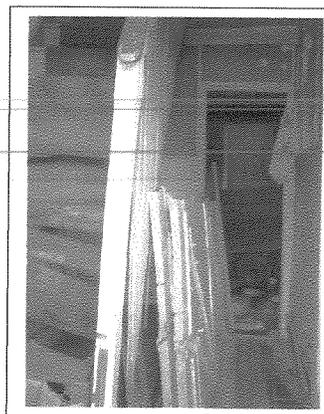
Presença de rodapé de madeira com 7 cm de altura.

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
x	Janela de abrir com postigo de madeira
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
	correr
x	Guilhotina com veneziana
	Janela de lucarna
	Janela basculante
9.b.3	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
	de arco pleno



Forro do distribuidor da entrada principal e corrimão da escada
Foto:junho/2003



Entrada principal : a escada em péssimo estado
Foto:junho/2003



x	de verga reta
	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada e envidraçada
	Porta francesa
x	Porta Simples maciça
	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Aluminio
	Ferro
x	Madeira

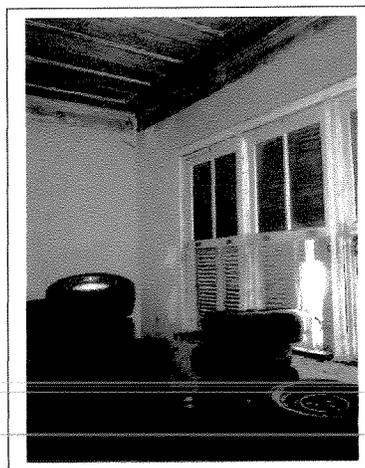
9.d	Escadas
	Em dois sentidos
	Em L
x	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
x	Madeira
	Misto M/F

Observações:

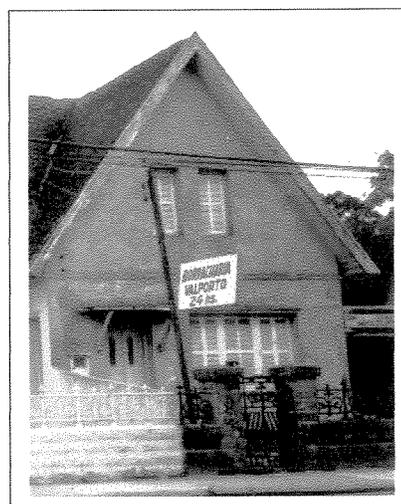
Nesta casa a escada permanece original mas está apodrecida e infestada de cupim. O piso do 2º pavimento também está em estado precário (podre) não sendo possível pisar-se com segurança.



Detalhe
Da parede
E do apoio
lateral da
escada
Foto:
junho/2003



Janelas da sala da frente
Foto:junho/2003



Porta de entrada Principal e fachada
Foto:setembro/2002

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas

	Bossagem
	Colunas
	Faixas
	Festão
x	Frisos
	Frontão
	Moldura
	Óculo
	Pilastras
	Volutas



Detalhe dos rodapés e caixilhos
Foto:junho/2003

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

O corrimão da escada e a forma desta se repete nas casas de n. 128 a 116.

CASA NÚMERO: 62		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas,62		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 62,32 m ² (atual aprox.)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia.) Data da Construção: não se tem essa informação			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Conjunto de casas com frente á principal via arterial de acesso de entrada e saída da cidade. Situa-se aproximadamente a 1500m do centro histórico.			
DESCRIÇÃO: Casa de meio, de dois pavimentos pertencente à um conjunto de casas com parede compartilhada. O telhado de duas águas se une ao conjunto e é único possui uma janela saliente. A fachada compõe-se por porta de entrada e janela. Possui recuo na frente e muro com gradis de ferro.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas – planta
	Fotografias antigas
x	Levantamento da C.U. F - implantação
	Planta baixa original
x	Planta baixa reproduzida em outra fonte
	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
	Outra documentação

1.Funções da Edificação	
x	Em atividade na Função Original
	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
x	Residencial unifamiliar
	Industrial

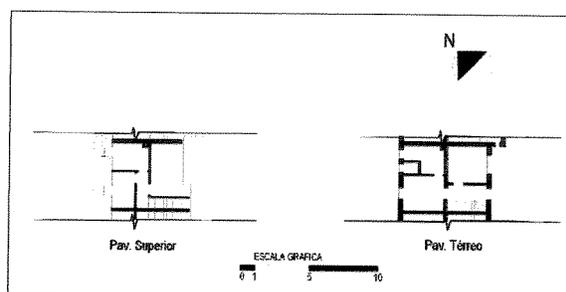


	Outros
1.b	Função Atual
x	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Outros



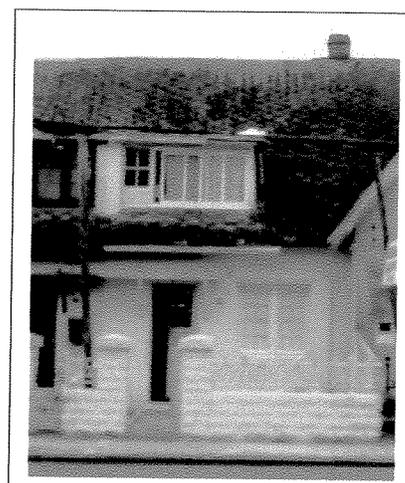
Croqui do conjunto de casas para operários

2.Estado de Conservação	
	Bom
	Satisfatório
x	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
x	Deformidade na disposição das telhas
	Repintura generalizada
x	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
	Fissuras
	Falta de partes de elementos decorativos
x	Desprendimentos
	Lacunas
x	Apodrecimentos
x	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros



Provável planta –baixa original
Fonte:dissertação Guigou-Norro

3.Fatores da degradação	
	Salinidade
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
x	Peças danificadas pela ação do tempo
	Peças danificadas pela ação de chuvas
	Ataque por insetos xilófagos
	Outros



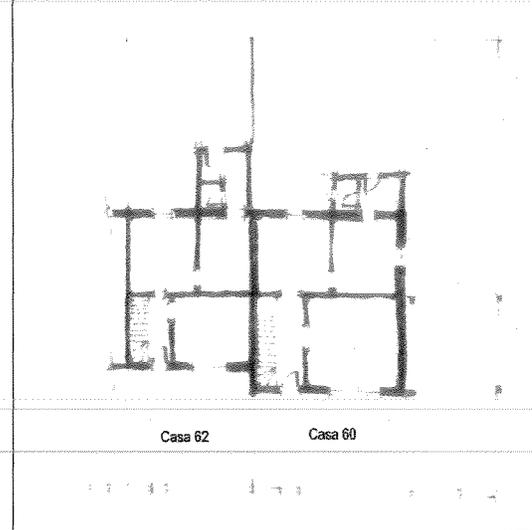
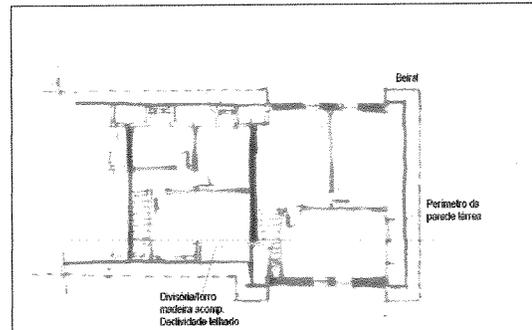
Fachada da casa n.62
Foto:outubro/2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

4. Tipologia Arquitetônica	
x	Residencial - polifamiliar
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

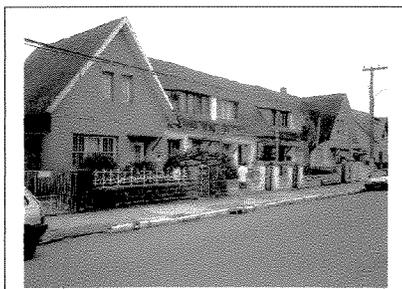
5. Tipo de implantação no lote	
	Fita
x	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
x	Com recuo frontal

6. Planta	
	Quadrangular
	Em L
x	Em U
	Irregular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros
6.a Número de pisos	
	Térreo
x	Dois pavimentos
	Mais pavimentos



Plantas da casa n.62 atualmente
 (planta da esquerda)
 Fonte: Levantamento no local em
 junho/2003

Obs: Do conjunto de casas somente foi permitida entrada e levantamento destas por sorte são os dois tipos distintos de casas do conjunto.



Panorama geral das Casas
 À direita a casa.62
 Foto: junho/2003

Observações da planta- baixa:

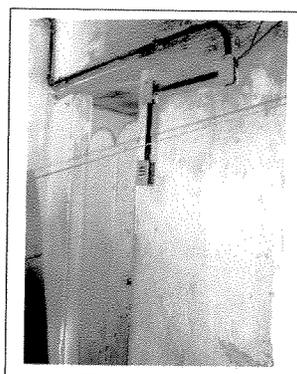
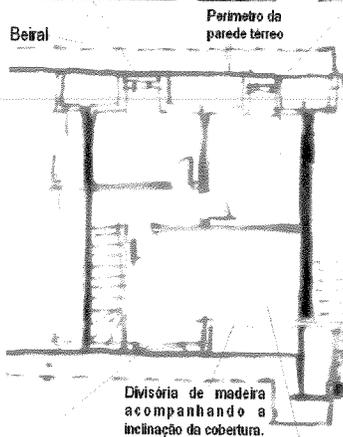
A planta permanece original com um acréscimo nos fundos onde há um banheiro que possuía acesso externo tendo sido feito um compartimento de cobertura de meia-água para anexa-lo ao corpo da casa no térreo.

7. Telhado

	Telhado em mansarda
x	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
x	Lucarna ou Trapeira
x	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
	Empena
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
x	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

Observações a respeito da composição do telhado:

Cobertura única para todo conjunto, com tesouras de madeira que se prolongam tipo cobertura de chalé até a prumada das paredes do térreo conformando as Paredes do 2º pavimento. Telhas finas de cerâmica.



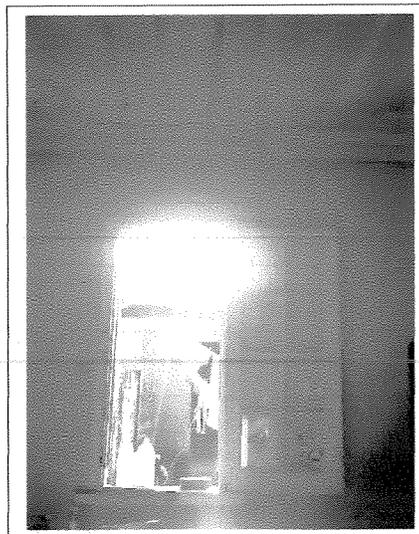
Detalhe da porta do banheiro e Instalações elétricas novas
Foto: junho/2003

8. Técnicas Construtivas

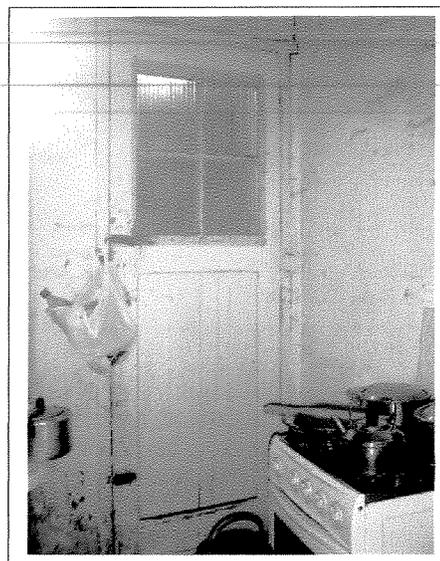
8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
x	Parede de estuque
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos

9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo à vista
	outros
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica
	Ladrilho hidráulico
x	Madeira macho fêmea
	Tábua Corrida
	Tabuão
9.a.3	Forros
	Cedrinho
	Estuque
	Forrinho plástico
	Gesso
x	Tipo saia e camisa



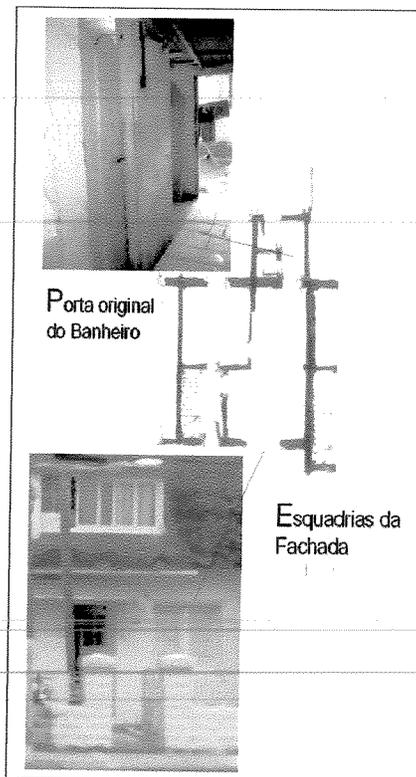
Janela original da atual Copa
Foto: junho/2003



Porta Original da Cozinha (acesso ao
banheiro que era externo antigamente)p
Foto: junho/2003

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
x	Janela de abrir com postigo de madeira
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
x	correr
	Guilhotina
	Janela de lucarna
x	Janela basculante
9.b.3	Material Utilizado
	Alumínio
x	Ferro
x	Madeira



Banheiro que era externo porém, atualmente está incorporado a mais um compartimento criado nos fundos. Conforme a proprietária, a porta é original. Junho/2003

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
	de arco pleno
x	de verga reta
	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada e envidraçada
	Porta francesa
x	Porta Simples maciça
	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.d	Escadas
	Em dois sentidos
	Em L
x	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
x	Madeira
	Misto M/F

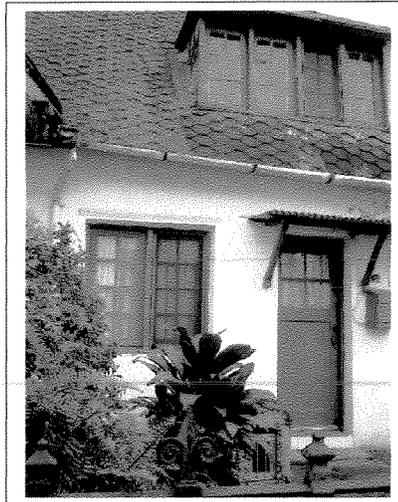
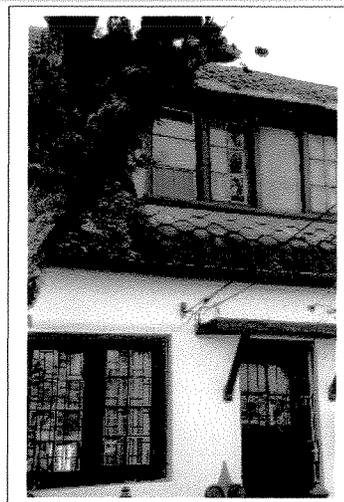


Foto da fachada das demais casas de Meio do conjunto, as plantas são rebatidas e a parede dividida o que diferencia são os aumentos nos fundos do térreo pois as fachadas são preservadas bem como as esquadrias pelo fato das Casas 60-70 serem tombadas pela Prefeitura Municipal.

Foto: setembro/2002



Observações:

Nesta casa a escada original apodreceu e foi posta
uma outra escada provisória de compensado de
madeira.

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas

	Bossagem
	Colunas
	Faixas
	Festão
x	Frisos
	Frontão
	Moldura
	Óculo
	Pilastras
	Volutas

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

CASA NÚMERO: 102		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas, 102		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 111,32 m ² (atual aprox.)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia) Data da Construção: não se tem essa informação			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Residência com frente a via arterial de acesso de entrada e saída da cidade distando cerca de 1500m do centro histórico.			
DESCRIÇÃO: Casa de dois pavimentos recuada do alinhamento com uma entrada principal lateral e com a empena da cobertura voltada para o alinhamento da calçada.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
x	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas - planta
	Fotografias antigas
	Levantamento da C.U. F
	Planta baixa original
x	Planta baixa reproduzida em outra fonte
	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
x	Outra documentação Levantamentos: no interior da casa realizado em 31 de maio de 2003.

1. Funções da Edificação	
x	Em atividade na Função Original
	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
x	Residencial unifamiliar
	Industrial



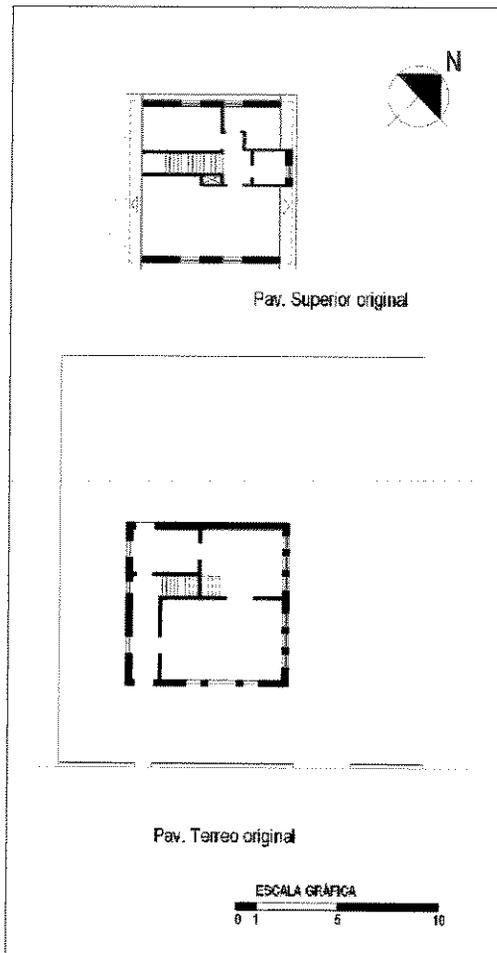
	Outros
1.b	Função Atual
x	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Outros

2.Estado de Conservação	
x	Bom- Reformada
	Satisfatório
	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
	Deformidade na disposição das telhas
x	Repintura generalizada
x	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
	Fissuras
	Falta de partes de elementos decorativos
x	Desprendimentos
	Lacunas
	Apodrecimentos
	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros

3.Fatores da degradação	
	Salinidade
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
	Peças danificadas pela ação do tempo
	Peças danificadas pela ação de chuvas
	Ataque por insetos xilófagos
	Outros



Croqui da Fachada atual



Provável planta original
Fonte: dissertação Guigou-Norro

4. Tipologia Arquitetônica	
x	Residencial
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote	
	Fita
x	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
x	Com recuo frontal

6. Planta	
	Quadrangular
	Em L
	Em U
x	Retangular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros
6.a Número de pisos	
	Térreo
x	Dois pavimentos
	Mais pavimentos

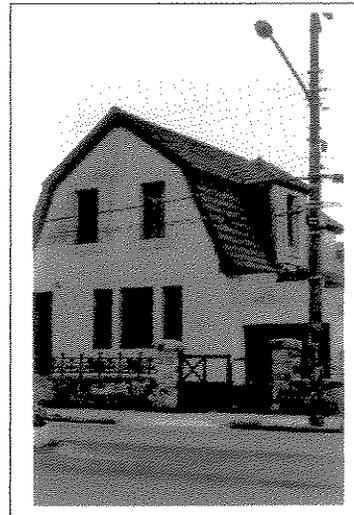


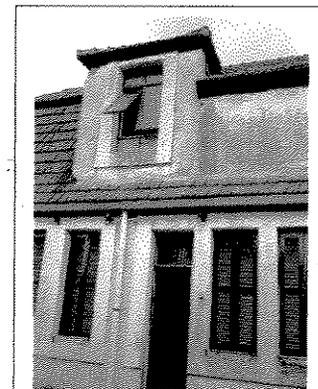
Foto de junho/2003



Foto de junho/2003



Fotos de junho/2003



Observações da planta- baixa:

A casa foi vendida e está sendo reformada atualmente.
Acréscimos foram construídos nos fundos como:
Churrasqueira, piscina, garagem e quarto de empregada com banheiro. A escada e o assoalho foram trocados porque tinham cupim.

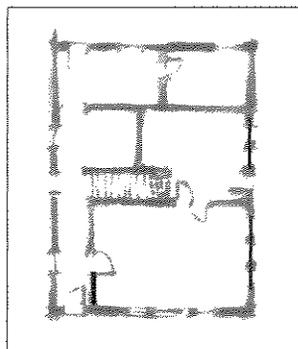
7. Telhado

	Telhado em mansarda
	Telhado duas águas
x	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
x	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
	Empena
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
x	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
x	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

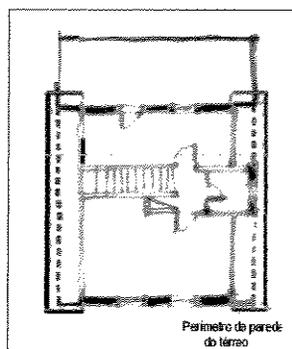
Observações a respeito da composição do telhado:

Altura das tesouras do telhado de 1.50m , seções de 8x8 nas asas laterais, 8x10 embaixo e caibramento 4x7

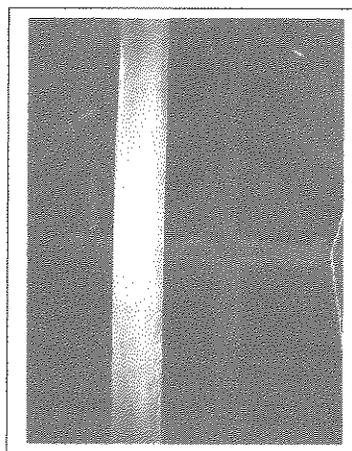
Telhas de cerâmica tipo francesa , madeiramento original das tesouras todo em pinho com alguns reparos.



Croqui da planta atual
Junho/2003
A casa está sendo reformada



Croqui da planta atual
Junho/2003
Segundo pavimento



Detalhe das tesouras do telhado

8. Técnicas Construtivas	
8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
	Parede dupla
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria em estuque
x	Divisórias de madeira

9. Elementos arquitetônicos	
9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
x	Cerâmica- Banheiros
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica
	Ladrilho hidráulico
x	Madeira macho fêmea
	Tábua Corrida
	Tabuão
9.a.3	Forros
x	Madeira - Pinho
	Estuque
	Forrinho plástico
	Gesso
	Tipo saia e camisa

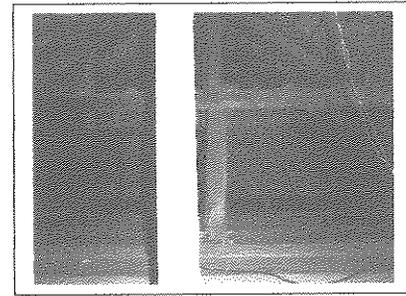


Foto da Cobertura
Junho/2003

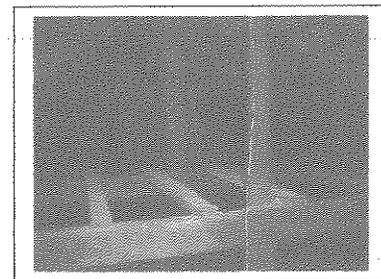


Foto da Cobertura
Junho/2003

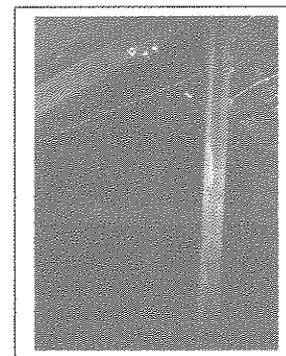


Foto da Cobertura
Junho/2003

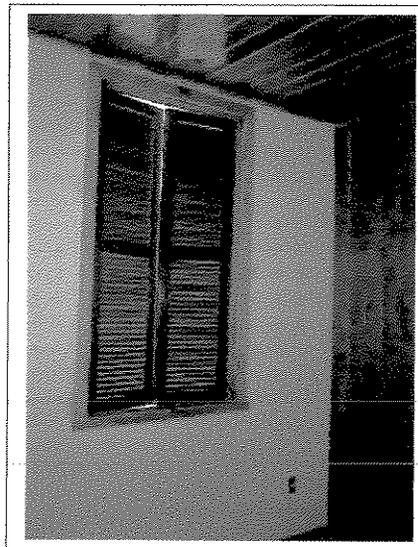
Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

Nos forros originais existiam cimalthas de madeira de 7 cm de altura em todos compartimentos. Foram Retiradas pelo estado de deterioração em que se encontravam (podre).

Reboco novo em toda a casa, piso de cerâmica novo, paredes laterais dos quartos são divisórias de madeira.

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
x	Janela de abrir
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
	correr
	Guilhotina
	Janela de lucarna
	Janela pivotante
9.b.3	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos



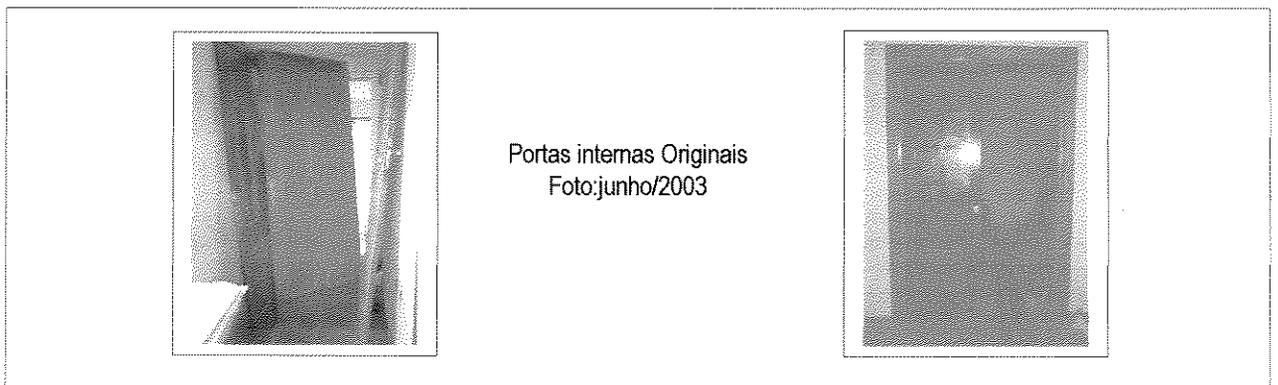
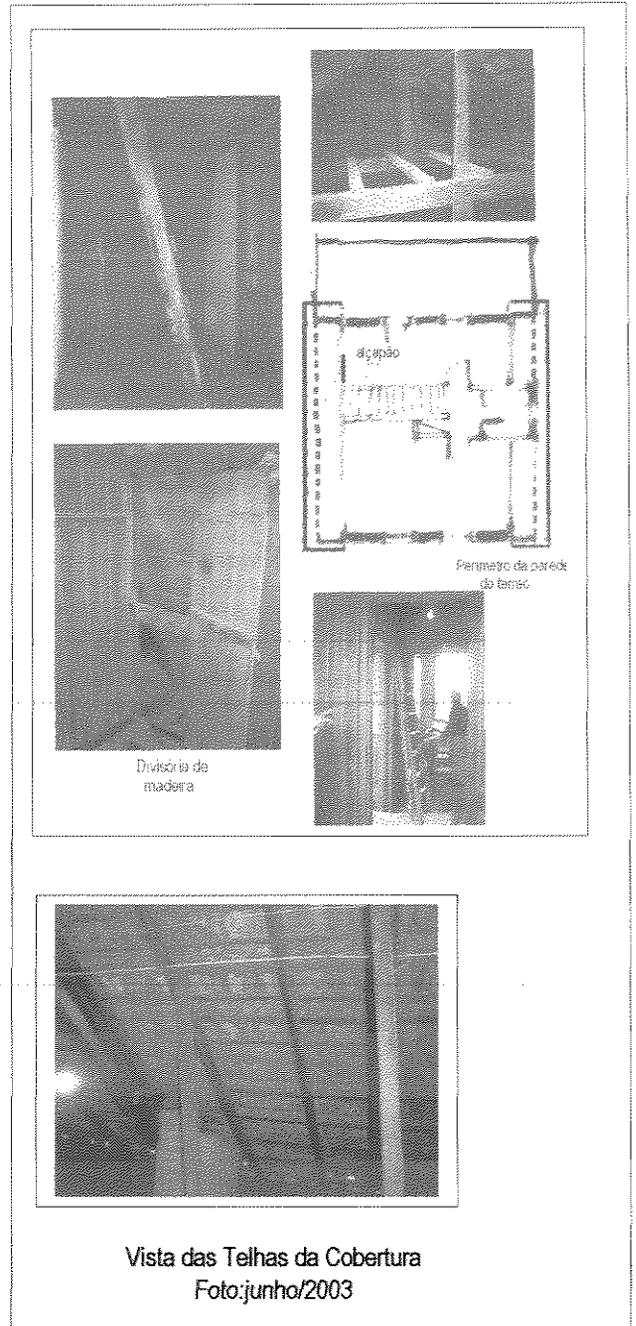
Janela do quarto da frente
Foto: junho2003



Janela da salada frente
Foto: junho2003

	de arco pleno
x	verga reta
	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada
	Porta francesa
	Porta Simples maciça
x	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
x	Porta Vai-Vém na sala
9.c.4	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.d	Escadas
	Em dois sentidos
	Em L
x	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
x	Madeira- Itaúba
	Misto M/F



Observações:

Janelas da casa- a única original é a da foto 172, todas as janelas eram de caixilho de madeira com vidro, de abrir e com postigo de madeira, foram trocadas devido a infestação de cupins. As novas continuam sendo de caixilho de madeira, de abrir e com veneziana . Foram postas janelas de alumínio na cozinha e no banheiro. Escada- construída uma nova de Itaúba mas com mesma composição da anterior porém o corrimão não será de madeira.

Portas- originais restauradas: no quarto da frente, no W.C, na porta de entrada, na porta vaivém de duas folhas na sala do térreo. Na cozinha foram há uma fenda preenchida com tijolos de vidro.

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas

	Bossagem
	Colunas
	Faixas
	Festão
	Frisos
	Frontão
x	Moldura
	Óculo
	Pilastras
	Volutas



Vista da escada
Junho/2003

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

Não foi encontrado nenhum elemento decorativo excetuando a moldura de madeira(cimalha) dos forros que foram retirados.

CASA NÚMERO: 116		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas, 116		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 73,96 m ² (atual aprox.)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia.) Data da Construção: não se tem essa informação			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Conjunto de sete casas com parede compartilhada com frente à rua arterial de acesso de entrada e saída da cidade. Distanto 1600m do centro histórico aproximadamente.			
DESCRIÇÃO: Conjunto de sete casas de dois pavimentos com telhado único de duas águas. Cada casa possui uma entrada individual demarcada pelo muro com gradis.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas - planta
	Fotografias antigas
	Levantamento da C.U. F
	Planta baixa original
	Planta baixa reproduzida em outra fonte
x	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio Grande - incompleto
	Outra documentação

1. Funções da Edificação	
x	Em atividade na Função Original
	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
x	Residencial poli
	Residencial unifamiliar
	Industrial



	Outros
1.b	Função Atual
	Residencial unifamiliar
x	Residencial poli
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Outros

2.Estado de Conservação	
x	Bom (Reformada)
	Satisfatório
	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
	Deformidade na disposição das telhas
	Repintura generalizada
	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
	Fissuras
	Falta de partes de elementos decorativos
	Desprendimentos
	Lacunas
	Apodrecimentos
	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros

3.Fatores da degradação	
x	Limo nas paredes
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
x	Peças danificadas pela ação do tempo
	Peças danificadas pela ação de chuvas
	Ataque por insetos xilófagos
	Outros

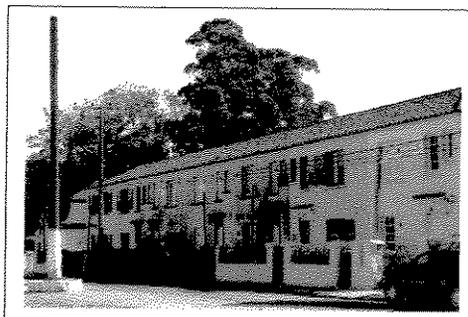
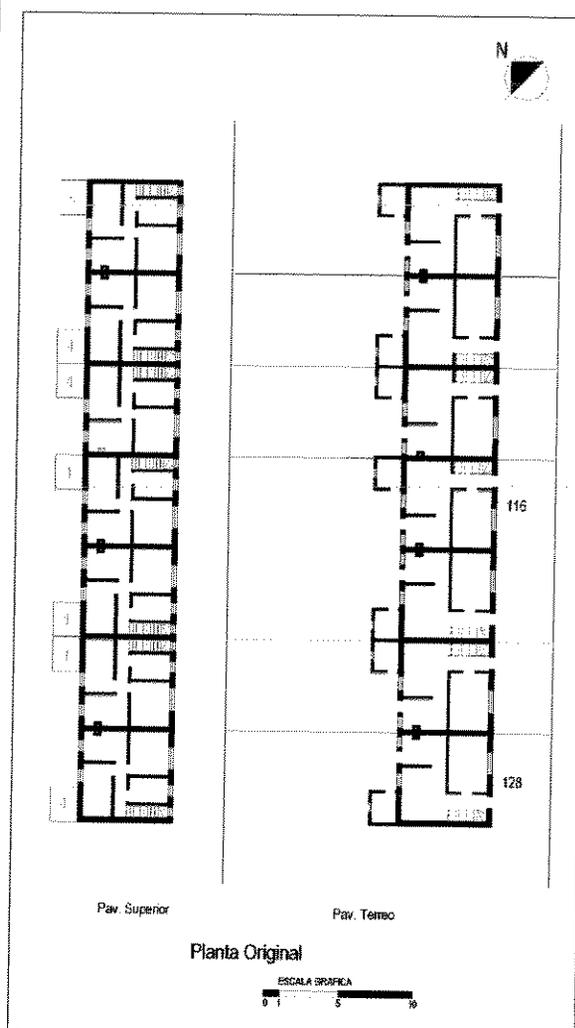


Foto geral das Casas
Foto: setembro/2002

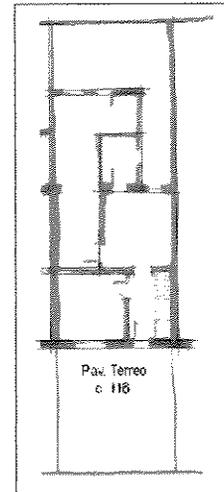


Provável planta original
Fonte: Levantamento no local; entrevistas com moradores; parte de uma planta de ampliação da prefeitura(fundos)

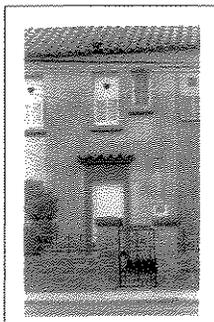
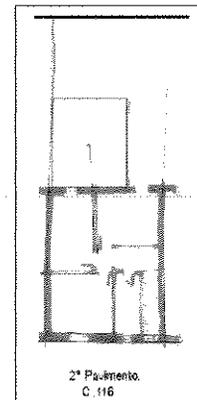
4. Tipologia Arquitetônica	
<input checked="" type="checkbox"/>	Residencial
<input type="checkbox"/>	Comercial
<input type="checkbox"/>	Misto
<input type="checkbox"/>	Industrial
<input type="checkbox"/>	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote	
<input checked="" type="checkbox"/>	Fita
<input checked="" type="checkbox"/>	Isolada no lote
<input type="checkbox"/>	Geminada
<input type="checkbox"/>	Com recuo lateral
<input checked="" type="checkbox"/>	Com recuo frontal

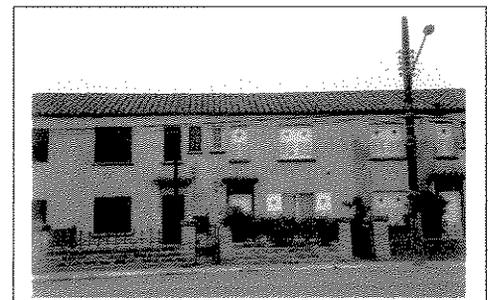
6. Planta	
<input checked="" type="checkbox"/>	Retangular
<input type="checkbox"/>	Em L
<input type="checkbox"/>	Em U
<input type="checkbox"/>	Irregular
<input type="checkbox"/>	Com pátio interno central
<input type="checkbox"/>	Com dois pátios internos
<input type="checkbox"/>	Outros
6.a	Número de pisos
<input type="checkbox"/>	Térreo
<input checked="" type="checkbox"/>	Dois pavimentos
<input type="checkbox"/>	Mais pavimentos



Croqui das Plantas Atuais da casa n. 116
Fonte: Levantamento no local



Fotos do conjunto (dir.) e de
uma casa individual (esq.)
Data: setembro/2002 e
outubro/2002 respect.



Observações da planta- baixa:

Paredes internas de estuque com 15cm de espessura

no térreo e de 9cm no 2º pavimento. Foi feito um

aumento e reforma no térreo foi construída uma ampla cozinha, um banheiro e uma lavanderia.

Nos fundos foi construído um compartimento .

7. Telhado

	Telhado em mansarda
x	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
x	Empena lateral
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura com reforço de mão-francesa
	Tirante

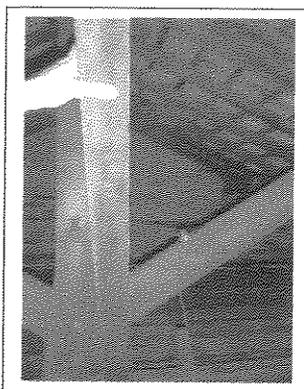
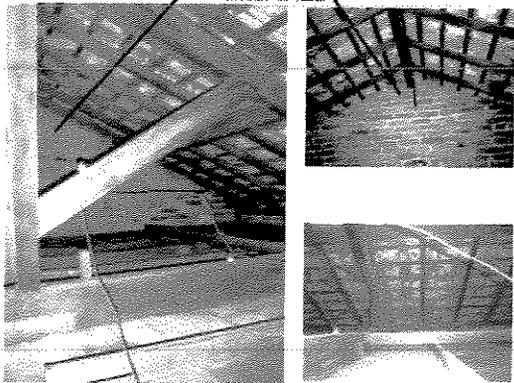
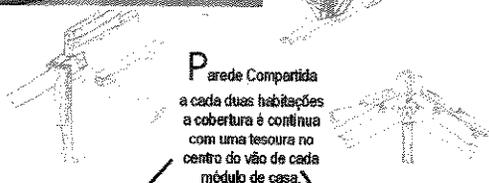
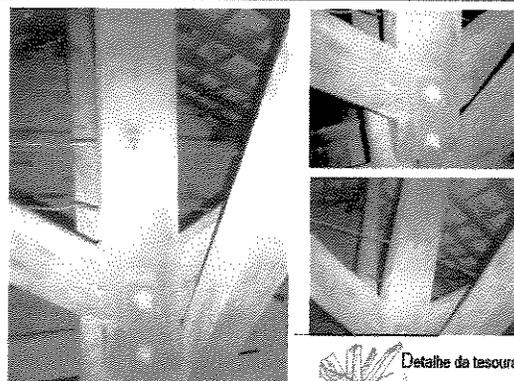
Observações a respeito da composição do telhado:

Telhado em duas águas coberto com telhas capa ca-

nal com uma tesoura única perpendicular à prumada

das paredes externas (fachadas). A tesoura possui

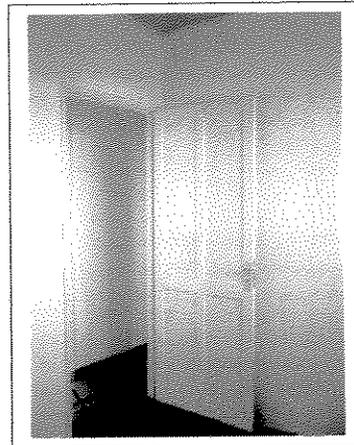
dois reforços laterais de mão francesa aparafusados.



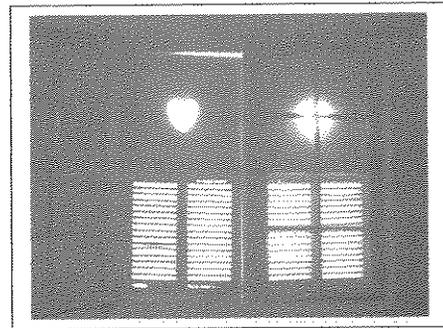
Detalhe da tesoura
Foto: junho/2003

8. Técnicas Construtivas	
8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
x	Parede de estuque
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos	
9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
x	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica
	Ladrilho hidráulico
	Madeira macho fêmea
x	Tábua Corrida
x	Paviflex
9.a.3	Forros
x	Madeira – Tábua de Pinho (13 cm larg.)
	Estuque
x	Forrinho plástico
	Laje
	Tipo saia e camisa



Modelo de porta interna dos quartos
Foto:junho/2003



Modelo de janela
Local: sala térreo, quarto de frente do
2º pav.
Foto:junho/2003

Obs. A casa quando foi feito o Levantamento estava finalizando a parte de acabamentos da reforma, por isso foi possível um maior detalhamento nesta ficha.

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

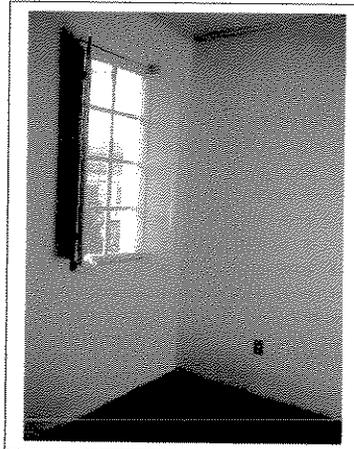
Paredes foram lixadas e pintadas com tinta látex.

Na cozinha foram colocados azulejos novos de 30x30

e no banheiro também. Informações dadas no dia 15 de junho de 2003 pelo marceneiro/pedreiro Felipe Garcia Marques que disse ter encontrado areia da praia na argamassa dos tijolos, no local também estava a proprietária Sra. Léa Zanini Sodré.

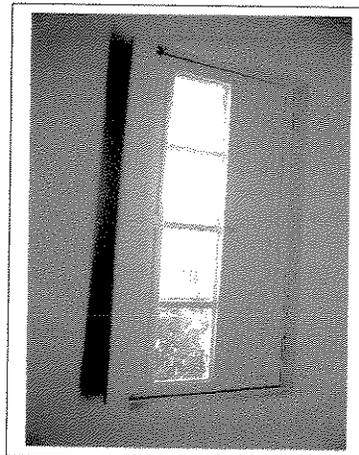
Conforme o marceneiro: janelas, portas e forro original todas foram restauradas e são de pinho. O tijolo é de 30x18cm, paredes ext. de 30cm.No telhado as seções das madeiras são 8x8 e 9x16cm.

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
x	Janela de abrir
	Janela arredondada
	Bay window
x	Janela basculante
	Janela circular (olho -de -boi)
x	correr
	Guilhotina
	Janela de lucarna
	Janela pivotante
9.b.3	Material Utilizado
x	Alumínio
	Ferro
x	Madeira



Modelo de Janela dos quartos dos fundos

Foto:junho/2003

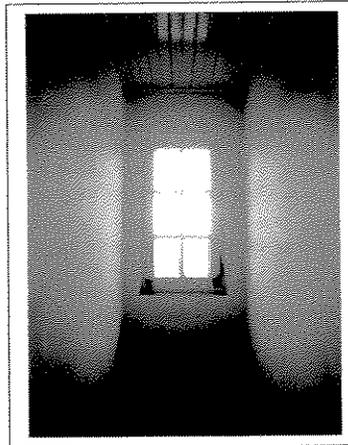


Detalhe- Modelo de Janela dos quartos dos fundos

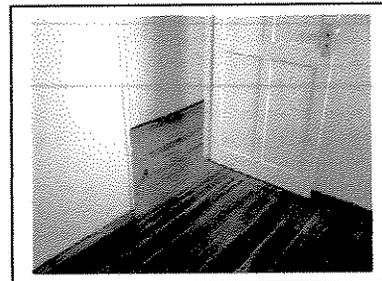
Foto :junho/2003

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
	de arco pleno
x	de verga reta
	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada
	Porta francesa
	Porta Simples maciça
x	Porta Simples
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
x	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.d	Escadas
	Em dois sentidos
	Em L
x	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
x	Madeira
	Misto M/F



Janela de iluminação do vão da escada
Foto:junho/2003



Detalhe do piso Original de pinho
Foto:iunho/2003



Detalhe do forro Original de pinho
Foto:iunho/2003

Observações:

A escada é original e foi restaurada, possuindo o mesmo formato e corrimão que o das casas 60-70.

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas	
	Bossagem
	Colunas
	Faixas
	Festão
x	Frisos
	Frontão
	Moldura
	Óculo
	Pilastras
	Volutas



Escada Original-Vista
Foto:junho/2003

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

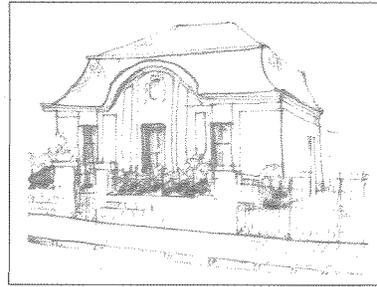
CASA NÚMERO: 130		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas, 130		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 107,85 m ² (atual aprox.)		ENTORNO: Área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril Data da Construção: não se tem este dado			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Casa de meio de quadra com frente para um dos lados da via arterial de principal acesso à cidade e ao centro histórico. Distando do mesmo cerca de 1500m			
DESCRIÇÃO: Casa térrea com cobertura habitável recuada do alinhamento predial com um muro de pedra e gradis de ferro. Reformada atualmente porque foi vendida (obra início em 04/2003)			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
x	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas - planta
	Fotografias antigas
x	Levantamento da C.U. F
	Planta baixa original
x	Planta baixa reproduzida em outra fonte
x	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
	Outra documentação

1.Funcões da Edificação	
x	Em atividade na Função Original
	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
x	Residencial unifamiliar
	Industrial



	Outros
1.b	Função Atual
x	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Outros



Croqui da Fachada e Volumetria

2.Estado de Conservação	
	Bom
x	Satisfatório
	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
x	Deformidade na disposição das telhas
	Repintura generalizada
x	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
	Fissuras
	Falta de partes de elementos decorativos
x	Desprendimentos
x	Lacunas
	Apodrecimentos
	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros

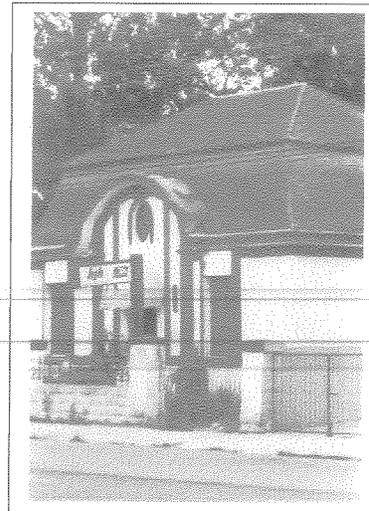


Foto tirada em agosto de 2002

3.Fatores da degradação	
	Salinidade
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
x	Peças danificadas pela ação do tempo
x	Peças danificadas pela ação de chuvas
	Ataque por insetos xilófagos
	Outros

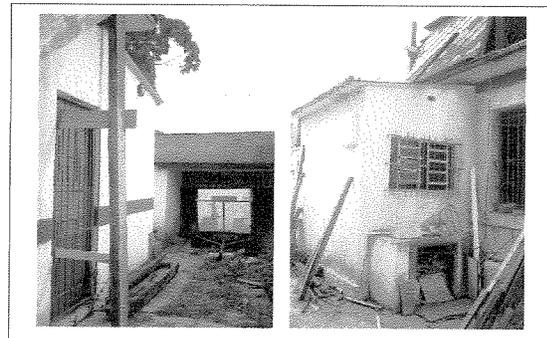


Foto tirada em junho de 2003 mostrando os fundos e lateral

4. Tipologia Arquitetônica

x	Residencial
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote

	Fita
x	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
	Com recuo frontal

6. Planta

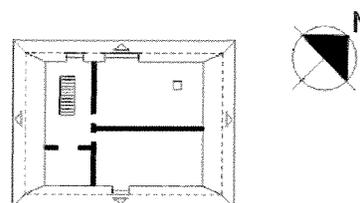
x	Quadrangular
	Em L
	Em U
	irregular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros
6.a	Número de pisos
x	Térreo (sótão habitável)
	Dois pavimentos
	Mais pavimentos

Observações da planta- baixa:

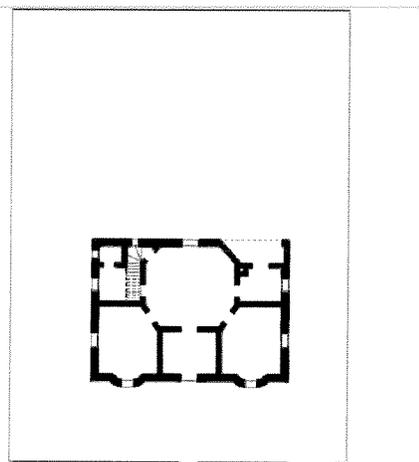
Foram modificados os acessos às salas da frente onde foram fechadas as portas e abertos novos vãos com acesso pelo hall de entrada da casa. Presença de um anexo novo onde era o alpendre da cozinha, colocação de uma lareira aproveitando a antiga chaminé de fogão da cozinha.



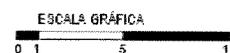
Foto tirada em agosto de 2002 mostrando o entorno



Pav. Superior Original



Pav. Térreo Original



Provável Planta-Baixa Original conforme levantamento de Guigou-Norro e plantas da Prefeitura Municipal

7. Telhado	
x	Telhado em mansarda
	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
	Empena
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
x	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

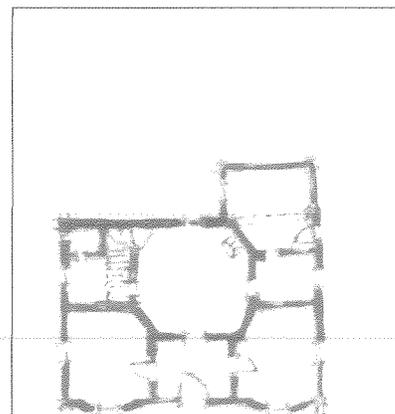
Observações a respeito da composição do telhado:

Telhas de placas de cerâmica de 4mm revestem o telhado (30x30) lisas. madeiramento do telhado em Pinho com tesouras de dois tipos distintos e posição ortogonal . Caibramento apoiado em frechal, seções do madeiramento: 4x7 cm, 8x16, 8x8.

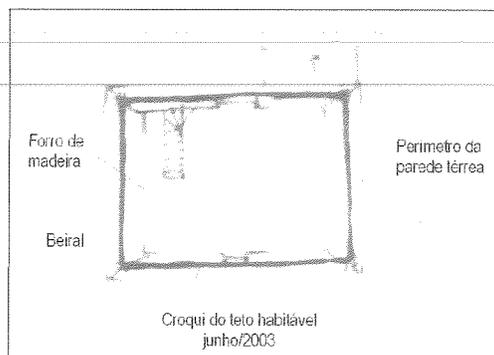
Nas laterais apoios de madeira em arco que se

apóiam no frechal promovem o efeito curvo da cobertura.

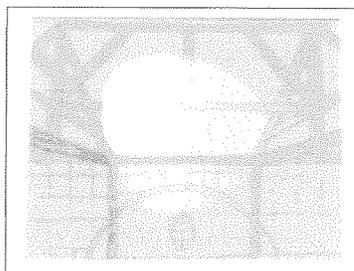
8. Técnicas Construtivas	
8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes



Croqui da planta baixa atual- junho/2003



Croqui do teto habitável junho/2003



Esquema da Cobertura

x	Alvenaria sólida de tijolos (45 cm esp.)
	Parede dupla
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos

9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
x	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica
x	Ladrilho hidráulico
	Madeira macho fêmea
	Tábua Corrida
	Tabuão
9.a.3	Forros
	Cedrinho
	Estuque
	Forrinho plástico
	Gesso
x	Tipo saia e camisa (originalmente)

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies

A obra ainda não iniciou os acabamentos, os originais

Foram retirados. O forro saia-camisa permanece em

um compartimento mas o restante estava atacado por cupins por isso foi feita a opção de uma laje que cobre todo o piso do sótão habitável.

Reboco novo em algumas paredes. (conforme fotos e entrevista com os pedreiros)

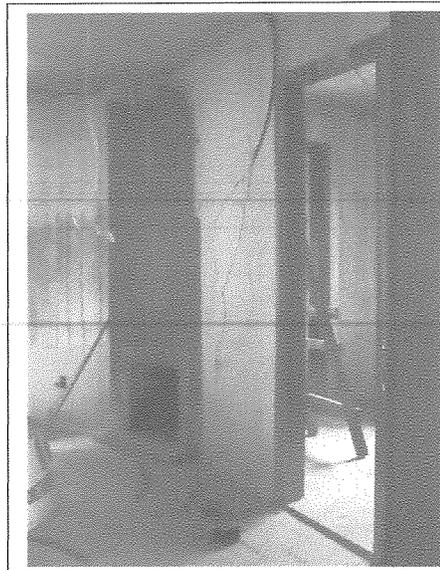


Foto da sala com lareira e porta de acesso a cozinha
data: junho de 2003



Foto mostrando inclinação curva
Da cobertura e telhas de cerâmica
Junho/2003

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
x	Janela de abrir
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
	correr
	Guilhotina
	Janela de lucarna
	Janela pivotante
9.b.3	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
	de arco pleno
x	de verga reta
	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada
	Porta francesa
	Porta Simples maciça
	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura



Foto das telhas de cerâmica de aproximadamente 4mm em detalhe – junho 2003

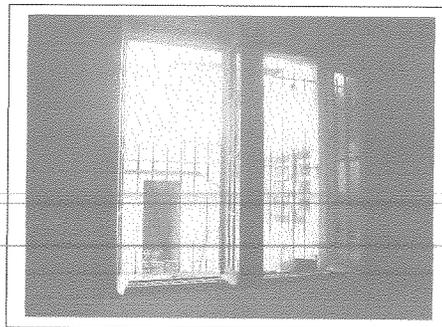


Foto das janelas detalhe – junho 2003

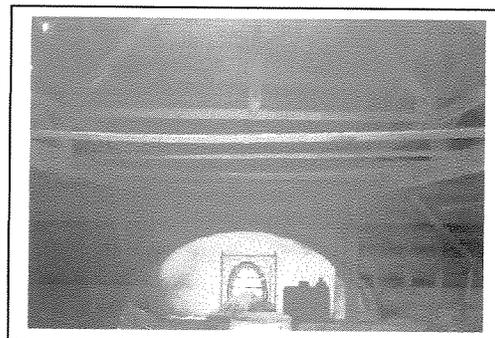


Foto do óculo detalhe – junho 2003

x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Aluminio
	Ferro
x	Madeira

9.d	Escadas
	Em dois sentidos
	Em L
x	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
x	Madeira
	Misto M/F

Observações:

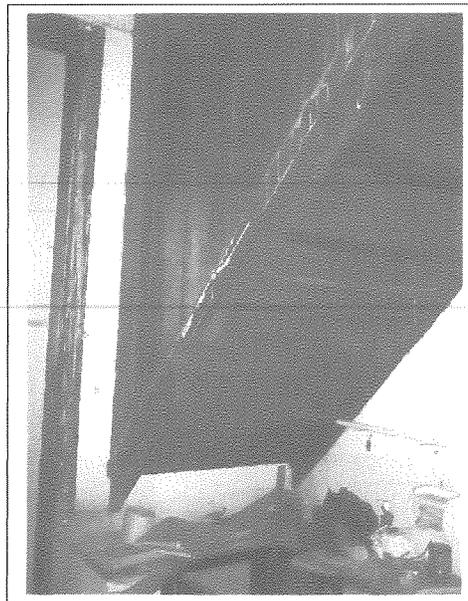
A escada será restaurada e permanecerá a original

pois está em bom estado. Os pisos foram retirados e

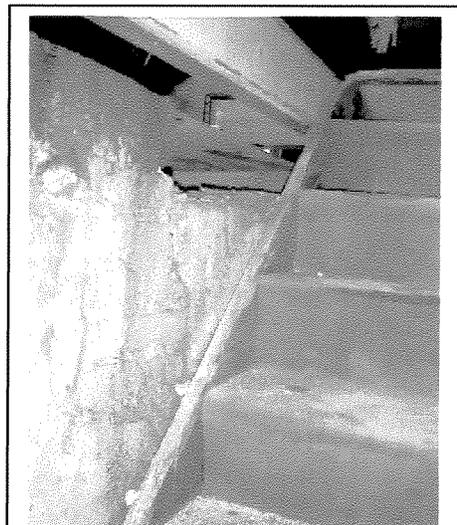
Algumas peças só estão com contrapiso. Os pedreiros

Não informaram qual será o novo revestimento. Data:
1/6/2003

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas	
	Bossagem
	Colunas
x	Faixas
x	Festão
x	Frisos
	Frontão
x	Moldura
x	Óculo
x	Pilastras
	Volutas



Vista da escada de madeira
Junho/2003

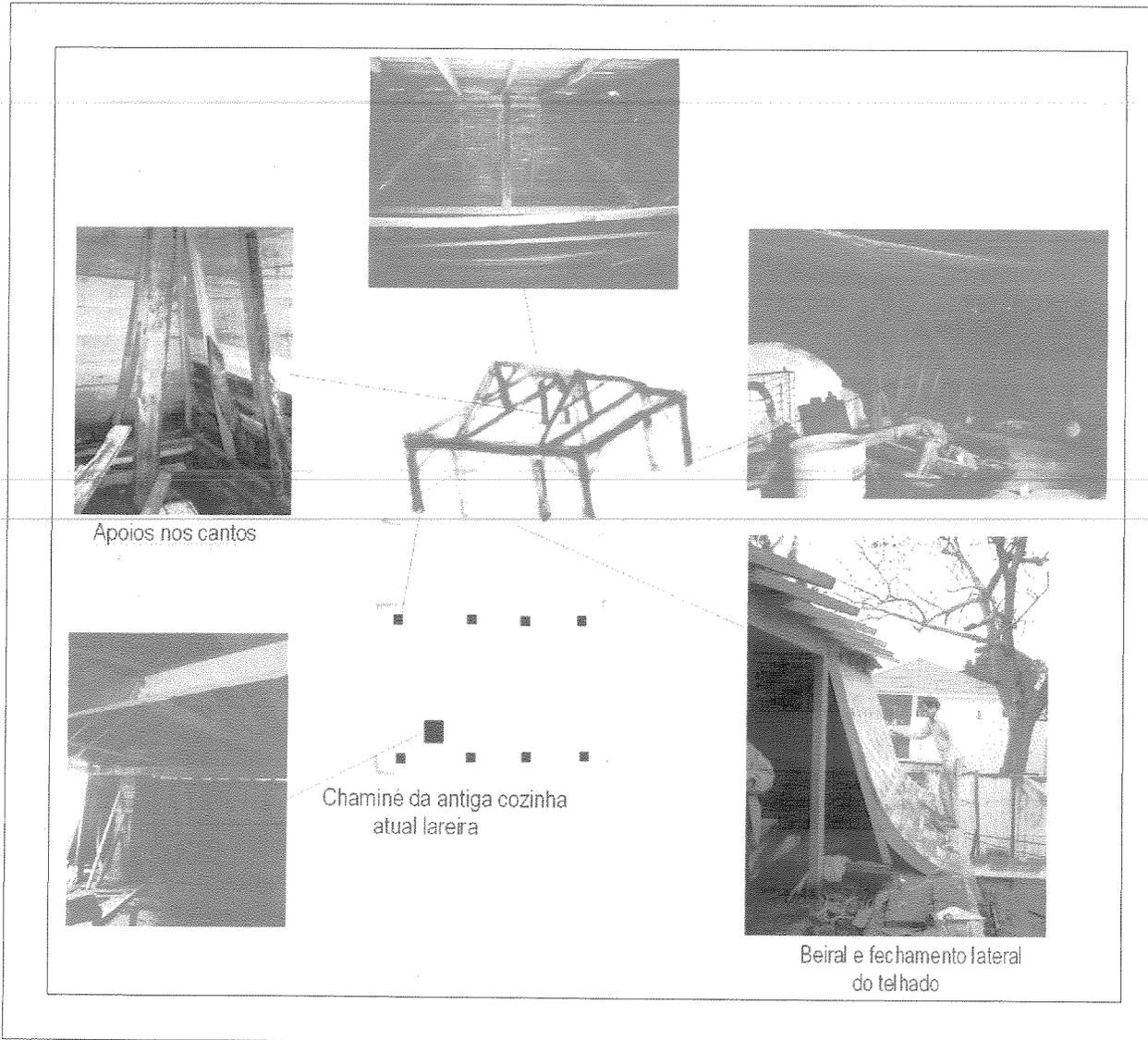


Vista da escada de madeira
Junho/2003

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

Permanecem em bom estado os elementos de ornamentação da fachada e pretendem mantê-los mesmo com a reforma. Atualmente no interior não havia vestígios de decorações nem de pinturas ou molduras .



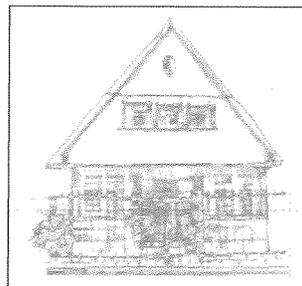
CASA NÚMERO: 156		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas, 156		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 100,08 m ² (casa atual)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia.) Data da Construção: não se tem informação			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Residência com frente a via arterial de acesso de entrada e saída da cidade distando cerca de 1500m do centro histórico.			
DESCRIÇÃO: Chalé recuado com uma grade de ferro e empena voltada para o alinhamento da calçada de altura de dois pavimentos com uma entrada principal central e uma sacada coberta. No térreo, janelas chanfradas.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas - planta
	Fotografias antigas
x	Levantamento da C.U. F
	Planta baixa original
x	Planta baixa reproduzida em outra fonte
x	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
	Outra documentação

1. Funções da Edificação	
	Em atividade na Função Original
x	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
x	Residencial unifamiliar
	Industrial

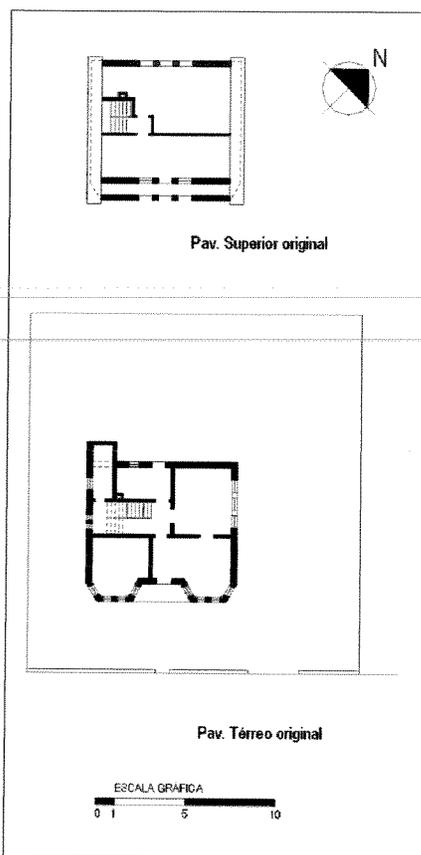


	Outros
1.b	Função Atual
	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
x	Comercial - Floricultura
	Misto
	Industrial
	Outros



Croqui da fachada atual

2.Estado de Conservação	
x	Bom - reformada
	Satisfatório
	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
	Deformidade na disposição das telhas
x	Repintura generalizada
	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
x	Fissuras
	Falta de partes de elementos decorativos
	Desprendimentos
	Lacunas
	Apodrecimentos
	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros



Provável planta original
 Fontes: Planta pertencente ao Sr. Paulo Lawson e dissertação De Guigou-Norro, ambas eram iguais.

3.Fatores da degradação	
	Salinidade
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
	Peças danificadas pela ação do tempo
	Peças danificadas pela ação de chuvas
	Ataque por insetos xilófagos
	Outros

4. Tipologia Arquitetônica	
x	Residencial - Chalé
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote	
	Fita
x	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
x	Com recuo frontal

6. Planta	
	Quadrangular
	Em L
	Em U
x	Retangular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros
6.a	Número de pisos
	Térreo
x	Dois pavimentos
	Mais pavimentos

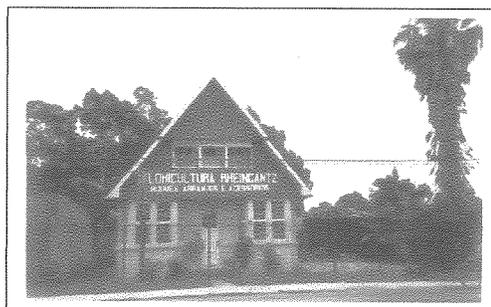


Foto da Casa em
outubro/2003 - floricultura



Foto do interior da Casa em
Junho/2003 - floricultura

Observações da planta- baixa:

Foram demolidas duas paredes para conformar uma ampla sala onde ficam expostas as plantas à venda.

A parede da cozinha foi demolida e construída uma nova que avançou para alinhar-se à prumada da parede do banheiro (térreo).

7. Telhado

	Telhado em mansarda
x	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
x	Empena
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

Observações a respeito da composição do telhado:

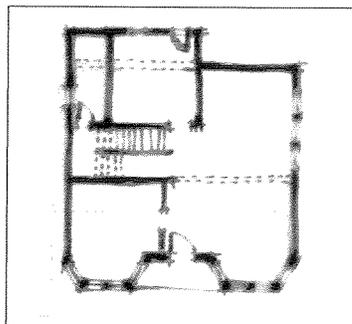
O telhado é composto por tesouras de madeira e o

Caibramento se estende até as paredes de alvenaria

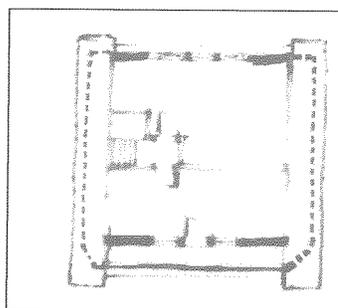
Do térreo promovendo vedações laterais no segundo

Piso. Empena é voltada para a via pública e é de al-

venaria de tijolos maciços.



Croqui da planta-baixa atual



Croqui da planta-baixa atual
2º pavimento

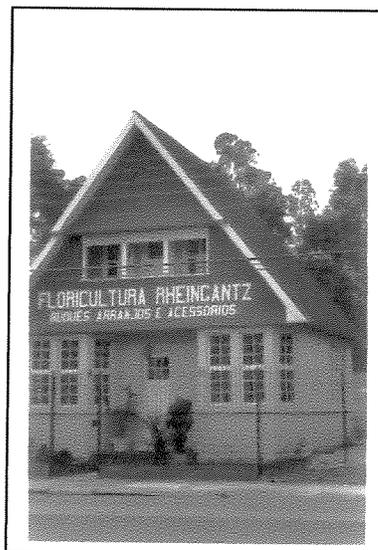


Foto da Casa em
outubro/2003 - floricultura

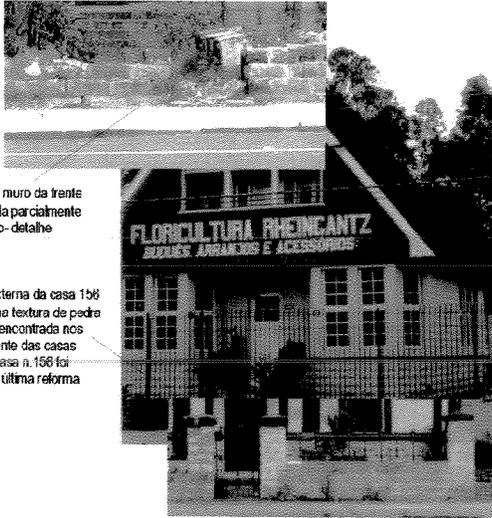
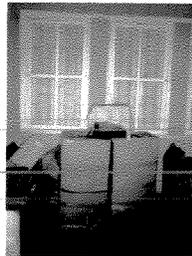


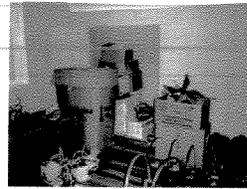
Foto do muro da frente da Escola parcialmente demolido - detalhe

Parede externa da casa 156 com a mesma textura de pedra desbastada encontrada nos muros da frente das casas. O muro da casa n. 156 foi demolido na última reforma

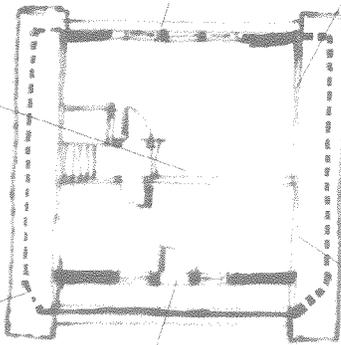
Foto dos muros da frente das casas feitos de pedra com esta textura de pedra desbastada



Paredes de alvenaria revestidas de madeira

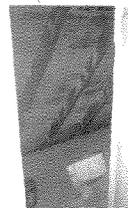
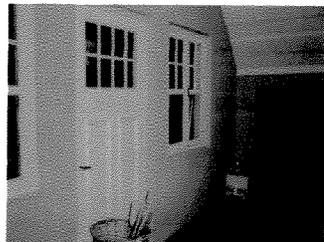


Paredes divisorias de madeira



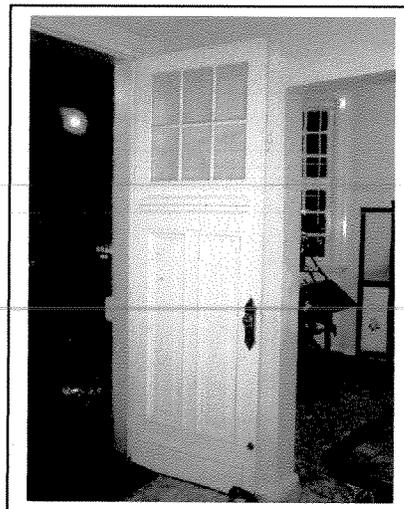
Perímetro da parede do térreo

Forro de madeira que acompanha a declividade do telhado conformando as paredes laterais do 2º pavimento

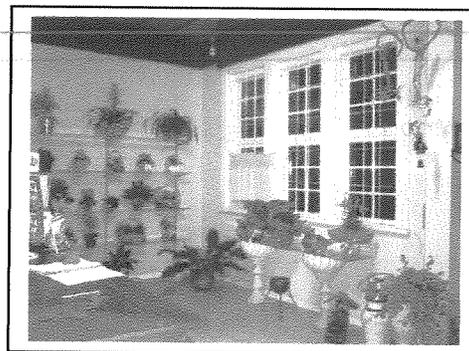


8. Técnicas Construtivas	
8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
	Parede dupla
	Alvenaria de blocos vazados
x	Alvenaria de bloco de pedra

9. Elementos arquitetônicos	
9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
x	Outros - Divisórias de madeira no segundo piso
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica - Lajota
	Ladrilho hidráulico
	Madeira macho fêmea
x	Tábua Corrida
	Tabuão
9.a.3	Forros
	Cedrinho
	Estuque
	Forrinho plástico
	Gesso
x	Tipo saia e camisa c/ cimalha



Detalhe- Porta de Entrada
Foto: junho/2003



Sala onde foram demolidas as paredes –
ao fundo tipo de janela
Foto: junho/2003

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

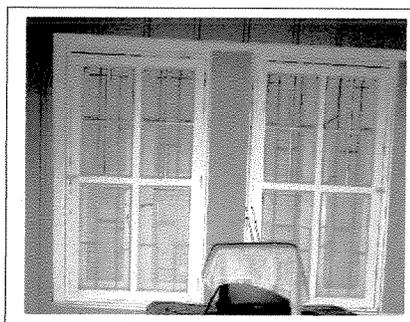
As paredes externas possuem um revestimento de Pedra desbastada, na qual todas as arestas foram Cortadas no mesmo plano e cujas faces parecem ter Sido grosseiramente desbastadas por uma picareta.

O muro original que foi demolido era de pedra com semelhante textura , mas algumas casas ainda possuem como as de ns. 130,46,176.

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
x	Janela de abrir
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
	correr
x	Guilhotina
	Janela de lucarna
x	Janela basculante
9.b.3	Material Utilizado
	Aluminio
x	Ferro
x	Madeira



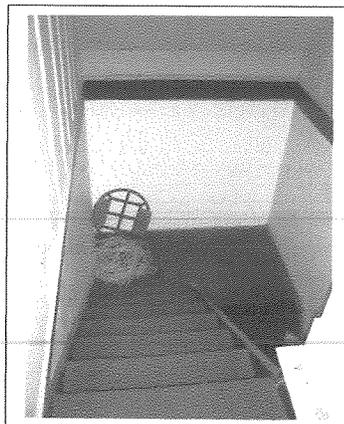
Detalhe- marco das portas do
2° pavimento
foto:junho/2003



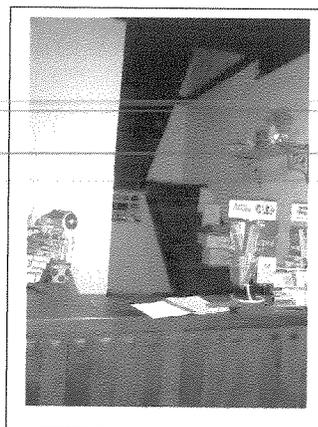
Detalhe- janelas do quarto
Dos fundos do 2° pavimento
foto:junho/2003

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
	de arco pleno
x	de verga reta
	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada
	Porta francesa
	Porta Simples maciça
x	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Aluminio
	Ferro
x	Madeira

9.d	Escadas
x	Em dois sentidos
	Em L
	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
x	Madeira
	Misto M/F



Vista da escada
Foto: junho/2003



Vista da escada
Foto: junho/2003

Observações:

A escada foi revestida de carpete, mas ainda é a original da casa. A cozinha está toda reformada com azulejos e lajotas novas.

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas	
	Bossagem
	Colunas
	Faixas
	Festão
x	Frisos
	Frontão
	Moldura
x	Óculo
	Pilastras
	Volutas
x	Textura de pedra desbastada

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

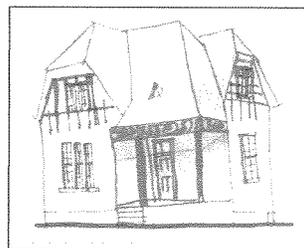
CASA NÚMERO: 176		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas, 176		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 152,32 m ² (aprox.. atual)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia) Data da Construção: setembro de 1911			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Residência voltada para principal via arterial de acesso de entrada e saída da cidade, distando cerca de 1500m do centro histórico.			
DESCRIÇÃO: residência com dois pavimentos , isolada no lote e recuada do alinhamento, elevada em relação ao nível da calçada possuindo um alpendre onde se encontra a entrada principal.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
x	Fachada desenhada em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas - planta
x	Fotografias antigas
	Levantamento da C.U. F
	Planta baixa original
x	Planta baixa reproduzida em outra fonte – dissertação de Guiugou-Norro
	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
	Outra documentação croqui elaborado através de levantamento no local para averiguar acréscimos no terreno

1.Funções da Edificação	
	Em atividade na Função Original
x	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
x	Residencial unifamiliar
	Industrial

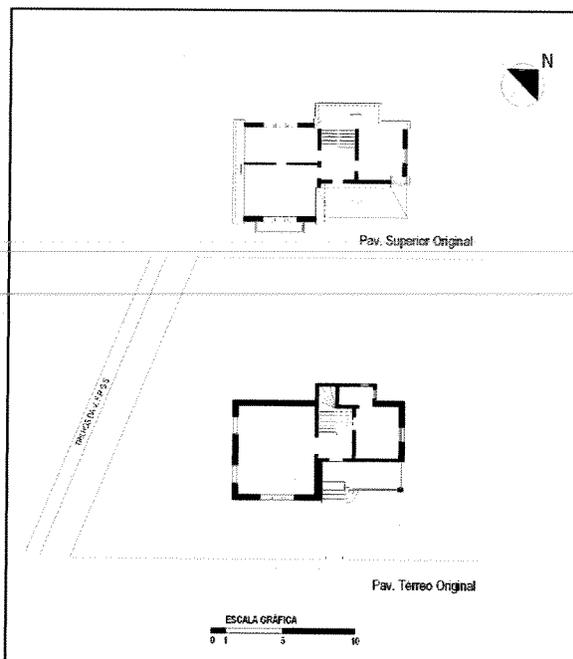


	Outros Jardim de Infância
1.b	Função Atual
	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
x	Comercial
	Misto
	Industrial
	Outros



Croqui da Fachada

2.Estado de Conservação	
	Bom
	Satisfatório
x	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
	Deformidade na disposição das telhas
x	Repintura generalizada
x	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
x	Fissuras
x	Falta de partes de elementos decorativos
	Desprendimentos
	Lacunas
x	Apodrecimentos
x	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros



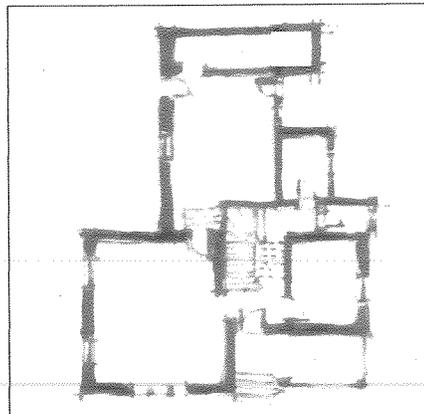
Provável Planta Baixa Original
Fonte: Dissertação de Guigou-Norro

3.Fatores da degradação	
	Salinidade
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
x	Peças danificadas pela ação do tempo
	Peças danificadas pela ação de chuvas
x	Ataque por insetos xilófagos
	Outros

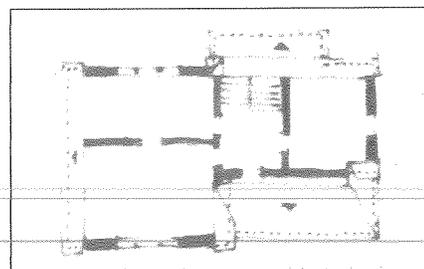
4. Tipologia Arquitetônica	
x	Residencial
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote	
	Fita
x	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
	Com recuo frontal

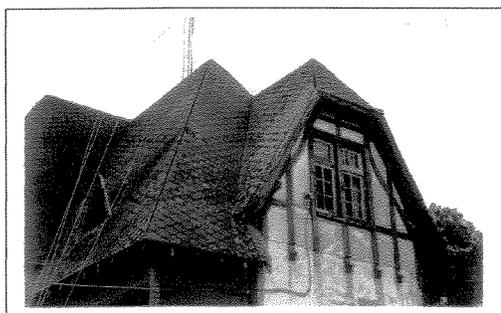
6. Planta	
	Quadrangular
	Em L
	Em U
x	Irregular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros
6.a	Número de pisos
	Térreo
x	Dois pavimentos
	Mais pavimentos



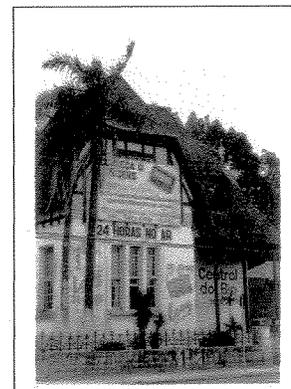
Croqui da planta baixa atual
Fonte: Levantamento junho/2003



Croqui da planta baixa atual
Fonte: Levantamento junho/2003
2º pavimento



Fotos da casa 176
Setembro/2002



Observações da planta- baixa:

Atualmente existem acréscimos nos fundos que correspondem a áreas de serviço(coz.) e depósito.

Abaixo da escada existem dois banheiros

mas um está inutilizado e serve de depósito. No 2°

pav. permanece a mesma distribuição original.

7. Telhado

	Telhado em mansarda
	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
x	Telhado de quatro águas
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
x	Empena esconsa
	Empena
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

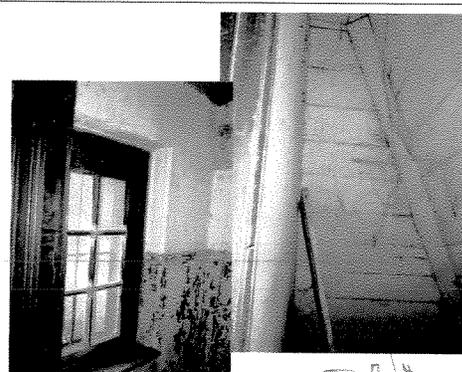
Observações a respeito da composição do telhado:

Não foi possível acessar o alçapão para analisar o

madeiramento. Por uma parte do forro que havia um

Buraco pelo apodrecimento da madeira pode-se ver

O caibramento e taboas ortogonais que servem de



Parede de Estuque esp. 20cm

Parede com espessura de 35 cm.

Corte Esquemático para mostrar um banheiro intermediário localizado no patamar da escada.

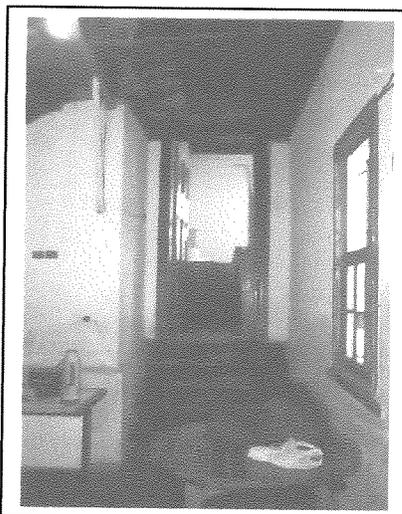


Foto da parte dos fundos (térrea) com Compartimentos que foram acréscimos ao longo dos anos.

Foto: junho/2003

base para a fixação das telhas.

8. Técnicas Construtivas

8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos (30 cm esp.)
	Parede dupla
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos

9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
x	Cerâmica
	Escaiola
x	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica
	Ladrilho hidráulico
	Madeira macho fêmea
x	Tábua Corrida (18 cm de larg.)
	Tabuão
9.a.3	Forros
	Cedrinho
	Estuque
x	Forrinho plástico
	Gesso
x	Tipo saia e camisa (pinho) c/ cimalha



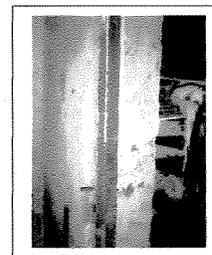
Detalhe do Piso de Madeira
Foto:junho/2003



Detalhe do rodapé e da parede de
alvenaria de tijolos
Foto:junho/2003



Detalhe do tipo de marco das
portas
Foto:junho/2003



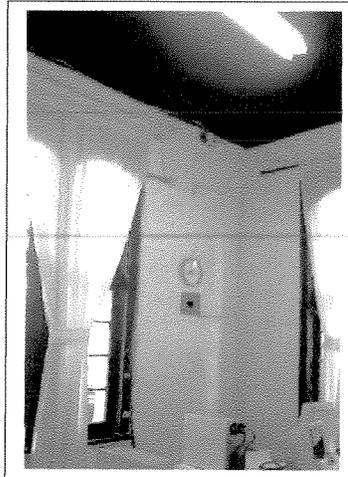
Parede-tipo
Foto:junho/2003

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

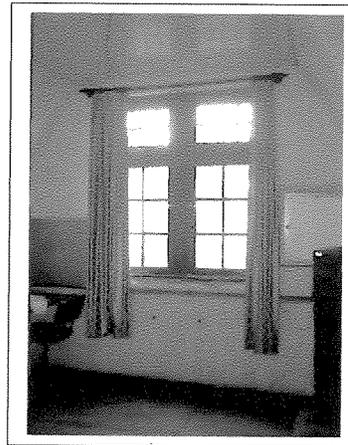
As portas internas apresentam molduras de madeira parecidas com as do escritório central. Presença de Lambri revestindo as paredes do hall de entrada.

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
x	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
x	Janela de abrir
	Janela arredondada
	Bay window
x	Janela basculante
	Janela circular (olho -de -boi)
	correr
x	Guilhotina
	Janela de lucarna
	Janela pivotante
9.b.3	Material Utilizado
	Alumínio
x	Ferro (banheiro)
x	Madeira

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
	de arco pleno
x	de verga reta
x	com bandeira
	outros



Janelas da sala de entrada e forro saia-camisado (pav. térreo)
Foto: junho/2003



Tipo de janela do 2º pav.
Quarto (direita)
Foto: junho/2003

9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada
	Porta francesa
	Porta Simples maciça
x	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.d	Escadas
x	Em dois sentidos
	Em L
	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
x	Madeira
	Misto M/F

Observações:

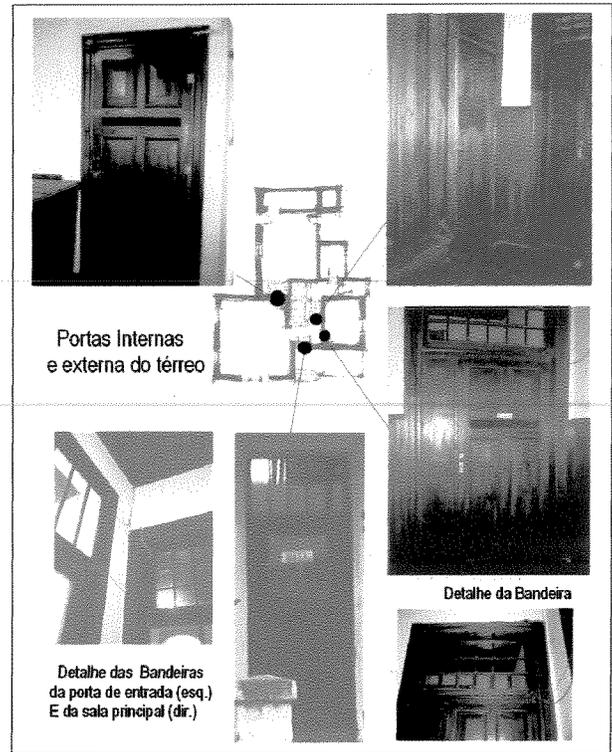
Paredes internas do 2º pav. com 20cm de espessura.

Há um banheiro no patamar da escada, os forros de

madeira do segundo pavimento foram trocados por

forros de alvenaria. A escada ainda é a original toda

de madeira (provável pinho ou angica).

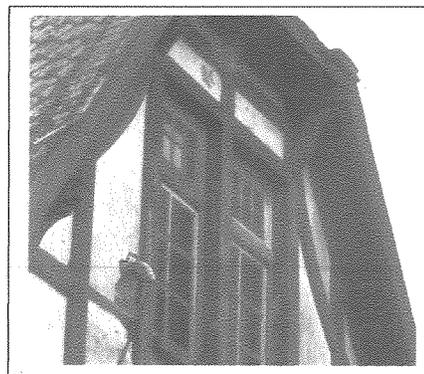


Modelo de Porta do 2º pav.
Foto: junho/2003



Tipo de forro dos compartimentos
Foto: junho/2003

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas	
	Bossagem
	Colunas
	Faixas
	Festão
	Frisos
	Frontão
x	Moldura
	Óculo
	Pilastras
	Volutas
x	Treliçado de madeira



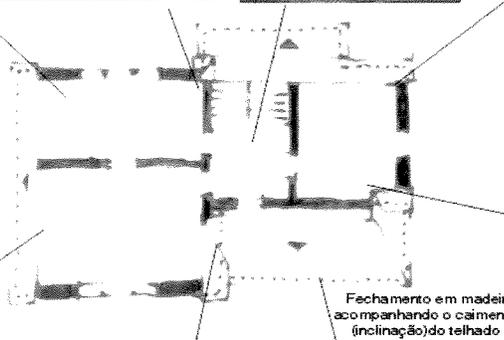
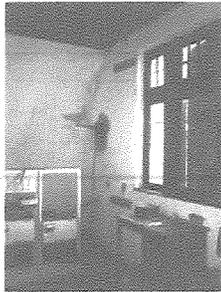
Detalhe da Ornamentação da Fachada - foto: setembro/2002

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

As portas possuem moldura de madeira entalhada. Presença de rodapé de madeira com 7 cm de altura.

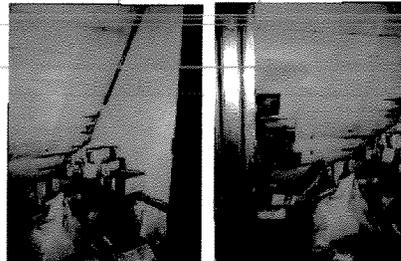
Fotos: junho/2003



Fechamento em madeira
acompanhando o caimento
(inclinação) do telhado



Paredes de divisórias de madeira
substituídas por alvenaria em
uma reforma recente



Paredes de divisórias de madeira
substituídas por alvenaria em
uma reforma recente e
colocação de forro plástico

CASA NÚMERO: 188		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas, 188		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 313,00 m ² (atual aprox.)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia.) Data da Construção: projeto de 1911- Esc. Eng. Rudolph Ahrons			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Edifício escolar próximo ao cemitério Municipal e com frente à via arterial de principal acesso de entrada e saída da cidade. Distanto cerca de 1500m do centro histórico da cidade.			
DESCRIÇÃO: Prédio de um pavimento com duas entradas equidistantes na fachada principal, esta se caracteriza por estar recuada em relação aos dois volumes salientes que são duas salas amplas. Possui grande ornamentação nas fachadas e recuo frontal.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
x	Arquivo interno da Fábrica – Pertencente ao Sr. Paulo Lawson
	Catálogos
	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
x	Fachada desenhada em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas - planta
	Fotografias antigas
x	Levantamento da C.U. F – planta baixa pertencente ao Sr. Paulo Lawson
	Planta baixa original
x	Planta baixa reproduzida em outra fonte
	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio Grande
x	Outra documentação ..Croqui reproduzindo a planta atualmente feito em levantamento de campo.....

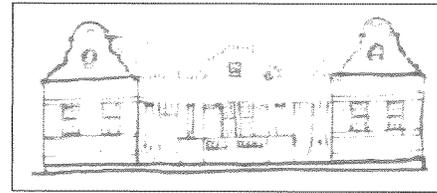
1. Funções da Edificação	
x	Sem atividade na Função Original
	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
	Residencial unifamiliar
	Industrial



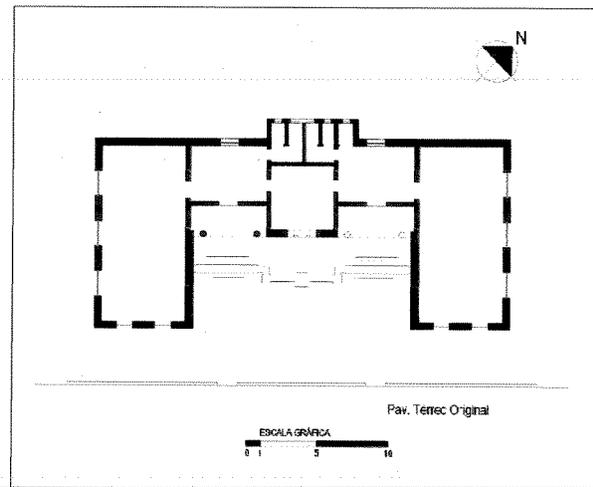
	Outros Escola
1.b	Função Atual
	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Outros Abandonada

2.Estado de Conservação	
	Bom
	Satisfatório
	Mau
x	Ruínas
2.a	Estado de conservação
x	Deformidade na disposição das telhas
	Repintura generalizada
x	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
x	Fissuras
x	Falta de partes de elementos decorativos
x	Desprendimentos
x	Lacunas
x	Apodrecimentos
	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
x	Outros incendiado madeiramento do telhado

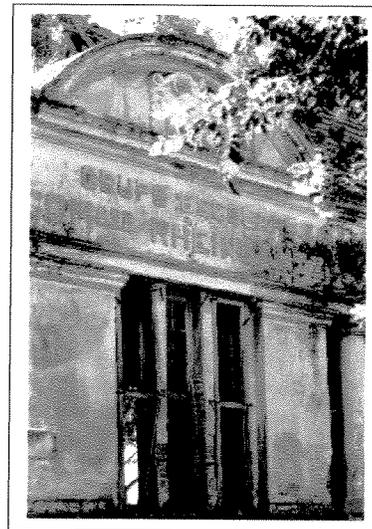
3.Fatores da degradação	
	Salinidade
x	Cupim
	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
x	Peças danificadas pela ação do tempo
x	Peças danificadas pela ação de chuvas
x	Ataque por insetos xilófagos
x	Outros- Incêndios e Vandalismo



Croqui da Fachada



Provável Planta Original
Fontes: dissertação de Guigou-Norro e planta baixa pertencente ao Sr. Paulo Lawson

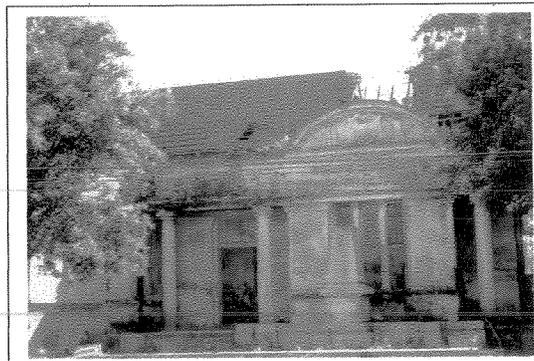


Detalhe do Frontão
Foto: setembro/2002

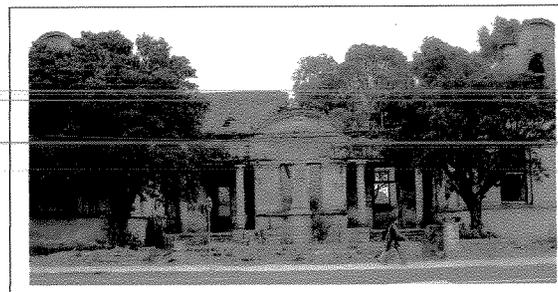
4. Tipologia Arquitetônica	
	Residencial
	Comercial
	Misto
	Industrial
x	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote	
	Fita
x	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
x	Com recuo frontal

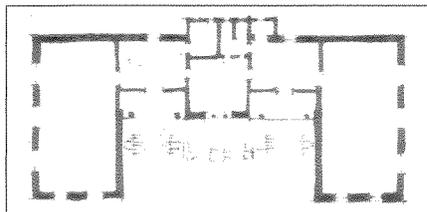
6. Planta	
	Quadrangular
	Em L
x	Em U
	Irregular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros
6.a	Número de pisos
x	Térreo
	Dois pavimentos
	Mais pavimentos



Det. Acessos Laterais e Fachada
Foto: setembro 2002



Acessos Laterais e Fachada
Foto: outubro 2002



Croqui da planta atual
Levantamento feito em maio/2003

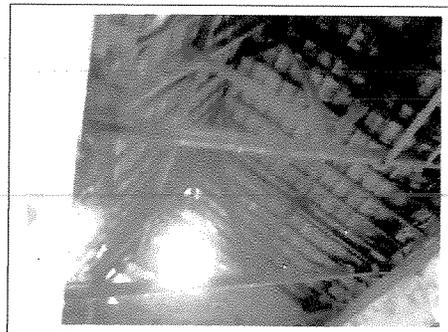
Observações da planta- baixa:

Feitas modificações na parte onde eram os banheiros femininos e masculinos. Praticamente só existem as paredes e partes da cobertura. A estrutura em planta apesar dos saques e destruição não foi muito modificada.

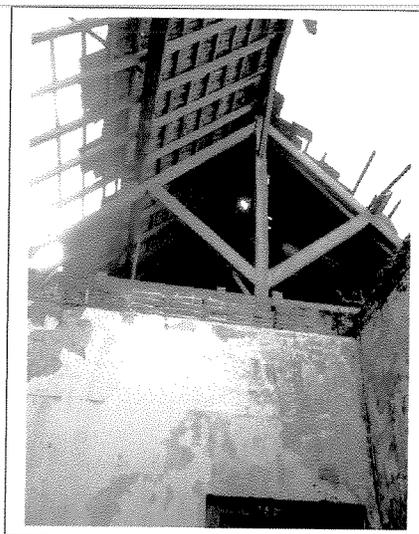
7. Telhado	
	Telhado em mansarda
x	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
	Lucarna ou Trapeira
x	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
	Empena
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
x	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
	Tesoura de Pendural Único
x	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

Observações a respeito da composição do telhado:

Telhado duas águas estruturado com tesouras de Madeira, caibramento apoiado em frechal que se fixa na prumada das paredes. Uso de telhas francesas.



Tesouras do Madeiramento do Telhado –
Foto: junho/2003



Tesouras do Madeiramento do Telhado –
Foto: junho/2003

8. Técnicas Construtivas	
8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
x	Parede dupla – 60 cm esp.
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos	
9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
	Cerâmica
	Ladrilho hidráulico
	Madeira macho fêmea
x	Tábua Corrida – não possui mais
	Tabuão
9.a.3	Forros
	Cedrinho
	Estuque
	Forrinho plástico
	Gesso
x	Tipo saia e camisa



Detalhe do Frechal
Foto:junho/2003



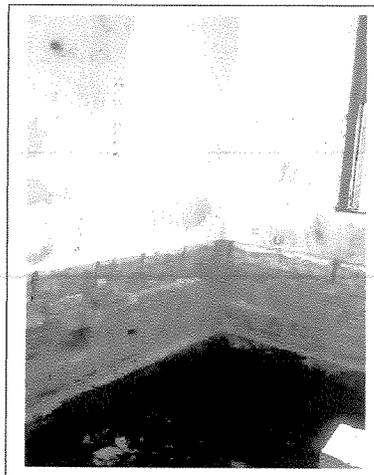
Detalhe do Frechal e friso da
bandeira da porta da sala de aula
Foto:junho/2003

Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

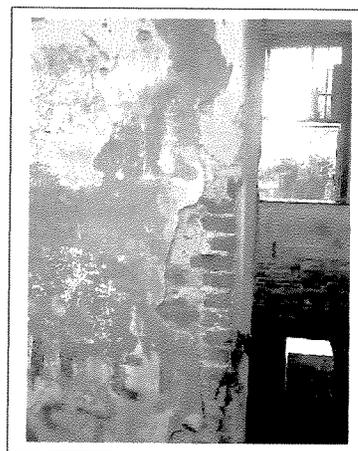
Devido a depredação e o vandalismo o estado atual do prédio não oferece nenhum vestígio de qualquer revestimento de superfície fora camadas de pinturas nas paredes.

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
	Janela de abrir
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
	correr
x	Guilhotina
	Janela de lucarna
	Janela pivotante
9.b.3	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
	de arco pleno
x	de verga reta



Revestimento das paredes e
Técnica construtiva
Foto: junho/2003



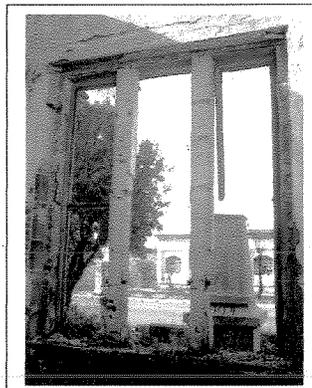
Revestimento das paredes e
Técnica construtiva
Foto: junho/2003

x	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada (provável)
	Porta francesa
	Porta Simples maciça
	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

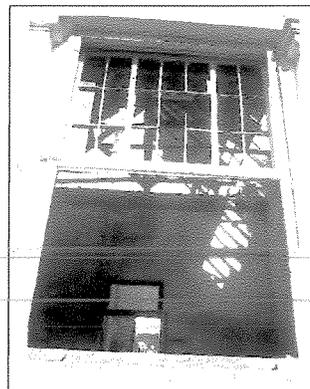
9.d	Escadas
	Em dois sentidos
	Em L
	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
	Madeira
	Misto M/F

Observações:

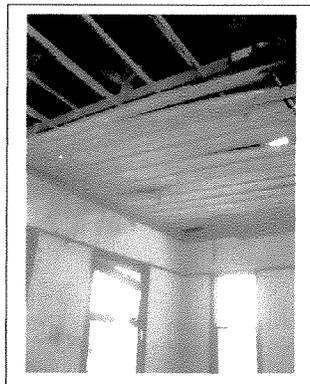
As portas provavelmente eram almofadadas atualmente, só restaram as bandeiras fixas de madeira das Portas internas e externas. Algumas janelas permanecem mas o piso foi totalmente retirado incluindo a sua estrutura de sustentação.



Marco da Janela tripla da que existia na fachada
Foto:junho/2003



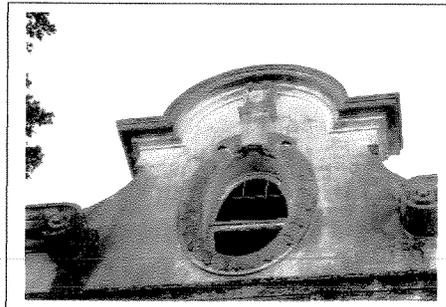
Tipo de janela das salas de aula
Foto:junho/2003



Parte do forro ainda existente-
foto:junho/2003

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas

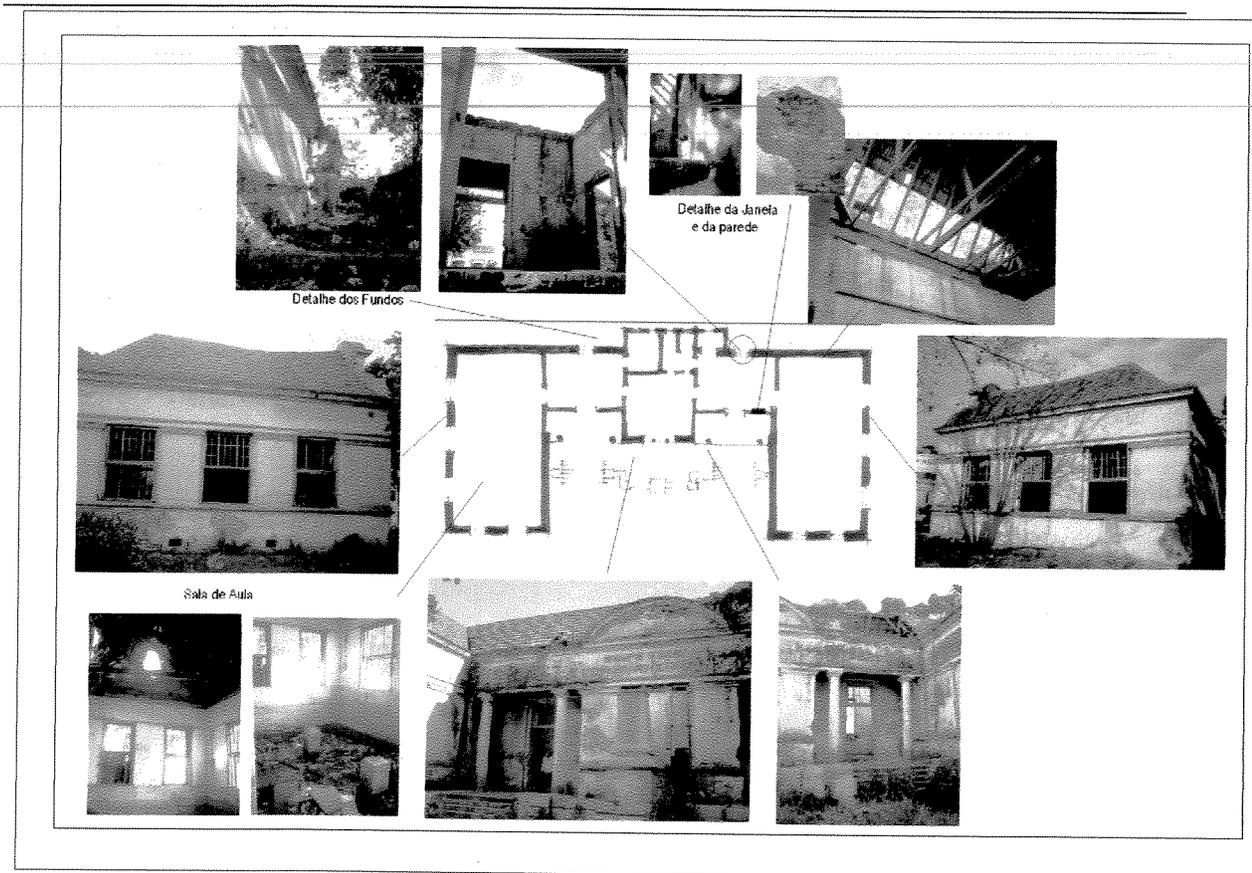
	Bossagem
x	Colunas
	Faixas
x	Festão
x	Frisos
x	Frontão
	Moldura
x	Óculo
x	Pilastras
x	Volutas
x	Ático com entablamento



Frontão, óculo e festão
Foto: setembro/2002

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:



CASA NÚMERO:194		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas,194		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 408,39 m ²		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril- Proj. Esc. Eng. Rudolph Ahrons Data da Construção: 1911			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Prédio de esquina com fachada lateral de frente ao cemitério Municipal situado na via arterial de principal acesso ao centro histórico da cidade.			
DESCRIÇÃO: Residência de dois pavimentos, implantada em um terreno de esquina com entrada principal pela rua Presidente Vargas.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
<input checked="" type="checkbox"/>	Arquivo interno da Fábrica
	Catálogos
<input checked="" type="checkbox"/>	Cortes
	Cortes feitos em cima de levantamento em campo
	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
<input checked="" type="checkbox"/>	Fachadas - planta
<input checked="" type="checkbox"/>	Fotografias antigas
	Levantamento da C.U. F
	Planta baixa original
<input checked="" type="checkbox"/>	Planta baixa reproduzida em outra fonte
	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
	Outra documentação

1.Funcões da Edificação	
	Em atividade na Função Original
<input checked="" type="checkbox"/>	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
	Residencial unifamiliar
	Industrial
	Outros Club dos Mestres, Mutualidade
1.b	Função Atual



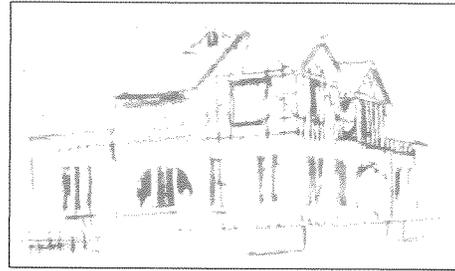
	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
	Comercial
	Misto
	Industrial
x	Outros abandonado

2. Estado de Conservação

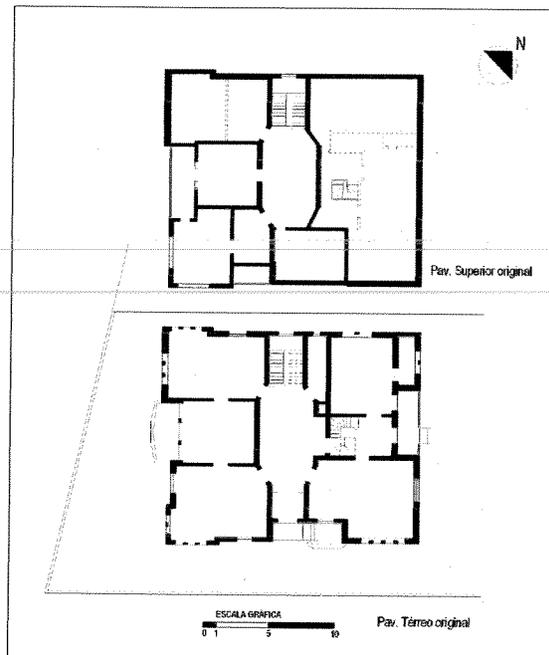
	Bom
	Satisfatório
	Mau
x	Ruínas
2.a Estado de conservação	
x	Deformidade na disposição das telhas
	Repintura generalizada
x	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
x	Fissuras
x	Falta de partes de elementos decorativos
x	Desprendimentos
x	Lacunas
x	Apodrecimentos
x	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros

3. Fatores da degradação

	Salinidade
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
x	Peças danificadas pela ação do tempo
x	Peças danificadas pela ação de chuvas
x	Ataque por insetos xilófagos
x	Outros- Vandalismo e roubo



Croqui da fachada



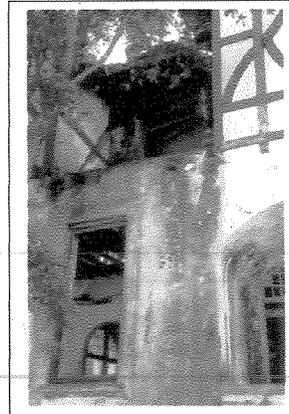
Provável Planta Original

Fontes: dissertação Guigou-Norro e plantas (cortes e fachadas) pertencentes ao Dr. Paulo Lawson.

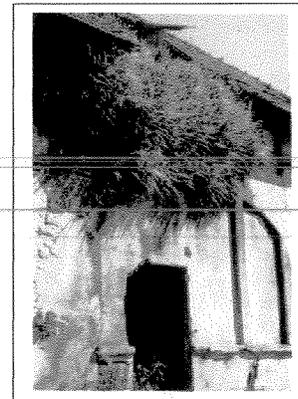
4. Tipologia Arquitetônica	
x	Residencial
	Comercial
	Misto
	Industrial
	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote	
	Fita
x	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
	Com recuo frontal

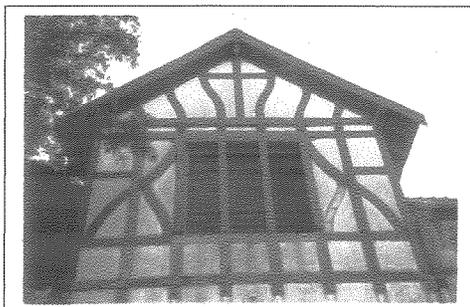
6. Planta	
x	Quadrangular
	Em L
	Em U
	Irregular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros
6.a	Número de pisos
	Térreo
x	Dois pavimentos
	Mais pavimentos



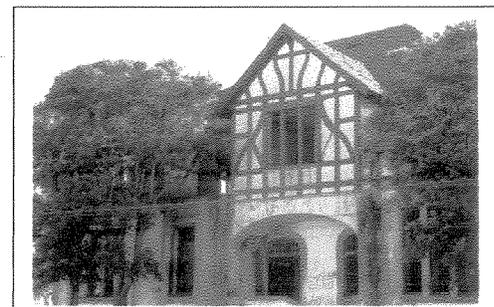
Detalhe de vãos de aberturas na entrada principal (frente à rua Presidente Vargas – ex Av. Rheingatz)
Foto: setembro/2002

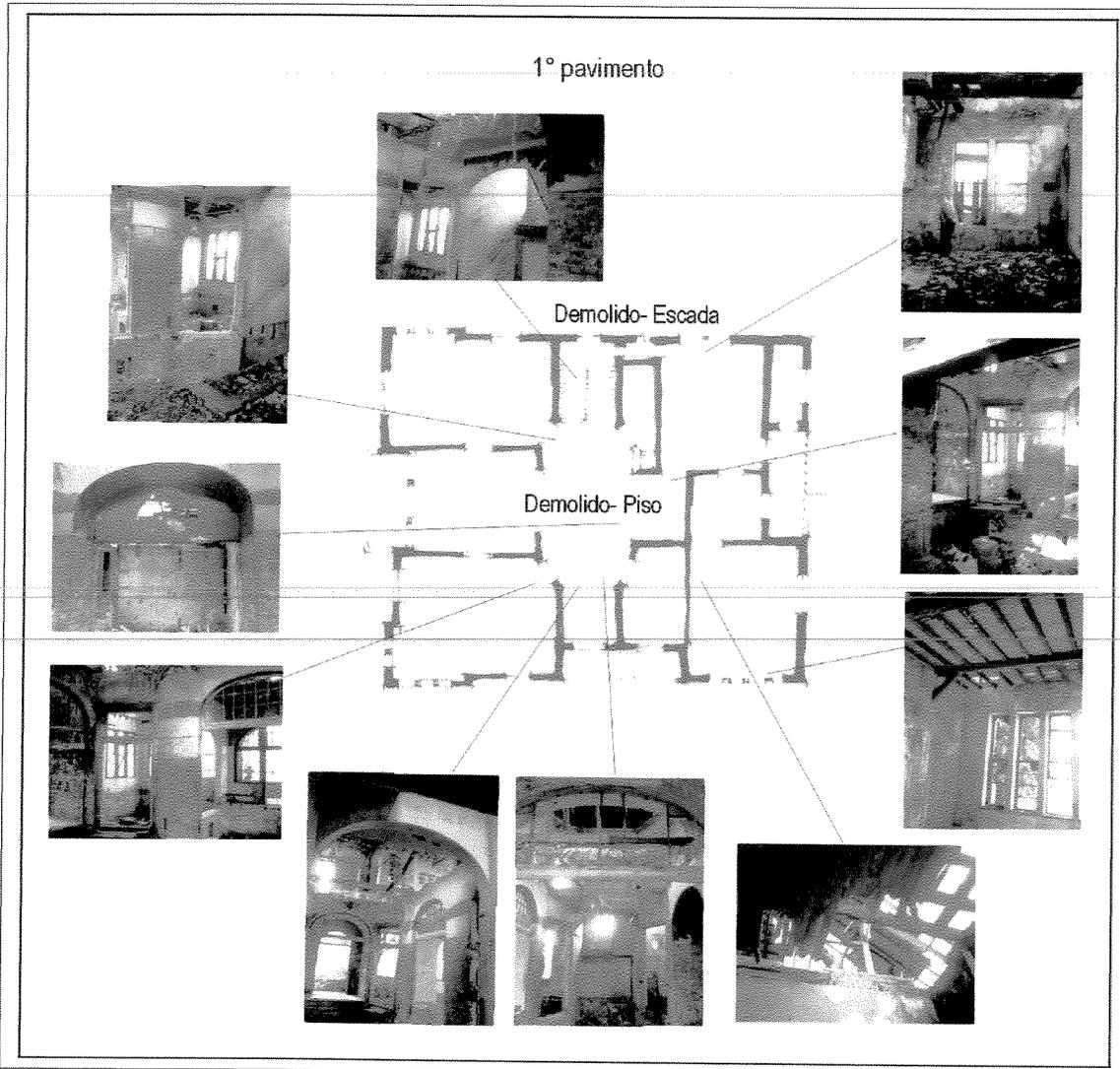


Fachada lateral – frente à lateral da Escola
Foto: junho/2003



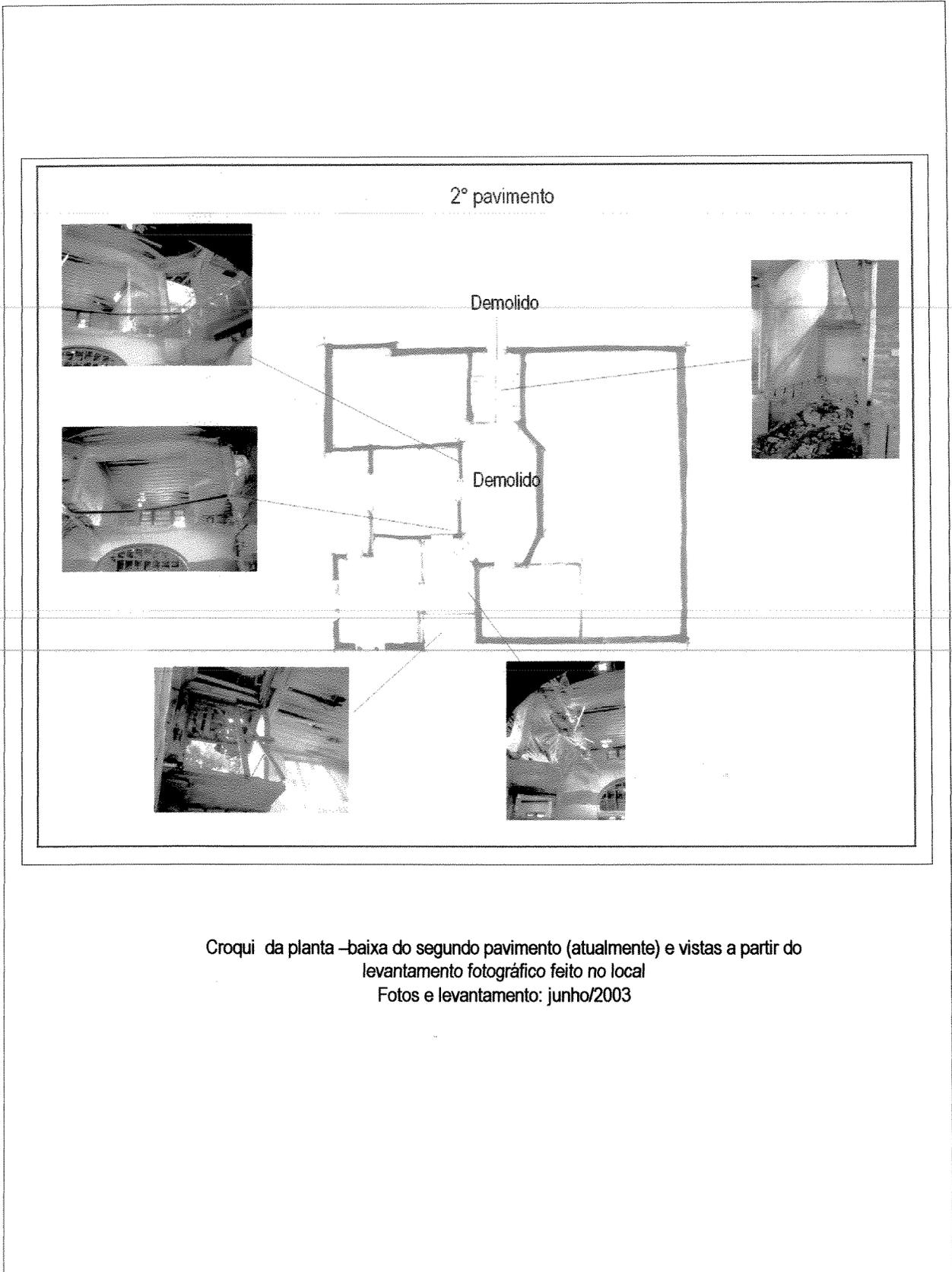
Fachada de acesso Principal – frente à rua Presidente Vargas- Esquerda- Detalhe do enxaimel
Fotos: setembro/2002





Croqui da planta -baixa(atualmente) e vistas a partir do levantamento fotográfico feito no local

Fotos e levantamento: junho/2003



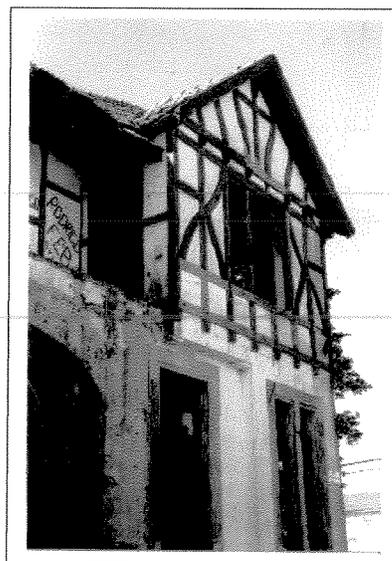
Croqui da planta –baixa do segundo pavimento (atualmente) e vistas a partir do levantamento fotográfico feito no local
Fotos e levantamento: junho/2003

Observações da planta- baixa:

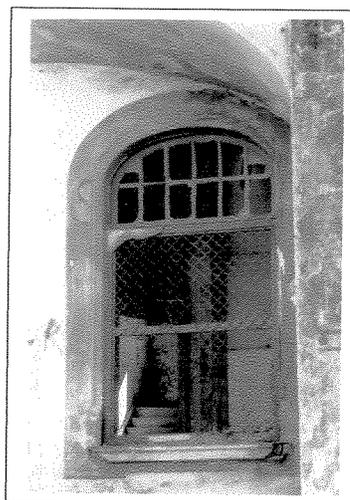
Croqui feito no local e levantamento fotográfico mostrando o estado atual de abandono em que se encontra a casa. Escada demolida e ausência de pisos, forros, portas e esquadrias.

7. Telhado	
	Telhado em mansarda
x	Telhado várias águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
x	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
	Empena
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
x	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
	Tirante

Observações a respeito da composição do telhado:



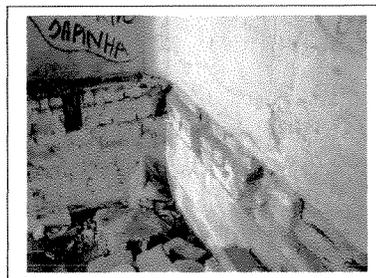
Detalhe da fachada (frente ao cemitério)
Foto: setembro/2002



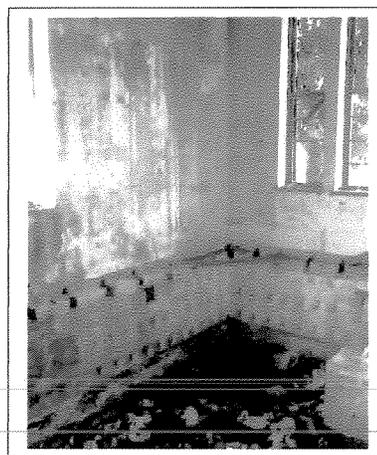
Detalhe de uma janela - presença de
bandeira
Foto: setembro/2002

8. Técnicas Construtivas	
8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
	Parede dupla
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos	
9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
	Cerâmica
	Escaiola
	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
	Cerâmica
	Ladrilho hidráulico
	Madeira macho fêmea
x	Tábua Corrida
	Tabuão
9.a.3	Forros
	Cedrinho
	Estuque
	Forrinho plástico
	Gesso
x	Tipo saia e camisa



Vão da Escada (demolida) :detalhe da fundação
Foto:junho/2003



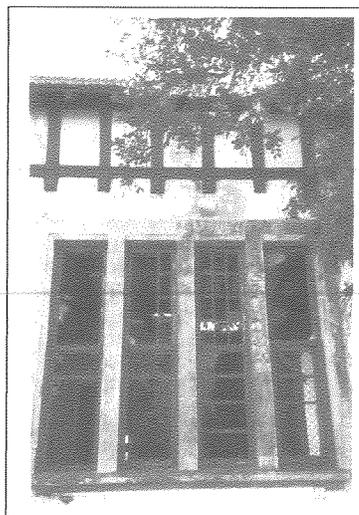
Paredes Internas e vãos das esquadrias
Foto:junho/2003



Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
x	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
x	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
	Janela de abrir
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
	correr
x	Guilhotina
	Janela de lucarna
	Janela pivotante
9.b.3	Material Utilizado
	Aluminio
	Ferro
x	Madeira

9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos
x	de arco pleno
x	de verga reta
x	com bandeira



Detalhe de Janela – frente à rua Presidente
vargas
Foto: setembro/2002



Vista do interior da Casa
Antiga cozinha – provavelmente
Foto: junho/2003

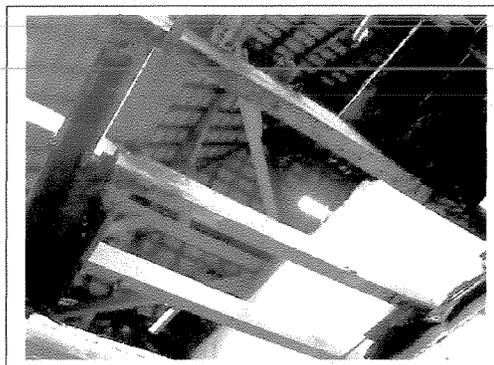
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
	Porta Almofadada
	Porta francesa
	Porta Simples maciça
	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
	Madeira

9.d	Escadas
x	Em dois sentidos
	Em L
	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
x	Madeira
	Misto M/F

Observações:



Fachada Lateral- frente à lateral da escola
Foto:setembro/2002



Detalhe da estrutura do Piso e
madeiramento do telhado
foto:junho/2003

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas	
	Bossagem
	Colunas
	Faixas
	Festão
	Frisos
	Frontão
x	Moldura
	Óculo
	Pilastras
	Volutas
x	escoras

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

CASA NÚMERO: Escritório Central		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
REGIÃO: Sul	ESTADO: Rio Grande do Sul	MUNICÍPIO: Rio Grande	DISTRITO/BAIRRO: Cidade Nova
LOCALIZAÇÃO: Rua Presidente Vargas, s/n		COORDENADAS:	
ÁREA CONSTRUÍDA: 610,63 m ² (atual aprox.)		ENTORNO: área urbana	
NOTAS HISTÓRICAS: Construtor: Companhia União Fabril (ex Rheingantz & Cia.) Data da Construção: provável em 1910			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA: Prédio situado na frente do Cemitério Municipal com entrada principal voltada para a via arterial de acesso de saída e entrada da cidade. Distando cerca de 1700m do centro histórico.			
DESCRIÇÃO: Edifício situado à frente dos galpões da fábrica, possuindo dois pavimentos, possui duas entradas principais para caminhões no centro e uma para pessoas. Existe outra entrada principal de acesso na lateral para o segundo pavimento. Cobertura em mansarda com teto habitável.			

MATERIAL (IS) ENCONTRADO (S)	
X	Arquivo interno da Fábrica – fachada e planta do térreo(parcial)
	Catálogos
	Cortes
X	Planta - baixa térreo feita levantamento em campo –pela arquiteta Jane Borghetti
	Fachadas desenhadas em cima de levantamento em campo e fotos do local
	Fachadas - planta
X	Fotografias antigas
	Levantamento da C.U. F
	Planta baixa original
	Planta baixa reproduzida em outra fonte
	Projeto de ampliação na Prefeitura Municipal de Rio grande
	Outra documentação

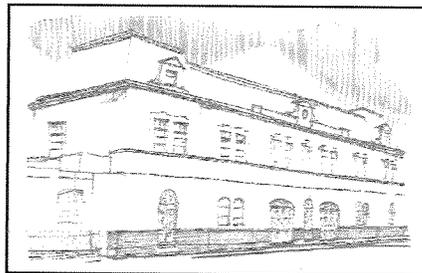
1.Funções da Edificação	
x	Sem atividade na Função Original
	Em atividade em outra Função
1.a	Função Original
	Comercial
	Misto
	Residencial poli
	Residencial unifamiliar
x	Industrial



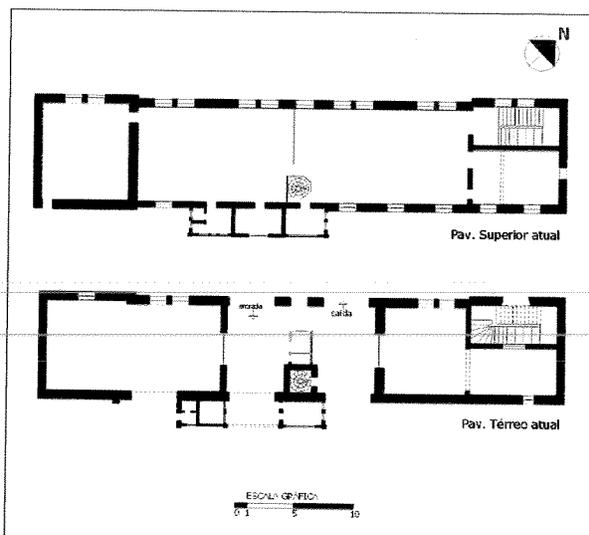
x	Outros Administração/ Escritório
1.b	Função Atual
	Residencial unifamiliar
	Residencial poli
	Comercial
	Misto
	Industrial
x	Outros Abandonado- Sem função

2.Estado de Conservação	
	Bom
	Satisfatório
x	Mau
	Ruínas
2.a	Estado de conservação
x	Deformidade na disposição das telhas
x	Repintura generalizada
x	Estrutura apodrecida por umidade excessiva
x	Fissuras
x	Falta de partes de elementos decorativos
	Desprendimentos
x	Lacunas
x	Apodrecimentos
x	Reboco danificado por umidade provinda por capilaridade
	Outros

3.Fatores da degradação	
x	Limo
x	Cupim
x	Umidade nas paredes
	Umidade do terreno
x	Peças danificadas pela ação do tempo
x	Peças danificadas pela ação de chuvas
x	Ataque por insetos xilófagos
	Outros



Croqui da Fachada



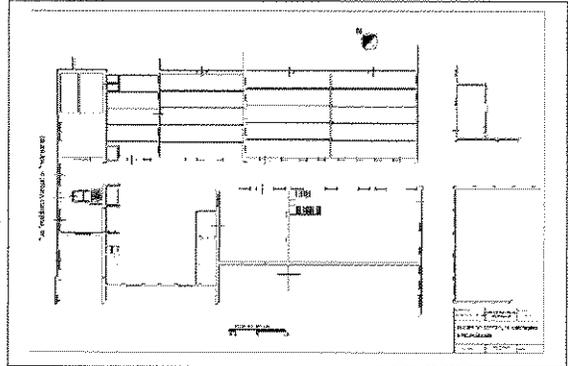
Planta- Baixa Atual

Provavelmente não sofreu modificações ao longo dos anos. As medições e lev. Fotográfico foram feitos no local pela pesquisadora com o auxílio dos arquitetos Fabiane B. da Silva e Fabrício Mota. Data do Levantamento: 13 outubro/2002 Das fontes de desenhos que existem é um levantamento da fábrica mas está incompleto pois continha somente a parte térrea.

4. Tipologia Arquitetônica	
	Residencial
	Comercial
	Misto
	Industrial
x	Uso especial

5. Tipo de implantação no lote	
x	No alinhamento
	Isolada no lote
	Geminada
	Com recuo lateral
	Com recuo frontal

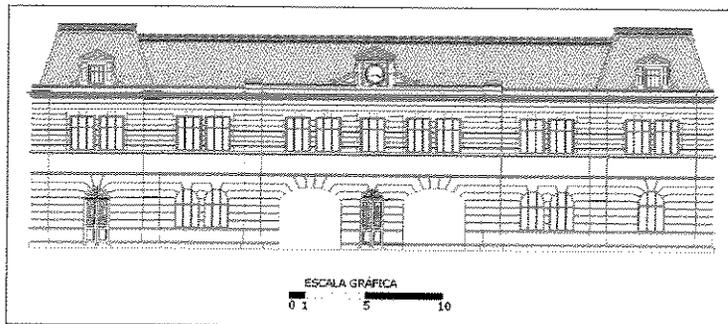
6. Planta	
x	Retangular
	Em L
	Em U
	Irregular
	Com pátio interno central
	Com dois pátios internos
	Outros
6.a	Número de pisos
	Térreo
x	Dois pavimentos
	Mais pavimentos



Planta da C.U.F pertencente ao acervo da fábrica contendo somente a parte térrea do prédio do escritório central e parte dos galpões. Foi transcrita (em autocad 2000) e devolvida para o proprietário Sr. Paulo Lawson. Não possuía data.



Foto mostrando o prédio desde o cemitério municipal
Data: agosto/2002



Fachada desenhada através de medições verticais usou-se uma trena com peso.
Obs. Apesar do relógio atualmente não estar funcionando foi representado na fachada pois fazia parte do projeto original.

Observações da planta- baixa:

Planta apresentando simetria e funcionalidade.

Divisória de madeira na parte superior para separar o ambiente de um enorme compartimento onde ficava

O escritório de engenharia e a administração. A planta não sofreu alterações muito relevantes.

7. Telhado

x	Telhado em mansarda
	Telhado duas águas
	Telhado gambrel
	Telhado de uma água
7.a	Elementos do telhado
	Água furtada
x	Lucarna ou Trapeira
	Espigão de duas águas
	Empena esconsa
	Empena
7.b	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesouras de Madeira
	Uso de Barrotes 16X8
	Viga de Cumeeira
	Tesoura de Pendural Único
	Tesoura de Pendural duplo
7.b.1	Técnicas Construtivas do telhado
x	Tesoura
x	Tirante

Observações a respeito da composição do telhado:

A cobertura possui duas alturas distintas pois no resalto a estrutura é mais alta. Tesouras de madeira não

triangulares repetem-se a cada 2m perpendiculares ao plano da fachada e no sentido longitudinal com tirantes de ferro no centro que se ligam a barrotes no piso. Seções do madeiramento 15x18cm e 16x9 cm.

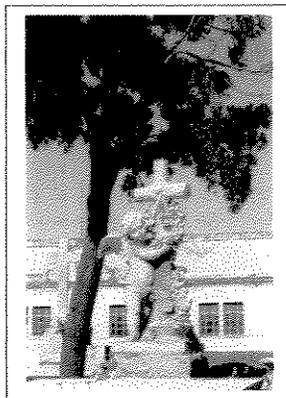
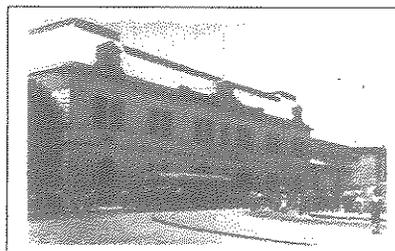
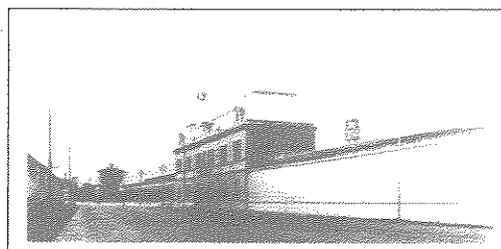


Foto mostrando o prédio desde o cemitério municipal
Data: agosto/2002

Abaixo: Fotos antigas sem data pertencentes ao Centro municipal de Cultura da cidade do Rio Grande



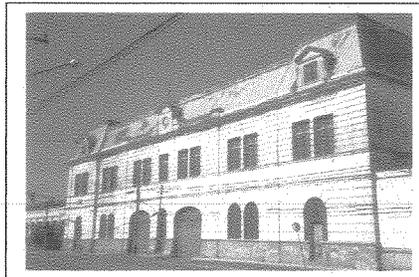
piso. Seções do madeiramento 15x18cm e 16x9 cm.

8. Técnicas Construtivas

8.a	Fundações
x	Aparelho em pedra
	Bloco de concreto
	outros
8.b	Paredes
x	Alvenaria sólida de tijolos
	Parede dupla
	Alvenaria de blocos vazados
	Alvenaria de bloco de concreto

9. Elementos arquitetônicos

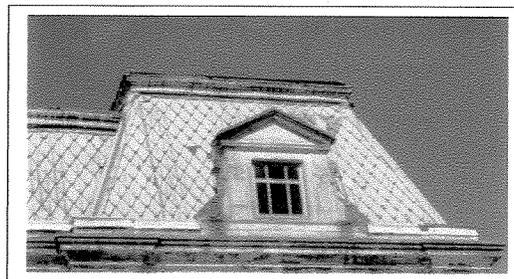
9.a	Revestimento de Superfícies
9.a.1	Paredes
x	Cerâmica
	Escaiola
x	Lambri
x	Reboco
	Tijolo á vista
	outros
9.a.2	Pisos
x	Cerâmica
x	Ladrilho hidráulico
x	Madeira macho fêmea
	Tábua Corrida
	Tabuão
9.a.3	Forros
	Cedrinho
	Estuque
	Forrinho plástico
	Gesso
x	Tipo saia e camisa c/ desenhos geométricos



Fachada do Prédio
Data: setembro/2002



Foto mostrando o prédio e o
cemitério à frente
Data: setembro/2002



Detalhe da Janela de Lucarna
Data foto: setembro/2002

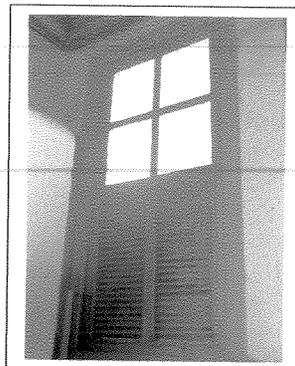
Observações sobre os elementos de revestimento das superfícies:

O forro apresenta desenhos geométricos e cimalha.

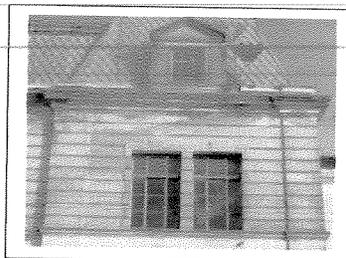
Na sala do presidente há um lambri com um sofisticado desenho geométrico. Presença de rodapé de madeira com friso.

9.b	Janelas
9.b.1	Vãos
x	janela de arco pleno
x	janela de verga reta
x	janela com bandeira
	outros
9.b.2	Tipo de abertura
x	Janela de abrir
	Janela arredondada
	Bay window
	Janela chanfrada
	Janela circular (olho -de -boi)
x	correr
x	Guilhotina
	Janela de lucarna
	Janela pivotante
9.b.3	Material Utilizado
	Alumínio
	Ferro
x	Madeira

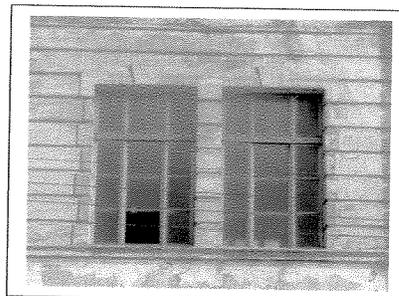
9.c	Portas
9.c.1	Quanto aos Vãos



Janela do Banheiro do pavimento superior
Data: outubro/2002

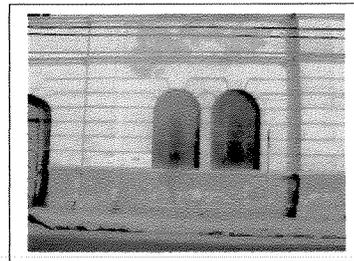


Modelo de Janelas do Pav. Superior
Foto: outubro/2002

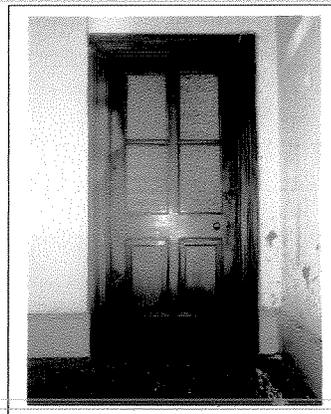


Modelo de Janelas do Pav. Superior
Foto: outubro/2002

x	de arco pleno
x	de verga reta
x	com bandeira
	outros
9.c.2	Quanto ao tipo
x	Porta Almofadada
	Porta francesa
x	Porta Simples maciça
	Porta Simples Oca
	Porta Veneziana
9.c.3	Quanto a abertura
x	Porta de abrir
	Porta Articulada
	Porta Correr
9.c.4	Material Utilizado
	Alumínio
x	Ferro
x	Madeira



Janelas do Pav. Térreo
Foto: outubro/2002



Porta interna do Pav. Superior
Foto: outubro/2002

9.d	Escadas
x	Em dois sentidos
x	Caracol
	Reta
9.d.1	Material Utilizado
	Alvenaria portante
	Ferro
	Madeira
x	Misto M/F

Observações:

A escada é estruturada em ferro fundido e com degraus de madeira. As portas internas possuem vidro jateado com desenhos geométricos e são almofadadas

Embaixo há um guichê todo de madeira e vidro.

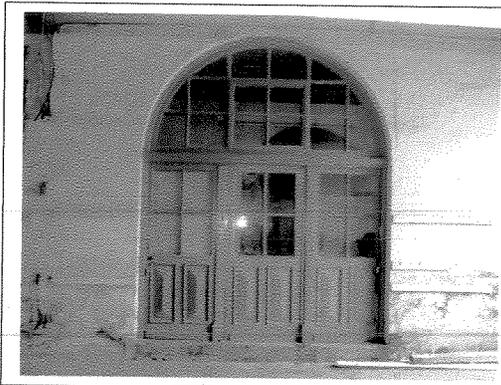
A escada caracol é toda em ferro fundido.



Porta(interna) de entrada principal
Foto: outubro/2002

10. Ornamentos – Decoração Externa - Fachadas

x	Bossagem
	Colunas
x	Ático e cimalha
x	Fecho saliente
x	Frisos
x	Frontão
x	Moldura
	Óculo
x	Pilastras
x	Volutas
x	Lucarnas



Porta interna do térreo- acesso princ.
Foto:outubro/2002

Outros: Componentes Artísticos (decorações em estuque, pinturas e molduras).

Observações a respeito da descrição dos componentes artísticos:

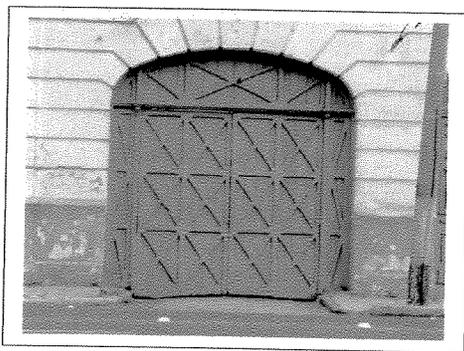
Uma faixa com frisos divide o segundo e o primeiro pavimento e as esquadrias do pavimento

térreo caracterizam-se por portas de duas folhas almofadadas com fechos com redentes assimétricos, e nas

janelas temos a presença de arco de consola e nos portões presença de arco elíptico .A bossagem

também é presente no revestimento deste pavimento.Nos dois ressaltos simétricos há presença de janela de

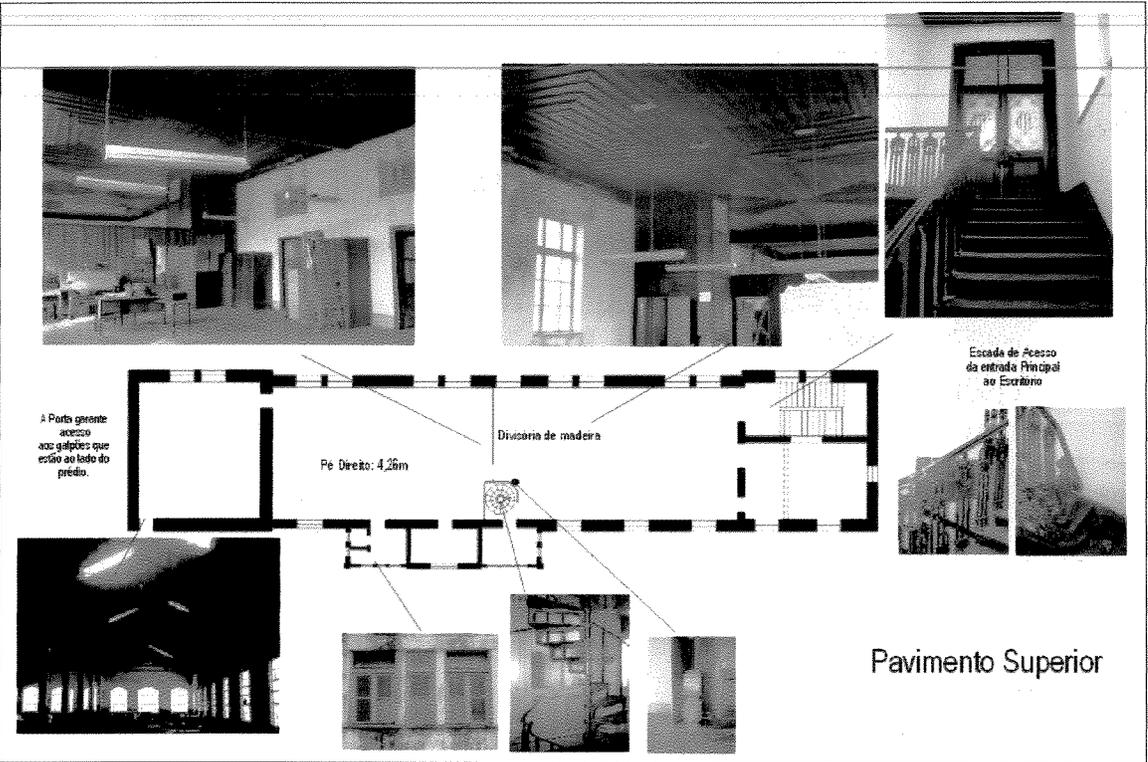
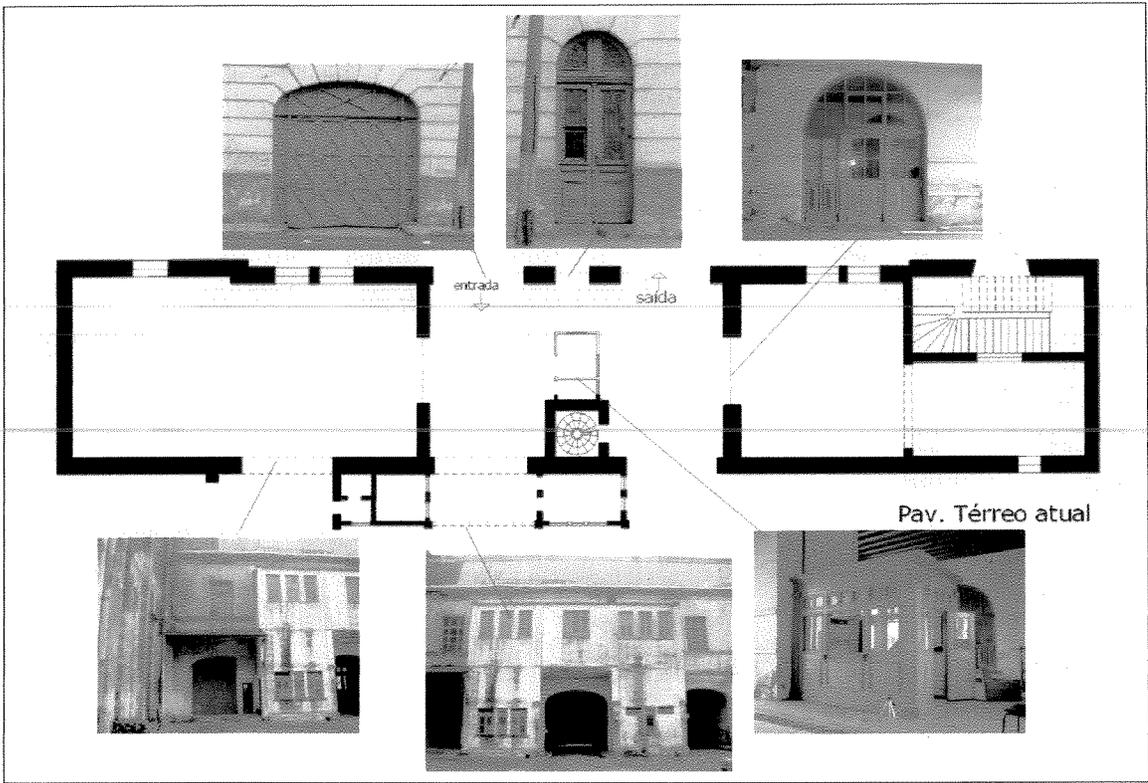
lucarnas com frontão triangular e volutas e uma esquadria de madeira também subdividida em três partes.



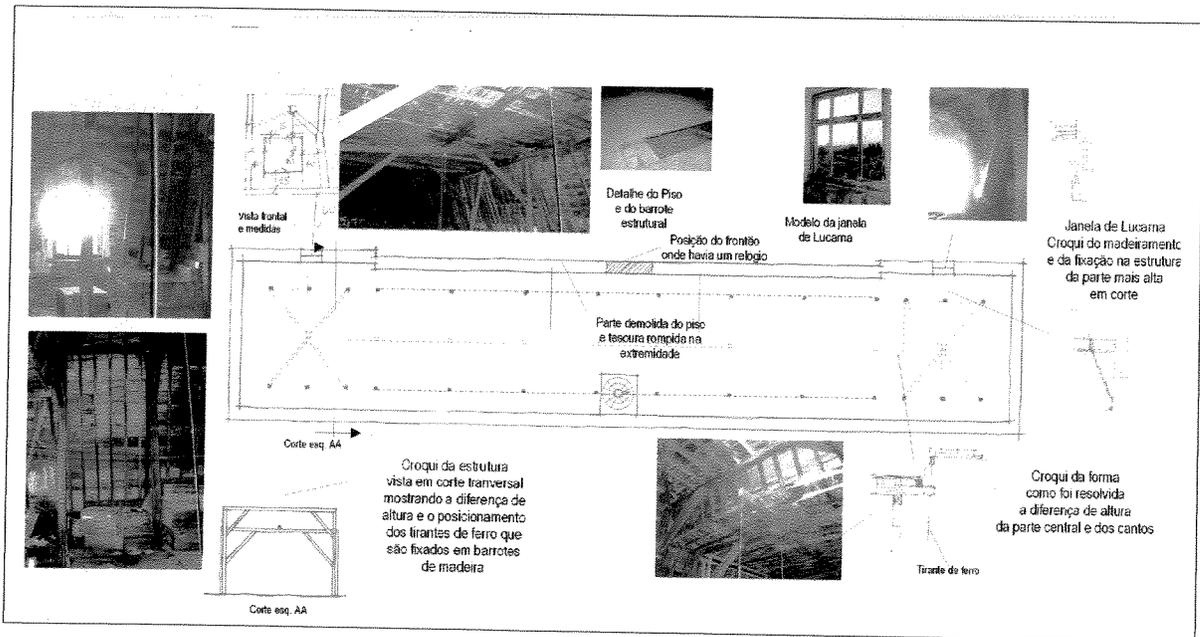
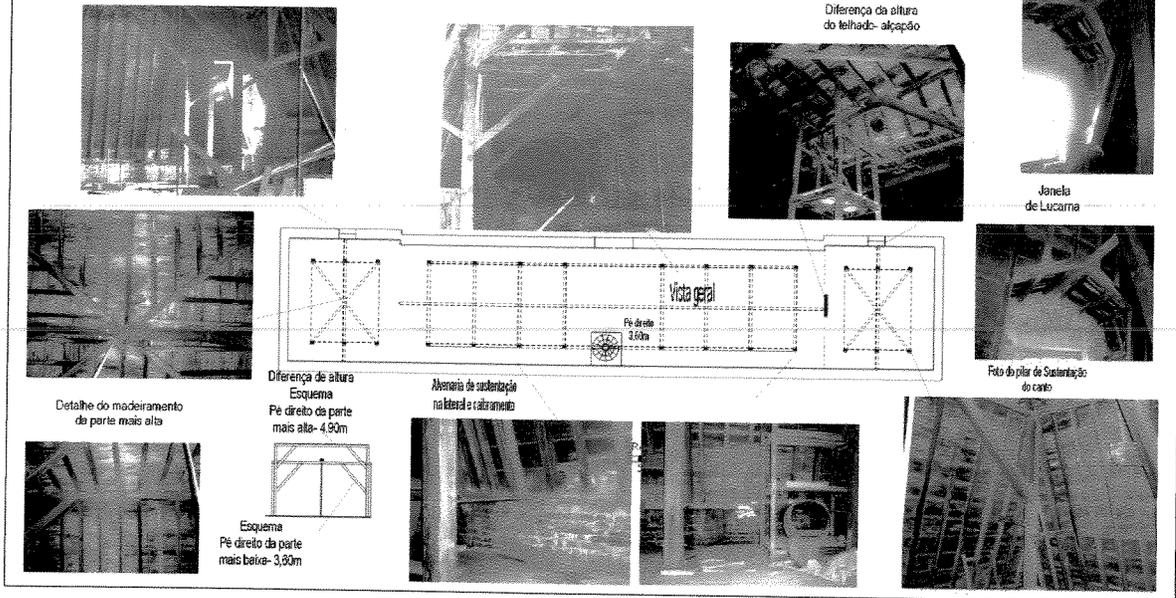
Portão de entrada de veículos
Foto:outubro/2002



Porta de entrada principal (térreo)
Foto:outubro/2002

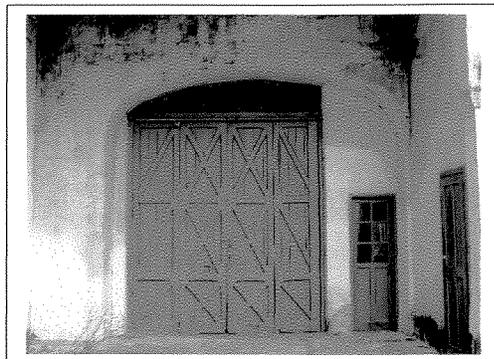


Levantamento Fotográfico e
esquema do telhado em Mansarda

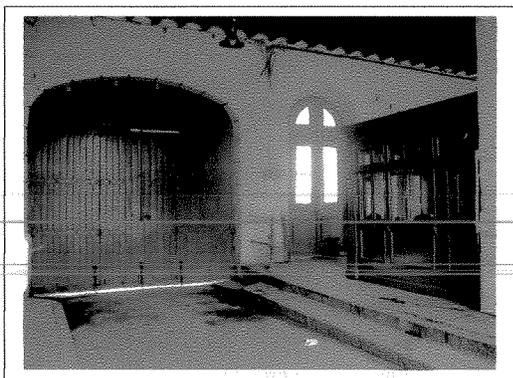




Detalhe do piso
Foto: outubro/2002



Portão da parte de trás do térreo
Foto: outubro/2002



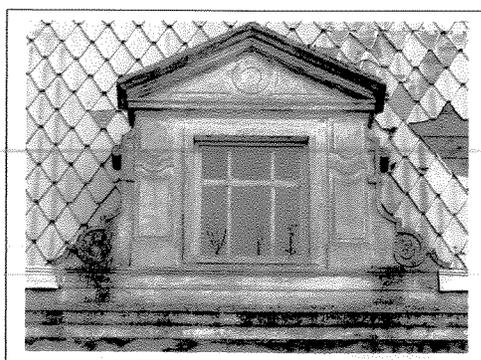
Entrada e Guichê do Térreo
Foto: outubro/2002



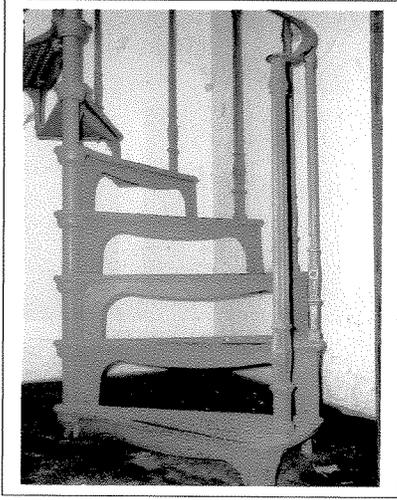
Detalhe da Bandeira da Porta Principal de
entrada do térreo
Foto: outubro/2002



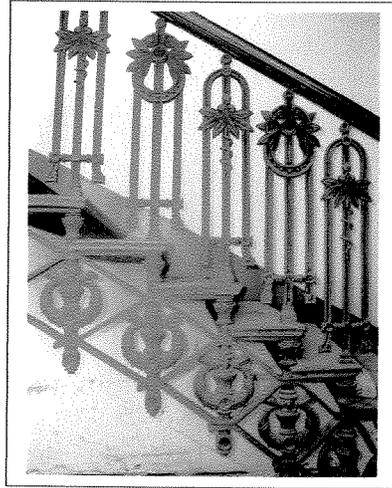
Detalhe do frontão Central
Foto: outubro/2002



Detalhe da Janela Lucarna
Foto: outubro/2002



Escada Caracol de Ferro
Com 24 degraus, 6cm de diâmetro interno
espelho de 20cm, h corrimão-90cm
Foto: outubro /2002



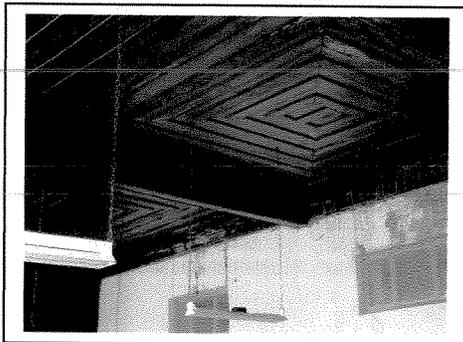
Detalhe do corrimão da escada da entrada
principal
Foto: outubro/2002



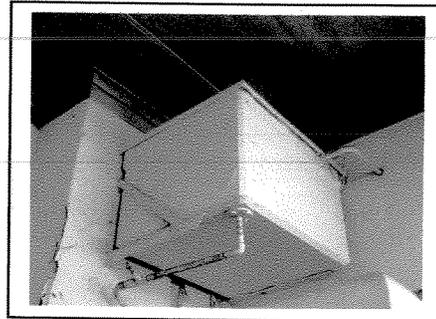
Espelho da da escada da entrada
principal
Foto: outubro/2002



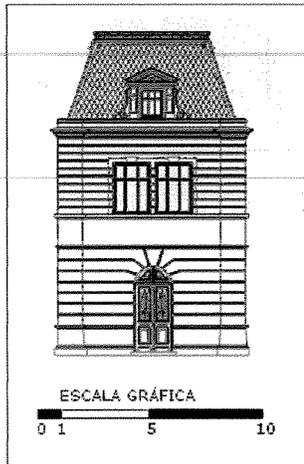
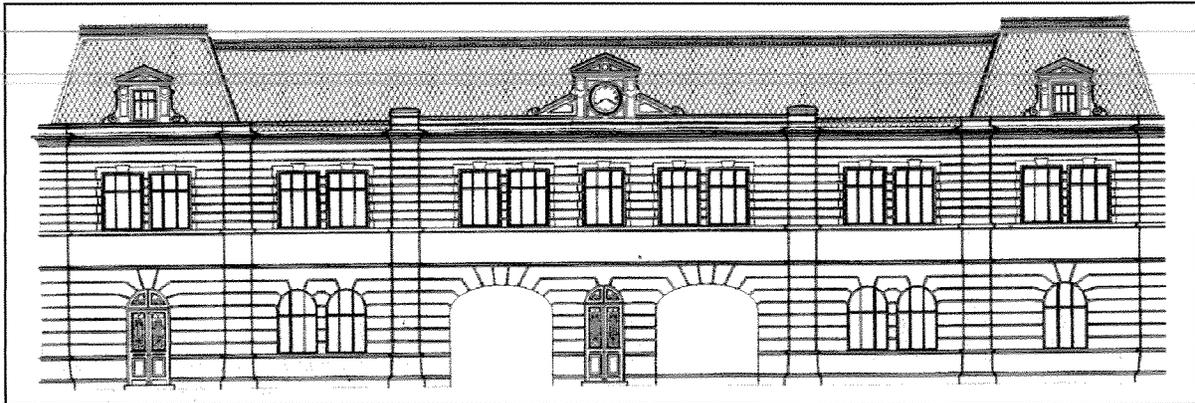
Detalhe do Forro do Pav. Superior
Foto: outubro/2002



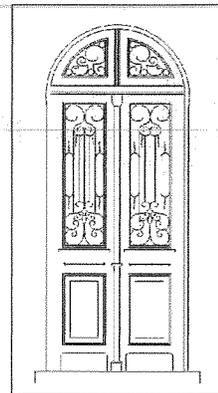
Detalhe do Forro do Pav. Superior
Foto: outubro/2002

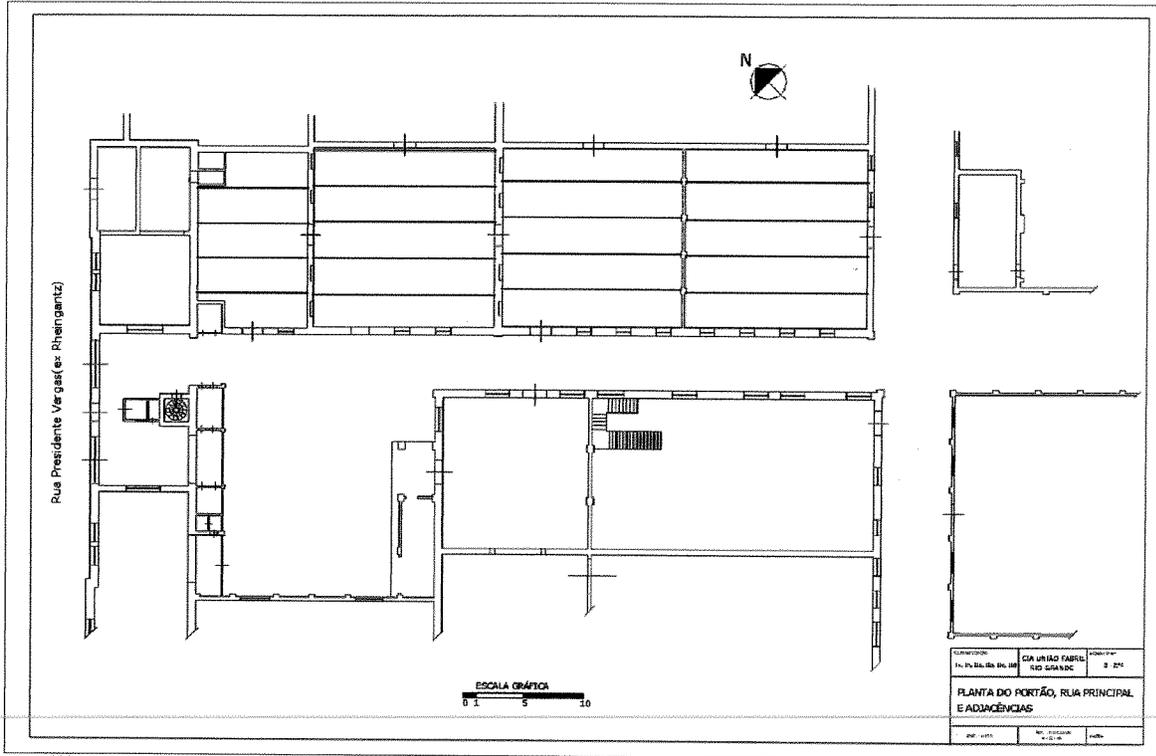


Detlhe de Instalação Sanitária
Foto: outubro/2002

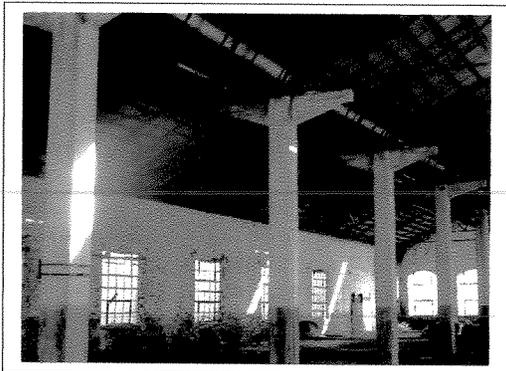


Desenhos da Fachada
feitos em cima do
levantamento





Planta da C.U.F citada anteriormente porém mais ampliada



Fotos dos pavilhões representados na parte inferior da planta acima

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE